

REVISTA
BATISTA
PIONEIRA

Bíblia ▪ *Teologia* ▪ *Prática*

Volume 12

Número 1

Junho 2023

ISSN 2316-686X

REVISTA
BATISTA
PIONEIRA

Bíblia · Teologia · Prática

Vol. 12 · n. 1 · Junho | 2023

Missão

Promover o debate e a socialização do conhecimento bíblico e teológico na sua interlocução com a práxis.

Faculdade Batista
Pioneira

R454 Revista Batista Pioneira : Bíblia, teologia, prática /
Faculdade Batista Pioneira ; editor responsável Claiton André Kunz. –
v. 12, n. 01, jun. 2023. – Ijuí: Faculdade Batista Pioneira, 2023. –
125 p.

Semestral
ISSN 2316-686X

1. Bíblia. 2. Teologia. 3. Prática. 4. Ministério. 5. Igreja. I. Faculdade
Batista Pioneira. II. Kunz, Claiton André. III. Título. IV. Título: Bíblia,
teologia, prática.

CDU : 2(05)

Aline Morales do Santos Theobald
CRB 10/1879

Site: revista.batistapioneira.edu.br

Os pontos de vista expostos nos artigos são de inteira responsabilidade de seus autores, e não necessariamente refletem a opinião do editor ou da instituição.



*A Revista Batista Pioneira está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional*

A revista está catalogada nos seguintes indexadores:



REVISTA BATISTA PIONEIRA

Bíblia · Teologia · Prática

DIRETOR GERAL E EDITOR RESPONSÁVEL

Dr. Claiton André Kunz

CONSELHO EDITORIAL

Dr. Alan Doyle Myatt (Gordon-Conwell Theological Seminary/USA)

Dr. Antônio Renato Gusso (Faculdade Batista Pioneira)

Dr. Dimitrios Christidis (Aristotelian University of Thessaloniki/Grécia)

Dr. Helge Stadelmann (Freie Theologischen Hochschule/Alemanha)

Dr. Jaziel Guerreiro Martins (Faculdades Batista do Paraná)

Me. Luiz Alberto Teixeira Sayão (Faculdade Teológica Batista de SP)

Dr. Nicolau Reinhard (USP – Universidade de São Paulo)

Dr. Sam Williams (Southeastern Baptist Theological Seminary/USA)

Dr. Vilson Scholz (ULBRA – Consultor SBB)

COMISSÃO CONSULTIVA

Dr. Gerson Joni Fischer (Faculdades Batista do Paraná)

Me. Lucas Merlo Nascimento (Faculdade Teológica Batista de SP)

Dr. Luciano Robson Peterlevitz (Fac. Teológica Batista de Campinas)

Dr^a Marivete Zanoni Kunz (Faculdade Batista Pioneira)

Dr^a Mônica Pinz Alves (Faculdade Batista Pioneira)

Dr. Rogel Esteves de Oliveira (Faculdade Batista Pioneira)

Dr. Vanderlei Alberto Schach (Faculdade Batista Pioneira)

Dr. Werner Wiese (Faculdade Luterana de Teologia)

REVISÃO

Juliana Scheibner Dellafavera e Claiton André Kunz

DIAGRAMAÇÃO E CAPA

Delize Gabriela Grando Balaniuk

FOTO DA CAPA

Claiton André Kunz

Prensa de Azeitonas em Nazareth Village

Faculdade Batista Pioneira

LEMA

Vocação levada a sério.

VISÃO

Ser referência no Brasil pela qualidade no ensino teológico, tendo a Bíblia como Palavra de Deus.

MISSÃO

Formar teólogos capazes de aplicar o conhecimento para melhorar a qualidade de vida espiritual, política, econômica e social.

VALORES

*Bíblia como Palavra de Deus
Amor a Deus e ao próximo na prática
Cristo como único Senhor e Salvador
Teoria aliada à prática ministerial
Excelência no ensino acadêmico
Estímulo ao senso crítico
Atitude de cooperação
Integridade de vida
Visão missionária*

*Rua Dr. Pestana, 1021 - Centro | Ijuí/RS | 98700-000
|55| 3332.2205 | faculdade@batistapioneira.edu.br
www.batistapioneira.edu.br*

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	7
A INTERPRETAÇÃO DA BÍBLIA: REFLEXÃO SOBRE A PREGAÇÃO NAS IGREJAS EVANGÉLICAS NA PÓS-MODERNIDADE <i>The interpretation of the Bible: reflection on preaching in evangelical churches in post-modernity</i> <i>Me. Rafael Blume Pereira de Almeida.....</i>	8
O EPISÓDIO DO CAMINHAR DE JESUS SOBRE AS ÁGUAS: UMA INTERPRETAÇÃO EXEGÉTICA DO TEXTO DE JOÃO 6.16-21 <i>The episode of Jesus walking on water: an exegetical interpretation of the text of John 6.16-21</i> <i>Me. Gustavo Albernaz Dias Carreiro.....</i>	21
A SOLIDÃO ACOMPANHADA DE ELIAS, MIQUEIAS E JEREMIAS <i>The loneliness accompanied by Elias, Micaias and Jeremias</i> <i>Ma. Suzinete Cristina da Silva Cobiak.....</i>	33
PROPOSTA CURRICULAR DA EDUCAÇÃO CRISTÃ NA ÓTICA DA COSMOVISÃO CRISTÃ BÍBLICA <i>Curricular proposal of christian education under de optics of biblical cosmovision</i> <i>Drª Gleyds Silva Domingues.....</i>	46
DAWSON TROTMAN, O “PAI” DO MOVIMENTO MODERNO DE DISCIPULADO: CAMINHOS DE SUA INFLUÊNCIA NO BRASIL <i>Dawson Trotman, the “father” of the modern discipleship movement: paths of his influence in Brazil</i> <i>Dr. Diogo da Cunha Carvalho.....</i>	59

TEOLOGIA, TEORIA SOCIAL E EDUCAÇÃO EM ABRAHAM KUYPER

Theology, Social Theory, and Education in Abraham Kuyper

Me. Ednardo Luís Duarte da Silva, Ma. Joyce Medeiros de Melo, Dr. Marcelo Ramos Salda-
nha e Dr. Júlio Adam.....71

**A EXPERIÊNCIA DO SOFRIMENTO E DO MAL NO MUNDO NEGA A EXIS-
TÊNCIA DE DEUS?**

*Does the experience of suffering and evil in the world deny the existence
of God?*

Me. Marcelo Santiago de Morais Afonso.....84

A FAMÍLIA DE JESUS EM MARCOS 3.31-35

The family of Jesus in Mark 3.31-35

Esp. Marcos B. M. Luz e Dr. Claiton André Kunz.....91

A MULHER DE JÓ E SUA SABEDORIA NÃO RECONHECIDA

The Job's wife and your unrecognized wisdom

Me. Edmar dos Santos Pedrosa e Dr^a Marivete Zanoni Kunz.....101

**CHARLES SPURGEON Y SUS TRES CONCEPCIONES DOCTRINAL ESEN-
CIALES: CRISTO, LA SOBERANÍA DIVINA Y LAS SAGRADAS ESCRITURAS**

*Charles Spurgeon and his three essential doctrinal conceptions: christ,
the divine sovereignty, and the holy scriptures*

Dr. Juan C. de la Cruz.....112

NORMAS DE PUBLICAÇÃO124

APRESENTAÇÃO

Este é o primeiro número do volume 12 de nossa revista acadêmica. É uma grande satisfação poder oferecer aos nossos leitores mais um pouco de reflexão bíblica, teológica e prática sobre os afazeres eclesiais. Nesta edição, 10 artigos compõem o conteúdo da mesma, com os quais os respectivos autores procuram contribuir com as suas pesquisas.

São compartilhadas as seguintes temáticas: “*A interpretação da Bíblia: reflexão sobre a pregação nas igrejas evangélicas na pós-modernidade*” (Me. Rafael Blume Pereira de Almeida); “*O episódio do caminhar de Jesus sobre as águas: uma interpretação exegética do texto de João 6.16-21*” (Me. Gustavo Albernaz Dias Carreiro); “*A solidão acompanhada de Elias, Miqueias e Jeremias*” (Ma. Suzinete Cristina da Silva Cobiak); “*Proposta curricular da educação cristã na ótica da cosmovisão cristã bíblica*” (Dr^a Gleyds Silva Domingues); “*Danson Trotman, o ‘pai’ do movimento moderno de discipulado: caminhos de sua influência no Brasil*” (Dr. Diogo da Cunha Carvalho); “*Teologia, teoria social e educação em Abraham Kuyper*” (Me. Ednardo Luís Duarte da Silva, Ma. Joyce Medeiros de Melo, Dr. Marcelo Ramos Saldanha e Dr. Júlio Adam); “*A experiência do sofrimento e do mal no mundo nega a existência de Deus?*” (Me. Marcelo Santiago de Moraes Afonso); “*A família de Jesus em Marcos 3.31-35*” (Esp. Marcos B. M. Luz e Dr. Claiton André Kunz); “*A mulher de Jó e sua sabedoria não reconhecida*” (Me. Edmar dos Santos Pedrosa e Dr^a Marivete Zanoni Kunz); “*Charles Spurgeon y sus tres concepciones doctrinal esenciales: Cristo, la soberanía divina y las Sagradas Escrituras*” (Dr. Juan C. de la Cruz).

Desejamos a todos uma ótima leitura, esperando que a revista possa contribuir para o debate teológico e prático.

DR. CLAITON ANDRÉ KUNZ
EDITOR RESPONSÁVEL

A INTERPRETAÇÃO DA BÍBLIA: REFLEXÃO SOBRE A PREGAÇÃO NAS IGREJAS EVANGÉLICAS NA PÓS-MODERNIDADE

The interpretation of the Bible: reflection on preaching in evangelical churches in post-modernity

Me. Rafael Blume Pereira de Almeida¹

RESUMO

O presente artigo trata da influência do pensamento pós-moderno na interpretação da Bíblia, recortando a investigação sobre a pregação nas igrejas evangélicas em tempos líquidos. Discute sobre o desafio da igreja em proclamar as Escrituras como Palavra de Deus, em uma época em que se “usa” textos como recurso e escritos em instrumentos para propósitos e interesses pessoais. Para isso, discute a tarefa do pregador com base na pregação expositiva; reflete sobre o sentido do texto bíblico em sua especificidade de ser a ‘Palavra de Deus’ em sua autoria; produz uma reflexão sobre o ato de ler também na igreja sob o discurso pós-moderno; apresenta autores como Derrida, Ricoeur e Fish como hermenêutas pós-modernos e discute além dos riscos de produzir os sentidos do texto para os propósitos do pregador, desvirtua o papel das escrituras como verdade divina. A pergunta que se pretende responder neste artigo é a seguinte: sob quais riscos a pregação evangélica da “igreja deste tempo” atravessa, na medida em que invertem o lugar da Bíblia, construindo sentidos que atendam a seus propósitos pessoais?

Palavras-Chave: Hermenêutica. Bíblia. Pregação. Pós-Modernidade.

ABSTRACT

This article deals with the influence of postmodern thinking on the interpretation of the Bible, cutting out the investigation of preaching in evangelical

¹ Rafael Blume P. de Almeida é pós-graduado em Pregação Expositiva pela Faculdade Batista do Rio de Janeiro, em parceria com o Southwestern Baptist Theological Seminary, e mestre em Teologia Pastoral na Faculdade Batista do Paraná, na linha de pesquisa Leitura e Ensino da Bíblia, sob a orientação da Professora Dr^a Marivete Zanoni Kunz. E-mail: rafaelblume@gmail.com

churches in liquid times. Discuss the challenge of the church to proclaim the Scriptures as the Word of God, at a time when texts are used as a resource and written on instruments for personal purposes and interests. For this purpose, the article discusses the preacher's task based on expository preaching; reflects on the meaning of the biblical text as the 'Word of God' in its authorship; produces a reflection on the act of reading also in the church under the post-modern discourse; it presents authors such as Derrida, Ricoeur and Fish as postmodern hermeneuts and discusses beyond the risks of producing the meanings of the text for the purposes of the preacher, distorts the role of the scriptures as divine truth. The question that we intend to answer in this article is the following: under what risks does the evangelical preaching of the "church of this time" cross, insofar as they invert the place of the Bible, constructing meanings that meet their personal purposes?

Keywords: Hermeneutics. Bible. Preaching. Post-Modernity.

INTRODUÇÃO

Este artigo se propõe a refletir sobre a **pregação nas igrejas evangélicas na Pós-Modernidade**. Em um período chamado pós-moderno, a sociedade tem desenvolvido uma nova maneira de pensar a vida. Neste tempo, rejeita-se o conceito de absoluto, de verdade. A ideia do relativo influencia as mais diversas áreas da sociedade. Neste artigo, produz-se uma reflexão sobre o trato com a verdade na pregação das Escrituras nas igrejas evangélicas. Perguntamos como os pastores e pregadores têm enfrentado o desafio de proclamar a Bíblia como uma verdade divina em uma sociedade que não crê em verdades absolutas. Queremos saber se a ideologia própria deste tempo tem alterado a finalidade das pregações.

Para isso, serão levadas em consideração as ideias dos hermeneutas pós-modernos Derrida; Fish e Ricoeur, postas aqui como ponto de referência de uma interpretação compatível com os fundamentos da pós-modernidade e a ideologia pós-moderna expressa pelo conceito de liquidez dos tempos em Bauman. Essa escolha se deu não por uma filiação teórica, mas porque suas teorias refletem o pensamento pós-moderno. A referida fundamentação servirá de iluminação para discutir a tarefa do pregador na sua missão de proclamar a Bíblia como verdade divina. Nesse sentido, seria possível interpretar e proclamar a verdade divina segundo os sentimentos próprios destes tempos pós-modernos?

1. INTERFERÊNCIAS DA HERMENÊUTICA PÓS-MODERNA NA INTERPRETAÇÃO BÍBLICA

O pensamento pós-moderno tem exercido grande influência na interpretação bíblica, produzindo um desafio para a pregação expositiva na atualidade, fazendo-se necessário desenvolver uma investigação sobre a pregação nas igrejas cristãs em tempos líquidos². Faz-se necessário discutir sobre o desafio da igreja em proclamar as Escrituras como Palavra de Deus, em uma época em que se "usam" textos como recurso e instrumentos para propósitos e interesses pessoais. Para isso, faz-se necessário discutir a tarefa do pregador com base na pregação expositiva e refletir sobre o sentido do texto bíblico em sua especificidade de ser a 'Palavra de Deus' em sua autoria, produzindo uma reflexão sobre o ato de ler também na igreja, sob o discurso³ pós-moderno.

² Trata-se da "[...] condição em que as organizações sociais (estruturas que limitam as escolhas individuais, instituições que asseguram a repetição de rotinas, padrões de comportamento aceitável) não podem mais manter sua forma por muito tempo (nem se espera que o façam), pois se decompõem e se dissolvem mais rápido que o tempo que leva para moldá-las e, uma vez reorganizadas, para que se estabeleçam" (BAUMAN, Zygmunt. **Tempos líquidos**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2007, p. 7).

³ Conceito tal como elaborado por Pêcheux, por meio do qual é possível analisar, em um dizer, as marcas externas da história, tendo em vista que, segundo essa teoria, tudo o que se diz é sustentado por condições de produção historicamente determinadas, apreendidas pela regularidade de alguma escolha linguística entre dizeres. Por meio desse conceito, é possível analisar a historicidade dos sentidos

Hermeneutas pós-modernos como Derrida (2002), Fish (1992) e Ricoeur (2000), como será visto a seguir, têm interferido na interpretação de textos da atualidade, expondo a possibilidade de adequar o texto à interpretação própria do temperamento pós-moderno. Isto pode se tornar um risco à exposição bíblica atual, ao influenciar os pregadores da atualidade a produzirem os sentidos do texto para suprirem os seus próprios interesses, desvirtuando o papel das Escrituras como verdade divina. A pergunta que se pretende responder neste sentido é a seguinte: quais riscos a pregação evangélica da “igreja deste tempo” atravessa, na medida em que a hermenêutica pós-moderna inverte o lugar da Bíblia, construindo sentidos que atendam a seus propósitos pessoais?

Para Vanhoozer, sobre a possibilidade de “[...] a Bíblia ter perdido sua voz,” é necessário refletir sobre as questões hermenêuticas que envolvem a pregação nas igrejas evangélicas na Pós-Modernidade.⁴ Em um período chamado Pós-Moderno, a sociedade tem desenvolvido uma nova maneira de pensar a vida. Neste tempo, rejeita-se o conceito de absoluto, de verdade. A ideia do relativo influencia as mais diversas áreas da sociedade. Produz-se uma reflexão sobre o trato com a verdade na pregação das Escrituras nas igrejas evangélicas. Questiona-se o modo como os pastores e pregadores têm enfrentado o desafio de proclamar a Bíblia como uma verdade divina em uma sociedade que não crê em verdades absolutas. Interroga-se sobre o fato de a ideologia própria deste tempo ter alterado a finalidade das pregações e sobre os riscos da pregação evangélica na “igreja deste tempo”, na medida em que invertem o lugar da Bíblia, construindo sentidos que atendam a seus propósitos pessoais, possibilidade que existe, porque “[...] o leitor pós-moderno despertou do sonho do significado estável”.⁵

Nesta seção, serão discutidas as ideias dos hermeneutas pós-modernos Derrida (2002); Fish (1992) e Paul Ricoeur (2000), postas aqui como ponto de referência de uma interpretação compatível com os fundamentos da pós-modernidade e a ideologia pós-moderna expressa pelo conceito de liquidez dos tempos, a partir da concepção de Bauman (2007).⁶ Essa escolha se deu por se considerar imprescindível discutir o discurso pós-moderno, já que as pessoas da atualidade, inclusive pastores e pregadores, fazem parte da convivência neste período instável, líquido e movediço.

A referida fundamentação servirá de iluminação para discutir a tarefa do pregador na sua missão de proclamar a Bíblia como verdade divina, confrontando com a instabilidade ideológica desfavorável para interpretar e proclamar a verdade divina, segundo os sentimentos próprios destes tempos pós-modernos, sob o princípio da fidelidade ao Autor Divino.

2. HERMENÊUTICA, PÓS-MODERNIDADE E RELATIVISMO

Fazendo referência ao tempo atual já denominado pós-modernidade, Eagleton o apresenta como uma linha de pensamento marcada historicamente por um sentimento relativista, instantâneo, momentâneo, pragmático, num mundo tecnológico de mensagens prontas e semi-prontas, diluição de fronteiras entre classes sociais, gênero, valores, desejos, etnias, culturas. Considera que seja muito difícil estabelecer uma linha rígida de atitude quando a mentalidade do mundo impele a viver de forma relativizada.⁷

O sentimento de uma época [modernidade contemporânea] que Bauman chama de líquida, leve, difusa, capilar, contra uma modernidade pesada e sistêmica, a pós-modernidade é, em essência, uma questão hermenêutica. É reflexo do ceticismo moderno ampliado pelo fracasso da proposta iluminista.

de um texto. O emprego desse termo aqui elucidado não está implicado entre os conceitos essenciais que orientam as reflexões desta pesquisa (PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, Francisco; HAK, Tony (Orgs). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: UNICAMP, 1990, p. 161-162).

⁴ VANHOOZER, Kevin J. **Há um significado neste texto?** Interpretação Bíblica: os enfoques contemporâneos. Tradução de Álvaro Hattner. São Paulo: Vida, 2005, p. 106.

⁵ VANHOOZER, 2005, p. 110.

⁶ BAUMAN, 2007, p. 7.

⁷ EAGLETON, Terry. **As ilusões do pós-modernismo**. Tradução de Elisabeth Barbosa. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 7.

Agora, o ceticismo se volta contra o próprio positivismo, desfazendo a possibilidade de acesso à verdade.⁸ Para Bauman, “[...] a verdade que torna os homens livres é, na maioria dos casos, a verdade que os homens preferem não ouvir”.⁹ Ora, a ideia de liquidez na pós-modernidade afeta a consistência da verdade.

Pensa-se que esse sentimento de um mundo de verdades relativas e mutáveis invadem teorias hermenêuticas. Citam-se nesta pesquisa ideias dos teóricos de filiação hermenêutica pós-moderna, propõem uma guinada no método de interpretação. Suas reflexões são mais sobre ‘o que’ é entender do que ‘como’ entender um texto. Para estes pensadores o texto não tem um significado em si mesmo, uma vez que não é possível realmente realizar a ‘utopia’ hermenêutica moderna, de ir à mente do autor, em busca de sua intenção original para o texto. Para os pensadores pós-modernos, o autor deve morrer. O processo de interpretação deve ser norteado pela interação entre o texto e o leitor. O paradigma do significado se desloca do contexto do autor para o contexto do leitor. O leitor faz sua leitura a partir de seu contexto social, sua experiência, suas outras leituras e seus próprios interesses. Vanhoozer questiona a interpretação bíblica hoje por meio da crítica aos hermenêutas pós-modernos, para quem, de modo geral, não há leitura desinteressada. Assim a sugestão desses novos pensadores da interpretação propõe que não haja mais uma interpretação certa, mas cada interpretação é possível através de seu contexto e preferências. A nova hermenêutica propõe a morte do autor e a libertação do leitor.¹⁰

Derrida, em seus argumentos, defende que não há verdade. A verdade é um constructo da humanidade e da história.

Para designar esta produção, seria algum tanto ingênuo referir-nos a um acontecimento, a uma doutrina, ou ao nome de um autor. Esta produção pertence certamente à totalidade de uma época, que é a nossa, mas ela já começou há muito a anunciar-se e a trabalhar.¹¹

No desenvolvimento de seu pensamento, Derrida defende que a Filosofia, como busca pela verdade através da reflexão, é um engano. Para Derrida a Filosofia construiu, criou uma verdade para cada época. Sendo assim, a filosofia não é um caminho de descoberta, mas de criatividade. Para Derrida, o processo de desconstrução precisa “[...] abandonar a referência a um centro, a um sujeito, a uma referência privilegiada, a uma origem ou a uma anarquia absoluta”.¹²

Desenvolvendo este pensamento, percebe-se que Derrida propõe uma desconstrução que revele que o que se chama de verdade ou significado correto é um instrumento usado na história para dominação e controle, seja por parte dos filósofos, dos sacerdotes ou dos autores. A intenção oculta da verdade está na busca por poder. Então a hermenêutica de Derrida seria uma proposta de denúncia e libertação de um instrumento de controle, ou seja, de uma suposta verdade absoluta ou significado definido. Desconstruir é libertar o “natural” do “cultural”.¹³

Derrida é um realista hermenêutico. Para o realista, a realidade não corresponde aos pensamentos assim como a linguagem não corresponde a significados estáveis. A questão do significado é interna à linguagem e não externa.¹⁴ A estrutura binária do estruturalismo, decorrente da Filosofia constituída por uma lógica binária, é reducionista para ele. Aqueles que creem nestas verdades serão classificados como “ingênuos”. Para os “realistas” os pensamentos e a linguagem não correspondem à realidade uma vez que sempre são interpretações e pontos de vistas. A realidade está além e independe dos pensamentos. Não existe um ponto de vista absoluto da realidade, assim como, para eles, não existe

⁸ BAUMAN, 2007, p. 33.

⁹ BAUMAN, 2007, p. 26.

¹⁰ VANHOOZER, 2005, p. 14.

¹¹ DERRIDA, Jacques. **A Escritura e a diferença**. Tradução de Maria Beatriz M. N. da Silva. 3.ed. São Paulo: Perspectiva, 2002, p. 232.

¹² DERRIDA, 2002, p. 240.

¹³ DERRIDA, 2002, p. 283.

¹⁴ DERRIDA, 2002, p. 281.

uma versão oficial da realidade. Sendo assim, não existe significado para o “realista hermenêutico”, visto que a lacuna do pensamento com a realidade separou definitivamente o texto do autor.

Interpretando, o referido autor não é consciente. O autor não é o criador, mas apenas um escravo a serviço do contexto, de forças políticas e leituras anteriores que inconscientemente o governam. Um texto nunca é novo, é apenas fruto de outras leituras, é repetição. A leitura de um texto não revela a mente do autor, antes, revela seu tempo, sua cultura e as influências que guiaram seus pensamentos. O autor não tem domínio de suas ideias e nem é sujeito de suas ações, apenas uma projeção de seu contexto. Derrida não nega a intenção do autor e sua importância, apenas o tira da prioridade, vê a intenção do autor como uma falácia visto que o autor nem é autoconsciente de seus pensamentos, uma vez que nem o próprio autor controla o seu texto.¹⁵

Na concepção e forma de interpretação realista, o autor está morto por isso o leitor pode interpretar. A interpretação do texto está centrada no leitor e não mais no autor. Não está na relação do autor com o texto, mas na interação do texto com o leitor. Uma produção em conjunto entre escrita e experiência. O leitor está livre, descentrado da tirania do autor e das intenções ocultas dominadoras de um texto. O leitor agora é o artista, produzindo significado.

Para Vanhoozer, o pensamento pós-moderno é manifestação de incredulidade e ceticismo. Ao pensar a interpretação bíblica a partir dessas premissas indefinidoras, ele acredita que os pós-modernos, desfazem utopias e produzem enganos históricos sobre dominação e preconceito, de forma tirânica.¹⁶

Fish, por exemplo, pelo neopragmatismo, por sua vez, defende que não há significado no texto, não existe nada ‘lá’. Diferente dos desfazedores que viam intenções dominadoras no texto, os pragmáticos acreditam não haver “nada” no texto. O texto depende de um leitor. Acredita que a interpretação é a origem do texto.¹⁷ Vanhoozer critica o fato de a essência do significado não se estabelecer no texto em si, mas na experiência do leitor.¹⁸

Inferindo: a preocupação dos pragmatistas não está em ir em busca do sentido único do texto, mas em ‘usar’ o texto conforme o interesse do leitor. Mais uma vez, para os pragmatistas não existe leitura desinteressada. Porém, em vez de se preocupar com os interesses ocultos do autor, os pragmatistas entregam o sentido do texto aos interesses do leitor. Mais uma vez a crítica de Vanhoozer se insurge sobre isto: o fato de o texto ser tratado como ferramenta usada pelos leitores para suas mais variadas finalidades.¹⁹

Para os pragmatistas, a exemplo de Fish, usar o texto é interpretar. Cada uso, cada interesse, cada propósito produz um significado ao texto. Não existe um significado absoluto ou acertado, não adianta ir em busca de um significado pretendido, não interessa os pensamentos do autor. Uma vez que a linguagem não corresponde à realidade, mata-se o autor e liberta-se o leitor. Para usar o texto conforme a ‘sua’ realidade diz que “[...] dá agora ao leitor uma responsabilidade conjunta pela produção do significado, redefinido ele mesmo como um evento [= dimensão temporal] mais do que como entidade [dimensão espacial]”.²⁰

Mas Fish não deixa a ponta da interpretação solta, entregue somente ao indivíduo. Ele defende que o interesse a ser usado para a interpretação não é o do indivíduo, mas o da comunidade interpretativa a que ele pertence. O leitor individual não é totalmente livre para interpretar. Ele está sujeito às normas interpretativas de sua comunidade. Ele interpreta a partir de valores culturais que acolhem para um sujeito um modo de interpretar próprio de uma coletividade, porque não há significado imposto

¹⁵ DERRIDA, 2002, p. 281.

¹⁶ VANHOOZER, 2005, p. 30.

¹⁷ FISH, S. Is there a text in this class. Traduzido por Rafael Eugênio Hoyos-Anrade. **Revista Alfa**, v. 36, 1992, p. 189-206.

¹⁸ VANHOOZER, 2005, p. 30.

¹⁹ VANHOOZER, 2005, p. 131.

²⁰ FISH, 1992, p. 191.

[...] sobre um significado mais normal, por um ato interpretativo particular e idiossincrático; as interpretações se dão “em função das normas públicas e constitutivas (de linguagem e compreensão)” (...) essas normas não estão inseridas na língua, (...) mas são inerentes a uma estrutura institucional.²¹

Ricoeur, por sua vez, não advoga pela falta de sentido ou significado, antes ele vê um excesso de significado nos signos que impede a interpretação precisa ou fixa de um texto. Por isso, ele interpreta textos como discursos escritos, porém seu sentido vai além do que está escrito objetivamente. O excedente do texto faz com que o texto fale em outros tempos com profunda significância.²² A crítica de Vanhoozer a Ricoeur está ligada ao fato de considerar o significado do texto não coincidindo mais com aquilo que o autor queria dizer. O texto passa a ser independente do autor.²³

A inscrição torna-se sinônimo de autonomia semântica do texto, que resulta da desconexão da intenção mental do autor relativamente ao significado verbal do texto. Em relação ao que o autor quis dizer e ao que o texto significa. A carreira do texto subtrai-se ao horizonte finito vivido pelo seu autor. O que o texto significa, interessa agora mais do que o autor quis dizer quando o escreveu.²⁴

O significado do texto está na interação do texto com o leitor. Para Ricoeur, na estrutura dos textos há lacunas e vazios que precisam ser preenchidos pelo leitor. Apesar de o leitor não criar interpretação do nada, ele prossegue dando significado ao texto. O texto tanto limita como expande o seu sentido, ele não só propõe nova interpretação, mas também limita a mensagem.²⁵

A crítica de Vanhoozer que aqui está sendo levada em consideração e que o faz perguntar a partir do título de sua publicação se há significado por uma ótica questionadora diante da pergunta de Fish sobre a existência do texto, dirige-se, parece, ao hermeneuta pós-moderno que lê textos com ceticismo e incredulidade. A leitura pós-moderna pretende antes de entender, destronar, libertar. A verdade do texto morreu, o que vale é a verdade de cada um projetada no texto. Não há absolutos e o autor do texto, como decretam os hermeneutas pós-modernos, morreu. O leitor não precisa mais prender a interpretação do texto à intenção dominadora do autor. O autor do texto não tem liberdade para falar sozinho e o texto, agora, precisa do leitor, não há sentido no texto sem a arte do leitor ou a interação entre leitores.²⁶

Pensando que, nesta pesquisa, os princípios da pregação expositiva são os que mais interessam para seu resgate da pregação bíblica na igreja, foram apresentados exemplos de contraditórios a seus fundamentos, com base na crítica de Vanhoozer à interpretação pós-moderna, prática de pregação bem-marcada na igreja de hoje, levando em consideração não só a vivência, mas as leituras sobre o que tem sido pregar sob a ótica pós-moderna, quando os interesses destes tempos prevalecem.

No entanto, a Pregação Expositiva se contrapõe diretamente aos pensamentos da hermenêutica pós-moderna, uma vez que tem como fundamento interpretativo o método histórico-gramatical que, considerando a Bíblia como a verdade de Deus, a interpreta na busca da intenção do autor divino, como visto no capítulo que trata do referido método.

3. BÍBLIA, VERDADE E PREGAÇÃO: À MARGEM DO PENSAMENTO PÓS-MODERNO

Apresentamos aqui os princípios fundamentais sobre o conceito teológico de pregar a Palavra de Deus. Pregar é entregar a Palavra de Deus, é crer que Deus fala através da Bíblia. A Bíblia é recheada de ensinamentos sobre a obra da pregação da Palavra de Deus. “E assim, a fé vem pela pregação, e a pregação

²¹ FISH, 1992, p. 194.

²² RICOEUR, Paul. **Teoria da interpretação**: o discurso e o excesso de significação. Lisboa: Edições 70, 2000, p. 41.

²³ VANHOOZER, 2005, p. 127.

²⁴ RICOEUR, 2000, p. 41.

²⁵ RICOEUR, 2000, p. 41.

²⁶ VANHOOZER, 2005, p. 224-225.

pela palavra de Cristo” (Rm 10.17). Nesse sentido, pregar a Palavra de Deus não dá ao intérprete o direito de usar a Palavra para produzir significado ou dizer o que pensa. Pergunta-se, então, se é possível, em verdade, uma pregação pós-moderna do evangelho.

A proclamação da palavra é a missão da igreja. É a ordem da grande comissão. As palavras de Jesus são imperativas e, como a ordem de um rei, comanda: “ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda criatura” (Mc 16.16). É a tarefa que Paulo entrega a Timóteo seu aprendiz. “Prega a palavra” (2Tm 4.2). É o propósito do chamado da igreja como diz Pedro:

Vós, porém, sois raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus a fim de proclamardes as virtudes daquele que vos chamou das trevas para sua maravilhosa luz (1Pe 2.9).

Em primeiro lugar, faz-se necessário pesquisar sobre o que a Bíblia significa para a igreja como comunidade interpretativa. Segundo os autores da Bíblia, ela é a Palavra de Deus. O apóstolo Paulo expressa com clareza esse pensamento quando escreve que “toda Escritura é inspirada por Deus” (2Tm 3.16). Seguindo a mesma linha de entendimento, o apóstolo Pedro escreve que “homens [santos] falaram da parte de Deus, movidos pelo Espírito” (2Pe 1.21) e ainda identifica não somente as do Antigo Testamento, mas também as cartas de Paulo como “Escritura” (2Pe 3.15-16). Erickson, relatando como a Bíblia entende sua natureza, afirma que “por todas as Escrituras há uma pressuposição ou até uma afirmação de sua origem divina ou sua equivalência com o discurso real do Senhor”.²⁷ Lidar com a Bíblia é lidar com a questão teológica expressa pelo próprio livro que evoca sobre si autoridade absoluta. Grudem, por sua vez, afirma que “A autoridade das escrituras significa que todas as palavras nas Escrituras são palavras de Deus, de modo que não crer em alguma palavra das Bíblia ou desobedecer a ela é não crer em Deus ou desobedecer a ele”²⁸, Grudem ainda reforça esta verdade apelando para história, lembrando que

através da história da igreja os maiores pregadores foram aqueles que reconheciam que não tinham autoridade em si mesmo e viam as suas tarefas como explicar as palavras das Escrituras e aplicá-las de forma clara a vida de seus ouvintes. A pregação deles extraía seu poder não da proclamação de suas próprias experiências cristãs ou de outros, nem de suas próprias opiniões, ideias criativas ou capacidade retórica, mas sim das palavras de Deus cheias de poder.²⁹

Diante da natureza das Escrituras, é possível se chegar a um conceito de Pregação. Pregar é expor, com fidelidade, a intenção do autor divino, a Palavra de Deus. A pregação bíblica não é pregar sobre a escritura, mas pregar a escritura. É empenhar o seu esforço a ser fiel à mensagem e à forma do texto bíblico para que, ao pregar a palavra de Deus, o texto venha carregado da autoridade do autor Divino, e não do pregador e suas ideias, ainda que pareçam interessantes. Como diz Stott, “expor as escrituras é esclarecer o texto inspirado com tal fidelidade e sensibilidade que a voz de Deus seja ouvida e seu povo lhe obedeça”.³⁰ Como pregar a verdade eterna sob o olhar efêmero e momentâneo?

Na verdade, a exposição bíblica não é um método, mas um compromisso; um entendimento do valor e do papel da pregação. Como consequência, esse compromisso se manifesta em um método onde o pregador se apresenta diante do texto bíblico ciente de sua nobre tarefa e de sua responsabilidade de extrair do texto bíblico a mensagem pretendida por Deus, manter seus olhos somente na palavra e posicionar-se diante da congregação para proclamar, afirmar e declarar fielmente aquilo que diz a palavra de Deus. Não é discursar. É expor e proclamar.

Stott, por sua vez, torna-se um dos escritores cristãos mais influentes do seu século e também

²⁷ ERICKSON, Millard J. **Introdução à teologia sistemática**. Tradução de Lucy Yamakami. São Paulo: Vida Nova, 1997, p. 68.

²⁸ GRUDEM, Wayne A. **Teologia Sistemática**. Tradução de Norio Yamakami; Lucy Yamakami; Luis A. T. Sayão. São Paulo: Vida Nova, 1999, p. 52.

²⁹ GRUDEM, 1999, p. 44,

³⁰ STOTT, John. Uma definição de pregação. In: ROBINSON, Haddon W. (Org.). **A arte e o ofício da pregação bíblica**. Tradução de Valdemar Kroker, Daniel Hubert Kroker, Rebeca Hubert Kroher. São Paulo: Shedd, 2009, p. 26-33, p. 27.

o pregador expositivo mais conhecido do seu tempo. Este se torna um dos grandes defensores da pregação expositiva. Ele conceitua pregação expositiva como:

Toda pregação autêntica é pregação expositiva. Ela se refere ao conteúdo do sermão (verdade bíblica) em lugar de seu estilo (um comentário fluente). Explicar as Escrituras é extrair do texto o que está nele contido e expô-lo. O expositor abre o que parece fechado, torna claro o que é obscuro, desembaraça o que está amarrado e revela o que se encontra empacotado. O oposto da exposição é a ‘imposição’; que significa impor ao texto o que não existe nele.³¹

A pregação expositiva é o método de pregação que surge da consciência de que não se deve pregar sobre a Bíblia, ou sobre princípios que foram tirados da Bíblia, muito menos sobre ideias e conselhos do pregador. A pregação expositiva reivindica que a tarefa do pregador é pregar a Bíblia. Um caminho que começa da leitura da perícopes, passa pela explicação do texto e então se faz aplicações relevantes aos seus ouvintes.

A pregação expositiva é comunicação de um conceito bíblico, derivado de, e transmitido de um estudo histórico, gramatical e literário de uma passagem em seu contexto, que o Espírito Santo primeiro aplica à personalidade e experiência do pregador, e então, através do pregador, aplica aos ouvintes.³²

Alguns valores são inegociáveis para que uma pregação possa ser considerada pregação bíblica. A primeira verdade é que a Bíblia é a palavra de Deus; que ao expor a Palavra, Deus fala com todo seu poder e autoridade. E não somente a Bíblia é a Palavra de Deus como toda a Bíblia é a Palavra de Deus. E assim, a congregação precisa ser exposta a toda a Bíblia e não somente às passagens prediletas do pastor ou às passagens mais emocionantes, mesmos as mais duras ou as mais difíceis. É necessário, não somente, pregar a Bíblia, mas pregar toda a Bíblia. Pois “toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça” (2Tm 3.16).

Ao reconhecer que a Bíblia é a Palavra de Deus, somente cabe ao pregador entregar a palavra de Deus. Não a sua. Entregar a palavra de Deus como os profetas do Antigo Testamento a entregavam. Os profetas não davam as suas perspectivas. Eles apenas diziam: “Assim diz o Senhor”.

Ou ainda, os pregadores precisam expor as Escrituras segundo o modelo de Esdras que enfatiza a leitura e a explicação. “Leram no livro, na Lei de Deus, claramente, dando explicações, de maneira que entendessem o que se lia” (Ne 8.8).

Para pregar a palavra de Deus, o pregador precisa ser fiel a Deus em sua hermenêutica e proclamação. Nesta pesquisa, é necessário usar uma hermenêutica voltada para a intenção do autor. Aceitar o desafio de ir em busca da mente do autor, em um contexto no passado. Traçar um caminho em direção ao significado original do texto. É preciso ultrapassar as barreiras da interpretação de um texto antigo. Barreiras como a diferença de tempo, da língua, da cultura e da geografia. É necessário um trabalho de exegese que reconstrua o entendimento das línguas originais, que analise em detalhes seu contexto, que reconstrua do cenário histórico e cultura. É preciso voltar no tempo e na cosmovisão de outra era. A missão é encontrar significado da mensagem dada por Deus.

Encontrando a mensagem do texto, agora o pregador pode expô-la. Porém de maneira relevante ao mundo contemporâneo. Como esta mensagem se aplica à vida dos homens hoje? Como esta mensagem responde às questões do mundo atual? Pregar expositivamente não é aplicar uma aula de história e cultura hebraica antiga, mas extrair a palavra de Deus, do texto para a vida cotidiana e os conflitos do dia a dia de seu auditório.

A pregação expositiva é o desafio de vencer a tensão entre a mensagem de um texto antigo e as necessidades e questões do mundo contemporâneo. Pregação bíblica leva a duas obrigações. A primeira

³¹ STOTT, John. **Eu creio na pregação**. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida, 2003, p. 133.

³² ROBINSON, Haddon W. (Org.). **A arte e o ofício da pregação bíblica**. Tradução de Valdemar Kroker, Daniel Hubert Kroker, Rebeca Hubert Kroher. São Paulo: Shedd, 2009, p. 18.

é de ser fiel ao texto bíblico e a segunda de ser sensível ao mundo atual. Essa é um erro comum entre os pregadores. Por um lado, ser bíblico, mas não contemporâneo e, por outro lado, ser contemporâneo em sua mensagem mas sem fidelidade ao texto bíblico.

4. A ÉTICA DA PREGAÇÃO EM TEMPOS LÍQUIDOS: DA VERDADE PARA A CRIAÇÃO DE SENTIDOS

Muitos pesquisadores têm refletido sobre a situação da pregação em meio a essa era de hermenêuticas líquidas, tal como Bauman discorre sobre os tempos pós-modernos. Será apresentado a seguir como alguns estudiosos têm visto a questão da pregação no tempo presente.³³

A humanidade deve ser encarada como expressão de sua era, é constituído pela força da cultura e do pensamento de seu tempo. A pós-modernidade influencia a todas as áreas da sociedade, até mesmo a igreja é fortemente influenciada e sofre os reflexos do seu tempo. A maneira de ler e pregar a Bíblia no tempo contemporâneo, é uma expressão involuntária da maneira de pensar, sentir e interpretar este tempo de uma sociedade sem verdades absolutas, de consumo e prazer, do aqui e agora, quando a igreja se comporta por meio de valores semelhantes em diferentes manifestações.³⁴

Na pregação, vive-se um tempo em que o sentido se descola da intenção do autor do texto e o pregador vai em busca da nova “revelação” de Deus para aquele texto. Como pensam os hermeneutas pós-modernos desconstrutivistas, aqui também alguns pastores pós-modernos acreditam que o sentido do texto vem de uma interação leitor e texto, porém de maneira mística. Outros ainda, assim como os hermeneutas pragmáticos, usam a Bíblia conforme seus interesses. Desenvolvem seus discursos, seus temas e vão em busca de passagens bíblicas, na maioria das vezes descontextualizadas, para embasar suas ideias, como citado acima.

Esses pastores talvez não tenham lido Derrida (2002), Fish (1992) ou Ricoeur (2000), mas usam a Bíblia conforme princípios similares, como concidadãos de uma mesma era que estabelece condições ideológicas próprias para as práticas de leitura destes dias. A era pós-moderna tem influenciado diretamente a pregação. Descolaram o seu sermão da intenção do Autor Divino. Deixaram de ser expositores para se tornarem artistas; deixaram de apresentar a mensagem para criá-la, ou recriá-la.

Parecem seguir a hermenêutica desconstrutivista, de Derrida, por exemplo a qual rejeita a proposta de fixar o sentido do texto na intenção do autor, antes libertando o sentido e o entregando ao leitor, ficando a cargo de cada um tirar do texto seus sentidos, baseados em seus próprios pressupostos. Ou a seguir os pressupostos da hermenêutica neopragmática, de Fish, conforme já citado, por exemplo, pelo qual o texto deve ser ‘usado’ pelo leitor, de forma que atenda a seus próprios interesses como ferramentas.³⁵

Segundo Lawson a pregação bíblica é um problema contemporâneo na igreja. Púlpitos cheios de mensagens motivacionais, antropocêntricas e carismáticas, mas desconectadas da Palavra de Deus.³⁶ Assim, a pregação no tempo pós-moderno tem sido uma preocupação para teólogos ortodoxos como MacArthur (2015), Lawson (2015), Lopes (2013) e Begg (2014).

Para MacArthur, as pregações deste tempo estão vazias das Escrituras. Como ele afirma, os sermões de hoje “contêm tudo, exceto a coisa principal”, a exposição das Escrituras. Como ele descreve, sermões que não expõe a Bíblia é algo tão recorrente no meio cristão que “[...] se tornou virótico, alcançando níveis pandêmico nas igrejas ao redor do planeta. A evidência parece incontestável”.³⁷

³³ BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001, p. 31.

³⁴ VANHOOZER, 2005, p. 106.

³⁵ VANHOOZER, 2005, p. 106.

³⁶ LAWSON, Steven J. **O tipo de pregação que Deus abençoa**. Tradução de Francisco Wellington Ferreira. São José dos Campos: Fiel, 2015, p. 20-21.

³⁷ MACARTHUR, John. Apresentação. In: LAWSON, Steven J. **O tipo de pregação que Deus abençoa**. Tradução de Francisco

Para Horton, a pregação das igrejas cristãs evangélicas tornou-se em mensagem de autoajuda, “[...] obcecada por ser prática, relevante, útil, bem-sucedida e até bem apreciada”.³⁸ Ele descreve estes sermões como mensagem de autoajuda com embalagem religiosa e diz ainda que “na maioria das igrejas não há nada que não poderia ser satisfeito pelos inúmeros programas e grupos seculares de autoajuda”.

Por sua vez, Lopes afirma que a pregação bíblica fiel tem se esvaziado dos púlpitos das igrejas do mundo inteiro. Ele, ainda afirma que “[...] muitos pastores, infelizmente, abandonaram o compromisso com a fé verdadeira”.³⁹ Muitos destes, tão dedicados ao Movimento de Crescimento da Igreja⁴⁰, deram exagerada atenção ao crescimento numérico à custa da dedicação à pregação bíblica genuína. Em sua pesquisa sobre a pregação neste tempo, Lopes afirma que

A pregação evangélica deve refletir novas convicções de que a Palavra de Deus é infalível e inerrante. Muitas vezes, isso não acontece. De fato, há uma tendência perceptível no evangelismo contemporâneo de afastar-se da pregação bíblica e desviar-se para uma abordagem centrada na experiência, na pragmática e na pregação tópica no púlpito.⁴¹

Um dos principais desafios da igreja contemporânea, de forma geral, é retomar púlpitos profundos nas Escrituras com sermões bíblicos relevantes; construir novamente uma igreja onde, em meio ao crescimento numérico que se experimenta hoje no Brasil, os membros tenham cultura bíblica.

As pregações próprias destes tempos são antropocêntricas e desfocalizadas da Bíblia.⁴² Em consequência desse desvio de foco, próprio dos tempos líquidos, as pregações atuais dão pouca atenção à Bíblia e muita atenção ao ego humano. A ênfase saiu de como levar a humanidade a agradar a Deus para como levar Deus a agradar aos anseios da humanidade.

Neste tempo de leituras líquidas, sem verdade absoluta, deve-se ler as Escrituras sem essa liquidez, uma vez que a própria Bíblia e a comunidade de fé que a professa, em sua ortodoxia, reconhece-a como a Palavra de Deus. Enquanto a Pós-Modernidade rejeita a verdade como uma questão metafísica inalcançável, a Bíblia advoga para si a representação da verdade absoluta de Deus, como verdade imperativa, norteadora e reveladora da verdade de Deus. Ler a Bíblia como verdade de Deus, na comunidade de fé, só é possível se a leitura for realizada em busca da mensagem proposta pelo autor divino.⁴³

A luz do conceito de pregação expositiva, os pregadores de hoje precisam utilizar uma hermenêutica pela qual ainda se acredite que o sentido do texto está no próprio texto e o pregador precisar ir em busca do sentido proposto pelo Autor Divino, ainda que não se descarte a significância desse sentido para os diferentes leitores em diferentes épocas que compreendeu os sentidos, mas fez a devida aplicação em seu tempo. O pregador, ao expor a palavra, fala a Palavra de Deus a seus ouvintes de maneira significativa para seu tempo, na interação com o mundo, porém fiel ao significado proposto pelo autor.⁴⁴

Para proclamar a Palavra de Deus, o pregador precisa fielmente ir à busca da mensagem original

Wellington Ferreira. São José dos Campos: Fiel, 2015, p. 11.

³⁸ HORTON, Michael. **Cristianismo sem Cristo**: o evangelho alternativo da Igreja atual. Tradução de Neuza Batista. São Paulo: Cultura Cristã, 2010, p. 58-59,118.

³⁹ LOPES, Augustos Nicodemus. **A Bíblia e seus intérpretes**. 3.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2013, p. 13.

⁴⁰ Movimento de crescimento de Igreja, é um movimento iniciado por Donald McGavran que surge com a intenção de investigar a natureza, expansão, plantação, multiplicação da igreja, porém duramente criticado pela sua ênfase no pragmatismo (LOPES, Hernades Dias. **Pregação expositiva**: sua importância para o crescimento da igreja. São Paulo, 2008, p. 213-214).

⁴¹ LOPES, 2008, p. 13.

⁴² BEGG, Alistair. **Pregando para a glória de Deus**. Tradução de Francisco Wellington Ferreira. São José dos Campos: Fiel, 2014, p. 14.

⁴³ OSBORNE, Grant R. **A espiral hermenêutica**: uma nova abordagem à interpretação bíblica. Tradução de Daniel de Oliveira, Robinson N. Malkomes, Sueli da Silva Saraiva. São Paulo: Vida Nova, 2009, p. 29.

⁴⁴ OSBORNE, 2009, p. 29.

do autor bíblico, de sua intenção e da mensagem transmitida para os ouvintes originais.⁴⁵ A função do pregador não é a de preparar uma mensagem, mas fazer um sermão que exponha a mensagem do texto fielmente. Esse caminho em direção ao significado original do texto leva o pregador a um caminho de erudição e estudo, beneficiando seu ministério e a congregação. É uma reconstrução da cosmovisão vinda da cultura em seu tempo.⁴⁶

Muitos pregadores desta época têm cedido à correnteza de seu tempo, libertando-se da verdade contida no texto e se aventurando em suas próprias significações, mistificando o significado e produzindo sentido em sua experiência de leitura. Muitos pregadores têm se afastado da mensagem divina para ‘usar’ o texto. Tornaram-se pragmáticos. Usam o texto para produzir sentimentos, experiências, para endossar seus planos pessoais.⁴⁷

O pregador é aquele que expõe a verdade que está no texto, sendo assim, por natureza, a tarefa do pregador se inicia na hermenêutica.⁴⁸ A pregação expositiva baseia-se em uma hermenêutica que crê que existe verdade nos textos, que aceita a intenção e propósito original do autor e compreende que pregar é expor a verdade que está no texto sagrado. Este é um grande desafio para os pregadores em um tempo de leituras pós-modernas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste tempo de leituras líquidas, sem verdade absoluta, como ler as Escrituras sem essa liquidez, uma vez que a própria Bíblia e a comunidade de fé que a professa, em sua ortodoxia, reconhece-a como a Palavra de Deus? Enquanto a pós-modernidade rejeita a verdade como uma questão metafísica inalcançável, a Bíblia advoga para si a representação da verdade absoluta de Deus, como verdade imperativa, norteadora e reveladora da verdade de Deus. Ler a Bíblia como verdade de Deus, na comunidade de fé, só é possível se a leitura for realizada em busca da mensagem proposta pelo autor divino.

Uma hermenêutica pela qual ainda se acredita que o sentido que precisa ser descoberto está no texto e não descartamos a significância desses sentidos para o sujeito leitor em outros estágios de leitura, já que pensamos que a Bíblia não se fecha depois de lida. Ela permanece aberta para a vida do leitor, não porque ele criou sentidos para ele, mas porque ele entendeu os sentidos para a aplicação em seu tempo. O leitor pregador é apenas um instrumento e as consequências não são para ele. O pregador ao expor a palavra fala a Palavra de Deus a seus ouvintes de maneira significativa para seu tempo, na interação com o mundo, porém sendo fiel ao significado proposto pelo autor.

Para proclamar a palavra de Deus, o pregador precisa fielmente ir à busca da mensagem original do autor bíblico. Qual sua intenção? Qual a mensagem transmitida para os ouvintes originais? A função do pregador não é o de preparar uma mensagem, mas fazer uma pregação que exponha a mensagem do texto fielmente. Esse caminho em direção ao significado original do texto leva o pregador a um caminho de erudição e estudo beneficiando seu ministério e a congregação. Na busca da intenção do autor, é preciso vencer as barreiras da interpretação de um texto antigo. É uma reconstrução da cosmovisão vinda da cultura em seu tempo. Construindo essa ponte com o passado faz-se a leitura do texto como se fosse o ouvinte original, com os conceitos, cultura, língua e referências do tempo antigo. A cosmovisão contemporânea é fundamental no momento de aplicação da mensagem, mas não pode ser usada no momento de interpretação do texto.

Proclamar a Bíblia como Palavra de Deus produz uma reflexão ética. Se pregar é anunciar a palavra do outro, é preciso ser fiel a seu propósito e mensagem original. Ir à busca da mensagem

⁴⁵ OSBORNE, 2009, p. 29.

⁴⁶ LOPES, 2008, p. 141-145.

⁴⁷ LAWSON, 2015, p. 37-40.

⁴⁸ RICHARD, Ramesh. **Homilética**. Tradução de Hans Udo Fuchs. São Paulo: Vida Nova, 2005, p. 22.

original do autor bíblico. A função do pregador é, antes de tudo, não fazer um discurso pessoal e comovente, mas expor a Palavra. Por outro lado, a exposição bíblica deve levar a uma reflexão ética sobre a ótica da responsabilidade sobre os ouvintes. Diante de uma comunidade que crê em um livro de fé, o ouvinte de um sermão o escuta, ouvindo a Palavra de Deus. O ouvinte do sermão não está em busca das opiniões do mensageiro, mas em busca de saber a mensagem de quem o enviou. É preciso expor o texto com fidelidade diante de Deus e também diante de seus ouvintes.

Os pregadores dessa época têm cedido a correnteza de seu tempo. Libertando-se da verdade do texto e se aventurando em suas próprias significações. Mistificando o significado. Produzindo sentido em sua experiência de leitura. Os pregadores têm se afastado da mensagem divina para ‘usar’ o texto. Tornaram-se pragmáticos. Usando o texto para produzir sentimentos, experiências, para endossar seus planos pessoais.

O uso das Escrituras para a pregação, por mais que esteja em voga, em coadunância com o pensamento da época, não condiz com a natureza e com o propósito da Bíblia e de sua proclamação. Nem tudo o que está sendo é. A Palavra de Deus tem essa natureza: ensinar o que precisa ser, o que precisa continuar sendo. O pregador que procura afinar a Palavra ao discurso de seu tempo pode estar fazendo a igreja de Jesus correr o risco de transformar Deus em recurso de garantia para o consumismo ou para outros valores profanos contemporâneos.

É nesse sentido que consideramos necessária a reflexão sobre a tarefa da proclamação do evangelho e sobre o posicionamento hermenêutico teológico baseado no fundamento da fé cristã. A Bíblia como a Palavra de Deus não existe para o mundo, mas para o acesso ao Reino de Deus.

A hermenêutica líquida da pós-modernidade milita contra a verdade de um texto, mata o autor. Pregadores pós-modernos têm abandonado a Bíblia como verdade e “sem perceber” estão contribuindo com a morte do autor, ou com o projeto da “morte de Deus”.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **Tempos líquidos**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BEGG, Alistair. **Pregando para a glória de Deus**. Tradução de Francisco Wellington Ferreira. São José dos Campos: Fiel, 2014.

BÍBLIA. Português. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição Almeida Revista e Atualizada. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

DERRIDA, Jacques. **A Escritura e a diferença**. Tradução de Maria Beatriz M. N. da Silva. 3.ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.

EAGLETON, Terry. **As ilusões do pós-modernismo**. Tradução de Elisabeth Barbosa. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

ERICKSON, Millard J. **Introdução à teologia sistemática**. Tradução de Lucy Yamakami. São Paulo: Vida Nova, 1997.

FISH, S. Is there a text in this class. Traduzido por Rafael Eugênio Hoyos-Anrade. **Revista Alfa**, v. 36, p. 189-206, 1992.

GRUDEM, Wayne A. **Teologia Sistemática**. Tradução de Norio Yamakami; Lucy Yamakami; Luis A. T. Sayão. São Paulo: Vida Nova, 1999.

HORTON, Michael. **Cristianismo sem Cristo: o evangelho alternativo da Igreja atual**. Tradução de Neuza

Batista. São Paulo: Cultura Cristã, 2010.

LAWSON, Steven J. **O tipo de pregação que Deus abençoa**. Tradução de Francisco Wellington Ferreira. São José dos Campos: Fiel, 2015.

LOPES, Augustos Nicodemus. **A Bíblia e seus intérpretes**. 3.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2013.

LOPES, Hernades Dias. **Pregação expositiva**: sua importância para o crescimento da igreja. São Paulo, 2008.

MACARTHUR, John. Apresentação. In: LAWSON, Steven J. **O tipo de pregação que Deus abençoa**. Tradução de Francisco Wellington Ferreira. São José dos Campos: Fiel, 2015.

OSBORNE, Grant R. **A espiral hermenêutica**: uma nova abordagem à interpretação bíblica. Tradução de Daniel de Oliveira, Robinson N. Malkomes, Sueli da Silva Saraiva. São Paulo: Vida Nova, 2009.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, Francisco; HAK, Tony (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: UNICAMP, 1990.

RICHARD, Ramesh. **Homilética**. Tradução de Hans Udo Fuchs. São Paulo: Vida Nova, 2005.

RICOEUR, Paul. **Teoria da interpretação**: o discurso e o excesso de significação. Lisboa: Edições 70, 2000.

ROBINSON, Haddon W. (Org.). **A arte e o ofício da pregação bíblica**. Tradução de Valdemar Kroker, Daniel Hubert Kroker, Rebeca Hubert Kroher. São Paulo: Shedd, 2009.

STOTT, John. **Eu creio na pregação**. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida, 2003.

STOTT, John. Uma definição de pregação. In: ROBINSON, Haddon W. (Org.). **A arte e o ofício da pregação bíblica**. Tradução de Valdemar Kroker, Daniel Hubert Kroker, Rebeca Hubert Kroher. São Paulo: Shedd, 2009, p. 26-33.

STOTT, John. **Pregação bíblica**: o desenvolvimento e a entrega de sermões expositivos. 2.ed. São Paulo: Shedd, 2002.

VANHOOZER, Kevin J. **Há um significado neste texto?** Interpretação Bíblica: os enfoques contemporâneos. Tradução de Álvaro Hattnher. São Paulo: Vida, 2005.



A Revista Batista Pioneira está licenciada com
uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações -
4.0 Internacional

O EPISÓDIO DO CAMINHAR DE JESUS SOBRE AS ÁGUAS: UMA INTERPRETAÇÃO EXEGÉTICA DO TEXTO DE JOÃO 6.16-21

The episode of Jesus walking on water: an exegetical interpretation of the text of John 6.16-21

Me. Gustavo Albernaz Dias Carreiro¹

RESUMO

Este artigo apresenta uma interpretação exegética do texto de João 6,16-21. Episódio no qual Jesus caminha sobre as águas. Este artigo analisou os contextos (social, histórico, literário e gramatical) em que esta perícopes está inserida, para que desta maneira seja viável se aproximar da compreensão mais plausível que o autor original tentou com o seu texto. As minúcias nesta passagem mostram que o autor do Evangelho de João quer muito mais do que mostrar um evento milagroso, antes quer apresentar Jesus como o ‘Eu Sou’.

Palavras-chave: Exegese. Evangelho de João. João 6.16-21. Eu sou.

ABSTRACT

This article presents an exegetical interpretation of the text of John 6:16-21. That is the episode which Jesus walks on the waters. This essay analyzes the contexts (social, historical, literary, grammatical) which this pericope is inserted, for in this way approach to the most plausible understanding that the original author has attempted with his text. The details in this passage shows that the author of the Gospel of John wants much more than shows a miraculous event, rather he wants to present Jesus like the ‘I Am’.

Keywords: Exegesis. The Gospel of John. John 6,16-21. I am.

¹ O autor é mestre em Teologia pelo programa de mestrado profissional da FABAPAR; graduado em Teologia pela Faculdade Batista do Rio de Janeiro (STBSB/FABAT). E-mail: contato.gustavoalbernaz@gmail.com.

INTRODUÇÃO

O Evangelho de João é o único Evangelho canônico que não é sinóptico. Essa pode ser uma diferença mínima para quem observa esse texto de maneira superficial, mas o Evangelho joanino traz questões muito próprias e que têm que ser analisadas de maneira séria e aprofundada.

O presente artigo desenvolve uma exegese sobre o texto do Evangelho de João 6.1-16. Neste artigo será realizada uma análise exegética desta perícopé. Primeiramente será analisado o contexto literário este texto de João se encontra. Em seguida, avalia-se o *Sitz im Leben*, ou o pré-texto.

Este artigo propõe fazer uma análise literária desta perícopé, abordando o vocabulário, o gênero literário específico do texto delimitado e por fim traz dados específicos do Evangelho de João que são importantes para a compreensão do texto escolhido.

A última parte deste trabalho trata sobre a hermenêutica do texto, como pode-se interpretá-lo de maneira prática. Para isso, analisa-se a ideia central do texto, assim como dados teológicos relevantes e ao final fez-se uma aplicação teológica do texto.

1. O TEXTO E O CONTEXTO

O texto que se pretende trabalhar é João 6.16-21, episódio este em que Jesus caminha sobre as águas. O seu contexto imediato dentro do Evangelho de João será muito importante para a elucidação do mesmo. O texto que será abordado é apresentado a seguir:

¹⁶Ao entardecer, seus discípulos desceram ao mar ¹⁷e, subindo num barco, dirigiram-se a Cafarnaum, do outro lado do mar. Já estava escuro e Jesus ainda não viera encontrá-los. ¹⁸Além disso, soprava vento forte e o mar se encrespava. ¹⁹Tinham remado cerca de vinte e cinco ou trinta estádios, quando viram Jesus aproximar-se do barco, caminhando sobre o mar. Ficaram com medo. ²⁰Jesus, porém, lhes disse: “Sou eu. Não temais”. ²¹Quiseram, então, recolhê-lo no barco, mas ele imediatamente chegou à terra para onde iam.²

O texto de João 6.16-21 é delimitado por indícios temáticos. Pode-se observar que o texto se inicia com “Ao entardecer”, indício de que o tempo mudou em relação ao texto anterior. O texto termina com a chegada de Jesus e seus discípulos a Cafarnaum e o versículo seguinte já inicia uma outra perícopé, o indício para isso é a frase “No dia seguinte” (v.22).

O texto de João 6,16-21 para alguns autores se encontra dentro do que vão chamar de Livro (ou Fonte) dos Sinais. Reid diz que esse livro ou fonte “se estende de João 1.19 até 12.50”.³ Koester, porém, acredita que a *Fonte Semeia* só abrange os seguintes textos: João 2.1-11; 4.46-54; 5.1-9; 6.1-21; 9.1-7; 11.1-44 e 20.30-31. Nas palavras deste autor, “essa fonte é uma coleção de histórias da propaganda helenística em que Jesus é exaltado como homem divino. (...) Jesus aqui se torna o deus que vive entre os homens, dotado de um poder divino que pode até fazer com que os mortos saiam de seus túmulos”.⁴

Portanto, pode-se como visto acima, alocar possivelmente a perícopé trabalhada dentro da Fonte (livro) dos Sinais. Nesse sentido, Dodd explica que o capítulo 6 é uma unidade e segue uma progressão. Primeiramente Jesus alimenta a multidão, ela o reconhece como “o profeta que deve vir” e procura fazer de Jesus rei. Jesus então se afasta da multidão e se refugia na montanha, os discípulos também estão separados dele e estão no “escuro”, mas logo vem a iluminação com Cristo andando sobre as águas e proclamando a fórmula sagrada “*Ego eimi*”. Logo depois Jesus faz seu discurso na sinagoga como sendo o “pão que desceu do céu”. As narrativas são simbólicas e significativas não apenas em si mesmas, mas em seu conjunto, pois trata-se de um *semeion* (sinal).⁵

² Bíblia Sagrada: **A Bíblia de Jerusalém**. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulinas, 2002, p. 1857.

³ REID, Daniel G. (Edit.). **Dicionário teológico do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova; Loyola, 2012, p. 749.

⁴ KOESTER, Helmut. **Introdução ao Novo Testamento: história e literatura do cristianismo primitivo**. São Paulo: Paulus, 2005, vol. 2, p. 201.

⁵ DODD, Charles H. **A interpretação do quarto evangelho**. São Paulo: Teológica; Paulus, 2003, p. 455-456.

Uma pergunta parece ser fundamental para o entendimento deste texto com seu texto predecessor e posterior: Por que esse texto é colocado no meio da narrativa da multiplicação dos pães e do texto que a explica? É muito difícil supor que João aloca esse texto só pelas fontes as quais recebeu o fazem também, sem nenhum motivo teológico. Portanto, parece que esse texto está onde está porque a multidão viu em Jesus algum tipo de profeta ou rei, mas ele é mais que isso, ele é a presença de Deus no meio do Seu povo, e é isso que esse episódio quer mostrar.⁶

2. SITZ IM LEBEN

A data de composição e o contexto que gerou o evangelho de João tem sido muito debatido entre diversos autores. Brown entende que o período pré-evangélico de formação do Evangelho tenha durado várias décadas entre os anos 50 d.C. e 80 d.C., e só foi escrito aproximadamente no ano 90 d.C.⁷

Bortolini por sua vez acredita que o evangelho durou cerca de 60 anos para ser escrito⁸ e que não estaria concluído antes do ano 80 d.C.⁹ Já Schnelle sustenta a hipótese de que o evangelho foi redigido por volta de 100 d.C. Este autor ainda localiza a Ásia Menor como o possível lugar onde o evangelho foi redigido.¹⁰ Porém, Koester procura ser mais específico e afirma que “O Evangelho de João é produto de uma tradição especial que deve ser situada na Síria”.¹¹ Bortolini coloca a cidade de Éfeso como local da redação do evangelho.¹²

Brown vê a Palestina como o local de origem do movimento joanino.¹³ Ele afirma que a comunidade joanina começou entre “judeus de expectativas messiânicas bastante padronizadas, inclusive os discípulos de João Batista”.¹⁴ Posteriormente, samaritanos foram convertidos por judeus com opinião formada contra o Templo. Assim a comunidade joanina assimilou alguns elementos do pensamento samaritano, inclusive uma cristologia que não é centrada num Messias davídico.¹⁵ Isso explica muito da hostilidade dos chefes da sinagoga em relação a essa comunidade. Esse autor também argumenta, baseado no fato do autor do texto explicar termos como “Messias” e “Rabi”, que há sinais claros de componente gentio na comunidade joanina.¹⁶ Bortolini é um autor que sustenta as mesmas conclusões sobre a comunidade.¹⁷

Para Koester, a Palestina também é o ambiente natural do movimento joanino, porém a comunidade estaria fora da jurisdição do Sinédrio.¹⁸ Esse autor difere do anterior e afirma que o evangelho de João é um testemunho de uma compreensão gnóstica da tradição dos ditos de Jesus e de uma interpretação espiritualizada dos sacramentos.¹⁹

Outro dado importante e que deve ser levado em consideração é o fato de que a comunidade joanina estava em conflito com outras comunidades. Bertolini aponta conflito com: a) o “mundo” (no seu modo de pensar “mundo” aqui se refere ao sistema injusto que se opõe à ação de vida trazida por Jesus.); b) os judeus; c) seguidores de João Batista; d) cristãos ligados à instituição judaica; e) judeus que

⁶ MAGGIONI, Bruno; FABRIS, Rinaldo. **Os Evangelhos (II)**. 3.ed. São Paulo: Loyola, 1998, p. 341.

⁷ BROWN, R. E. **A comunidade do discípulo amado**. São Paulo: Paulus, 1999, p. 61.

⁸ BORTOLINI, José. **Como ler o evangelho de João: o caminho da vida**. São Paulo: Paulus, 2005, p. 11.

⁹ BORTOLINI, 2005, p. 9.

¹⁰ SCHNELLE, Udo. **Teologia do Novo Testamento**. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2010. p. 861.

¹¹ KOESTER, Helmut. **Introdução ao Novo Testamento: história e literatura do cristianismo primitivo**. São Paulo: Paulus, 2005, vol. 2, p. 194.

¹² BORTOLINI, 2005, p. 7.

¹³ BROWN, 1999, p. 40.

¹⁴ BROWN, 1999, p. 40.

¹⁵ BROWN, 1999, p. 39.

¹⁶ BROWN, 1999, p. 57.

¹⁷ BORTOLINI, 2005, p. 8.

¹⁸ KOESTER, 2005, vol. 2, p. 198.

¹⁹ KOESTER, 2005, vol. 2, p. 197.

foram expulsos ou abandonaram a Sinagoga e; f) as comunidades apostólicas.²⁰

Brown por sua vez vai dizer que a comunidade joanina tinha conflitos com os seguintes grupos: a) o “mundo” (esse autor deduz que as referências joaninas ao “mundo” se devem ao fato de que a comunidade joanina já tinha se relacionado bastante com os não-judeus a ponto de pensar que muitos deles não estavam dispostos a aceitar Jesus, assim como os judeus, portanto “mundo” era um termo conveniente para abranger tal oposição); b) os judeus; c) os adeptos de João Batista; d) Os criptocristãos (judeus cristãos dentro da Sinagoga); e) As igrejas de cristãos judeus de fé inadequada e; f) Os cristãos das igrejas apostólicas.²¹

3. ANÁLISE LITERÁRIA

Nesta seção pretende-se analisar alguns aspectos literários do texto em questão. Primeiramente, será feita uma análise lexicográfica, que nada mais é do que uma análise do vocabulário utilizado no texto. Separou-se apenas aqueles vocábulos que se consideram os mais importantes para a compreensão do texto.

Logo em seguida, analisa-se o gênero literário a qual pertence. Não é possível ter uma adequada compreensão do texto sem saber antes a que gênero literário ele pertence. Por fim, apresenta-se alguns dados específicos do Evangelho de João que se julgaram importantes para a devida compreensão de João 6.16-21.

3.1 VOCABULÁRIO

As palavras que foram escolhidas para a análise semântica mais detalhada e que são consideradas como as mais relevantes para o entendimento da perícopa são: mar (θάλασσαν / *thálassan*); escuro (σκοτία / *skotía*); caminhando (περιπατοῦντα / *peripatounta*), medo (ἐφοβήθησαν / *ephobēthesan* e φοβεῖσθε / *phobeisthē*) e Eu sou (Ἐγώ εἰμι / *Egō eimi*).

Mar (θάλασσαν): o “mar” neste texto é o que se chama hoje de o Lago da Galileia, porém no período da formação dos Evangelhos era comum chamar este lago de ‘mar’. Diferentemente dos gregos e dos fenícios, que eram povos marítimos, os israelitas nunca se arriscaram ao mar. Na teologia hebraica observa-se o mar em diversas passagens bíblicas: uma maravilha da criação (Sl 93.3s), o mar foi criado por Deus (Sl 95.5; 146.6), que o organizou fixando-lhes limites (Gn 1.9). Assim, Deus detém o poder sobre ele (Is 51.9; Jó 38.8-11), e a passagem pelo mar Vermelho ou mar de Juncos é uma das suas provas claras (Êx 14.16; Sl 106.9). Jesus exhibe que o poder de Deus está em suas mãos, pois o mar obedece às suas palavras (Mc 4.39) e ele caminha sobre as águas em João 6.19.

Além disso, o mar sempre impressionou a imaginação dos homens por causa da sua força destrutiva (Ez 26.3-4), de sua impetuosidade (Jó 38.8), de sua imensidão (Jó 11.9), de sua profundidade (Jn 2.6 s.) e dos assombros que ele encerra (Dn 7.2; Ap 13.1).²²

Bauer também faz uma análise desta palavra neste contexto. Para este autor nas culturas arcaicas, geralmente encontra-se a ideia de uma divindade do mar, o mais das vezes sob forma masculina, domando todas as águas, bem como a crença em distintos espíritos e demônios que habitam rios, fontes, etc. Nas cosmogonias dos antigos povos orientais sublinha-se o caráter agressivo do mar divinizado, o qual é vencido numa teomaquia. O próprio Gênesis 1 faz lembrar, em diversas passagens, as cosmogonias extrabíblicas; entretanto, o sentido da narrativa é totalmente diferente, pois manifesta, antes de mais nada, o poder, a personalidade e a absoluta autoridade de Javé sobre o mar. Assim como Javé no Gênesis mostra a sua força/autoridade sobre o mar, Jesus também o faz aqui neste texto quando caminha sobre as águas. Vela ressaltar que o único personagem que caminha sobre a água, em

²⁰ BORTOLINI, 2005, p. 9-10.

²¹ BROWN, 1999, p. 65-92.

²² REID, Daniel G. (org.). **Dicionário enciclopédico da Bíblia**. São Paulo: Loyola, Paulus, Paulinas, 2013, p. 855.

todo Antigo Testamento, é o próprio Deus.²³

Ainda nas palavras de Bauer os textos poéticos e proféticos do Antigo Testamento, descrevem a posição de Javé frente ao mar, usam imagens de combate e luta (Sl 104.6ss; Jó 38.8ss.) e de aniquilamento (Jó 9.8). É sobretudo frequente a citação de uma luta de Javé com os monstros marítimos (Jó 3.8; Sl 74.13; Is 27.1). Sendo assim, o mar desempenha também seu papel na apocalíptica e na escatologia bíblica. O mar oculta os inimigos de Deus (Sl 68.23; Am 9.3), bem como trevas e espíritos imundos (Mc 5.13). As águas do *tebôm* fazem crescer a árvore que representa o Egito, inimigo de Deus (Dn 7.2s; Ap 13.1-8), o bramir do mar é sinal da volta de Cristo (Lc 21.25) e só no fim dos tempos o mar desaparecerá, e com ele os perigos de destruição e da morte (Ap 21.11).²⁴

No texto de João o caminhar de Jesus sobre as águas ocorre entre a multiplicação dos pães e a explicação deste evento na sinagoga de Cafarnaum, onde Jesus se autointitula como sendo “o Pão da Vida” (Jo 6.34). Para alguns autores, como Maia que afirma que:

O poder de Deus se faz presente em Jesus ao dominar as forças adversas do mar. Este sinal, testemunhado apenas pelos discípulos, quer prepará-los para aceitar na fé a mensagem sobre o Pão da Vida que Jesus pronunciará na sinagoga de Cafarnaum (6.26-59). Referido sinal tem caráter de revelação e predispõe a escutar o ensinamento que se lhes seguirá sobre a fé. Os sinais no Quarto Evangelho querem chamar a atenção para a pessoa de Jesus, para sua obra - que são ações nas quais ele revela sua identidade divina: “Eu Sou” (Εγώ εἰμι). O “Eu Sou” (Εγώ εἰμι) de Jesus na epifania do lago iluminará a revelação que Jesus fará de si mesmo ao identificar-se com o Pão da Vida (vv. 35, 48, 58), e aos discípulos nos momentos difíceis quando terão que excluir todo temor para confessar com Pedro: “Tu tens palavras de vida eterna. És o Santo de Deus” (vv. 68-69). É clara, pois, a mútua relação que mantém entre si o sinal do caminhar sobre as águas e o discurso de Cafarnaum. O maná que os israelitas comeram no deserto e a passagem pelo mar estão intimamente unidos à evocação de sua primeira páscoa; a multiplicação dos pães e o caminhar de Jesus sobre as águas estão intimamente unidos a outra Páscoa, que está próxima (v. 4), em que se propôs primeiro, e depois se instituiria, outro Pão da Vida. Este sinal prepara, então, o ato de fé.²⁵

Kenner prossegue na mesma linha argumentativa quando afirma que a alocação desta perícopie neste contexto talvez tenha lembrado aos primeiros leitores a travessia do mar realizado nos tempos de Moisés.²⁶

Escuro (σκοτία): escuridão ou sombra. Brown e Coenen afirmam que:

A escuridão se aplica primariamente ao estado caracterizado pela ausência da luz (...). Assim, o homem que pode ver pode ficar cego na escuridão (...). Assim, a escuridão aparece como ‘esfera do perigo objetivo e da ansiedade subjetiva’.

O Novo Testamento emprega este grupo de palavras tanto no sentido literário como (mais geralmente) no sentido figurado. Ocorre com relativa frequência. *Skotos* 30 vezes; *skotia* 17 vezes, das quais 14 estão na literatura de João, sendo que ambos os termos significam ‘escuridão’ ou ‘trevas’ (...). Este senhorio de Deus se demonstra sobretudo em Jesus Cristo, a Quem Ele enviou para o mundo a fim de chamar Seu povo santo das trevas para a Sua maravilhosa luz (1Pe 2.9), para o reino do Filho do Seu amor (Cl 1.13). Este tema é retomado especialmente por João, que faz muito uso da metáfora da luz e das trevas. No prólogo do seu Evangelho é introduzido como um tema principal: ‘A luz resplandece nas trevas, e as trevas não prevaleceram contra ela’ (Jo 1.5). A luz e as trevas são colocadas em oposição nos escritos de João, assim como acontece com outros pares de opostos (vida e morte; verdade e mentira). Estes opostos são mutuamente exclusivos, como na pergunta retórica de Paulo, ‘Que comunhão pode haver entre a luz e as trevas?’ (2Co 6.14). Uma decisão precisa ser feita em prol de uma ou outra, em prol de Deus ou contra Ele, pois Ele é a luz em Quem não há treva nenhuma (1Jo 1:5), ou, para ser mais

²³ KEENER, Craig S. **Comentário Histórico-Cultural da Bíblia**: Novo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 2017, p. 316.

²⁴ BAUER, Johnnes B. (Edit.). **Dicionário bíblico teológico**. São Paulo: Loyola, 2000, vol. 2, p. 658-660.

²⁵ MAIA, Tânia M. Couto. **Cristo, Pão da Vida (Jo 6.1-71)**. Fortaleza: Kairós Revista Acadêmica da Prainha Ano VII/2, 2010, p. 216.

²⁶ KEENER, 2017, p. 315.

preciso, em prol de ou contra Jesus Cristo que declarou ser a luz (Jo 12.46; cf. 8.12). É Sua Pessoa que providencia o padrão. Aquele que O rejeita se condena no mesmo ato (Jo 3.18-19). Aquele que nEle crê (Jo 12.46), do outro lado, e que a Ele segue (Jo 8.12), já não anda nas trevas.²⁷

De acordo com Carson, “as palavras: já estava escuro, e Jesus não tinha ido até onde eles estavam” podem ser simbólicas, como em João 3.2 e 13.30, em que a escuridão da noite e a ausência de Jesus estão poderosamente ligadas”.²⁸

Caminhando (περιπατοῦντα): andando ou caminhando. Os verbos são muito importantes para a interpretação de textos. Tenney nos diz que esse verbo “é usado tanto num sentido literal quanto figurativo. Quando usada figurativamente, tem a ver com a conduta ou maneira de vida, ou a observância das leis ou dos costumes”.²⁹

Craig S. Keener comenta que:

As ventanias eram frequentes no lago – ainda hoje são capazes de impedir que os barcos se arrisquem a navegar por ali. Dado o percurso de sua viagem (da margem nordeste à margem noroeste do lago), é provável que a travessia estivesse quase no fim; não havia mais a possibilidade de recuar. O fato de ainda não terem chegado indica que o vento contra o qual estão remando é forte (6.18). Os barcos pesqueiros eram equipados com remos; a vela não seria de muita utilidade nesse vendaval. (...) Vários milagres pagãos alegavam ser capazes de caminhar sobre a água, mas esse tipo de milagres não fazia parte da tradição judaica da Palestina. No Antigo Testamento, Moisés, Josué, Elias e Eliseu partiram a água, mas só Deus caminhou sobre ele (Jó 9.8; cf. Sl 77.19, texto muito próximo de Sl 78.24, que provavelmente é usado em Jo 6.31).³⁰

Tem surgido certa discussão em círculos acadêmicos quanto a Jesus ter caminhado sobre o mar ou ter acompanhado os discípulos caminhando nas margens do mar. Sobre isto F. F. Bruce comenta:

Alguns comentaristas acham que João queria dizer que eles estavam acompanhando a costa e viram Jesus cortando caminho pelo mar. Na verdade, a frase *epi tēs thalassēs* pode ter este sentido quando o contexto o exige (como em 21.1), mas o relato sinótico usa os mesmos termos neste incidente (Mt 14.26; Mc 6.48s.), onde, com certeza o sentido é *sobre o mar*. Mateus 14.25 usa a frase *epi tēs thalassēs* (“sobre o mar”) no mesmo sentido, e tanto Mateus (14.24) como Marcos (6.47) dizem que o barco estava “no meio do mar”. É verdade que os termos dos sinóticos não podem determinar a exegese de João, mas João não costuma disfarçar o elemento milagroso na narrativa do seu evangelho.³¹

D. A. Carson complementa esse pensamento ao afirmar que “o contexto se torna o critério dominante”.³² Se os discípulos simplesmente viram Jesus andando perto do lago, é difícil imaginar por que teriam se assustado. Não pode haver dúvida razoável de que os sinóticos e João igualmente retratam esse evento como um milagre”.³³

Medo (ἐφοβήθησαν; φοβεῖσθε): terror, medo. Para Brown e Coenen, *phobos* e seus cognatos (ex. φοβεῖσθε) são frequentes no sentido de “medo”, “temor” e “reverência” diante de Deus (e.g. At 9.31; 2Co 7.1; Cl 3.22; cf. Ef 5.21, onde o objeto é Cristo). Este temor que sobrevém aos homens ao terem um encontro com Deus ou Seus mensageiros é evidente nas narrativas dos milagres de Jesus e dos apóstolos, como também nos aparecimentos de Cristo e dos anjos. Aqui no texto de João 6.20, assim como no Antigo Testamento, encontra-se repetidas vezes o mandamento “Não temas!” Ocorre no plural na história do nascimento de Cristo (Lc 2.10), de Jesus andando sobre as águas (Mt 14.27; Mc

²⁷ BROWN; COENEN, 1998, Vol. 1, p. 701.

²⁸ CARSON, D. A. **O comentário de João**. Santo Amaro: Shedd, 2007, p. 276.

²⁹ TENNEY, Merrill C. (org.). **Enciclopédia da Bíblia**. São Paulo: Cultura Cristã, 2008, vol. 1, p. 299.

³⁰ KEENER, 2017, p. 315-316.

³¹ BRUCE, F. F. **João: introdução e comentário**. São Paulo: Vida Nova, 2008, p. 135.

³² CARSON, 2007, p. 276.

³³ CARSON, 2007, p. 276.

6.50), da transfiguração (Mt 17.7), e das palavras dos anjos e de Jesus no túmulo vazio (Mt 28.5,10).³⁴

Segundo Kittel e Friedrich:

Expressões que contenham palavras do grupo φόβος quase sempre descreve uma reação humana a encontros enérgicos. A escala das reações pode variar de terror espontâneo e ansiedade a honra e respeito, que prontamente pressupõe uma reflexão frente ao mistério da experiência. Consequentemente a validação da reação do medo traz consigo o entendimento da própria existência. Isso sempre oferece acesso ao autoconhecimento religioso do indivíduo e do grupo.³⁵

Eu sou (Εγώ εἰμι): para Kittel e Friedrich aqui (Evangelho de João) o εγώ é uma característica estilística das falas revelatórias do Filho de Deus que constitui a parte principal da pregação de Jesus. Em João o εγώ tem um maior significado conceptual. Uma longa série de *I-sayings* (frases de Jesus sobre si próprio) referem-se à relação do Filho com o Pai, que João concebe mais próxima e estreita que os Evangelhos Sinópticos. O εγώ cristológico no Evangelho de João é a palavra-chave para a visão cristocêntrica de mundo.³⁶ Para Reid:

As declarações “Eu sou” são peculiares ao Evangelho de João. Quando acompanhadas de um predicado (“pão da vida”, “luz do mundo”, “videira”), Jesus está falando da salvação que oferece aos seres humanos. Os casos sem predicado (Jo 8.24,28,58) são mais difíceis de interpretar. No Antigo Testamento, a expressão “Eu sou” é encontrada em situações em que Deus se revela a Israel. Também ocorre, notoriamente, como nome de Deus (“Eu sou o que sou”). Observe-se, porém, que na LXX a tradução dessa passagem crucial de Êxodo 3.14 é “Eu sou aquele que é”, ressaltando que a essência do ser ou da natureza de Deus é a existência divina e única: Deus é.

As declarações absolutas “Eu sou” têm nesse Evangelho o claro propósito de revelar algo acerca da pessoa de Jesus e constituem uma fórmula que faz alusão à forma veterotestamentária de revelação divina. No entanto, Jesus não está apenas usando um nome divino comum para se referir a si mesmo. A sua afirmação não foi entendida como “Eu sou Javé”. Em vez disso, como revelam essas declarações, especialmente em João 8, Jesus afirma partilhar da existência eterna de Deus. Ele possui vida em si mesmo (Jo 5.26) e poder para dar a própria vida e retomá-la (Jo 10.17,18). Também tem poder para dar vida aos que guardam a sua palavra (Jo 8.51; 17.2), exercendo assim a prerrogativa divina peculiar de dar vida. Em João 8, num dos debates mais acalorados com seus adversários, sobre o contraste com o tipo de vida de Abraão, a qual veio a existir (*genesthai*), a afirmação de Jesus de que “antes de Abraão existisse, Eu Sou” (Jo 8.58) mostra que seu tipo de vida é simplesmente “ser” (*egō eimi*, no tempo presente). Essas afirmações ecoam o que talvez seja o tema central do Evangelho de João: Jesus possui e medeia a vida eterna (Jo 20.30,31; v. Jo 3.16,36; 4.14,53; 5.21-26; 6.33,35,44,51-58,68; 8.12; 10.10,17,18; 11.25; 14.6; 17.2,3).³⁷

Alguns autores discordam deste posicionamento quanto a esta questão. Um exemplo é D.A. Carson, o qual afirma que as palavras em grego não querem dizer nada especial, assim os discípulos devem ter entendido a afirmação de Jesus apenas como uma autoidentificação, um simples “Sou Eu”.³⁸

Porém, muitos teólogos não veem esse texto com a simplicidade que Carson observa. São exemplos: J. Konnings, que declara que o termo “sou eu” evoca a atmosfera da teofania, mesmo que o primeiro sentido da expressão seja identificar a pessoa de Jesus é inevitável a associação com o nome

³⁴ BROWN; COENEN, 1998, p. 1266.

³⁵ “Expressions containing words of the φόβος group always describe a reaction to man’s encounter with force. The scale of reactions ranges from spontaneous terror and anxiety to honor and respect, which already presuppose mastery of the experience through reflection. Hence evaluation of the reaction of fear is closely bound up with the understanding of one’s own existence. It also offers access to the religious self-understanding of specific individuals and group” (KITTEL, G.; FRIEDRICH, G. **Theological Dictionary of the New Testament**. Grand Rapids: Eerdmans, 1997, vol. 9, p. 192).

³⁶ “Here the εγώ is a characteristic stylistic feature of the revelatory speeches of the Son of God which constitute the major part of the preaching of Jesus. (...) In John the εγώ takes on greater conceptual fullness and significance. A long series of I-sayings refers to the relationship of the Son to the Father, which John conceives of far more narrowly and strictly than the Synoptist. (...) The christological εγώ in John’s Gospel is the catchword for a christocentric view of the world” (KITTEL; FRIEDRICH, 1997, p. 351).

³⁷ REID, 2012, p. 753-754.

³⁸ CARSON, 2007, p. 277.

de Deus, YHWH³⁹; Pheme Perkins comenta que diferentemente dos sinóticos João não conta este relato como uma história sobre a fé dos discípulos, mas como uma epifania para identificar Jesus como Deus⁴⁰; W. de Boor, por fim, acrescenta que não é o agir de Jesus que o faz Senhor e Salvador, antes é o que ele é, seu ser, que é a fonte de todas as suas ações, por isso o “Sou eu” possui sublimidade divina e é o mesmo “Eu Sou” que veio ao encontro de Moisés na sarça ardente.⁴¹

3.2 GÊNERO LITERÁRIO

Uma leitura superficial do texto o enquadraria no gênero de narrativas de milagres; abaixo constata-se o porquê dessa classificação estar equivocada.

Segundo Berger a narrativa de milagre não é um gênero literário à parte.⁴² Nas suas palavras, “o conceito de milagre/narrativa de milagre não indica um gênero literário; é antes uma descrição moderna de uma maneira antiga de se entender a realidade”.⁴³

As narrativas de milagres no Novo Testamento pertencem a outros tipos de gêneros literários. Os mais importantes são: narrativa sobre conflitos, demonstração, petição, simpósios, narrativas sobre a execução de uma ordem, ações simbólicas, relatos de prodígios, narrativas sobre conhecer e reconhecer, relatos de teofanias, biografia básica e relatos de visões.⁴⁴

Este texto é, portanto, classificado como Relatos de visões e audições, mais especificamente como Esclarecimento, isto é, “interpretação do que era enigmático. São textos em que se esclarece a identidade de um ser antes desconhecido. (...) É por esse meio que a identidade de Jesus é ‘esclarecida’ num acontecimento revelador”.⁴⁵

3.3 DADOS ESPECÍFICOS DO EVANGELHO DE JOÃO

Dois dados específicos do Evangelho chamam muito a atenção no texto de João 6.16-21. São eles: a figura do Discípulo Amado e a afirmação “Eu sou”.

Já foi dito anteriormente que um dos grupos com os quais a comunidade joanina estava em conflito era com os cristãos das igrejas apostólicas. Por causa disso existe no texto um contraste sempre muito forte entre Pedro e Discípulo Amado, que é o herói dessa comunidade. Contrapondo o seu herói ao mais famoso dos apóstolos a comunidade joanina está simbolicamente contrapondo-se a si mesma com às igrejas que veneram Pedro e os demais apóstolos.⁴⁶ Para atestar sua posição o autor utiliza vários exemplos:

Em cinco das seis passagens nas quais ele é mencionado, o Discípulo Amado aparece explicitamente em contraste com Pedro: em 13.23-26, o Discípulo Amado reclina-se sobre o peito de Jesus, enquanto Pedro faz um sinal, pedindo-lhe informação; em 18.15-16 o Discípulo Amado pode acompanhar Jesus até dentro do palácio do sumo sacerdote, enquanto Pedro não pode entrar sem a sua ajuda. Em 20.2-10 o Discípulo Amado corre na frente de Pedro para o túmulo e, segundo lemos, só ele acreditou com base no que viu aí; em 21.7 o Discípulo Amado reconhece Jesus em pé na praia do mar de Tiberíades e diz a Pedro que o vulto é Jesus; em 21.20-23, quando Pedro, com um certo ciúme, interroga sobre a sorte do Discípulo Amado, Jesus lhe responde: “Se eu quero que ele permaneça até que eu venha, que importa?” Numa sexta passagem (19.26-27), em que o Discípulo Amado aparece ao pé da cruz, o contraste é implícito: Pedro é um dos que se dispersaram e abandonaram Jesus (16.32). Tais contrastes não podem ser acidentais,

³⁹ KONINGS, Johan. *Evangelho Segundo João: amor e fidelidade*. São Paulo: Loyola, 2005, p. 153.

⁴⁰ BROWN; FITZMYER; MURPHY, 2011, p. 768.

⁴¹ DE BOOR, Werner. *Evangelho de João: Comentário Esperança*. Curitiba: Esperança, 2002, p. 92.

⁴² BERGER, Klaus. *As formas literárias do Novo Testamento*. São Paulo: Loyola, 1998, p. 255.

⁴³ BERGER, 1998, p. 276.

⁴⁴ BERGER, 1998, p. 276.

⁴⁵ BERGER, 1998, p. 258.

⁴⁶ BROWN, 1999, p. 86-87.

especialmente quando em diversas cenas parece que João apresenta o Discípulo Amado para estabelecer o contraste.⁴⁷

É verdade que a figura do Discípulo Amado não está presente no texto, mas a sua influência é marcante já que em outra narrativa do Novo Testamento que relata Jesus andando sobre o lago (Mt 14.22-36) a figura de Pedro aparece como sendo aquele que Jesus chama para andar com ele sobre o mar e aqui o autor preferiu omitir esse fato (cabe a discussão se ele propositalmente omitiu essa parte ou ele compartilha da mesma fonte do relato de Mc 6.45-56).

Outro dado específico de João que o texto apresenta é a afirmação “Eu sou”, já analisada extensamente neste artigo. Essa afirmação é prova de uma cristologia mais alta que os Sinópticos. Como afirma Brown:

A Palavra que existia na presença de Deus antes da criação tornou-se carne em Jesus (Jo 1.1-14); vindo ao mundo uma luz (1.9-10; 8.12; 9.5), ele pode revelar Deus porque ele é o único que desceu do céu e viu a face de Deus e ouviu a sua voz (3.13; 5.37); ele é um com o Pai (10.30), de modo que vê-lo é ver o Pai (14.9); na verdade, ele pode falar como o divino EU SOU.⁴⁸

Portanto, “se o Nome de Deus (Eu Sou) é símbolo de sua verdadeira natureza, então a revelação do Nome que Cristo faz (Sou Eu), é aquela unidade do Pai e do Filho da qual dá testemunho”.⁴⁹ João aqui então faz o que é característico do seu Evangelho, que é apresentar Jesus como “a Palavra de Deus feita carne”⁵⁰, traçando uma linha que liga o Jesus histórico ao Cristo da fé.⁵¹

4. HERMENÊUTICA

Para Uwe Wegner, “hermenêutica” designa os princípios que regem a interpretação do texto, enquanto a exegese descreve as etapas que cabe dar em cada interpretação.⁵² Porém, neste trabalho definiu-se “hermenêutica” nos mesmos termos que definiram Fee e Stuart, que é “procurar a relevância contemporânea dos textos antigos”.⁵³

4.1 IDEIA PRINCIPAL DO TEXTO

Nessa narrativa de João esperava-se, assim como acontece nos Sinópticos, que Jesus caminhasse sobre o mar para ajudar os discípulos e que o milagre consistiria exatamente em aplacar a tempestade. Mas a ideia central do texto não é essa. João tem claramente uma outra intenção.

Em vez de uma tempestade acalmada pode-se falar de um desembarque milagroso (v.21). Mas nem isso interessa ao evangelista de modo particular. João não está desenvolvendo o tema de Cristo ajudando seus discípulos em dificuldades, mas quer antes dizer que Jesus é o Senhor majestoso, isento das limitações que a natureza impõe ao homem.

Em Jesus se manifesta a presença de Deus, majestoso e potente, livre e salvífico. Tudo isso está inserido no solene “Sou Eu” (v.20), que é equivalente do nome divino e, possivelmente, é o ponto central do episódio inteiro. Jesus escolheu o caminho do mar não tanto para apressar-se em ajudar os discípulos quanto para afirmar que ele é o Senhor, o Eu sou.⁵⁴

⁴⁷ BROWN, 1999, p. 86.

⁴⁸ BROWN, 1999, p. 47.

⁴⁹ DODD, 2003, p. 133.

⁵⁰ MARGUERAT, Daniel (org). **Novo Testamento: história, escritura e teologia**. São Paulo: Loyola, 2015, p. 462.

⁵¹ CULLMANN, Oscar. **A formação do Novo Testamento**. São Leopoldo: Sinodal, 2001, p. 34.

⁵² WEGNER, Uwe. **Exegese do Novo Testamento: manual de metodologia**. São Leopoldo: Sinodal, 2016, p. 21.

⁵³ FEE, Gordon D.; STUART, Douglas. **Entende o que lê?** Um guia para entender a Bíblia com auxílio da exegese e da hermenêutica. São Paulo: Vida Nova, 2011, p. 37.

⁵⁴ MAGGIONI; FABRIS, 1998, p. 341-342.

4.2 DADOS TEOLÓGICOS

Segundo Allen, há indícios nos relatos Sinóticos (Mc 6.30-33,45) para supor que os discípulos tenham encorajado o povo a ver Jesus como um novo Judas Macabeu (I Macabeus 1-4; II Macabeus 8-15). Se isto é verdade, explica-se por que não receberam bem, o seu Mestre, quando este buscou novo refúgio no monte, para orar “por si mesmo” (v.15; cf. Mc 6.46). Dispersada a multidão, o atribulado grupo se viu no meio da colina, fora do lar, temporariamente sem líder, quando a noite se aproximava veloz.⁵⁵

Separados de Jesus, os discípulos embarcam em direção a Cafarnaum. Por quê? Contrariamente ao relato sinótico, eles não foram obrigados por Jesus a precedê-lo na outra margem (Mc 6.45ss); sua partida só é motivada indiretamente pela observação “Ao entardecer”, que poderia sugerir um espera que se tornara vã. Outra observação segue o mesmo sentido: “Jesus ainda não viera encontrá-los”; ela se apresenta um pouco tarde no relato, quando os discípulos já embarcaram; mas, retardada assim, esta nota acentua mais ainda a ausência de Jesus. O leitor entra na pele dos discípulos: entregues a si mesmos, ficam suspensos pela volta daquele que os deixou.⁵⁶

O escuro (*skotía*) e a ausência de Jesus estão simbolicamente ligados⁵⁷, os discípulos estão envolvidos pelas trevas, já que a “luz” ainda não veio (v.17b, cf. Jo 1.5).⁵⁸ A tempestade também tem função no relato. Inspiradas em modelos bíblicos, ela salienta o caráter temível que o mar sempre teve para os hebreus. Embora o Criador lhe tenha fixado limites intransponíveis, o mar continua sendo na Bíblia⁵⁹ o domínio e o símbolo das forças malignas de que só Deus triunfa.⁶⁰

Assim Jesus vem. Não porque tenha visto, da margem, os discípulos esgotando-se de remar, como diz Mc 6.48. Em João, são os discípulos que “viram” Jesus aproximando-se da barca. O acontecimento é, pois, uma presença epifânica que, inesperada, não tem outro objetivo senão ela própria, e na qual transparece a condição sobre-humana daquele que se manifesta. “Ficaram com medo”, não porque acreditassem estar vendo um fantasma, mas diante de uma aparição numinosa, como nas teofanias bíblicas.⁶¹

Leon-Dufour se indaga sobre o final da perícopre: será que o fim do narro fala, apesar de tudo, de um salvamento? A resposta deve ser matizada. Na medida em que o mar agitado pelo vento representa uma situação ameaçadora, a terra representa o lugar contrário, onde o homem encontra segurança. Mais profundamente, é no exato instante em que os discípulos estão prontos para acolher Jesus que “o barco chega à terra para onde iam”: por acaso não equivale isso a dizer que, ao reconhecerem Jesus, eles passam logo do domínio da morte para o domínio da vida?⁶² Ou da insegurança e incerteza para a segurança e paz em Jesus?

4.3 APLICAÇÃO TEOLÓGICA

Nessa perícopre, observa-se que seguir na vida sem a presença do Mestre acarreta a mesma situação na qual estão os discípulos: sozinhos e em ao caos. A situação só se resolve quando aquele que tem o controle sobre todas as coisas, o Eu Sou, aparece e toma o controle da situação que os discípulos não têm nenhum controle.

A dificuldade em que Jesus tropeça é a mentalidade dos que persistem nas categorias do poder,

⁵⁵ ALLEN, Clifton J. (edit.). **Comentário Bíblico Broadman**. Rio de Janeiro: JUERP, 1987, p. 317.

⁵⁶ LEON-DUFOR, Xavier. **Leitura do Evangelho Segundo João**. São Paulo: Loyola, 1996, p. 89.

⁵⁷ CARSON, 2007, p. 276.

⁵⁸ KONINGS, 2005, p. 153.

⁵⁹ Como já se observou (3.1) na análise do uso da palavra mar (*θάλασσαν*/ *thálassan*) neste texto.

⁶⁰ LEON-DUFOR, 1996, p. 89-90.

⁶¹ LEON-DUFOR, 1996, p. 90-91.

⁶² LEON-DUFOR, 1996, p. 91-92.

querendo fazê-lo um Messias-rei (Jo 6.14-15). Cristo, entretanto, não tem a sua eficácia nesse tipo de poder, e sim no poder do amor, que o torna presente na vida do crente e o tira do domínio da morte e o traz à vida.⁶³

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo discorreu sobre o texto do Evangelho de João 6.16-21. Observa-se que ao utilizar-se várias abordagens da exegese conseguiu-se avaliar a época da composição do escrito, além dos prováveis locais de composição e ter um quadro geral da comunidade ao qual o autor remete o seu livro.

Na análise dos vocábulos expostos observou-se como eles são importantes para o pleno entendimento desta narrativa do livro de João. Sem esta análise seria difícil perceber algumas particularidades escondidas no texto.

Ao final deste trabalho o texto de João passou por uma análise hermenêutica, onde observou-se que o texto do capítulo 6.16-21 tinha por finalidade apresentar a divindade de Jesus, e seu controle sobre todas as situações e circunstâncias para a comunidade a qual o autor remeteu o seu escrito.

REFERÊNCIAS

- ALLEN, Clifton J. (Edit.). **Comentário Bíblico Broadman**. Rio de Janeiro: JUERP, 1987.
- BARRETO, Juan; MATEO, Juan. **O Evangelho de São João: análise linguística e comentário exegético**. São Paulo: Paulinas, 1989.
- BAUER, Johnnes B. (Edit.). **Dicionário bíblico teológico**. São Paulo: Loyola, 2000. Vol. 2.
- BERGER, Klaus. **As formas literárias do Novo Testamento**. São Paulo: Loyola, 1998.
- Bíblia Sagrada. **A Bíblia de Jerusalém**. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulinas, 2002.
- BORTOLINI, José. **Como ler o evangelho de João: o caminho da vida**. São Paulo: Paulus, 2005.
- BROWN, Colin; COENEN, Lothar (Org.). **Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Loyola, 1998.
- BROWN, R. E. **A comunidade do discípulo amado**. São Paulo: Paulus, 1999.
- BROWN, Raymond E.; FITZMYER, Joseph A.; MURPHY, Roland (Edits.). **Novo comentário bíblico São Jerônimo: Novo Testamento e artigos sistemáticos**. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2011.
- BRUCE, F. F. **João: introdução e comentário**. São Paulo: Vida Nova, 2008.
- CARSON, D. A. **O comentário de João**. Santo Amaro: Shedd, 2007.
- CULLMANN, Oscar. **A formação do Novo Testamento**. São Leopoldo: Sinodal, 2001.
- DE BOOR, Werner. **Evangelho de João: Comentário Esperança**. Curitiba: Esperança, 2002.
- DODD, Charles H. **A interpretação do quarto evangelho**. São Paulo: Teológica; Paulus, 2003.
- FEE, Gordon D.; STUART, Douglas. **Entende o que lêis? Um guia para entender a Bíblia com auxílio da exegese e da hermenêutica**. São Paulo: Vida Nova, 2011.

⁶³ BARRETO, Juan; MATEO, Juan. **O Evangelho de São João: análise linguística e comentário exegético**. São Paulo: Paulinas, 1989, p. 299.

- KEENER, Craig S. **Comentário histórico-cultural da bíblia**: Novo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 2017.
- KITTEL, G.; FRIEDRICH, G. **Theological Dictionary of the New Testament**. Grand Rapids: Eerdmans, 1997. Vol 2 e 9.
- KOESTER, Helmut. **Introdução ao Novo Testamento**: história e literatura do cristianismo primitivo. São Paulo: Paulus, 2005. Vol. 2.
- KONINGS, Johan. **Evangelho Segundo João**: amor e fidelidade. São Paulo: Loyola, 2005.
- LEON-DUFOR, Xavier. **Leitura do Evangelho Segundo João**. São Paulo: Loyola, 1996.
- LIMA, Maria de Lourdes Corrêa. **Exegese bíblica**: teoria e prática. São Paulo: Paulinas, 2014.
- MAGGIONI, Bruno; FABRIS, Rinaldo. **Os Evangelhos (II)**. 3.ed. São Paulo: Loyola, 1998.
- MAIA, Tânia M. Couto. **Cristo, Pão da Vida (Jo 6,1-71)**. Fortaleza: Kairós Revista Acadêmica da Prainha Ano VII/2, 2010.
- MARGUERAT, Daniel (org.). **Novo Testamento**: história, escritura e teologia. São Paulo: Loyola, 2015.
- REID, Daniel G. (Edit.). **Dicionário teológico do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova; Loyola, 2012.
- SCHNELLE, Udo. **Teologia do Novo Testamento**. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2010.
- TENNEY, Merrill C. (Org.). **Enciclopédia da Bíblia**. São Paulo: Cultura Cristã, 2008. Vol. 1.
- WEGNER, Uwe. **Exegese do Novo Testamento**: manual de metodologia. São Leopoldo: Sinodal, 2016.



*A Revista Batista Pioneira está licenciada com
uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações -
4.0 Internacional*

A SOLIDÃO ACOMPANHADA DE ELIAS, MIQUEIAS E JEREMIAS

THE LONELINESS ACCOMPANIED BY ELIAS, MICAIAS AND JEREMIAS

Ma. Suzinete Cristina da Silva Cobiak¹

RESUMO

O que é solidão? Por que grandes profetas do Senhor sentiram-se sozinhos? O que causa a depressão? São questões intrigantes que podem causar estranheza ao leitor das Escrituras Sagradas, afinal, como alguém chamado para levar a Palavra de Deus poderia entrar em depressão, ou sentir-se solitário? No entanto, Elias, Miqueias e Jeremias atravessaram situações que os levaram a pedir a morte. Mas, que sentimento os levou a isso? São questões intrigantes, extensas e complexas as quais não é possível esgotar em pouco tempo, porém torna-se viável traçar linhas gerais sobre cada tema proposto, destacando alguns dos pontos principais a respeito de cada um destes profetas com base nas Escrituras Sagradas e na interpretação de alguns autores que puderam corroborar com o entendimento sobre a vida dos profetas contida no Antigo Testamento.

Palavras-chave: Profeta. Solidão. Depressão. Sentimento. Fidelidade.

ABSTRACT

What is loneliness? Why did great prophets of the Lord feel alone? What causes depression? These are intriguing questions that can cause surprise to the reader of the Holy Scriptures, after all, how could someone called to carry the Word of God go into depression, or feel lonely? However, Elias, Micah and Jeremiah went through situations that led them to ask for death. But, what feeling led them to this? They are intriguing, extensive and complex questions that cannot be exhausted in a short time, but it becomes feasible to draw general lines on each proposed theme,

¹ A autora é bacharel em Teologia pela Faculdade Evangélica de São Paulo e Faculdade Unida de Vitória, Pós-Graduada em Exposição e Ensino da Bíblia pela Faculdade Teológica de São Paulo e Mestra em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná. E-mail: suzi_cobiak@hotmail.com

highlighting some of the main points regarding each of these prophets based on the Holy Scriptures and on the interpretation from some authors who were able to corroborate in the understanding of the life of the prophets contained in the Old Testament.

Keywords: Prophet. Loneliness. Depression. Feeling. Faithfulness.

INTRODUÇÃO

A inspiração deste artigo surgiu a partir da pesquisa para escrever sobre um tema que estivesse relacionado aos profetas do Antigo Testamento. Mas, quem foram os profetas do Antigo Testamento? Qual(is) papel(éis) desempenharam na sociedade de sua época? Como transmitiam sua mensagem? Qual a relevância de sua mensagem para hoje?

Assim, em meio à vastidão de escritos uma característica comum destacou-se. Por que vários profetas, sentindo-se sozinhos, clamaram ao Senhor desejando a morte? Interessante pensar que, muitas vezes, um profeta sente-se solitário mesmo no meio de sua comunidade. Outras vezes, foge e tenta isolar-se como fizeram Jonas e Elias.

O Antigo Testamento narra a história de muitos profetas que se sentiram sozinhos, entretanto, neste artigo, o foco será apenas a respeito de três deles, Elias, Miqueias e Jeremias, que partilharam de um sentimento comum aos três. Mesmo porque, o espaço não seria suficiente para explanar a jornada de todos, ficando este repositório para as Escrituras Sagradas.

Este artigo se propõe a discorrer não especificamente sobre a vida de cada profeta citado, mas destacar situações relevantes que descrevem quando cada um sentiu-se solitário, mesmo não estando sozinho. Característica peculiar de profetas do Antigo Testamento, mas também de muitos cristãos na contemporaneidade.

Que sentimento poderia ser tão forte a ponto de fazer um profeta de Deus pedir a morte? Seria solidão, ou depressão? Mas, como alguém escolhido e comissionado para levar a Palavra de Deus poderia entrar em depressão, ou sentir-se solitário?

É bem verdade que não há possibilidade de esgotar o assunto proposto, porém, em linhas gerais, discorrer as experiências vividas pelos servos do Senhor, poderá trazer novo “fôlego” para o leitor permanecer firme na fé, confiante de que não é o único que atravessa este tipo de percalço, mas que outros enfrentaram e venceram.

1. OS PROFETAS DO SENHOR NO AT

Quem foram os profetas do Antigo Testamento? Segundo Webster, Profeta, nas Escrituras, é uma pessoa iluminada, inspirada ou instruída por Deus para anunciar eventos futuros e aponta, como exemplo, Moisés, Elias, Davi, Isaías, etc.²

Segundo Davidson, o substantivo *nābî'* (נָבִי) significa “profeta” que seria “alguém inspirado e comissionado por Deus para instruir o povo e prever acontecimentos futuros”. Aponta que o termo é derivado do verbo *nābā'* (נָבַא) cujo significado seria “anunciar, profetizar, prever acontecimentos futuros e também, de modo geral, ensinar a vontade divina”.³

O primeiro indivíduo ao qual foi atribuído o termo profeta no Antigo Testamento, salvo engano, foi Abraão (Gn 20.7). Este trecho descreve o episódio quando o próprio Deus falou por meio de sonhos a Abimeleque, rei de Gerar, para que não tomasse Sara por sua mulher porque era mulher casada (Gn 20.3).

² [Prophet] in WEBSTER - Disponível em: [http://webstersdictionary1828.com/Dictionary/Prophet] (Não paginado).

³ DAVIDSON, Benjamin. **Léxico Analítico:** Hebraico e Caldaico. Tradução de Daniel de Oliveira e William Lane. São Paulo: Vida Nova, 2018, p. 796.

Para Gusso, vários são os títulos utilizados para os profetas no Antigo Testamento: Profeta, Vidente, Homem de Deus, Servo de Iavé, Mensageiro de Iavé Atalaia, Filho do Homem. Sendo este último se referindo a Ezequiel e o título poderia estar destacando a humanidade do profeta em contraste a Deus, bem como sendo ele um representante das demais pessoas.⁴

Acrescenta que, na Bíblia Hebraica, os escritos referentes aos profetas estão divididos em dois grupos: profetas anteriores e profetas posteriores. Porém, de acordo com o Cânon Cristão, estão divididos em Profetas Maiores e Profetas Menores, cuja divisão não é baseada em sua importância, mas na quantidade de material utilizado em suas composições. Todavia, não se deve esquecer aqueles homens e mulheres que foram reconhecidos como profetas na Bíblia: Abraão, Moisés, Elias, Débora, Hulda, entre outros.⁵

Existem, ainda, aqueles que profetizaram falsamente, com vistas a seus próprios interesses e não em transmitir as verdades do Senhor (Ez 13.17-23). Nesse sentido, considerando que o Senhor reputou como abominação as práticas de adivinhador, prognosticador, agoureiro, feiticeiro, etc (Dt 18.10-12), então, afirmou que despertaria um profeta como descrito por Moisés:

Eis que lhes suscitarei um profeta do meio de seus irmãos, como tu, e porei as minhas palavras na sua boca, e ele lhes falará tudo o que eu lhe ordenar.

E será que qualquer que não ouvir as minhas palavras, que ele falar em meu nome, eu o requererei dele.

Porém o profeta que presumir soberbamente de falar alguma palavra em meu nome, que eu lhe não tenho mandado falar, ou o que falar em nome de outros deuses, o tal profeta morrerá (Dt 18.18-20).

Culver relaciona cinco sinais anunciados sobre a confirmação do profeta:

1) o profeta deve ser israelita[...]; 2) ele fala em nome de Yaweh, incorrendo em pena de morte no caso de falsamente alegar que fala em nome de Deus [...]; 3) o conhecimento sobrenatural do futuro próximo deveria ser um sinal de que fora realmente designado por Deus [...]; e 5) o teste derradeiro é a estrita conformidade às revelações anteriormente confirmadas e que vieram por intermédio primeiramente de Moisés e posteriormente pelos profetas que o seguiram.⁶

Segundo Baker e Arnald, biblicamente, os profetas desempenharam um papel na sociedade como a monarquia e o sacerdócio, e obtinham sua autoridade tendo origem a partir de um chamado de Deus, sendo mensageiros ou servos dele.⁷

Elias, por exemplo, não deixou livro contendo um título em seu nome, mas, sem dúvida, tem que ser relacionado entre os mais relevantes. Seu nome no texto em hebraico é *'ēlyāhū* (אֱלִיָּהוּ) = “*Yaweh é meu Deus*”.⁸ Ele surge pela primeira vez em 1 Reis 17.1, confrontando o rei Acabe “que fez muito mais para irritar ao Senhor, Deus de Israel, do que todos os reis de Israel que foram antes dele” (1Rs 16.33). A Bíblia não aponta sua genealogia, apenas informa que nasceu em Tisbe, em Gileade.⁹

Willmington relaciona os eventos da vida de Elias de forma bem sucinta:

Prediz a seca; alimentado por corvos (1Rs 17.1-7)

Ajuda uma viúva; ressuscita o filho dela (1Rs 17.8-24)

Derrota os profetas de Baal (1Rs 18.17-40)

⁴ GUSSO, Antônio Renato. **Os Profetas Maiores**: introdução fundamental e auxílios para a interpretação. Curitiba: ADSantos, 2014, p. 15, 16.

⁵ GUSSO, 2014, p. 8,9.

⁶ CULVER, Robert D. *In*: HARRIS, R. Laird; ARCHER Jr., Gleason L.; WALTKE, Bruce K. **Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento**. Tradução de Márcio Loureiro Redondo, Luiz A. T. Sayão, Carlos Osvaldo C. Pinto. São Paulo: Vida Nova, 1998, p. 906.

⁷ BAKER, David W.; ARNOLD, Bill T. **Faces do Antigo Testamento**: um exame das pesquisas recentes. Tradução de Lena Aranha. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 265.

⁸ MORAES, Elias Soares. **Dicionário etimológico de nomes bíblicos**. São Paulo: Beit Shalom, 2010, p. 167.

⁹ **BÍBLIA de Estudo Nova Versão Transformadora**. Tradução de Susana Klassen [et. Al]. São Paulo: Mundo Cristão, 2018, p. 592.

Foi ministrado quando em desespero (1Rs 19.1-18)
 Nomeia Eliseu como seu sucessor (1Rs 19.19-21)
 Condena Acabe e Jezabel (1Rs 21.17-24)
 Levado ao céu (2Rs 2.1-11).¹⁰

No entanto, parece, consideravelmente, melhor se descrito da seguinte forma: Profetizou que não choveria por três anos e meio, e assim ocorreu; durante esta grande seca, bebeu água de um rio e foi alimentado, milagrosamente, por corvos que lhe traziam carne e pão todos os dias; desafiou e derrotou 850 profetas que não serviam ao Senhor; nomeou outro profeta para sucedê-lo que foi responsável pelo dobro dos milagres que o próprio Elias protagonizou.

Assim, resumir os eventos da vida de Elias desta maneira, incluindo a forma como foi levado ao céu, não demonstra a grandiosidade de seu ministério assim como o extraordinário momento em que “...um carro de fogo, com cavalos de fogo, os separou um do outro; e Elias subiu ao céu num redemoinho” (2Rs 2.11).

Outro profeta que merece destaque é Miqueias, seu nome, em Hebraico, é *mîkâ* (מִיְקָה) = “quem é como Yaweh?”.¹¹ As Escrituras informam que ele era de Moresete e que as palavras do Senhor vieram sobre ele durante os anos em que Jotão, Acaz e Ezequias foram reis de Judá. As visões diziam respeito a Samaria e a Jerusalém (Mq 1.1).¹² No Cânon Cristão, seus escritos fazem parte da relação dos profetas menores, ou seja, seu livro fazia parte de um livro só conhecido como o Livro dos Doze.¹³

Como afirma Gardner, existem poucas informações remanescentes sobre Miqueias além da pequena introdução de seu livro (Mq 1.1), porém, ele também é mencionado em Jeremias 26.18 que repete suas palavras registradas em Miqueias 3.12.¹⁴ Afirma, ainda, que:

a despeito de Miqueias referir-se a si mesmo como morastita, ele parece estar bem familiarizado com a política, a cultura e a religião de Jerusalém. Em nenhum outro lugar isso fica tão claro como nos assim chamados “textos de advertência”, aquelas passagens onde Yaweh diz que iniciou um processo judicial contra seu povo por causa da desobediência dele à aliança.¹⁵

Segundo Willmington, o livro de Miqueias pode ser dividido em duas partes: Denúncia de Israel (1-3) e Consolação para Israel (4-7).¹⁶ Entretanto, torna-se importante destacar que, no capítulo 6, Miqueias implora pelo arrependimento de Israel e clama que sejam sábios:

Ó povo, o Senhor já lhe declarou o que é bom e o que ele requer de você: que pratique a justiça, ame a misericórdia e ande humildemente com seu Deus. Se forem sábios, temam o Senhor... (Mq 6.8-9).

Infelizmente, não deram ouvidos ao seu clamor, assim, no capítulo 7 é possível observar a tristeza do profeta que se sente sozinho (Mq 7.1-6). Contudo, num rompante de fé, ele declara que esperará no Senhor, que confia que ainda que caia, tornará a se levantar porque o Senhor protege o seu povo (Mq 7.8-14).

No verso 15, o Senhor confirma que fará grandes milagres como fez no passado, quando os resgatou da terra do Egito. Nos versos seguintes, Miqueias continua louvando ao Senhor e finaliza o capítulo relembando a aliança entre Deus e seu povo: “Tu nos mostrarás tua fidelidade e teu amor como prometeste há muito tempo a Abraão e a Jacó, nossos antepassados” (Mq 7.20).

Semelhantemente, outro profeta que merece destaque é Jeremias, em hebraico, *yir' m' yāhū* (יְרֵמְיָהוּ).

¹⁰ WILLMINGTON, Harold L. **Manual de discernimento bíblico**. Tradução de Jorge Camargo, Lena Aranha, Regina Aranha. São Paulo: Templus, 2012, p. 249.

¹¹ MORAES, 2010, p. 270.

¹² BÍBLIA NVT, 2018, p. 1432.

¹³ GUSSO, 2014, p. 9.

¹⁴ GARDNER, Paul. **Quem é quem na Bíblia?** Tradução de Josué Ribeiro. São Paulo: Vida, 2005, p. 461.

¹⁵ GARDNER, 2005, p. 462.

¹⁶ WILLMINGTON, 2012, p. 536.

= “Yaweh exaltou, levantou”¹⁷, baseando-se em Jeremias 1.1, Gardner aponta que Jeremias nasceu em Anatote, uma pequena vila cerca de 5 quilômetros ao norte de Jerusalém. Seu pai chamava-se Hilquias, um sacerdote, provavelmente descendente do sumo sacerdote Abiatar, a quem o rei Salomão banuiu para Anatote (1Rs 2.20).¹⁸

Separado e nomeado para ser profeta antes de seu nascimento (Jr 1.5), não se casou (Jr 16.1-2) e dedicou toda sua vida adulta ao ministério profético. Segundo Willmington, Jeremias ministrou de aproximadamente 627 a.C. até 580 a.C., principalmente em Jerusalém; e proclamou a palavra de Deus referente a cinco áreas: Deus, Pecado, O remédio de Deus para o pecado, A pessoa de Deus para prover o remédio, O plano de Deus para a humanidade redimida.¹⁹

É interessante observar dois aspectos distintos de sua personalidade que se destacam nos registros do livro. Por um lado, sua fidelidade e convicção para pregar e por outro, suas crises existenciais como bem descreve Gardner:

1) muitas de suas profecias e as narrativas sobre sua vida revelam sua fidelidade ao Senhor. Suas declarações públicas de condenação encontraram muita resistência no reino do Sul, mesmo assim continuou a anunciar que os pecados de Judá tinham condenado Jerusalém à destruição e sua população ao exílio.

2) com profundas crises existenciais, ele era atormentado por depressão, dúvida e falta de esperança. Jeremias lamentava a traição de seus amigos, familiares e questionava-se sobre seu ministério; ficava impaciente, aguardando o cumprimento da palavra do Senhor; pediu vingança do Senhor contra seus inimigos. Em Jeremias 20.7-18, chegou a clamar a Deus sentindo-se iludido: “*Iludiste-me, ó Senhor; iludido fiquei*” (Jr 20:7) e amaldiçoou o dia de seu nascimento (Jr 20.14-18).²⁰

Como algumas das características únicas de Jeremias, é possível apontar: 1) Ele foi o único profeta que Deus proibiu de orar por sua nação (“*Tu, pois, não ores por este povo, nem levantes por ele clamor ou oração, nem me importunes, porque eu não te ouvirei*” - Jr 7.16); 2) Ele registrou uma narrativa como testemunha ocular da queda de Jerusalém (Jr 39).

Elias não deixou um livro escrito, mas seus feitos estão registrados em 1 e 2 Reis. Miqueias e Jeremias são bibliônimos²¹, ou seja, possuem nomes de livros de reputação universal. Três profetas sendo um classificado como orador, ou seja, não deixou livro escrito, um da relação dos profetas menores e um dos profetas maiores. Evidentemente não são classificados dessa forma com base na qualidade ou autoridade dos profetas em si, mas na existência de livros escritos em seu nome, ou não, e na quantidade de material utilizado em seus livros.

Willmington aponta que Elias atuou como profeta no período de 875 - 800 a.C., Miqueias de 740 - 690 a.C. e Jeremias de 627 a 580 a.C.²² Três profetas que viveram e atuaram em épocas diferentes, todavia compartilharam de um mesmo sentimento, solidão, que será exposto no próximo tópico.

2. A SOLIDÃO DOS PROFETAS

De acordo com o dicionário, solidão é o estado de quem está só, retirado do mundo, ou de quem se sente desta forma mesmo estando rodeado por outras pessoas; isolamento. Solidão é sinônimo de: afastamento, encolhimento, isolamento, retiro, retraimento, ermo.²³

¹⁷ MORAES, 2010, p. 234.

¹⁸ GARDNER, 2005, p. 317.

¹⁹ WILLMINGTON, 2012, p. 393.

²⁰ GARDNER, 2005, p. 320.

²¹ MORAES, 2010, p. 9.

²² WILLMINGTON, 2012, p. 393.

²³ [Solidão] *Irx*: DICIO, Dicionário Online de Português - Disponível em: [https://www.dicio.com.br/solidao/] (Não paginado).

Segundo Pinheiro e Tamayo²⁴, no que concerne à definição de solidão, foram registradas dimensões do fenômeno que são ressaltadas por estudiosos em vários aspectos: falta de objetivo e significado de vida; reação emocional; sentimento de isolamento e separação; deficiência nos relacionamentos e carência de intimidade; entre outros.

Ao analisar o primeiro aspecto, isto é, “falta de objetivo e significado de vida” e, considerando que os profetas tinham um objetivo e significado na vida, ou seja, tinham conhecimento da importância de seu chamado para servir ao Senhor, dificilmente este aspecto seria o motivo do sentimento de solidão dos profetas.

O segundo aspecto elencado “reação emocional”, poderia ser um motivo se for levada em consideração a constante rebeldia do povo de Deus e perseverança em pecar, o que, neste caso, podem ter ocasionado a solidão como “reação emocional”, por esgotamento emocional.

No entanto, ao observar mais detidamente os relatos bíblicos, de todos estes aspectos, o que mais parece descrever a situação que ocasionava a solidão dos profetas seria o “sentimento de isolamento e separação”, pois, considerando a cosmovisão do povo Hebreu cujos ensinamentos seriam no sentido de viver unidos, sentem-se como um (Sl 133:1). Como explica Tenney, os membros de um clã, descendiam de um ancestral comum, e assim consideravam-se como parentes e sentiam obrigação de ajudar e proteger uns aos outros.²⁵

Nesse sentido, quando um indivíduo recebia um chamado para ser profeta do Senhor como, por exemplo, quando o Senhor chamou a Jeremias (Jr 1.5), o termo utilizado no hebraico foi *hiq' ddašb' ttikā* (הִקְדַּשְׁתָּ אֶתְּכֶם²⁶ = derivado de *qādash* - קָדַשׁ = “ser santo”, “santificar”, “consagrar”, “dedicar”²⁷; no modo hifil²⁸, isto é, modo causativo (que, normalmente, expressa uma ação que envolve outra pessoa)²⁹ cujo significado passa a ser que Jeremias *foi santificado, consagrado, dedicado*, o que independe de sua vontade, o Senhor o fez.

Diante do exposto, o indivíduo separado para ser profeta deveria administrar psicologicamente sua cosmovisão para entender que estava no meio de seu povo, mas era separado ao Senhor, ou seja, teria que saber separar a forma de sua vida pessoal para aquela que foi designada pelo Senhor.

Desse modo, o profeta tinha o entendimento que deveria ser fiel ao Senhor, ter uma vida que fosse condizente com seu chamado, o que poderia fazer com que se distanciasse de quem tivesse uma vida desregrada, mesmo que este fosse seu parente próximo.

Pinheiro e Tamayo, citando Moustakas, afirmam que a experiência de solidão é tão profundamente vivida e sentida, que não deixa espaço algum para qualquer outra percepção, sentimento ou consciência, durante sua permanência.³⁰

O que parece justificar o trecho bíblico de 1 Reis 19.4-7 que descreve quando o profeta Elias, após as ameaças de morte de Jezabel, foge para o deserto, se assenta desanimado debaixo de uma árvore e pede que o Senhor o leve. Dorme, é tocado por um anjo que o anima e alimenta, porém, Elias come, bebe e torna a deitar-se. O anjo insiste tocando-o novamente e diz para que ele se levante e se alimente, pois longo será seu caminho.

²⁴ PINHEIRO, Ângela de A. A.; TAMAYO, Álvaro. Conceituação e definição de solidão. *Rev. de Psicologia*, Fortaleza, 2 (1): 29-37, jan./jun.1984. Disponível em: [http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/10614/1/1984_art_aaapinheiroatamayo.pdf]. Acessado em 07/11/2020, p. 30.

²⁵ TENNEY, Merrill C.; PACKER, J. I.; WHITE Jr, William. *Vida cotidiana nos tempos bíblicos*. Tradução de Luiz Aparecido Caruso. Miami: Vida, 1980, p. 12.

²⁶ **BÍBLIA Hebraica Stuttgartensia**. Editio quinta emendata. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1997, p. 780.

²⁷ HATZAMRI, Abraham; HATZAMARI, Shoshana More. **Dicionário-Português-Hebraico e Hebraico-Português**. 2.ed. São Paulo: SÉFER, 2010, p. 285.

²⁸ KERR, Guilherme. **Gramática Elementar da Língua Hebraica**. Campinas: 1948. Disponível em: [https://archive.org/details/gramaticaelement00kerr/mode/2up]. Acessado em 21/04/2020, p. 151.

²⁹ GUSSO, Antônio Renato. **Gramática Instrumental do Hebraico**. 3.ed. São Paulo: Vida Nova, 2017, p. 151.

³⁰ PINHEIRO; TAMAYO, 1980, p. 32.

Quem lê este trecho, superficialmente, pode até ficar estarecido, afinal, como pode um indivíduo ser acordado por um anjo, ser alimentado por ele e voltar a dormir? No entanto, observando a explicação sobre o aspecto da solidão como “sentimento de isolamento e separação” é possível perceber que Elias passou por uma desestabilização psicológica e emocional tão grande que se sentiu só e pensou ter perdido o controle da situação em que se encontrava.

Elias esqueceu-se de quem o havia comissionado a agir, esqueceu-se de que o Criador dos céus e da terra é quem o havia chamado e que nada Lhe escapa do controle. A presença de um anjo a seu lado não foi suficiente para que seu problema fosse resolvido, Elias caminhou mais 40 dias e 40 noites, refugiou-se em uma caverna e foi assistido pelo Senhor em toda Sua sabedoria.

O Senhor chamou a atenção de Elias com demonstrações poderosas na natureza (vento, terremoto e fogo), apenas para que ele despertasse daquela crise, então falou mansamente, ou seja, com todo o carinho para que pudesse ajudá-lo. Tudo isso porque a solidão abate o espírito do homem, não deixando que raciocine coerentemente.

Segundo um artigo publicado pela *Helpguide*³¹, alguns dos sintomas de depressão consistem em: perda de energia, perda de interesse nas atividades diárias, comportamento imprudente ou irracionalidade, etc. Além de alguns fatores de risco que podem tornar o indivíduo ainda mais suscetível ao desenvolvimento de depressão como, por exemplo, “solidão e isolamento”, que o fará expressar fortes sentimentos de desesperança, que podem levá-lo a desejar a morte.

Desse modo, é possível perceber o cuidado de Deus para com os profetas que estavam sentindo-se sozinhos. Ele sempre pronunciava uma palavra a eles, ou estabelecia um diálogo, como fez com Elias o chamando à reflexão tentando trazê-lo à coerência, como a seguinte frase: *mab-leka pōb 'ēlyāhū* (מה-לֵךְ פֹּה־אֵלְיָהוּ)³² = “Que fazes aqui, Elias?” (1Rs 19.9).³³ Interessante observar que o advérbio em hebraico utilizado pelo Senhor foi *pōb* (פֹּה = aqui)³⁴ e não *shām* (שָׁם = aí)³⁵, o que significa que o Senhor estava junto dele e não falando à distância.

Deus estava lá com o profeta: As ações de Deus para com seu profeta demonstram Sua disposição de cuidar dele. Se procurar trabalhar com uma pessoa que sofre de depressão, algumas de suas ações podem ser mal avaliadas, ou até ignoradas, como Elias que, aparentemente, não percebeu que fora alimentado por um anjo.

Deus conversou com o profeta: “Que fazes aqui Elias?” (1Rs 19.9). Deus faz a pergunta a Elias e, ao fazê-lo, convida o profeta a falar. Inicialmente, Elias, de dentro da caverna, tenta justificar sua atitude tentando narrar os acontecimentos ao Senhor como se Ele não soubesse de todas as coisas:

E ele disse: Tenho sido muito zeloso pelo Senhor, Deus dos Exércitos, porque os filhos de Israel deixaram o teu concerto, derribaram os teus altares e mataram os teus profetas à espada; e eu fiquei só, e buscam a minha vida para me tirarem (1Rs 19.10).

Deus providenciou: A ação seguinte de Deus foi chamá-lo para fora da caverna e, demonstrando uma pequena partícula de Seu poder, busca fazê-lo raciocinar coerentemente mais uma vez:

E ele lhe disse: Sai para fora e põe-te neste monte perante a face do Senhor. E eis que passava o Senhor, como também um grande e forte vento, que fendia os montes e quebrava as penhas diante da face do Senhor; porém o Senhor não estava no vento; e, depois do vento, um terremoto; também o Senhor não estava no terremoto; e, depois do terremoto, um fogo; porém também o Senhor não estava no fogo; e, depois do fogo, uma voz mansa e delicada (1Rs 19.11,12).

³¹ SMITH, Melinda; ROBINSON, Lawrence; SEGAL, Jeanne. **Sintomas de depressão e sinais de alerta**. 2020. Disponível em: [https://www.helpguide.org/home-pages/depression.htm]. Acesso em 09/11/2020, não paginado.

³² BÍBLIA Hebraica Stuttgartensia, 1997, p. 607.

³³ **BÍBLIA de Estudo Plenitude**. Tradução Almeida Revista e Corrigida. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2001, p. 377.

³⁴ HATZAMRI, 2010, p. 258.

³⁵ HATZAMRI, 2010, p. 9.

Deus teve paciência: Depois de tantas maravilhas realizadas pelo Senhor, somente quando Elias ouviu uma “voz mansa e delicada” decidiu sair da caverna. E, mais uma vez, repete toda sua justificativa para o Senhor:

E ele disse: Eu tenho sido em extremo zeloso pelo Senhor, Deus dos Exércitos, porque os filhos de Israel deixaram o teu concerto, derribaram os teus altares e mataram os teus profetas à espada; e eu fiquei só, e buscam a minha vida para me tirarem (1Rs 19.14).

Então o Senhor o orienta e o envia para mais uma missão para preparar aquela que seria sua possível “aposentadoria”:

E o Senhor lhe disse: Vai, volta pelo teu caminho para o deserto de Damasco, vem e unge a Hazael rei sobre a Síria.

Também a Jeú, filho de Ninsi, ungirás rei de Israel e também Eliseu, filho de Safate, de Abel-Meolá, ungirás profeta em teu lugar.

E há de ser que o que escapar da espada de Hazael, mata-lo-á Jeú; e o que escapar da espada de Jeú, matá-lo-á Eliseu (1Rs 19.15-17).

Nas Escrituras existem inúmeros registros sobre o sentimento de solidão dos profetas no Antigo Testamento os quais o espaço não permite que sejam todos mencionados, no entanto, três deles destacam-se pela peculiaridade da situação que merecem ser observados em paralelo. São eles: Elias, Miqueias e Jeremias, os três atravessaram situações em que solitários, pensavam que estavam sozinhos, porém o Senhor nunca os deixou como será exposto a seguir.

3. O SENTIMENTO DE ELIAS, MIQUEIAS E JEREMIAS

Elias não é considerado um profeta escritor, pois não deixou textos escritos como vários outros o fizeram, porém, entre 1 Reis 17 e 2 Reis 2, a Bíblia tem registrada uma vastidão de conhecimento de milagres, ensinamentos, orientações, que foram registrados tendo este profeta como protagonista.

Apesar de ter sido poderosamente usado por Deus para realizar prodígios e repreender reis, um dia Elias sentiu-se sozinho. Mas o que aconteceu com aquele profeta que decretou seca por três anos e meio, foi alimentado por corvos, ressuscitou um morto, derrotou 850 profetas?

Após a ameaça feita por uma mulher, ele foge para o deserto, caminho de um dia, depois ora ao Senhor e pede a morte. Embora um anjo o alimentasse milagrosamente, Elias caminha mais quarenta dias e quarenta noites, entra em uma caverna e o Senhor lhe questiona como que dizendo: “o que aconteceu com você?” (1Rs 19.2-9).

Ao analisar a situação de Elias, nos dias atuais, é possível entender que após inúmeras dificuldades enfrentadas, ele, desgastado, entrou em depressão. Apesar de ser alimentado por um anjo e estar diante da voz do Senhor perguntando por que estava ali, o profeta, tentando justificar-se, passa a narrar tudo o que havia acontecido (1Rs 19.10) como se o Senhor não soubesse todas as coisas.

Assim, numa demonstração de amor incomparável, o Senhor o chama tentando se aproximar mais, demonstra uma parcela de sua magnitude com as intempéries da natureza (vento, terremoto e fogo), e, após toda esta demonstração de poder, chama mansa e delicadamente Elias, que sai da caverna com o rosto coberto por sua capa para Lhe atender (1Rs 19.11-13).

Prossegue-se um diálogo onde Elias afirma que não sobrou mais nenhum fiel, que ficou só e buscam matá-lo. O Senhor então lhe orienta para voltar, ungir dois reis e a Eliseu como seu sucessor. Elias obedece ao Senhor e seu final é bem conhecido, “... *um carro de fogo, com cavalos de fogo, os separou um do outro; e Elias subiu ao céu num redemoinho*” (2Rs 2.11).

Além de Elias, outro profeta que enfrentou um sentimento de solidão foi Miqueias. No capítulo 7, no trecho entre os versículos 1 a 6, o profeta faz uma analogia para transmitir a ideia de como se sente. Aparentando estar desesperançado, com pena de si mesmo, afirma que está como quem procura algo para comer e não encontra nada, fazendo menção da ordenança do Senhor em Levíticos para que

não se colhesse toda a colheita para que ficasse uma parte para o pobre (Lv 23.22).³⁶

Prossegue afirmando que não há mais nenhum fiel, que todos são assassinos preparando armadilhas até para os irmãos (Mq 7.2), profere denúncias contra os governantes e juizes, e avisa que está chegando a hora do castigo (Mq 7.3,4) e que não se deve confiar em ninguém, nem no melhor amigo, ou na sua esposa, ou nos familiares, pois os inimigos estão em sua própria casa (Mq 7.5,6).

Contudo, do versículo 7 em diante, transforma suas palavras de grande sofrimento à pura esperança e passa a louvar ao Senhor. No versículo 15 o Senhor lhe responde: “*Sim, realizarei grandes milagres em seu favor, como fiz quando os resgatei da terra do Egito.*” (Mq 7.15). Miqueias prossegue louvando ao Senhor (Mq 7.16-19) e finaliza o capítulo pedindo a Deus para mostrar Sua fidelidade e amor como prometeu a Abraão e a Jacó (Mq 7.20).

Outro profeta que enfrentou um sentimento de solidão foi Jeremias. No trecho de Jeremias 15.15-18, o profeta demonstra estar deprimido e, assim como Elias e Miqueias, tenta justificar-se diante do Senhor afirmando que, pelo fato de ser correto e íntegro diante dos demais que insistem em pecar, sente-se sozinho e perseguido. Acrescenta que não se deteve em buscar a Palavra de Deus, motivo de gozo e alegria por ser representante do Senhor, mas agora se sente sozinho e pensa se o Senhor poderia ser para ele “como ilusório ribeiro e como águas inconstantes”.

Contudo, o Senhor garante a Jeremias que se ele se voltasse para o Senhor, Deus seria com ele. Os inimigos poderiam se converter de seu caminho e se juntar ao profeta, mas este não deveria se juntar a eles em seu mau caminho. Em seguida, assim como fez com Elias, o Senhor confortou o profeta, garantiu estar com ele, guardando-o e livrando-o de seus inimigos, arrebatando-o da mão dos malignos e livrando-o das mãos dos fortes (Jr 15.19-21).

Todavia, quando inicia o capítulo 20, o sacerdote Pasur fere a Jeremias e o coloca no tronco, junto à porta de Benjamim, no templo do Senhor. Quando o tira do tronco, Jeremias o enfrenta e afirma que o Senhor não chama mais o sacerdote de Pasur³⁷, mas Magor-Missabibe, que significa “Terror por todos os lados”.³⁸

Acrescenta que o Senhor fará dele terror para si mesmo e todos os seus amigos, afirma que ele irá cativo para a Babilônia e lá morrerá. Também todo o Judá será entregue na mão do rei da Babilônia (Jr 20.4-6).

Entretanto, após ser usado poderosamente pelo Senhor, Jeremias demonstra, mais uma vez, um sentimento de profunda crise existencial. Diz que pensou até em não mais falar em nome do Senhor, porém, isso em seu coração foi como “fogo ardente, encerrado em seus ossos” (Jr 20.9).

Em seguida, afirma que sabe que o Senhor está com ele, seus inimigos tropeçarão e ficarão confundidos. Assim, louva ao Senhor fervorosamente (Jr 20.11-13) e, de igual modo, mais uma vez amaldiçoa o dia em que nasceu (Jr 20.14-18).

As dificuldades enfrentadas por Jeremias somente puderam ser vencidas porque, como prometeu, o Senhor sempre o susteve. Suas crises são perfeitamente entendidas quando se lê os fatos narrados com total empatia, inclusive, ao observar o livro seguinte que, em Português, recebeu o título de “Lamentações”, no entanto, tem-se melhor ideia quando observado no Hebraico *ʾykeá* (יְקֵא) cujo significado seria um adverbio interrogativo³⁹ derivado de *ʾy* (יָ = “onde?”).⁴⁰

Willmington aponta o contexto em que foi escrito o livro de Lamentações como sendo a partir da destruição de Jerusalém pelos exércitos da Babilônia e, tendo advertido Judá por 40 anos desse trágico

³⁶ “E, quando segardes a sega da vossa terra, não acabarás de segar os cantos do teu campo, nem colherás as espigas caídas da tua sega; para o pobre e para o estrangeiro as deixarás. Eu sou o Senhor, vosso Deus” (Lv 23.22).

³⁷ Pasur = “segurança em cada lado” (MORAES, 2010, p. 298).

³⁸ MORAES, 2010, p. 254.

³⁹ DAVIDSON, 2018, p. 157.

⁴⁰ HATZAMRI, 2010, p. 6.

fim, Jeremias transformou suas lágrimas em palavras enquanto descrevia a destruição de Jerusalém e do templo⁴¹. O que leva a pensar que o profeta estava tão angustiado que, praticamente, perguntava “onde estás?”, contudo, quando chega o capítulo 3, novamente reverte seu lamento em louvor ao Senhor; dor e angústia, fé e esperança, características bem presentes em seus livros.

O que traz à lembrança os outros dois profetas descritos anteriormente. Os eventos mencionados apontam que três grandes servos de Deus demonstraram sentimentos parecidos, pensavam estar sozinhos, achavam que não havia saída, mas não era bem assim. Que sentimento era esse?

Segundo o dicionário, Depressão é uma doença psiquiátrica que causa alterações de humor, definida por uma tristeza intensa e permanente, agregada à dor, à desesperança, à culpa etc., com ou sem razão aparente.⁴²

Em seu artigo, Canale⁴³ explica que o termo depressão era usado, inicialmente, para designar sintomas ou caracterizar estados mentais, sendo utilizado o nome “melancolia”, termo que também correspondia a um tipo de temperamento, um estado emocional baixo, infeliz, desanimado e triste. Após o século XVII, o conceito de melancolia, junto com todo o discurso psiquiátrico, modificou-se radicalmente. No século XIX, Pinel introduziu o termo melancolia ou delírio considerando-o uma insanidade parcial.

Acrescenta Canale que, no tratado de Kraepelin, o termo depressão foi introduzido como título de doença, com a denominação “psicose maníaco-depressiva”. Ao longo do século XX, vários termos foram estudados e debatidos, até passar a considerar a depressão como doença ou transtorno afetivo ou de humor.

Nesse sentido, ao observar a história de Elias, Miqueias, Jeremias e tantos outros que aparentemente tiveram os mesmos sintomas, é possível perceber que o estado espiritual do povo de Deus pode ter sido um fardo pesado para os profetas, mas o fato é que, em nenhum momento estavam sozinhos.

Em todos os exemplos é possível observar que os profetas achavam que estavam sozinhos, mas o Senhor, em todas as vezes, aparece falando com os profetas. O que demonstra ser, então, uma solidão acompanhada, ou assistida, pois o Senhor sempre esteve presente, observando, acompanhando, cuidando, provendo.

De igual modo, quantos servos do Senhor que levam Sua Palavra todos os dias pregando nos púlpitos com sinceridade, integridade e inteireza de coração, no entanto, ao atravessarem problemas econômicos, rebeldia na membresia da Igreja, traição, enfermidade, e tantos outros percalços possíveis, por vezes entram em depressão e sentem-se sozinhos?

Nesse sentido, a mensagem transmitida pelos profetas, não apenas pelo que profetizaram, mas por sua própria experiência de vida, torna-se de grande relevância para hoje. Não apenas pelos milagres narrados, mas também por trazer maiores detalhes sobre a fidelidade de Deus para com aqueles que o obedecem. Nenhum profeta esteve sozinho em momento algum!

Ao discorrer sobre o sentimento dos profetas do Senhor, não se pode esquecer que, graças à sua mensagem, é possível conhecer um pouco do caráter de Deus. Seu relacionamento com o Senhor transmite o modo como Ele quer relacionar-Se com seu povo.

Elias, quando pensou restar apenas ele, o Senhor que estava junto dele, afirmou que havia mais sete mil que não haviam dobrado os joelhos diante de Baal (1Rs 19.18). Miqueias, quando afirmou estar só, abandonado até pela família, o Senhor, junto dele, afirmou que realizaria grandes milagres em seu favor, como fez quando resgatou o povo de Israel da terra do Egito (Mq 7.15). Jeremias, quando

⁴¹ WILLMINGTON, 2012, p. 453.

⁴² [Depressão (psic)]. Disponível em: DICIO, Dicionário Online de Português. In: [https://www.dicio.com.br/ depressao/] (não paginado).

⁴³ [Depressão] Canale A, Furlan MMDP. Depressão. Arq Mudi. 2006;10(2):23-31 - Artigo disponível em: [http:// www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/ArqMudi/article/view/19991].

afirmou que estava sozinho e encheu-se de indignação com os pecados dos zombadores (Jr 15.17) e o Senhor, junto dele, declara que não o vencerão, pois está com ele para protegê-lo e livrá-lo (Jr 15.20).

Em todos os momentos o Senhor esteve com eles, como que atendendo ao pedido de outro grande profeta, Moisés:

...Se não nos acompanhares pessoalmente, não nos faças sair deste lugar. Se não nos acompanhares, como os outros saberão que meu povo e eu contamos com teu favor? Pois é tua presença em nosso meio que nos distingue, teu povo e eu, de todos os outros povos da terra”.

O Senhor respondeu a Moisés: “Certamente farei o que me pede, pois me agrado de você e o conheço pelo nome (Êx 33.15-17).

De igual modo, todo aquele que persevera em Nome do Senhor, sempre terá Seu cuidado! O que fazer para não entrar em depressão e sentir solidão? O Senhor responde: “... *Irá a minha presença contigo para te fazer descansar*” (Êx 33.14), então, basta descansar no Senhor!

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa seguiu a proposta inicial de explanar sobre as experiências vividas pelos servos do Senhor, os profetas Elias, Miqueias e Jeremias. Interessante descobrir que, se levar em consideração os apontamentos de Willmington, eles viveram em épocas diferentes, Elias atua como profeta no período de 875 - 800 a.C., Miqueias de 740 - 690 a.C. e Jeremias de 627 a 580 a.C., assim, entre a atuação de Elias para Miqueias há uma distância de 60 anos, e 63, entre Miqueias e Jeremias, no entanto, compartilharam de um mesmo sentimento, solidão.

Para discorrer sobre o sentimento dos profetas do Senhor, antes, não se deve esquecer que graças à sua mensagem é possível conhecer um pouco do caráter de Deus. O relacionamento dos profetas com o Senhor transmite o modo como Ele quer relacionar-Se com seu povo.

Os profetas do Antigo Testamento foram indivíduos que desempenharam tarefas muito relevantes. Realizavam milagres, enfrentavam reis e sacerdotes, que deixaram de atender às orientações de Deus, e anunciavam os planos de Deus que permanecia tentando se relacionar com o povo escolhido utilizando os profetas como seus porta-vozes.

Ao analisar a situação de Elias, Miqueias e Jeremias, é possível entender que após inúmeras dificuldades enfrentadas, eles ficaram desgastados, suas forças foram consumidas a tal ponto de pedirem a morte ao Senhor. O que aponta para um sentimento muito comum na contemporaneidade, eles entraram em depressão.

Outro detalhe significativo foi observar que a depressão e a solidão caminham de mãos dadas, o que faz com que o indivíduo, apesar de não estar sozinho, sentir-se solitário, mesmo em meio à multidão, ou em família; demonstrando ser um sentimento tão nocivo que a pessoa que sofre deste mal, beira à irracionalidade a ponto de desejar a morte.

Interessante perceber que o cuidado de Deus para com os profetas é que, mesmo sendo o Todo-Poderoso Criador dos céus e da terra, pacientemente, dirige-se ao ser humano falando mansa e suavemente como fez com Elias, entendendo que o profeta precisava que fosse assim.

Neste artigo foram descritas situações vividas por três profetas, mas que poderia facilmente ser descritas como sendo de muitos pregadores da Palavra de Deus na contemporaneidade que buscam ser fiéis em seu chamado, mas, por causa do desgaste das lutas diárias, sentem-se solitários, mesmo não estando sozinhos.

Elias pensava restar apenas ele, no entanto, o Senhor o informou que havia mais sete mil que permaneciam fiéis. De igual modo, a leitura deste artigo pode fazer com que um cristão se anime a permanecer firme na fé, sabendo que não é o único que atravessa percalços, mas que outros enfrentaram antes dele, e venceram com a certeza de que até podem estar solitários, mas sozinhos,

nunca! Acompanhados, sempre!

REFERÊNCIAS

BAKER, David W.; ARNOLD, Bill T. **Faces do Antigo Testamento**: um exame das pesquisas recentes. Tradução de Lena Aranha. Rio de Janeiro: CPAD, 2017.

BÍBLIA de Estudo Plenitude. Tradução Almeida Revista e Corrigida. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2001.

BÍBLIA de Estudo Nova Versão Transformadora. Tradução de Susana Klassen [et. Al]. São Paulo: Mundo Cristão, 2018.

BÍBLIA Hebraica Stuttgartensia. Editio quinta emendata. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1997.

Canale A, Furlan MMDP. **Depressão**. Arq Mudi. 2006;10(2):23-31 - Artigo disponível em: [<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/ArqMudi/article/view/19991>]. Acessado em 09/11/2020.

DAVIDSON, Benjamin. **Léxico Analítico**: Hebraico e Caldaico. Tradução de Daniel de Oliveira e William Lane. São Paulo: Vida Nova, 2018.

Depressão (psic). In: **DICIO**, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2020. Disponível em: [<https://www.dicio.com.br/depressao/>]. Acesso em 09/11/2020.

GARDNER, Paul. **Quem é quem na Bíblia?** Tradução de Josué Ribeiro. São Paulo: Vida, 2005.

GUSSO, Antônio Renato. **Gramática Instrumental do Hebraico**. 3.ed. São Paulo: Vida Nova, 2017.

GUSSO, Antônio Renato. **Os Profetas Maiores**: introdução fundamental e auxílios para a interpretação. Curitiba: ADSantos, 2014.

HARRIS, R. Laird; ARCHER Jr., Gleason L.; WALTKE, Bruce K. **Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento**. Tradução de Márcio Loureiro Redondo, Luiz A. T. Sayão, Carlos Osvaldo C. Pinto. São Paulo: Vida Nova, 1998.

HATZAMRI, Abraham; HATZAMARI, Shoshana More. **Dicionário-Português-Hebraico e Hebraico-Português**. 2.ed. São Paulo: SÊFER, 2010.

KERR, Guilherme. **Gramática Elementar da Língua Hebraica**. Campinas: 1948. Disponível em: [<https://archive.org/details/gramaticaelement00kerr/mode/2up>]. Acessado em 21/04/2020.

MORAES, Elias Soares. **Dicionário etimológico de nomes bíblicos**. São Paulo: Beit Shalom, 2010.

PINHEIRO, Ângela de A. A.; TAMAYO, Álvaro. Conceituação e definição de solidão. **Rev. de Psicologia**, Fortaleza, 2 (1): 29-37, jan./jun.1984. Disponível em: [http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/10614/1/1984_art_aaapinheiroatamayo.pdf]. Acessado em 07/11/2020.

SMITH, Melinda; ROBINSON, Lawrence; SEGAL, Jeanne. **Sintomas de depressão e sinais de alerta**. 2020. Disponível em: [<https://www.helpguide.org/home-pages/depression.htm>]. Acesso em 09/11/2020.

TENNEY, Merrill C.; PACKER, J. I.; WHITE Jr, William. **Vida cotidiana nos tempos bíblicos**. Tradução de Luiz Aparecido Caruso. Miami: Vida, 1980.

WILLMINGTON, Harold L. **Manual de discernimento bíblico**. Tradução de Jorge Camargo, Lena Aranha, Regina Aranha. São Paulo: Templus, 2012.



*A Revista Batista Pioneira está licenciada com
uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações -
4.0 Internacional*

PROPOSTA CURRICULAR DA EDUCAÇÃO CRISTÃ NA ÓTICA DA COSMOVISÃO CRISTÃ BÍBLICA

*CURRICULAR PROPOSAL OF CHRISTIAN EDUCATION UNDER DE
OPTICS OF BIBLICAL COSMOVISION*

Dr^a Gleyds Silva Domingues¹

RESUMO

A proposta a ser perseguida na investigação busca explicitar a relação que pode ser efetivada entre a proposta curricular e a cosmovisão bíblica no âmbito da Educação Cristã. Nesse sentido, o objetivo visa discutir sobre a instrumentalização dos pressupostos no processo de construção curricular e a maneira como eles podem ser aplicados ao processo da formação humana. Para que tal finalidade seja concretizada, a pesquisa segue uma abordagem qualitativa do tipo bibliográfica e descritiva. A intenção é apresentar argumentos que versem sobre os pressupostos da cosmovisão cristã a serem aplicados na formação humana, por intermédio do processo ensino e aprendizagem a ser concretizado na proposta curricular da instituição educativa quer seja de natureza formal e ou informal. A pergunta norteadora no plano da argumentação investiga de que maneira os pressupostos da cosmovisão cristã bíblica podem ser aplicados ao currículo e como eles serão materializados no contexto do ensino e da aprendizagem. Considera-se que a proposta curricular projeta a identidade da formação pretendida, por isso que se defende a necessidade de trabalhar com os pressupostos da cosmovisão bíblica em sua composição, porque eles são essenciais na constituição identitária do seu público-alvo.

Palavras-chave: Identidade. Pressupostos. Cosmovisão Bíblica. Currículo.

¹ Pós-Doutora em Educação e Religião. Doutora em Teologia. Mestre em Educação. Licenciada em Pedagogia e Educação Cristã. Bacharel em Direito e Teologia. Professora do Programa de Mestrado Profissional em Teologia das Faculdades Batista do Paraná e do Programa de Mestrado em Ministério da Carolina University. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Práxis Educativa na Formação e no Ensino Bíblico. Participante do grupo de Pesquisa: LAPPUC - Laboratório em pesquisa de políticas públicas, currículo e docência, com parceria com os seguintes Grupos de Pesquisa: Políticas de Currículo e Cultura/UERJ e Práxis Educativa na Formação e no Ensino Bíblico/FABAPAR. E-mail: gleyds2016@hotmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4254-321X>.

Educação Cristã.

ABSTRACT

The proposal to be pursued in the investigation seeks to explain the relation that can be implemented between the curricular proposal and the biblical cosmivision in the context of Christian Education. In this sense, the aim is to discuss the instrumentalization of assumptions in the process of curricular construction and the way in which they can be applied to the process of human formation. For this purpose to be achieved the research follows a qualitative approach of the bibliographic and descriptive type. The intention is to present arguments that deal with the assumptions of the Christian cosmivision to be applied in human formation, through the teaching and learning process to be implemented in the curricular proposal of the educational institution, whether formal or informal. The guiding question, in terms of argumentation, investigates how the assumptions of the biblical Christian cosmivision can be applied to the curriculum and how they will be materialized in the context of teaching and learning. It is considered that the curricular proposal projects the identity of the intended training, which is why the need to work with the assumptions of the biblical cosmivision in its composition is defended, because they are essential in the identity constitution of its target audience.

Keywords: Identity. Premises. Biblical Cosmivision. Curriculum. Christian Education.

INTRODUÇÃO

Uma das questões que chamam atenção no contexto da formação humana diz respeito ao processo educativo a ser desenvolvido por intermédio de uma proposta curricular e que corresponda às intencionalidades eleitas, entretanto, nem sempre é possível identificá-las na matriz formativa proposta, uma vez que é apresentada uma lista de disciplinas distribuídas em séries ou etapas escolares. Contudo, quando se trata da educação cristã faz-se necessário ter clareza na definição de seus pressupostos, porque são eles que nortearão não apenas a matriz eleita, mas o âmbito formativo a ser sistematizado no processo ensino e aprendizagem.

Defende-se que a matriz curricular no contexto da Educação Cristã precisa observar os pressupostos que sustentam a cosmivisão cristã bíblica, pois são eles que asseguram a identidade da instituição educativa, como dos sujeitos que serão impactados por sua ação. Essa ação é assegurada por lentes de interpretação que possibilitam não apenas olhar para a realidade, mas se tornam referências no processo de posicionar-se frente às situações vivenciadas.

Parte-se do princípio de que a cosmivisão cristã bíblica tem como fonte a revelação de Deus, - sua razão de ser está pautada na perspectiva teorreferente-, que explica a existência de todas as coisas pelo prisma da criação, queda, redenção e nova criação. Ou seja, os episódios bíblicos guardam relação entre si, na medida em que evidenciam a origem e o desenvolvimento do plano de Deus para o restabelecimento da aliança em Cristo Jesus. Não há como pensar a educação cristã distanciada dessa perspectiva.

Ainda, é preciso dizer que o processo formativo não está associado à conquista de felicidade humana e nem de sucesso. Antes, o que ele tem em mente parte de uma visão doxológica, ou seja, a formação humana é direcionada para o ato de glorificar a Deus em todos os âmbitos da vida. Glorificar é reconhecer a soberania de Deus sobre tudo e todos e, por esse motivo, o ser humano o adora com toda a força de sua mente e coração.

Ressalta-se que os pressupostos definidores da proposta formativa são os que possibilitam delinear o caminho a ser perseguido por aqueles que desenvolvem a matriz curricular, os educadores. Isso posiciona os educadores numa postura ativa e reativa. Ativa, porque eles orquestram a matriz curricular e os desdobramentos que se fazem necessários no estudo da disciplina e de seus conteúdos. Reativa, porque são eles que farão ponderações, correção de rotas e adaptações que são indispensáveis ao processo formativo.

É preciso atentar que, se as ponderações dos educadores cristãos não levarem em consideração a perspectiva teorreferente, isso pode ser prejudicial a todo o processo formativo a ser desenvolvido. Por isso, que se faz necessário ter clareza sobre as lentes da cosmovisão cristã bíblica, a fim de que não se perca a essência da finalidade educativa a ser alcançada.

O objetivo perseguido na pesquisa visa explicitar sobre a instrumentalização dos pressupostos no processo de construção curricular e a maneira como eles podem ser aplicados ao processo da formação humana. Para que tal finalidade seja concretizada, a pesquisa segue uma abordagem qualitativa do tipo bibliográfica e descritiva.

A intenção é apresentar argumentos que versem sobre os pressupostos da cosmovisão cristã a serem aplicados na formação humana, por intermédio do processo ensino e aprendizagem a ser concretizado na proposta curricular da instituição educativa seja ela de natureza formal e ou informal. A pergunta norteadora no plano da argumentação investiga de que maneira os pressupostos da cosmovisão cristã bíblica podem ser aplicados ao currículo e como eles serão materializados no contexto do ensino e da aprendizagem.

A partir dos pressupostos da cosmovisão cristã bíblica é possível delinear a proposta de currículo a ser materializada, isso porque é nela que se dinamiza o ato educativo, na medida em que se tem a compreensão sobre onde se quer chegar e qual o caminho traçado para tal fim.

1. E POR FALAR EM COSMOVISÃO CRISTÃ

O tema cosmovisão tem sido recorrente em vários contextos sociais, embora o sentido atribuído nem sempre demonstra conhecimento sobre o seu significado. É muito comum observar definições mais próximas da filosofia e que expressam uma visão particularizada de mundo, contudo, essa forma de explicação está distanciada do que se compreende por esse termo.

A palavra cosmovisão também não pode estar limitada a sua tradução “visão de mundo”, porque ela envolve elementos que impactam diretamente a maneira como homens e mulheres não apenas tecem leituras sobre a realidade, mas como fazem escolhas, decidem, pensam, creem, sentem e estabelecem relacionamentos. O significado de cosmovisão é abrangente e afeta a vida de grupos e indivíduos.

Para falar de cosmovisão cristã numa perspectiva bíblica, é preciso explicitar sobre o que se entende por cosmovisão. Afinal, o significado que lhe é atribuído irá nortear a construção das bases que fundamentarão um sistema de crenças. Essas bases se apresentam como diretrizes, conferindo sentido à vida em sua integralidade. Assim, assume-se o conceito de Sire quando afirma que:

Uma cosmovisão é um compromisso, uma orientação fundamental do coração, que pode ser expresso como uma narrativa ou como um conjunto de pressuposições (suposições que podem ser verdadeiras, parcialmente verdadeiras ou inteiramente falsas) que nós sustentamos (consciente ou inconscientemente) sobre a constituição básica da realidade, e que provê o fundamento sobre o qual vivemos, nos movemos e existimos.²

Nesse conceito, é possível observar quatro características importantes. A primeira é de ordem definidora, pois revela que a cosmovisão é um compromisso, uma orientação. Isso implica em dizer que ao assumir uma lente de interpretação, ela se apresenta como um compromisso e uma orientação eleita por um grupo social, que pode, mais tarde, vir a ser apropriada por cada indivíduo. Esse compromisso

² SIRE, James W. **Naming the elephant**: worldview as a concept. Downers Grove: Intervariety, 2004, p. 122 [Tradução própria].

expressa o envolvimento do grupo e do indivíduo com um sistema de crença que se crê ter respostas para as questões essenciais da vida.

Quando se fala de pressupostos de um sistema de crença não se faz menção apenas ao sobrenatural ou espiritual, mas aos âmbitos da compreensão humana, que envolvem a razão, a emoção e o julgamento para ação. É por esse motivo que não se terá apenas um olhar, antes a legitimação de uma cosmovisão que influenciará o seu posicionamento na realidade.

A segunda característica informa que uma cosmovisão tem como meio de expressão a narrativa. É por meio da narrativa que se conhece as bases e os pressupostos defendidos. Portanto, se se deseja conhecer uma cosmovisão, é preciso atentar para a história de sua formação e a maneira como o grupo social a concretiza e ou viabiliza na realidade social.

A partir dos pressupostos defendidos é possível identificar a força motriz que dinamiza as relações e os posicionamentos dos grupos sociais. Claro que esses pressupostos serão apropriados e absorvidos pelos indivíduos, quer seja de maneira consciente ou inconscientemente. É preciso ter clareza de que não são os indivíduos isoladamente que criam um sistema de crenças, antes ele pode ser fruto da prática social.

Os pressupostos são aqueles que sustentam a base das leituras efetivadas e que dão direção às respostas que o ser humano emite sobre as questões essenciais da vida. É claro que esses pressupostos são colocados à prova, quando se tornam alvos de questionamentos, porém, é preciso compreender que se ele resiste ao tempo, isso é indicativo de que são válidos e fornecem segurança sobre o sentido atribuído à vida. É válido dizer que eles fundamentam a razão de ser de um sistema de crenças. Assim, concorda-se com Nash ao declarar que:

Cosmovisão é um conjunto de crenças sobre as questões mais importantes da vida [...] é um esquema conceitual, pelo qual, consciente ou inconscientemente, aplicamos ou adequamos todas as coisas em que cremos e interpretamos e julgamos a realidade.³

Esta afirmação de Nash é esclarecedora, visto que indica a natureza de uma cosmovisão, enquanto um esquema conceitual que é aplicado na leitura, na interpretação e no julgamento da realidade. E se é um esquema conceitual existe uma premissa lógica que atribui razoabilidade e plausibilidade aos seus argumentos, diferenciando-os entre verdadeiro ou falso. Essa diferenciação torna-se um dos caminhos de eleição ou não de uma cosmovisão.

Ainda, é preciso esclarecer que o processo de eleição é responsável pelas leituras, interpretações e posicionamentos que se evidenciam no contexto social a partir de decisões e respostas que são dadas frente às problemáticas levantadas na realidade, o que sugere que não existe neutralidade nas ações humanas, elas são guiadas por sua cosmovisão.

A terceira característica aponta para o conteúdo da história cosmovisional. Esse conteúdo aborda sobre a constituição básica da realidade, então, ela se torna referência sobre as explicações lógicas da existência do cosmos e da humanidade. A partir dessas referências é que se pauta o sentido de ser, viver, mover e existir, como sua última característica.

Interessante constatar que a frase final apresentada por Sire na definição do conceito de cosmovisão -sobre o qual vivemos, nos movemos e existimos-, foi a mesma empregada pelo apóstolo Paulo na cidade de Atenas e que se encontra registrada no livro de Atos, capítulo 17, verso 28a. Nesse capítulo, o apóstolo faz a exposição sobre quem Deus é, e o seu plano redentor para toda a criação. Essa peculiaridade pode evidenciar que o seu conceito parte de pressupostos que estão centrados em uma perspectiva bíblica.

A partir do conceito geral de cosmovisão, apresentado por Sire, é definido o propósito da cosmovisão cristã a partir de oito pressupostos. Esses pressupostos dão expressividade e razão de ser

³ NASH, Ronald H. **Cosmovisões em conflito**: escolhendo o cristianismo em um mundo de ideias. Brasília: Monergismo, 2012, p. 25.

a maneira como homens e mulheres interpretam a realidade.

- 1- Deus é infinito e pessoal (triuno), transcendente e imanente, onisciente, soberano e bom;
- 2- Deus criou o cosmo *exnibilo* para operar com a uniformidade de causa e efeito num sistema aberto;
- 3- Os seres humanos são criados à imagem e semelhança de Deus e assim possuem personalidade, autotranscendência, inteligência, moralidade, senso gregário e criatividade;
- 4- Os seres humanos podem conhecer tanto o mundo a sua volta quanto o próprio Deus, porque Deus proveu com essa capacidade e assumiu um papel ativo na comunicação com eles;
- 5- Os seres humanos foram criados bons, mas pela Queda, a imagem de Deus foi desfigurada, embora não completamente arruinada a ponto de não ser possível de restauração; pela obra de Cristo, Deus redimiu a humanidade e começou o processo de restauração das pessoas para a bondade, embora qualquer pessoa possa escolher rejeitar redenção;
- 6- Para cada pessoa, a morte é ou o portão para vida com Deus e seu povo ou o portão para a separação eterna da única coisa que completaria, em última instância, as aspirações humanas;
- 7- A ética é transcendente e está baseada no caráter de Deus como bom (santo e amoroso);
- 8- A história é linear, uma sequência significativa de eventos que convergem para o cumprimento dos propósitos de Deus para a humanidade.⁴

Os pressupostos elencados por Sire possibilitam traçar o conteúdo a ser enfatizado pelo sistema de crenças e que são objetos da proposta formativa a ser desenvolvida. A cosmovisão cristã bíblica, enquanto sistema de crença, sustenta o significado da vida e, ainda, oferece as respostas às questões essenciais, as quais atribuem sentido a fé abraçada. A fé abraçada tem como base a verdade revelada, que contém princípios que norteiam as ações e as práticas daqueles que creem e por isso são indispensáveis no desenvolvimento e no crescimento da caminhada cristã

A partir da cosmovisão cristã bíblica, as questões essenciais a serem respondidas são: qual a realidade do universo; o que é o ser humano; o que acontece após a morte; e qual a base de moralidade entre os seres humanos. Isso revela que, a cosmovisão cristã ao responder às questões, favorecerá o ato de tecer leituras sobre a perspectiva teorreferente, a qual assume como centro do currículo a ação de Deus, o Criador de todas as coisas.

2. IDENTIFICAÇÃO DA CENTRALIDADE DO CURRÍCULO NA COSMOVISÃO CRISTÃ BÍBLICA

O currículo é um documento em que se pode encontrar a intencionalidade educativa a ser perseguida. Ele traz as digitais do processo formativo e por esse motivo a sua construção não pode ser distanciada da prática educativa, espaço da sua materialização. O currículo é portador de uma identidade que se efetiva no âmbito do ensino e da aprendizagem.

Ao aliar o currículo à cosmovisão cristã bíblica, o que se tem mente é a identidade do ser humano a ser consolidada. Essa identidade traduz o que se espera do ato formativo e como ele será desenvolvido ao longo de uma trajetória. Assume-se que a proposta curricular é projetiva, mas, também, é realística, uma vez que se considera um contexto objetivo e concreto.

Compreende-se que o currículo projetado precisa atingir mente e coração, no sentido de que eles sejam regenerados em Cristo. Ter a mente de Cristo é estar em sintonia direta com Deus, cumprindo sua vontade. Defende-se que “[...] o alvo da Educação Cristã é a mente espiritual renovada que libera vida e a autoridade de Deus e provê a habilidade para cumprir os comandos de Deus”.⁵ Nessa direção

⁴ SIRE, 2004, p. 30-47.

⁵ JEHLER, Paul. **Ensino e aprendizagem**: uma abordagem filosófica cristã. São Paulo: AECEP, 2015, p. 134.

que, é possível cumprir o “Ide” de fazer discípulos de todas as nações.

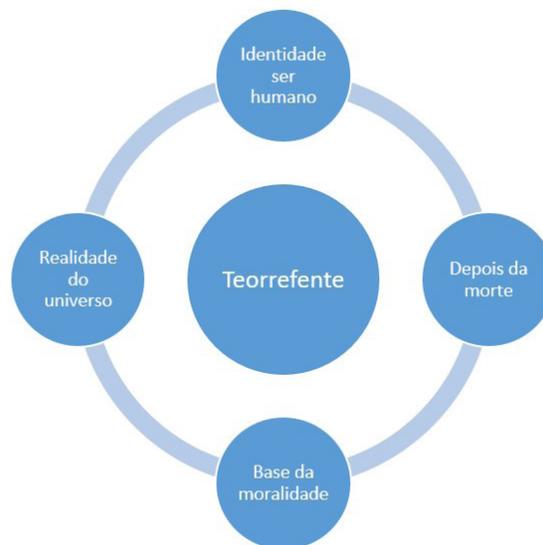
No contexto da Educação Cristã, o currículo precisa estar ancorado nos pressupostos que fazem parte da cosmovisão cristã bíblica. Os pressupostos lançam luzes sobre o sentido de ser da existência e da essência humanas, pois são reveladores do agir de Deus na história e dão evidências sobre os seus atributos. Compreende-se o plano providencial de Deus a partir de duas perspectivas: revelação geral e específica. A primeira se tem provas da existência de Deus a partir da sua criação; e a segunda, na pessoa de Cristo, que executou com excelência o seu propósito para a redenção da humanidade.

A Educação Cristã desenvolve um duplo propósito. O primeiro é apresentar os pressupostos que se fazem presentes na revelação; e o segundo, é formar as gerações para viverem segundo esses pressupostos. O ato de viver expressa a motivação e a razão de ser da formação pretendida. O viver requer posicionamento, atitude, decisão. Contudo, isso só ocorrerá se houver compreensão e significação do aprendente diante dos pressupostos que fundamentam a cosmovisão bíblica.

Não se adere a uma cosmovisão de forma despreziosa. Antes, é preciso encontrar razões e sentido que subsidiam as respostas mais profundas que o ser humano tece sobre o ato da sua existência. É essa apropriação que possibilita a aproximação de uma cosmovisão e o distanciamento de outras. Nesse sentido, cabe a Educação Cristã desenvolver os argumentos que dão base à cosmovisão e confrontá-los com outros posicionamentos.

A contraposição é sadia porque ela oportuniza o desenvolvimento do raciocínio lógico, ao mesmo tempo em que oferece a sistematização de argumentos em uma estrutura de pensamento sólida e que pode ser refletida, testada e comprovada, diante de outras afirmações contrárias ao que se é defendido. Cabe ao currículo observar tal desenvolvimento do conhecimento e adotar um caminho que seja consolidador das questões existenciais e que são respondidas pelos pressupostos que subsidiam a cosmovisão bíblica.

Figura 1: A centralidade curricular na Educação Cristã



Fonte: Domingues, 2023.

No centro do currículo da cosmovisão cristã bíblica existe uma premissa assumida de que não há sentido para a vida distanciada da perspectiva teorreferente, visto que é a partir dela que o ser humano compreende o significado de autoridade e soberania divinas, além de compreender-se a si mesmo. Ainda sobre a perspectiva teorreferente, é preciso dizer que toda a criação tem uma missão e um propósito, isso indica que em sua origem Deus pensou e planejou cuidadosa e organizadamente, o que

abrange sons, músicas, cores, tamanhos, formas, a fim de dar unidade e harmonia ao processo criado.

O ato da criação do ser humano é notável, porque ele indica que a sua origem está em Deus, enquanto imagem e semelhança do Criador. “Deus criou o homem à sua semelhança e lhe delegou autoridade sobre o resto da criação”.⁶ A atribuição dada por Deus ao ser humano ocorre por intermédio do mandato cultural e que sinaliza para um propósito específico: cuidar da criação. Para tal exercício, o ser humano precisava observar as regras e cumpri-las eficazmente. Ao fazer isso, ele estaria reconhecendo a soberania, o governo e autoridade de Deus, ao mesmo tempo, em que estaria retribuindo a Deus com a confiança que nele fora depositada.

Sobre o mandato cultural explicita-se que como parte do plano providencial de Deus, seu objetivo expressa que os seres humanos são coparticipantes da obra criadora e “ser formadores da cultura é intrínseco à natureza humana. Os seres humanos têm o mandato dado por Deus de desenvolver a criação”.⁷ Para isso, precisava honrar e proteger a vida.⁸

A missão do ser humano é glorificar a Deus e a do cristão é tornar esta missão conhecida de todos. DeMar afirma que é papel do cristão transformar o mundo, conduzido pela palavra da verdade, visto que, “à medida que trabalharem no mundo mediante o poder do Espírito Santo, o mundo será transformado”.⁹ Eis um princípio que não se pode esquecer: o poder de transformação vem de Deus e não do ser humano.

Cabe destacar que o episódio da queda desequilibrou a harmonia estabelecida entre Deus e o primeiro casal e desse com tudo o que existia no Jardim. “O resultado foi a rejeição de Adão e Eva do governo de Deus e demonstração de que, mesmo na atividade de raciocínio, eles foram bastante autossuficientes e independentes”.¹⁰ A sua escolha afetou a toda raça humana, que vive a partir desse episódio distanciada da presença de Deus (Rm 3.9-18; 8.6-8). Por isso que:

A Queda do homem do jardim do Reino é a queda de toda raça humana. Todo homem nasce fora do jardim; todo homem nasce rebelde ativo afirmando sua autonomia e independência do Deus da vida. A história da humanidade e das Escrituras vai mostrar que o estado da morte do homem significa que ele, de modo inevitável, escolhe odiar a Deus, pois essa é sua natureza exterior ao Éden [...]. O homem se tornou escravo do pecado.¹¹

Mesmo diante do episódio da Queda do primeiro casal, Deus apresenta seu plano providencial firmado na dispensação de sua graça e misericórdia (Gn 3.15). “A graça se refere à atitude de Deus para com os pecadores rebeldes ao usar de misericórdia para com eles- não só imerecida, mas exatamente o oposto do merecimento”.¹² O que indica que a graça e a misericórdia não são frutos do mérito humano, mas da vontade soberana de Deus. É por ela que se tem o perdão e a restauração da imagem corrompida pelo pecado.

O plano providencial foi sendo revelado na história registrada nas Escrituras, cujo ápice é Jesus (Sl 16.10; 22.16-18; 69.21; Is 53; Jr 23.5-6; Mq 5.3; Zc 9.9). É com Jesus que ocorre a redenção da criação e da humanidade. A obra da cruz foi completa, assim como as promessas feitas por Deus aos profetas, ao longo das narrativas encontradas no Antigo Testamento. A partir de Jesus Cristo, a aliança é restaurada. Essa aliança traz esperança do porvir e da vida eterna para todos aqueles que aceitarem a boa nova do evangelho. Afinal, “o sacrifício de Jesus na cruz do Calvário não só lançou as bases da nossa salvação, mas também satisfaz as exigências da lei de Deus. Foi um grande preço pago por Jesus

⁶ GOLDSWORTHY, Graeme. **Trilogia**: o evangelho e o Reino; o evangelho no apocalipse; o evangelho e a sabedoria. São Paulo: Shedd, 2016, p. 60.

⁷ WALSH, Brian; MIDDLETON, J. Richard. **A visão transformadora**. São Paulo: Cultura Cristã, 2010, p. 53.

⁸ JEHLER, 2015, p. 33.

⁹ DeMAR, Gary. **Quem controla a escola governa o mundo**. Brasília: Monergismo, 2014, p. 66.

¹⁰ GOLDSWORTHY, 2016, p. 61.

¹¹ GOLDSWORTHY, 2016, p. 63.

¹² GOLDSWORTHY, 2016, p. 63.

em também a maior expressão do amor de Deus”.¹³

A de ressaltar que a base da moralidade se encontra em Deus. E ele “sempre estabelece o padrão mais elevado possível diante de nós para que venhamos a depender Dele”.¹⁴ E se assim o é, o seu padrão moral é perfeito e santo, não existe espaço para o erro, para senões e relativizações. A ética de Deus é absoluta, pois nela se situa o princípio da verdade que permite conhecer e fazer distinções entre certo e errado. A sua verdade foi revelada em Cristo é por isso que “Ser cristão é reconhecer em Jesus Cristo o objetivo de todas as coisas, incluindo-se o alvo da história da redenção”.¹⁵

A verdade de Deus não é sobre o ser humano, mas como toda a criação foi restaurada em Cristo Jesus. Assim, “a verdade da palavra de Deus não pode ser sujeita à luz débil da razão egoísta do homem. A palavra divina criou o que existe e deve ser seu intérprete”.¹⁶ O processo de restauração em Cristo produz uma nova identidade. Nele, se tem liberdade. E “A liberdade que o Senhor nos dá por meio de Seu Espírito é dirigida para o alvo de transformar-nos em Sua imagem. É libertação do pecado e liberdade em Cristo”.¹⁷

Diante disso, define-se a cosmovisão cristã bíblica como aquela que tem por base a verdade revelada e que narra o plano providencial de Deus para a humanidade, além de evidenciar seus atributos presentes na história. Os atributos de Deus revelam o seu caráter e que se expressa por meio do seu poder, da sua autoridade, do seu governo e da sua soberania desde a criação (Rm 1.19-10). Nesse sentido “Nenhum chamado no reino de Deus é de segunda categoria. Nenhuma área de revelação é mais ou menos importante que outra, pois todas foram criadas por Deus para que ele pudesse se revelar a nós”.¹⁸

A verdade revelacional de Deus sustenta-se por meio de quatro episódios bem delineados nas Escrituras Sagradas: criação, queda, redenção, nova criação. Por isso, que é possível encontrar tanto a história da origem de todas as coisas, como seu destino. Ao ter conhecimento sobre tais episódios, assegura-se que a morte física não é o ponto final da história. Existe um destino que demarca o espaço da eternidade.

A partir da revelação reconhece-se o imenso amor de Deus e sua graça derramada, a partir de Cristo Jesus. A verdade revelada tem um fio condutor e uma lógica linear da história, que se apresenta com início, meio e fim. Por ela, é possível dizer que tudo converge para aquele que no sacrifício da cruz redimiu e reconciliou todas as coisas. “Gloriemo-nos no fato de que nossa justificação pelos méritos de Cristo permanecerá firme diante do grande trono branco no último dia. Louvemos e agradeçamos de modo contínuo ao nosso Deus porque Cristo salva definitivamente”.¹⁹

O processo educacional que tem como base a cosmovisão cristã, enfatiza os episódios da revelação em sua proposta educativa, reconhecendo que o ser humano é portador da imagem e semelhança do Criador. Um ser dependente e que encontra nele a sua razão de vida. E, ainda, por ser a imagem e semelhança, ele herdou algumas capacidades como o raciocínio lógico, a criatividade, o desejo de relacionar-se e conhecer a Deus com profundidade. Tanto é assim que:

O ato educativo na cosmovisão cristã bíblica envolve mudança de mentalidade, visto que a proposta educacional objetiva que o ser humano seja uma influência para não apenas agir como Jesus, mas pensar como ele pensa.²⁰

¹³ LANGSTON, A. B. **Esboço de Teologia Sistemática**. Rio de Janeiro: JUERP, 1991, p. 193.

¹⁴ JEHLER, 2015, p. 87.

¹⁵ GOLDSWORTHY, 2016, p. 97.

¹⁶ GOLDSWORTHY, 2016, p. 60.

¹⁷ JEHLER, 2015, p. 141.

¹⁸ COPE, Lande. **Modelo social do Antigo Testamento**. Curitiba: Jocum, 2007, p. 99.

¹⁹ GOLDSWORTHY, 2016, p. 272-273.

²⁰ DOMINGUES, Gleyds Silva. **Diretrizes para a educação cristã bíblica: por uma nova proposta educacional**. Curitiba: Emanuel, 2018, p. 28.

Compreende-se, portanto, que o trabalho educativo não assume natureza transmissiva, mas formativa, uma vez que atuará em todos os âmbitos da vida humana, ou seja, física, cognitiva, afetiva, social e espiritual, a fim de que o ser humano cresça na graça e no conhecimento de Jesus Cristo. Essa é a diretriz assumida pela Educação Cristã no processo de definição de sua proposta curricular.

Ao estabelecer a finalidade da Educação Cristã e o papel da cosmovisão cristã bíblica no processo formativo, é possível agora indicar as intenções do processo ensino e aprendizagem que precisam ser levadas em consideração no âmbito do trabalho educativo a ser implementado por meio de uma proposta curricular de natureza teorreferente.

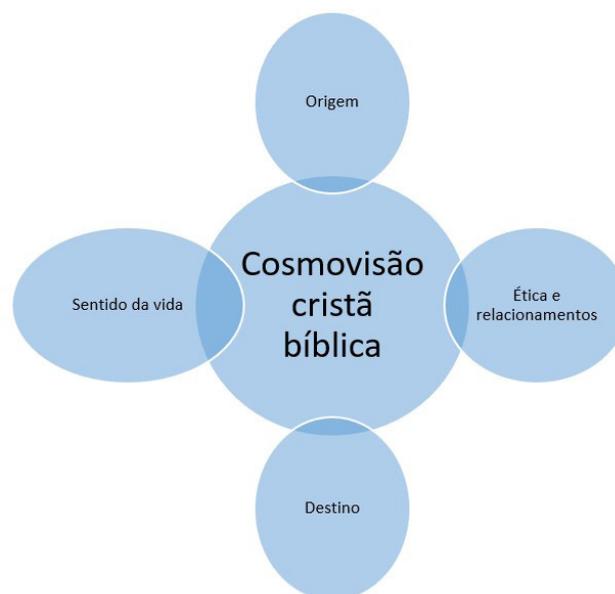
3. EDUCAÇÃO CRISTÃ E OS PROPÓSITOS DEFENDIDOS NA FORMAÇÃO INTEGRAL

A educação cristã é aquela que se preocupa com a formação integral do ser humano, por isso que ela se ancora em alicerces associados à formação, a fim de atender a sua finalidade formativa. É por esse motivo que se diz que a matéria-prima da educação cristã é a vida. Nesse sentido, ela se torna o canal de transmissão do plano de Deus para o ser humano. Essa transmissão não ocorre de maneira mecânica, mas relacional.

Ao estabelecer o currículo direcionado à formação integral, é preciso considerar quatro dimensões (espaços de abrangência curricular), a saber: origem da vida; sentido, propósito e missão do ser humano; destino: terminalidade ou continuidade; e ética nas relações. Observe que as dimensões possibilitam fazer desdobramentos, os quais poderão ser explicitados na forma de disciplinas.

As dimensões curriculares são as que dinamizarão o centro do currículo que é representado pela cosmovisão cristã bíblica, cuja perspectiva é teorreferente. As dimensões possibilitam a estruturação e a organização de temas a serem desenvolvidos no âmbito da Educação Cristã. Assim, é possível estabelecer o seguinte desenho curricular a ser implementado:

Figura 2: Cosmovisão cristã bíblica e as dimensões curriculares



Fonte: Domingues, 2023.

A partir do diagrama, é possível visualizar os possíveis movimentos curriculares a serem contemplados pela educação cristã no processo da formação integral. O que evidencia que existe um caminho a ser trilhado para que o seu objetivo possa ser alcançado, o que demarca a intencionalidade do processo ensino e aprendizagem. Esse pode ser visualizado nos seis propósitos bíblicos contemplados

na proposta educativa e que foram alistados por Smithwick. São eles:

[...] conhecer quem é Deus; conhecer a necessidade de o homem ser restaurado ao relacionamento certo com Deus; conhecer as bênçãos de Deus alcançadas por viver de acordo com sua Palavra e a maldições de Deus a que ficamos sujeitos por viver de maneira contrária à sua Palavra; conhecer a história de Deus em seu tratamento providencial com a espécie humana; dominar as disciplinas acadêmicas necessárias para servir a Deus e aos homens conterrâneos.²¹

Esses propósitos direcionam o fazer educativo dos educadores, ao mesmo tempo em que confere o que é preciso ser desenvolvido no contexto da formação humana. Ainda, é possível identificar que a Palavra de Deus é a base do processo ensino e aprendizagem. Esse processo é integrado pelas diferentes áreas da vida, cujo propósito é servir a Deus com inteireza.

O ato de servir a Deus pode ser sistematizado nas práticas cotidianas, a partir do testemunho, do serviço e do discipulado, o que demonstra que é a partir dos relacionamentos que se vive para glorificar a Deus. Nesse sentido, compete a educação cristã trabalhar para que o objetivo da adoração seja efetivado. Para tal, faz-se necessário que o processo formativo seja fundamentado numa visão teorreferente da vida, que compreende o ensino de princípios bíblicos, a valorização da família, como espaço da formação e do desenvolvimento humanos, e a ética bíblica.

A partir disso, a educação cristã precisa evidenciar alguns valores que são essenciais para o fortalecimento dos relacionamentos, como alteridade, solidariedade, empatia, senso de mordomia, dependência de Deus, humildade, reconhecimento de erros, respeito mútuo e prática do amor.

Agora, sim, é preciso estabelecer **dez propósitos** defendidos na formação integral do ser humano por intermédio da educação cristã e que precisam ser observados pela proposta curricular (grifos nossos). Os propósitos poderão ser ampliados e ou agrupados de acordo com as especificidades do contexto e do público-alvo.

O primeiro propósito indica que Deus ocupa a centralidade de tudo que existe, ou seja, ele é o Senhor e criador de todas as coisas (Sl 136). Tudo converge para Deus, pois dele emana toda as coisas. Ele é soberano e exerce autoridade sobre tudo e todos. Nada escapa de suas boas mãos ou de sua vontade. “Nenhum dos seus planos podem ser frustrados” (Jó 42.2).

O segundo propósito evidencia que a vida precisa ser pautada pelos princípios bíblicos. Os princípios são eternos e evidenciam a maneira como se deve contemplar a realidade, bem como viver os relacionamentos de maneira significativa e amorosa. Os princípios dão direção às atitudes e condutas humanas que devem ser pautadas na ética absoluta de Deus. É por esta razão que os princípios e padrões de Deus para governo são importantes, pois eles ajudam o homem a viver e trabalhar juntos por um propósito maior que o pecaminoso domínio de uns sobre os outros”.²²

O terceiro propósito revela que todo o conhecimento provém de Deus, por isso não há como fazer distinção entre o campo espiritual e secular. Antes, tudo o que existe precisa ser contemplado como ato criador; e se assim o é, tudo precisa ser submetido à vontade de Deus. Nada escapa ao seu controle e governo.

O quarto propósito informa sobre a responsabilidade de uma geração com a formação da outra geração. Tanto é assim, que os pais são responsáveis diretos pelo processo formativo de seus filhos, cabendo à escola apenas complementar o caminho já percorrido. A escola não substitui a responsabilidade educadora dos pais. Essa é uma missão que foi confiada pelo próprio Deus aos pais (Dt 6.1-9). Assim, cabe afirmar que “De uma perspectiva cristã, é importante ordenar o curso de forma que esteja em acordo com os princípios bíblicos e ideais vistos como os mais importantes para serem passados de uma geração a outra”.²³

²¹ SMITHWICK, Daniel J. **Pilares**: fundamentos de cosmovisão bíblica nas civilizações. São Paulo: AECEP, 2020, p. 90-91.

²² JEHLER, 2015, p. 33.

²³ JEHLER, Paul. **Educação por princípios**: fundamentos do currículo escolar. São Paulo: AECEP, 2016, p. 26.

O quinto propósito informa sobre o currículo a ser adotado. Esse currículo não pode perder a centralidade na perspectiva teorreferente. Essa perspectiva norteia a finalidade educativa a ser perseguida no contexto da formação, ao mesmo tempo em que evidencia o que se espera com do aprendente no final do trabalho educativo.

O sexto propósito implica em demonstrar que a educação cristã se preocupa com a formação integral dos aprendentes. O que indica que não se pode distanciar dessa intenção formativa, hierarquizando saberes e ou disciplinas. Antes, elas funcionam em unidade, com o intuito de desenvolver o ser por completo.

O sétimo propósito envolve o compromisso do educador com a verdade revelada, sendo essa que norteia o processo educativo, na medida em que são apresentadas as bases que sustentam o ato de conhecer, aprender, viver, relacionar-se. A verdade revelada confere sentido à vida em sua plenitude.

O oitavo propósito possibilita estabelecer as conexões do conhecimento da realidade com o que está sendo aprendido. Então, o que se conhece é para ser colocado em prática, ou seja, utilizado e aplicado nas situações do cotidiano. O conhecimento se torna significativo à medida que corresponde ou responde aos problemas enfrentados.

O nono propósito diz respeito ao uso do raciocínio lógico. Então, não se pauta as decisões limitados pelas experiências subjetivas, mas pela racionalidade. Isso quer dizer que se usa a lógica, reflexão, análise, síntese, ou seja, a cognição aliada às demais dimensões da vida. Afinal, “a pessoa precisa refletir para alimentar o seu coração com o combustível adequado. Refletir é uma palavra muito próxima de meditar e considerar sobre as coisas dentro da mente”.²⁴

O décimo propósito informa que é preciso trabalhar com uma finalidade educativa. Essa finalidade precisa ser centrada na perspectiva teorreferente da glorificação (Sl 145). Então, forma-se para que o ser humano adore e reconheça a Deus em todos os seus caminhos. Afinal, o ser humano só encontra a sua identidade em Deus. Diante disto concorda-se que “a vida cristã é definida na Palavra como tendo sua origem em Deus, seus métodos de viver nos princípios do Senhor e sua direção ou propósito final sendo a glória Dele”.²⁵

Com a aplicação dos dez propósitos, a Educação Cristã apresentará uma proposta formativa segura e significativa, não apenas para esta geração, mas, também, para as futuras. No ato de construção curricular é preciso refletir se a identidade da fé cristã está sendo assegurada a partir da cosmovisão cristã bíblica, observando, ainda, a perspectiva teorreferente no ato de pensar as disciplinas e ou temáticas que comporão a matriz, bem como a descrição do que será desenvolvido.

Para que a proposta curricular seja teorreferente, faz-se necessário lançar mão dos pressupostos da cosmovisão cristã bíblica no ato de pensar a formação pretendida, por isso, eles precisam estar presentes em todo o ato do planejamento. Junto com os pressupostos, mantenha os textos bíblicos de referência, pois eles serão valiosos no processo de observar os princípios bíblicos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação cristã é o caminho para a formação integral dos aprendentes fundamentado na perspectiva teorreferente, pois é ela que assegura o sentido da vida, na medida em que responde de maneira lógica e contundente as questões essenciais do ser humano relacionadas à origem, ao propósito da existência, ao destino e a missão.

A educação cristã, ainda, preocupa-se com o processo formativo geracional, por isso que não

²⁴ JEHLER, 2015, p. 137.

²⁵ JEHLER, 2016, p. 25.

pode ser desenvolvida de maneira isolada, antes a ênfase recai na responsabilidade da família, nos princípios e valores defendidos. Reconhece-se o papel da adoração como resposta de um coração grato a Deus.

Quando se pensa na educação cristã é preciso correlacioná-la à cosmovisão cristã bíblica, porque ela é a lente de interpretação para ler a realidade. Essa lente possibilita ter conhecimento sobre o plano e o propósito de Deus na criação, redenção e reconciliação, a partir do plano providencial de Deus diante do episódio da queda.

A queda não é o fim da história humana, mas pode ser considerada como aquela que deu lugar ao plano redentor concretizado em Cristo Jesus. A partir de Cristo o ser humano tem esperança e certeza do por vir. Por esse motivo, a vida só encontra sentido quando o coração e mente humanos se voltam para crer na verdade revelacional de Deus em Cristo.

O processo formativo é um item de grande responsabilidade, por isso cada educador tem uma missão, ao mesmo tempo em que exerce um ministério, uma vez que atendeu a uma convocação, que é de ser instrumento na vida de um ser humano, que precisa aprofundar e aperfeiçoar seu conhecimento sobre Deus e sua verdade.

A proposta curricular é definidora de uma marca, uma identidade, por isso não pode ser copiada, antes necessita ser refletida pelos educadores que fazem parte de uma escola ou comunidade eclesial. A maneira como se pensa a matriz, evidencia o grau de comprometimento que se tem com a formação das gerações.

A perspectiva teorreferente não é um modismo, mas um compromisso a ser assumido pelos educadores no ato de elaboração e organização da proposta curricular, tendo em vista que direciona a mente e o coração humanos para a adoração a Deus. A centralidade da formação precisa ser reorientada para o lugar correto e ao fazer isso, há compreensão de que tudo e todos estão submissos à vontade de Deus.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA sagrada. Almeida Revista e Atualizada. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017.

COPE, Lande. **Modelo social do Antigo Testamento.** Curitiba: Jocum, 2007.

DeMAR, Gary. **Quem controla a escola governa o mundo.** Brasília: Monergismo, 2014.

DOMINGUES, Gleyds Silva. **Diretrizes para a educação cristã bíblica:** por uma nova proposta educacional. Curitiba: Emanuel, 2018.

GOLDSWORTHY, Graeme. **Trilogia:** o evangelho e o Reino; o evangelho no apocalipse; o evangelho e a sabedoria. São Paulo: Shedd, 2016.

JEHLER, Paul. **Educação por princípios:** fundamentos do currículo escolar. São Paulo: AECEP, 2016.

JEHLER, Paul. **Ensino e aprendizagem:** uma abordagem filosófica cristã. São Paulo: AECEP, 2015.

LANGSTON, A. B. **Esboço de Teologia Sistemática.** Rio de Janeiro: JUERP, 1991.

NASH, Ronald H. **Cosmovisões em conflito:** escolhendo o cristianismo em um mundo de ideias. Brasília: Monergismo, 2012.

PEARCEY, Nancy. **Verdade absoluta.** São Paulo: Vida Nova, 2012.

RYKEN, Philip. **Cosmovisão cristã:** com guia para estudos e glossário. São Paulo: Cultura Cristã, 2016.

SIRE, James W. **Dando nome ao elefante**: cosmovisão como um conceito. Brasília: Monergismo, 2019.

SIRE, James W. **Naming the elephant**: worldview as a concept. Downers Grove: Intervariety, 2004.

SMITHWICK, Daniel J. **Pilares**: fundamentos de cosmovisão bíblica nas civilizações. São Paulo: AECEP, 2020.

WALSH, Brian; MIDDLETON, J. Richard. **A visão transformadora**. São Paulo: Cultura Cristã, 2010.



A Revista Batista Pioneira está licenciada com
uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações -
4.0 Internacional

DAWSON TROTMAN, O “PAI” DO MOVIMENTO MODERNO DE DISCIPULADO: CAMINHOS DE SUA INFLUÊNCIA NO BRASIL

Dawson Trotman, the “father” of the modern discipleship movement: paths of his influence in Brazil

Dr. Diogo da Cunha Carvalho¹

RESUMO

O presente artigo aborda as vias de influência de Dawson Trotman, frequentemente referido como o “pai” do Movimento Moderno de Discipulado, no Brasil. Trotman é assim conhecido por ter reconfigurado a dinâmica de discipulado na segunda metade do século XX entre os protestantes evangélicos norte-americanos. Deve-se a ele a introdução do conceito de acompanhamento evangelístico (*follow-up*), isto é, o cuidado e treinamento dispensados por um cristão mais experiente ao novo convertido até que este seja capaz de reproduzir-se espiritualmente, fazendo outros discípulos. A influência de Trotman chegou ao Brasil por diversos caminhos, diretos e indiretos. Este artigo busca rastrear esses caminhos, desde sua vinda ao país em 1952 até seus influxos em recentes movimentos de discipulado. Espera-se provocar novas pesquisas que investiguem cada um desses canais de influência com mais profundidade.

Palavras-chave: Dawson Trotman. Movimento Moderno de Discipulado. Discipulado um a um no Brasil.

ABSTRACT

This article discusses the tracks of Dawson Trotman’s influence, frequently

¹ O autor é Gerente Executivo da UniMissões da Junta de Missões Nacionais da Convenção Batista Brasileira e Professor de Missiologia do Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil/Faculdade Batista do Rio de Janeiro. É Bacharel em Direito pela Faculdade de Direito de Campos-RJ e em Teologia pela Faculdade Batista do Rio de Janeiro. Também é Pós-Graduado em Direito Imobiliário e em Docência do Ensino Superior pela EMERJ-Universidade Estácio de Sá e Pós-Graduado em Direito Público pela Universidade Estácio de Sá. É Mestre em Estudos Teológicos com ênfase em Missiologia pelo Southeastern Baptist Theological Seminary (EUA) e Doutor em Teologia pela PUC-Rio. E-mail: diogo@missoesnacionais.org.br.

referred as the “father” of the Modern Movement of Discipleship. Trotman received this title because he has remodeled the dynamic of discipleship among North American evangelicals in the second half of the 21st Century. He did that by introducing the concept of follow-up, through which a mature Christian cares for a new convert until he is able to reproduce spiritually, making other disciples. That influence came to Brazil through different ways, direct and indirect. This article aims to delineate these ways, since his arrival in Brazil in 1952 to the recent Multiplying Church Movement. It also intends to provoke new deeper investigations in each one of these paths of influence.

Keywords: Dawson Trotman. Modern Movement of Discipleship. Discipleship one-on-one in Brazil.

INTRODUÇÃO

Pouco conhecido do leitor brasileiro, Dawson Trotman (1906-1956) exerce até hoje uma influência em matéria de discipulado que muitas vezes passa despercebida. O presente artigo visa apresentar os múltiplos canais em que essa influência pode ser detectada, de maneira direta ou indireta, no Brasil.

Frequentemente referido como o “pai” do Movimento Moderno de Discipulado (MMD)², Trotman reconfigurou a compreensão do fazer discípulos em toda a segunda metade do século XX, o que fez pela introdução do conceito de acompanhamento evangelístico (*follow-up*). Por esse conceito, um cristão mais maduro deve cuidar do novo convertido e treiná-lo até que seja capaz de reproduzir-se espiritualmente. Essa foi, basicamente, a raiz do entendimento de que o cumprimento de Mateus 28.19 deveria se dar pela multiplicação de discípulos, em vez da adição deles.³

A influência de Trotman alcançou o Brasil por diversos caminhos, desde sua visita em missão ao país em 1952 até a simples retransmissão de suas ideias por parte de outros líderes que – seja porque o conheceram pessoalmente, seja porque leram sobre elas e se convenceram de sua coerência bíblica e relevância metodológica em cada contexto. Esses caminhos serão a seguir delineados, mas não sem antes pinçarem-se elementos que comprovam a importância de Trotman na formulação do que hoje se reconhece como discipulado um a um.

1. DAWSON TROTMAN: PAI DO MOVIMENTO MODERNO DE DISCIPULADO

Dawson Trotman nasceu em Bisbee, Arizona, em família de tradição presbiteriana. Aos catorze, uniu-se à Igreja Presbiteriana de Lomita, Califórnia. Nos anos seguintes, porém, viveu de forma mundana. Certa vez, perto dos vinte anos, foi abordado por um policial por estar embriagado. Questionado se aquele era o tipo de vida que gostaria de ter, Trotman respondeu: “Senhor, eu odeio esse tipo de vida”.⁴ Decidido a retornar para a igreja, apareceu na reunião de jovens do domingo seguinte, onde estava acontecendo um concurso de memorização das Escrituras. Motivado por impressionar moças, entrou na competição. Ao recitar versículos repetidas vezes com vista a decorá-los, Trotman foi impactado pela promessa de vida eterna em João 5.24. Ali, enfim, converteu-se.⁵

² TROTMAN, Dawson. **Dawson Trotman in his own Words**: compiled by Ken Albert, Susan Fletcher, and Doug Hankings. Colorado Springs: NavPress; Tyndale, 2011, p. 17.

³ SANNY, Lorne C. **Dawson Trotman**: the pathfinder. Colorado Springs: The Navigators, 1958, p. 18.

⁴ SKINNER, Betty Lee. **Daws**: the story of Dawson Trotman, founder of the Navigators. Colorado Springs: NavPress; Tyndale, 1974, p. 29.

⁵ Diga-se de passagem, não foi por outra razão que a memorização das Escrituras, tão crucial para seus primeiros passos na fé, passaria a pautar o método de discipulado que Trotman viria a conceber. Assim pondera um de seus biógrafos: “Aqueles vinte versos das Escrituras que havia memorizado alimentaram e guiaram sua nova vida desde o exato primeiro dia, encorajando-o, instruindo-o e corrigindo-o” (SKINNER, 1974, p. 32).

Logo viu-se, então, consumido por uma implacável paixão evangelística. Decidido a anunciar o evangelho a uma pessoa por dia, veio a descobrir, em 1928 – ao encontrar um homem que já havia levado à fé em Jesus, mas cuja vida cristã jamais de desenvolvera⁶ –, que havia uma falha em sua abordagem. Observe-se como isso se deu:

Ele deu carona a um indivíduo cujo linguajar revelava que não era um crente. Em poucos instantes, percebeu que aquele homem era um de seus “convertidos” do ano anterior e que não havia sido acompanhado [...]. Abalado, Dawson ponderou que deveria existir inúmeros outros indivíduos como aquele que haviam clamado pelo nome do Senhor com sinceridade, talvez chorando, mas cujas vidas não havia mudado. O que estava errado? Daquela hora em diante, Dawson resolveu acompanhar todas as pessoas que ele levasse a Cristo – uma tarefa muito mais difícil do que ganhar almas – e encorajar outros a fazer o mesmo com seus convertidos, dando-lhes a oportunidade de crescerem em Cristo. [...] Aquele caroneiro provocou-o a um realinhamento em seu ministério: menos ênfase em obter uma decisão e mais em guiar o indivíduo no crescimento espiritual.⁷

Com efeito, Trotman convenceu-se de que era necessário não apenas conduzir o indivíduo à fé, mas também acompanhá-lo em seu crescimento espiritual – o que se convencionou chamar de “*follow-up*”.⁸ Foi sob essa mentalidade que, no fim da década de 1930, ele fundou a organização paraeclesial Os Navegadores (*The Navigators*), ancorada em um conceito de fazer discípulos sinônimo de acompanhamento de novos convertidos.⁹

Tal abordagem repercutiu entre as igrejas protestantes justamente por oferecer um complemento teológico necessário ao evangelismo e um paradigma prático para o ministério cristão que sabia-se estar faltando.¹⁰ De fato, de acordo com Tombrella, o MMD nasceu da constatação de que o somatório de programas mecânicos, desavenças denominacionais e falta de vida nas salas de aula das igrejas havia gerado poucos resultados em termos de autêntica maturidade cristã. Verificada a falha, propôs-se que Mateus 28.19-20 deveria ser encarado como o plano estabelecido por Jesus para formar discípulos por meio da evangelização pessoal e do acompanhamento, somado ao treinamento individual de convertidos, levando-os à reprodução.¹¹

Os princípios defendidos por Trotman repercutiram, não por terem veiculado uma ideia radicalmente nova, mas por resgatarem um princípio bíblico que viria a resolver o problema missiológico que permanecia indefinido: como levar convertidos à maturidade espiritual.¹² Mais do que isso, o pleno cumprimento de Mateus 28.19 exigiria, para Trotman, “treinar um exército de líderes – homens que fossem capazes de treinar outros”, numa cadeia de multiplicação que alcançasse as nações.¹³ Sua nota dominante pode ser resumida, assim, na reprodução espiritual, ou seja, “um homem ensinando outro e o segundo ensinando um terceiro de tal maneira a capacitá-lo a passar o ensino adiante a um quarto”.¹⁴

⁶ SANNY, 1958, p. 9.

⁷ SKINNER, 1974, p. 70.

⁸ “Follow-up” (acompanhamento evangelístico) foi o termo usado por Trotman para se referir a essa atenção individualizada dedicada ao novo convertido a fim de levá-lo à maturidade espiritual e à capacidade de reproduzir-se. Em sua tese sobre Trotman, Jeffrey Reynolds define o discipulado de follow-up como “quaisquer ações efetuadas depois da conversão de um indivíduo a fim de ajudá-lo a iniciar e continuar em seu processo de discipulado” (REYNOLDS, Jeffrey Paul. **Dawson Trotman's Personal Spiritual Disciplines as The Foundation for His Great Commission Ministry**. Tese (Doutorado), Doctor of Philosophy, Southern Baptist Theological Seminary, Louisville, Kc, dez. 2014, p. 28).

⁹ Nas palavras de Trotman: “Nós tentamos [nos primeiros anos de seu ministério] obter decisões, e conseguimos. Mas, ao fazer as contas, descobri há um ano que essas decisões não foram objeto de acompanhamento. Cheguei à conclusão, depois de conversar com tantas dessas pessoas, que, talvez, fazer o apelo evangelístico seja 2% do trabalho, obter a decisão 5%, e cuidar do decidido 95% [sic]. Os Navegadores nasceram dessa descoberta” (TROTMAN, 2011, p. 21).

¹⁰ HANKINS JR, James Douglas. **Following Up: Dawson Trotman, The Navigators, and the Origins of Disciple Making in American Evangelicalism, 1926-1956**, Tese (Doutorado). Doctor of Philosophy, George W. Truett Theological Seminary, Baylor University, Deerfield, Il, jul. 2011, p. 20.

¹¹ TOMBRELLA, J. A. **Mears Christianity: the birth of the modern Discipleship Movement**. Tese (Doutorado). Doctor of Philosophy, Southwestern Baptist Theological Seminary, Fort Worth, Texas, dez. 2017, p. 11-15.

¹² HANKINS JR, 2011, p. 45.

¹³ SKINNER, 1974, p. 123.

¹⁴ SANNY, 1958, p. 18.

Vestígios de Trotman se fazem sentir até mesmo na linguagem de discipulado que se usa atualmente. Doug Hankins, co-editor de *Dawson Trotman in his own words*¹⁵ e autor da dissertação acadêmica intitulada *Dawson Trotman, os navegadores e as origens do discipulado no evangelicalismo americano, 1926-1956*¹⁶, reporta que mesmo o emprego da palavra “discípulo” como verbo (“discipular”) começou com Trotman. Afirmou o pesquisador:

Qualquer um que use o termo “discipular” como verbo e não como substantivo testifica a influência duradoura de Trotman. Discipular [to disciple, em inglês] não está definido como verbo em dicionário algum, mas, ainda assim, igrejas, universidades, escritores, bloggers e pastores costumam usar essa palavra como verbo. Esse uso do verbo “discipular” revela a difusão do entendimento do discipulado não como algo apenas espiritual para cristãos, mas como um processo de ensino intencional um a um com o objetivo de levar alguém a crescer espiritualmente. O fato de evangélicos estarem até hoje falando, pensando e ministrando nesses termos é uma prova da influência direta de Trotman no movimento evangélico.¹⁷

Feitas essas considerações, passa-se os diferentes caminhos da influência de Trotman no Brasil.

2. CAMINHOS DA INFLUÊNCIA DE DAWSON TROTMAN NO BRASIL

Dawson Trotman influenciou diversos líderes e autores, entre os quais Billy Graham (1918-2018), Bill Bright (1921-2003), Leroy Eims (1925-2004), Waylon Moore (1927-2023), Billy Hanks (1944-) e Keith Phillips (1946-). Para efeito do que se propõe, este artigo se concentrará nas vias que se podem rastrear de sua interação com o Brasil, seja diretamente seja por meio de líderes que inspirou e que interagiram com os protestantes evangélicos brasileiros.

2.1 DE BILLY GRAHAM A UMA BASE DOS NAVEGADORES NO BRASIL

Em dezembro de 1941, quando os japoneses atacaram a base naval de Pearl Harbor, desencadeando a entrada formal dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial, já havia “Navegadores” em boa parte dos navios de guerra norte-americanos.¹⁸ Com a mobilização das tropas, esses discipuladores foram espalhados pelo país e pelo mundo.

Na metade da década de 1940, os Navegadores já eram conhecidos como uma espécie de força tarefa de elite do ministério cristão, conforme explica Dough Hankins:

Uma vez que a maioria dos ministérios era voltada para esforços de evangelismo de massa, os Navegadores eram o único grupo que poderia ajudar evangelistas de massa a processar os cartões de decisão que eram preenchidos após os encontros de avivamentos ou eventos evangelísticos.¹⁹

Em 1948, Billy Graham recrutou Os Navegadores para o acompanhamento evangelístico em uma de suas campanhas. Tamanho foi o proveito dessa parceria, que ele propôs que o ministério coordenasse equipes de acompanhamento para todas as suas cruzadas evangelísticas. Embora Trotman tenha relutado em aceitar o convite por algum tempo, alegando possuir pouca experiência em evangelização de massa – seu trabalho sempre havia sido com indivíduos e pequenos grupos –

¹⁵ TROTMAN, 2011.

¹⁶ TOMBRELLA, 2017.

¹⁷ PORTAL MULTIPLIQUE. **Há 60 anos, um apaixonado pelo discipulado um a um morria afogado – Dawson Trotman.** Tradução: Arthur Mello. 2016. Disponível em: <<https://igrejамultiplicadora.org.br/new/ha-60-anos-um-apaixonado-pelo-discipulado-um-a-um-morria-afogado-dawson-trotman/>>. Acesso em: 27 mar. 2023.

¹⁸ Confira o relato de Betty Lee Skinner: “Dawson tinha orado por um homem-chave em cada navio da Marinha norte-americana. A resposta a sua oração e à oração de seus homens em favor da transferência para novos campos de missão veio com a ajuda da autorização, dada pelo Congresso em 1940, para uma Marinha nos dois oceanos, o que significava que novos navios deviam ser tripulados com homens experientes oriundos de tripulações estabelecidas. McAnney foi enviado para o *Astoria*, assim como Taggard deixou o *California* [deixando um líder formado em seu lugar]. FloydRoberson já estava no *Wichita*. O companheiro de maquinista Jack Armstrong, prestes a se transferir para o *Atlanta*, sentiu-se despreparado; Downing lhe deu um curso rápido e liderou os primeiros estudos bíblicos. Jack, então, foi para seu novo posto de serviço com mais confiança” (SKINNER, 1974, p. 191-192).

¹⁹ PORTAL MULTIPLIQUE, 2016.

aceitou-o em 1951.²⁰ Embora a parceria tenha sido desfeita no ano seguinte, Trotman imprimiu nas cruzadas Billy Graham aquele seu procedimento de acompanhamento de novos convertidos, o qual passou a ser usado em continuidade ao seu trabalho.²¹

A influência dos princípios defendidos por Trotman em Billy Graham também pode ser notada nesta impactante declaração do evangelista: “Cruzadas em massa, nas quais eu acredito e às quais eu dediquei minha vida, nunca completarão a Grande Comissão; mas o ministério um a um o fará”.²² Graham fora convencido por Trotman acerca da importância do discipulado um a um a partir de 2 Timóteo 2.2, texto a que o evangelista se referiu como “algo próximo de uma fórmula matemática para a propagação do evangelho e o crescimento da igreja”.²³

Foi por meio dessa relação que a marca de Trotman chegou ao Brasil pela primeira vez. Fato pouco conhecido, ele próprio veio ao país em 1952 durante uma excursão pela América do Sul. Depois de passar por México, Guatemala, Panamá e Venezuela (Caracas), esteve em Belém (8/11), Recife (9-12/11), Rio de Janeiro (12-16/11) e São Paulo (16-20/11). De lá, seguiu para as capitais do Uruguai, Argentina, Chile, Peru e Equador. O informativo dos Navegadores de janeiro de 1953 narra que a viagem atendera a um crescente número de telefonemas vindos do Sul.

O contato de Trotman por aqui foi o missionário irlandês James Edwin Orr (1912-1987)²⁴, que naquele ano liderava uma campanha de avivamento e evangelismo no Brasil e precisava de ajuda com o acompanhamento dos decididos.²⁵ Billy Graham, que conhecia Orr e o considerava “uma das maiores autoridades na história dos reavivamentos religiosos”²⁶ provavelmente foi quem lhe indicou Trotman, a fim de corresponder a tal necessidade.

Em 7 de outubro de 1952, Orr escreveu ao Dr. Israel Gueiros, aos cuidados da Confederação Evangélica, apresentando Trotman como um especialista em acompanhamento evangelístico que já trabalhara em colaboração com as cruzadas Billy Graham e os Batistas do Sul dos Estados Unidos. Noticiando que Trotman visitaria Recife entre os dias 9 e 11 de novembro, complementou: “Este homem está incumbido do trabalho de acompanhamento evangelístico [*follow-up*] de todas as campanhas Billy Graham, e sua técnica de doutrinar convertidos na Bíblia é uma maravilha de ver”. Então, solicitou que Gueiros organizasse, em Recife, dois encontros com pastores e seminaristas a fim de que Trotman compartilhasse com eles seus princípios e métodos.²⁷

O impacto dessa viagem fica expresso na edição de janeiro de 1953 do informativo dos Navegadores, nestas palavras:

Os brasileiros em Recife impressionaram Daws [Dawson Trotman] com seu entusiasmo e motivação e com a forma como responderam às mensagens acerca da importância da Palavra e do trabalho homem a homem. O tempo no Rio de Janeiro e em São Paulo incluíram o trabalho com Don Phillips, Carl Hahn e outros líderes, um número de reuniões, assim como um encontro com um segundo comitê para dar um parecer sobre a disponibilização de materiais dos Navegadores em Português Brasileiro para o Brasil.

²⁰ FOSTER, Robert D. **The Navigator**: Dawson Trotman, Colorado Springs: NavPress, 1983, p. 143.

²¹ FOSTER, 1983, p. 146.

²² HANKS JR, Billy; SHELL, William A. **Discipleship**: the best writings from the most experienced disciple makers. Grand Rapids: Zondervan, 1960, p. 27.

²³ HANKS; SHELL, 1960, p. 27.

²⁴ Carta de recomendação endereçada por autoridades norte-americanas ao governo brasileiro informa que o Dr. J. Edwin Orr possuía um duplo PhD em História pelas Universidade de Oxford e Chicago e integrava a Royal Historical Society de Londres e a American Historical Association de Washington. Também já estivera em 120 países e escrevera livros em Inglês com meio milhão de cópias vendidas, além de ter sido capelão da Força Aérea dos Estados Unidos em sete campanhas na Guerra no Pacífico (FLANDERS, Ralph (Senator, United States); ARMSTRONG, Orland K. (Representative, United States); LANGLIE, Arthur B. (Governor, State of Washington); e outros [Correspondência]. Destinatário: Membros dos governos federal, estadual e municipal do Brasil. 1 mar. 1952. Carta tipografada).

²⁵ THE NAVIGATORS. **Nav News**. Janeiro 1953. Los Angeles, CA: 1953, p. 1.

²⁶ GRAHAM, Billy. Introdução. In: ORR, J. Edwin. **Plena Submissão**. Rio de Janeiro: Confederação Evangélica do Brasil, 1952, p. 9.

²⁷ ORR, James Edwin. **[Correspondência]**. Destinatário: Israel Gueiros. 7 out. 1952. Carta tipografada.

De São Paulo, onde Edwin Orr estava organizando campanhas evangelísticas, Daws escreveu: “Ele tem planos tremendos para o futuro e quer nossa ajuda... Em trinta cultos evangelísticos, milhares vieram a Cristo. Ele e outros dizem que a maior fraqueza do Brasil é que, por aqui, há hostes de igrejas evangélicas praticamente cheias, porém as pessoas não estão na Palavra”. Ele escreveu de novo de lá, dizendo: “Tentaremos encontrar nosso homem para o Brasil imediatamente quando regressarmos, e o enviaremos o mais rápido possível.”²⁸

Nada obstante, foi apenas em junho de 1963 que o “navegador” George Sanchez conduziu uma nova viagem de pesquisa ao Brasil, quando constatou que era uma nação de oportunidades ilimitadas. Em agosto do mesmo ano, Jim Petersen veio a Campinas para estudar o Português e, em janeiro de 1965, transferiu-se para Curitiba, onde abriu uma base dos Navegadores.²⁹ Até hoje, o ministério continua ativo no Brasil, como se depreende de sua página de internet.³⁰

Anote-se, outrossim, que, em 1976, o livro de Trotman *Born to reproduce* – que, na realidade, equivale à transcrição de uma palestra de idêntico título – foi traduzido e publicado no Brasil por Edições Vida Nova sob o título *Nascidos para se multiplicarem*.³¹

2.2 DE BILL BRIGHT AO MODELO DE DISCIPULADO APOSTÓLICO (MDA)

Outro líder que sofreu influência direta de Trotman foi Bill Bright, fundador da Cruzada Estudantil e Profissional para Cristo, hoje CRU.³² O primeiro contato entre os dois aconteceu quando Dawson e sua esposa, Lila, hospedaram Bright, ainda não convertido, em seu primeiro dia na Califórnia.³³ Doug Hankins conta o que se passou depois:

Bright tentou alguns negócios que não deram certo. Durante esse tempo, ele começou a frequentar a Igreja Presbiteriana de Hollywood e conheceu Henrietta Mears, mentora de Trotman e Graham. Bright chegou à fé em Cristo por meio de Mears. Quando Bright decidiu se comprometer com o ministério, ela sugeriu que Bright entrasse em contato com Dawson. Provavelmente foi ele quem incentivou Bright em direção ao ministério universitário. Bright foi para a Universidade da Califórnia, em Los Angeles, para evangelizar, com a expectativa conservadora de que levaria um ano para ver algum fruto substancial. Por pensar assim, preparou-se pouco para o discipulado. Depois de um mês, 50 alunos haviam colocado sua fé em Cristo, e Bright não tinha ideia do que fazer a seguir. Ele ligou para Trotman, que pessoalmente disponibilizou recursos, treinamento e voluntários dos Navegadores para a Cruzada Estudantil para Cristo durante os primeiros 5 anos do tempo que Bright passou no campus. Na verdade, a Cruzada Estudantil foi construída com a metodologia dos Navegadores, e usa recursos deles até hoje.³⁴

Em 1991, Bright nomeou Carl Horton para treinar pastores no Brasil a partir de uma proposta que mais tarde se denominou Igreja Dinâmica.³⁵ Os traços de Trotman sobre Igreja Dinâmica ficam visíveis no livro base da estratégia, em especial no trecho em que se refere a Mateus 28.18-20:

O “ide” do versículo 19 é uma ordem a ser cumprida, mas a pergunta é: qual é o conteúdo da ordem inserida no “ide”? Simples: Fazer discípulos! Pode-se entender, como muitos o fazer, o “ide” é evangelizar: mas, o método de fazer a evangelização é: fazendo discípulos. Qualquer atividade realizada, e considerada a atividade de evangelização, não pode ser considerada completa, se nela não existir uma estratégia que leve os evangelizados que aceitam o Senhor Jesus a se envolverem rapidamente num processo de discipulado. [...] Se

²⁸ THE NAVIGATORS, 1953, p. 1.

²⁹ THE NAVIGATORS. *A History of the Navigator Ministry in Brazil*. Jun. 1963 – Out. 1981. Não publicado.

³⁰ Ou seja, www.navegadores.org.br/.

³¹ TROTMAN, Dawson. *Nascidos para se multiplicarem*. São Paulo: Vida Nova, 1976.

³² Pode-se conhecer mais sobre a Cru em sua página de internet: <https://www.cru.org/br/pt.html>.

³³ SKINNER, 1974, p. 190.

³⁴ PORTAL MULTIPLIQUE, 2016.

³⁵ SILVA FILHO, Olavo Dias da. Prefácio: um pouco de história. In: AGUILERA, José Miguel M. *Dinamizando a Igreja para cumprir a grande missão*: da recepção ao discipulado. Jaboticabal: Edição do Autor, 1998, p. 3.

a pessoa recebe a Cristo o processo continua. [...] A ordem não é exclusivamente “fazer discípulos”, mas ensinar os convertidos a obedecer a Cristo, em tudo que Ele ordenou. Inclusive deve ser-lhes ensinado “fazer discípulos”, da mesma maneira como eles estão sendo feito discípulos. [...] É necessário reproduzir-se, fazendo discípulos, que farão outros discípulos, que farão outros discípulos, e estes outros, assim, sucessivamente.³⁶

Gilson Breder, Pastor Batista e pesquisador na área de discipulado e pequenos grupos, conta que, quando Horton veio ao Brasil para ministrar o dito treinamento, ali estavam presentes ele mesmo e Abe Huber, que veio a se tornar um dos principais promotores do discipulado um a um no Brasil. Segundo Breder, “ele [Huber] creu no princípio, aprendeu e aplicou o discipulado um a um dentro de seus grupos familiares (ainda não eram células)”.³⁷

Huber fundou o Modelo de Discipulado Apostólico (MDA), cujo fator central é a referida abordagem de discipulado.³⁸ Ele próprio credita a Horton, ao lado de outros líderes, a transmissão do que aprendeu sobre discipulado um a um.³⁹ A página de internet do MDA, na parte que versa sobre a visão do movimento, também o cita como autor de uma pesquisa de doutorado em Crescimento da Igreja, a qual concluiu que 90% dos líderes haviam sido gerados através do discipulado e mentoreamento pessoal, um a um.⁴⁰

2.3 DE WAYLON MOORE A IGREJA MULTIPLICADORA

Mais um líder tocado pessoalmente por Dawson Trotman e que exerceu um marcante ministério no Brasil foi Waylon Moore. Autor de *Integração segundo o Novo Testamento: como conservar, desenvolver e multiplicar os convertidos* (EUA, 1963; Brasil 1976) e *Multiplicando discípulos: o método neotestamentário para o crescimento da igreja* (EUA, 1981; Brasil, 1983), Moore teve o mérito de captar aqueles princípios de discipulado um a um desenvolvidos por Dawson Trotman e traduzi-los para o contexto da igreja local.⁴¹

Antes de sua participação como orador oficial do Congresso Nacional Multiplique 2015, Moore já havia acumulado sete visitas ao Brasil desde 1972.⁴² Consta, em julho desse ano, correspondência do então Secretário Geral da Junta de Evangelismo da Convenção Batista Brasileira, Amélio Gianetta, endereçada ao Dr. Joe Underwood, da Foreign Mission Board (atual International Mission Board), pela qual agradece o investimento no envio do Dr. Moore ao país. Assim escreve: “Seu ministério [de Moore] tem sido uma grande bênção e inspiração a cada pastor que participou do Congresso de Evangelismo. Sua visita em pessoa e seu livro *Integração segundo o Novo Testamento* estão nos ajudando a corrigir um dos pontos mais fracos em nosso trabalho evangelístico: o acompanhamento”.⁴³

Moore foi, também, um dos escritores que mais influenciaram a formulação dos componentes críticos da visão de Igreja Multiplicadora (IM).⁴⁴ Segundo Daniel Torres, autor de uma pesquisa de Doutorado acerca de IM, “o método de discipulado e acompanhamento dos Navegadores influenciaram Waylon Moore, que também influenciou a estratégia de IM com o conceito de RD [Relacionamento

³⁶ AGUILERA, José Miguel. **Dinamizando a igreja para cumprir a Grande Comissão**. São Paulo: Abba Press, sem data, p. 54-57.

³⁷ SOUZA, Vital. O que é o MDA. **Vigiai**. Taubaté, ano 4, n. 16, p. 24-28, jul. 2015, p. 28.

³⁸ ASSOCIAÇÃO MDA. **A visão**. Disponível em: <<https://www.associacaomda.org/a-visao/>>. Acesso em: 29 mar. 2023.

³⁹ Entrevista com o Pr. Abe Huber. Disponível em: <www.amominhacelula.com.br/entrevista-pr-abe-huber-22/> Acesso em: 11 jun. 19.

⁴⁰ Ver nota 51.

⁴¹ Este pesquisador teve a honra de conversar pessoalmente com Waylon Moore durante sua visita ao Brasil, ocasião em que ouviu histórias de sua amizade com Trotman. Em 2019, Moore encaminhou-lhe, a pedido, um vídeo testemunhando da influência que Trotman exerceu em sua visão de discipulado.

⁴² Segundo contas do próprio Dr. Moore, expressa em conversa pessoal com este articulista.

⁴³ GIANETTA, Amélio. **[Correspondência]**. Destinatário: Joe Underwood. 10 jul. 1972. carta tipografada.

⁴⁴ Segundo o livro *Igreja Multiplicadora: 5 princípios bíblicos para crescimento*, que marca o lançamento dessa nova diretriz para as igrejas afiliadas à Convenção Batista Brasileira, essa Igreja Multiplicadora é a “visão de multiplicação intencional baseada em cinco princípios bíblicos de crescimento para a igreja local, com o objetivo de cumprir a Grande Comissão”. Esses princípios são os seguintes: oração, evangelização discipuladora, plantação de igrejas, formação de líderes e compaixão e graça” (BRANDÃO, Fernando (Org.). *Igreja Multiplicadora: 5 princípios bíblicos para crescimento*. Rio de Janeiro: Convicção, 2014, p. 21).

Discipulador].⁴⁵

Tal influência também se observa pelas frequentes citações do autor na bibliografia do movimento.⁴⁶ Mais recentemente, o Prefácio da nova edição em Português de Integração segundo o Novo Testamento, publicada pela Junta de Missões Nacionais, explicita essa influência:

Não é à toa que, quando eu e outros líderes da Junta de Missões Nacionais – Fernando Brandão, Fabrício Freitas, Samuel Moutta e Cirino Refosco, nos reunimos, em 2012 e 2013, para reformular a visão de Igreja Multiplicadora, foram esses escritos que nos influenciaram e nos deram a certeza de que estávamos no caminho certo. Graças a esses livros, sempre pudemos enfatizar que o que estávamos apresentando às igrejas batistas brasileiras não era nada de novo. De fato, os princípios do discipulado individual (e, por assim dizer, do relacionamento discipulador) já estavam presentes na literatura oficial da denominação desde a década de 1970. A vinda do Dr. Moore à segunda Conferência Nacional Multiplique foi um marco dessa retomada e a coroação de sua influência entre nós. Por tudo isso, posso testemunhar que o movimento discipular que desabrocha hoje no Brasil deve muito a Waylon Moore. É impossível medir o valor dessa influência em tudo o que estamos vivenciando.⁴⁷

Como se conferiu, Billy Graham, Bill Bright e Waylon Moore, os quais tiveram contato pessoal com Trotman, fizeram com que a influência dele chegasse ao Brasil de alguma maneira. Os próximos líderes são de outra geração. Contudo, de igual modo, foram tão inspirados por Trotman que transmitiram seus princípios e métodos ao público brasileiro.

2.4 SAMMY TIPPIT

O Pastor Batista, autor, evangelista e conferencista internacional Sammy Tippit tem servido o Brasil há mais de trinta anos. Um dos canais mais significativos de seu ministério no país tem sido seus livros, inicialmente publicados pela Juerp e, mais recentemente, pela Junta de Missões Nacionais.⁴⁸ É através de um deles que as ideias de Trotman se notam mais nitidamente.

Em *Coração Ardente*, Tippit conta que, durante o período em que foi pastor na Alemanha, ouviu uma fita-cassete do orador de uma organização paraeclesial que encorajava pastores a se encontrarem com homens que tinham sede espiritual a fim de lhes ensinar tudo o que sabiam sobre andar com Deus. Ele aceitou o desafio e pediu a Deus seis homens que quisessem seguir a Jesus mais que tudo na vida. Por meio de um discipulado efetivo na vida desses homens, seu ministério floresceu e cada um deles se tornou um reproduzidor de discípulos.⁴⁹

Aquele pregador da fita-cassete era Max Barnett, Diretor da Universidade da União de Estudantes Batistas de Oklahoma de 1967 a 2004.⁵⁰ Segundo o próprio Tippit, Barnett foi altamente influenciado por Dawson Trotman⁵¹, assim como ele mesmo. Aliás, enquanto atuou na Alemanha, durante o período narrado em *Coração Ardente*, Tippit usou materiais de discipulado dos Navegadores.⁵²

⁴⁵ TORRES, 2021, p. 11.

⁴⁶ O livro *Igreja Multiplicadora: 5 princípios para crescimento*, nas páginas 154-155, recomenda a leitura de *Multiplicador discípulos*, de Waylon Moore. Além disso, verifica-se citações do autor em *De volta aos princípios: vivendo o jeito bíblico de ser igreja*, de Fabrício Freitas (p. 21, 53, 57, 58, 68, 145 e 157), em *Relacionamento discipulador: uma teologia da vida discipular*, de Diogo Carvalho (p. 29, 40, 51, 55, 59, 96 e 120), e em *Aprofundando raízes: dinâmica e elementos do Relacionamento Discipulador*, de Roosevelt Arantes (p. 22, 43, 49, 71 e 102).

⁴⁷ CARVALHO, Diogo. Prefácio à nova edição em Português. In: MOORE, W. **Discipulado segundo o Novo Testamento**. Rio de Janeiro: Junta de Missões Nacionais, 2022, p. 8.

⁴⁸ Entre esses livros figuram *Coração ardente* (1987), *Fator oração* (1988), *Preparado pela batalha* (1991), *Digno de adoração* (2011), *Não me envergonho: memórias de uma fé perigosa* (2019), *Fazendo discípulos na era digital: as redes sociais e a nova Via Romana* (2020).

⁴⁹ TIPPIT, Sammy. **Coração ardente**. Rio de Janeiro: Junta de Missões Nacionais, 2019.

⁵⁰ Pode-se conhecer mais sobre Barnett neste link, inclusive para acesso a textos e áudios de sua autoria: www.discipleshiplibrary.com/max_barnett.php.

⁵¹ A ligação de Barnett e os Navegadores fica óbvia pelos títulos de suas palestras no endereço eletrônico acima, bem como pelo fato, descrito no PDF que abre ao acionar-se no botão “Mais...”, o qual informa ele pregou na Conferência de Homens-Chave dos Navegadores em 2006.

⁵² Informações obtidas em conversa pessoal com Sammy Tippit em 21 dez. 2018. Divulgada sob autorização.

2.5 DAVE EARLEY

Outra influência de Trotman sobre um líder ligado ao Brasil pode ser achada em Dave Earley, Pastor Batista e autor de pelo menos cinco livros sobre liderança, evangelismo, discipulado e pequenos grupos traduzidos para Português. Cuidam-se de *8 hábitos de um líder eficaz de pequenos grupos* (2005) e *Transformando membros em líderes* (2009), originalmente publicados no Brasil pela editora do Ministério Igreja em Células (MIC)⁵³, além de *3 coisas que todo pastor deve fazer* (2018) e *9 segredos de um multiplicador de igrejas* (2019), pela Junta de Missões Nacionais. Antes de envolver-se com a visão de Igreja Multiplicadora⁵⁴, o autor já havia estado no Brasil como palestrante em eventos do MIC – ministério, que, desde 1997, trabalha com pastores, inclusive Batistas, na transição para o modelo celular⁵⁵ –, bem como tido as duas primeiras obras acima difundidas por aqui.

Mais recentemente, Earley veio ao Brasil para ministrar um curso sobre plantação de igrejas no Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil, no Rio de Janeiro.⁵⁶ Na ocasião, contou que, enquanto estudava no ensino médio, começou a orar pedindo a Deus alguém para discipular. Um a um, começou a reunir discípulos no único lugar e horário que estavam disponíveis naquele internato, o banheiro coletivo, depois das dez horas da noite. Aos poucos, o espaço lotou. Essa foi sua primeira experiência de plantação de igreja. O que Earley não contou foi que seu despertamento inicial para fazer discípulos se dera mediante a leitura do livreto *Nascidos para se multiplicarem*, de Trotman. Earley externou, mais tarde, sobre a influência deste em sua vida:

Os primeiros anos de fazer discípulos foram muito influenciados quase que inteiramente por Dawson Trotman. Eu comecei a fazer discípulos depois de ler *Nascidos para se multiplicarem*. Eu continuei fazendo discípulos depois de ler sua biografia, *Daws*. Não demorou para eu mudar minha estratégia de discipulado de um a um para a formação de líderes de pequenos grupos multiplicadores, mas, ainda que meus métodos tenham mudado ao longo dos anos, eu nunca mudei meu compromisso de fazer discípulos graças a Trotman.⁵⁷

2.6 MARK DEVER

Outro líder que recebeu influxos de Trotman e os tem transferido ao Brasil é Mark Dever, também Pastor Batista e autor de diversos livros, entre eles *9 Marcas de uma Igreja Saudável*.⁵⁸ Em *Discipulado: como ajudar outras pessoas a seguir Jesus*, Dever dedica um relevante trecho a Trotman:

Dawson Trotman tem uma história marcante. No início da década de 1930, esse jovem trabalhador de uma serraria foi tocado pelo texto de 2Timóteo 2.2 [...]. Ele começou a ensinar alunos do ensino médio a discipular uns aos outros em 1933, estendeu sua ação à Marinha dos EUA, ao fundar um grupo chamado *The Navigators* [Os Navegadores]. Tornou-se mentor de um marinheiro que, por sua vez, foi mentor de outros mais a bordo do navio USS West Virginia. Antes de o navio ser afundado em Pearl Harbor, 125 homens estavam crescendo em Cristo e compartilhando sua fé. Durante a Segunda Guerra Mundial, o ministério *The Navigators* se espalhou por milhares de membros da Marinha dos EUA, em navios e bases ao redor do mundo.

O ministério *The Navigators* continuou atuando junto à crescente população militar até 1951, quando também começou a trabalhar com alunos do ensino superior no *campus* da Universidade de Nebraska. Trotman faleceu em 1956, ao resgatar uma jovem que se afogava, no norte do estado de Nova York. Entretanto, o trabalho continuou. Hoje centenas de campi de faculdades ao redor do mundo contam com um grupo de

⁵³ A Junta de Missões Nacionais relançou esses livros em 2016, em edição especial mediante parceria com o MIC.

⁵⁴ Dave Earley foi o preletor do Congresso Nacional Multiplique 2016.

⁵⁵ Segundo a página eletrônica do MIC, o movimento começou no Brasil, de maneira simples e informal, em 1997, com a adesão de mais de 320 pastores e líderes. Disponível em: <www.celulas.com.br> Acesso em: 29 mar. 2023.

⁵⁶ Esse treinamento coincidiu com o lançamento do livro *9 segredos de um multiplicador de igrejas*, em 2019. Pode-se conferir o treinamento em vídeo pelo link: <https://www.youtube.com/watch?v=JnWP4WS3Nh4>

⁵⁷ E-mail pessoal enviado por Dave Earley ao autor deste artigo em 21 set. 2018. Divulgado sob autorização.

⁵⁸ DEVER, Mark. **9 marcas de uma igreja saudável**. São José dos Campos: Fiel, 2016.

Navigators evangelizando e disciplinando os estudantes. [...]

Sou muito grato por esse ministério, em especial na área do discipulado.⁵⁹

Na referida obra, Dever distingue *discipulado* (*discipleship*) de *discipular* (*discipling*), este último algo bem parecido com o discipulado um a um. Por sua definição, *discipling* equivaleria a iniciar um “relacionamento no qual o discipulador ensina, corrige, serve de modelo e ama”.⁶⁰ Com isso, encoraja a influência de um cristão na vida de outras pessoas por meio de relacionamentos intencionais, um a um. Em suas palavras, “discipular é exercer uma boa influência espiritual sobre alguém, de modo deliberado, de forma que essa pessoa se torne mais parecida com Cristo”.⁶¹ Impossível não perceber, aqui, a presença do discipulado um a um de Dawson Trotman.

Registre-se, também, que a The Gospel Coalition, fraternidade de igrejas evangélicas de tradição reformada da qual Dever é um dos conselheiros, postou um texto sobre Trotman por ocasião dos sessenta anos de sua morte em que exalta sua contribuição em matéria de discipulado.⁶²

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É praticamente impossível esgotar as linhas de influência de Dawson Trotman no Brasil. Sua visão de alcançar o mundo levou essa influência por caminhos inesperados, os quais, atravessando gerações, fizeram com que líderes após líderes retransmissem suas ideias, muitas vezes sem saber.

Embora, em seu início, os Navegadores não tivessem um programa de missões estrangeiras, Trotman via claramente que a contribuição que seus liderados poderiam dar à causa missionária global seria incalculável. Escrevendo em 1958, um de seus biógrafos consignou:

Era desejo de seu coração ver o evangelho chegar a toda criatura – independentemente da agência missionária – e, para esse fim, ele encorajou e promoveu a causa de outras organizações que estivessem dedicadas a Cristo, e o fez de maneira tão ardente quanto seria caso fossem a sua própria organização.⁶³

Não foi acaso que, ao pregar no funeral de Trotman, em 1956, Billy Graham tenha dito que ali estavam representados milhares de pessoas de muitas raças, línguas e culturas que haviam sido tocadas por aquele grande homem.⁶⁴

Provavelmente tenha sido por essa visão missionária global e interdenominacional que, no curso dessa pesquisa, vias e mais vias da influência de Dawson Trotman no Brasil não paravam de aparecer. Onde quer que se falasse em discipulado um a um, um novo fio poderia ser traçado até chegar ao “pai” do discipulado um a um moderno. Poder-se-ia citar, por derradeiro, o material *Cada homem um guerreiro*, de autoria de Lonnie Berger, ex-membro da equipe dos Navegadores, distribuído no país pela Rádio Trans Mundial e cuja metodologia de discipulado compreende a memorização de versículos, ao estilo Trotman.⁶⁵ Receando-se pelo não encerramento da pesquisa, decidiu-se interrompê-la neste ponto, na expectativa de encorajar outros pesquisadores a aprofundarem cada uma dessas linhas mediante novos ensaios.

O que se pôde concluir é que, a partir da segunda metade do século XX, praticamente qualquer pessoa ou movimento de discipulado que enfatize o cuidado e treinamento do novo convertido através

⁵⁹ DEVER, Mark. **Discipulado**: como ajudar outras pessoas a seguir Jesus. São Paulo: Vida Nova, 2016, p. 61-62.

⁶⁰ DEVER, 2016, p. 42.

⁶¹ DEVER, 2016, p. 15.

⁶² Disponível em: <<https://www.thegospelcoalition.org/blogs/evangelical-history/60-years-ago-today-the-founder-of-navigators-drowned-while-saving-a-girls-life-an-interview/>> Acesso em: 27 mar. 2023. Este foi o texto traduzido para a página de Igreja Multiplicadora, referenciado na nota 17.

⁶³ SANNY, 1958, p. 20.

⁶⁴ SKINNER, 1974, p. 379. Na ocasião, o pregador também afirmou: “Penso que ele tocou mais vidas do que qualquer outro homem que jamais conheci”.

⁶⁵ BERGER, Lonnie. **Cada homem um guerreiro**: ajudando homens a terem sucesso na vida. São Paulo: Rádio Trans Mundial, 2016, p. 127.

de um relacionamento um a um, são devedores, de alguma maneira, a Dawson Trotman. Ele foi um líder extraordinário que marcou um incontável número de pessoas, em diferentes décadas e contextos. Estudá-lo é sempre uma fonte de inspiração e aprendizado para a vida e ministério. Espera-se que o público brasileiro se familiarize cada vez mais com seu nome e legado.

REFERÊNCIAS

AGUILERA, José Miguel. **Dinamizando a igreja para cumprir a Grande Comissão**. São Paulo: Abba Press, sem data.

ASSOCIAÇÃO MDA. **A visão**. Disponível em: <<https://www.associacaomda.org/a-visao/>>. Acesso em: 29 mar. 2023.

BERGER, Lonnie. **Cada homem um guerreiro**: ajudando homens a terem sucesso na vida. São Paulo: Rádio Trans Mundial, 2016.

BRANDÃO, Fernando (Org.). **Igreja Multiplicadora**: 5 princípios bíblicos para crescimento. Rio de Janeiro: Convicção, 2014.

CARVALHO, Diogo. Prefácio à nova edição em Português. In: MOORE, W. **Discipulado segundo o Novo Testamento**. Rio de Janeiro: Junta de Missões Nacionais, 2022.

DEVER, Mark. **9 marcas de uma igreja saudável**. São José dos Campos: Fiel, 2016.

DEVER, Mark. **Discipulado**: como ajudar outras pessoas a seguir Jesus. São Paulo: Vida Nova, 2016.

Entrevista com o Pr. Abe Huber. Disponível em: <www.amominhacelula.com.br/entrevista-pr-abe-huber-22/> Acesso em: 11 jun. 19.

FLANDERS, Ralph (Senator, United States); ARMSTRONG, Orland K. (Representative, United States); LANGLIE, Arthur B. (Governor, State of Washington); e outros [Correspondência]. Destinatário: Membros dos governos federal, estadual e municipal do Brasil. 1 mar. 1952. Carta tipografada.

FOSTER, Robert D. **The Navigator**: Dawson Trotman. Colorado Springs: NavPress, 1983.

GIANETTA, Amélio. [Correspondência]. Destinatário: Joe Underwood. 10 jul. 1972. carta tipografada.

GRAHAM, Billy. Introdução. In: ORR, J. Edwin. **Plena Submissão**. Rio de Janeiro: Confederação Evangélica do Brasil, 1952.

HANKINS JR, James Douglas. **Following Up**: Dawson Trotman, The Navigators, and the Origins of Disciple Making in American Evangelicalism, 1926-1956, Tese (Doutorado). Doctor of Philosophy, George W. Truett Theological Seminary, Baylor University, Deerfield, Il, jul. 2011.

HANKS JR, Billy; SHELL, William A. **Discipleship**: the best writings from the most experienced disciple makers. Grand Rapids: Zondervan, 1960.

ORR, James Edwin. [Correspondência]. Destinatário: Israel Gueiros. 7 out. 1952. Carta tipografada.

PORTAL MULTIPLIQUE. **Há 60 anos, um apaixonado pelo discipulado um a um morria afogado – Dawson Trotman**. Tradução: Arthur Mello. 2016. Disponível em: <<https://igrejamultiplicadora.org.br/new/ha-60-anos-um-apaixonado-pelo-discipulado-um-a-um-morria-afogado-dawson-trotman/>>. Acesso em: 27 mar. 2023.

REYNOLDS, Jeffrey Paul. **Dawson Trotman's Personal Spiritual Disciplines as The Foundation for His Great Commission Ministry**: Tese (Doutorado), Doctor of Philosophy, Southern Baptist Theological Seminary, Louisville, Kc, dez. 2014.

SANNY, Lorne C. **Dawson Trotman: the pathfinder.** Colorado Springs: The Navigators, 1958.

SILVA FILHO, Olavo Dias da. Prefácio: um pouco de história. In: AGUILERA, José Miguel M. **Dinamizando a Igreja para cumprir a grande missão: da recepção ao discipulado.** Jaboticabal: Edição do Autor, 1998.

SKINNER, Betty Lee. **Daws: the story of Dawson Trotman, founder of the Navigators.** Colorado Springs: NavPress; Tyndale, 1974.

SOUZA, Vital. O que é o MDA. **Vigiai**, Taubaté-SP, ano 4, n. 16, p. 24-28, jul. 2015.

THE NAVIGATORS. **A History of the Navigator Ministry in Brazil.** Jun. 1963 – Out. 1981. Não publicado.

THE NAVIGATORS. **Nav News.** Jan. 1953. Los Angeles, CA: 1953.

TIPPIT, Sammy. **Coração ardente.** Rio de Janeiro: Junta de Missões Nacionais, 2019.

TOMBRELLA, J. A. **Mears Christianity: The Birth of the Modern Discipleship Movement.** Tese (Doutorado). Doctor of Philosophy, Southwestern Baptist Theological Seminary, Fort Worth, Texas, dez. 2017.

TROTMAN, Dawson. **Nascidos para se multiplicarem.** São Paulo: Vida Nova, 1976.

TROTMAN, Dawson. **Dawson Trotman in his own Words:** compiled by Ken albert, Susan Fletcher, and Doug Hankings. Colorado Springs: NavPress; Tyndale, 2011.



*A Revista Batista Pioneira está licenciada com
uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações -
4.0 Internacional*

TEOLOGIA, TEORIA SOCIAL E EDUCAÇÃO EM ABRAHAM KUYPER

Theology, Social Theory, and Education in Abraham Kuyper

Me. Ednardo Luís Duarte da Silva¹

Ma. Joyce Medeiros de Melo²

Dr. Marcelo Ramos Saldanha³

Dr. Júlio Adam⁴

RESUMO

A forma como Abraham Kuyper concebia a natureza e o papel da educação na sociedade moderna europeia ficou registrada em caráter incipiente em sua palestra inaugural na Universidade Livre de Amsterdã. A presente memória nos serve de ponto de partida para uma breve retrospectiva da vida e de parte do seu profícuo pensamento, bem como uma análise embrionária do legado deste reformador moderno para a interação entre teologia e educação. Em seu discurso, ele esclarece que a educação é um dom divino concedido à humanidade a fim de mantê-la livre. Além disso, ele propõe que ela possui um papel fundamental na disseminação social do conhecimento. Segundo Abraham Kuyper, a educação deve habitar uma dimensão própria, apresentando-se sempre de maneira independente da Igreja e do Estado.

Palavras-chave: Abraham Kuyper. Universidade Livre de Amsterdã. Soberania das esferas. Teologia. Teoria Social. Educação. Teologia Pública.

¹ Ednardo Luís Duarte da Silva. Doutorando em Teologia pelo Fuller Theological Seminary. Mestre em Teologia pela Faculdades EST. E-mail: duarteednardo@gmail.com.

² Joyce Medeiros de Melo. Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia com concentração em Sociologia pela Universidade Federal do Pará. E-mail: joycebrelaz@hotmail.com.

³ Marcelo Ramos Saldanha. Mestre em Teologia e doutor em Filosofia. Professor de Teologia Fundamental na Faculdades EST e editor chefe da Revista Estudos Teológicos. E-mail: marcelo.saldanha@est.edu.br.

⁴ Júlio César Adam. Doutor em Teologia pela Universidade de Hamburgo e professor adjunto de Teologia Prática na Faculdades EST. E-mail: julio3@est.edu.br.

ABSTRACT

The way in which Abraham Kuyper conceived the nature and role of education in modern European society was recorded in an incipient character in his inaugural lecture at the Free University of Amsterdam. The present memoir serves as a starting point for a brief retrospective of his life and part of his fruitful thinking, as well as an embryonic analysis of the legacy of this modern reformer for the interaction between theology and education. In his speech, he clarifies that education is a divine gift given to humanity in order to keep it free. Furthermore, he proposes that it plays a key role in the social dissemination of knowledge. According to Abraham Kuyper, education must have its own dimension, always appearing independently of the Church and the State.

Keywords: Abraham Kuyper. Free University of Amsterdam. Sphere sovereignty. Theology. Social Theory. Education. Public Theology.

INTRODUÇÃO

Este artigo se propõe a investigar a compreensão de Abraham Kuyper acerca da educação ao analisar seu discurso na palestra inaugural da *Vrije Universiteit Amsterdam* (Universidade Livre de Amsterdã). O ano de 1880 viu o nascimento desta instituição educacional que, segundo Price, “foi fundada para proporcionar um lugar para as artes e as ciências florescerem sob a bandeira de Cristo”.⁵

O final do século 19 era regido pelo racionalismo antropocêntrico do Iluminismo, o qual forçava “a retirada de valores religiosos da esfera pública com vistas a uma privatização da fé, sob a bênção do iluminismo [...]”.⁶ Kuyper denunciou o cenário holandês ao afirmar: “A vida da nossa nação também está engajada em batalha, em meio a uma crise neste incrível século, experimentada em comum com todas as nações envolvidas e que permeia toda a humanidade de um lado a outro”.⁷

Diante da realidade enfrentada pelos holandeses e a marcante inauguração da Universidade Livre de Amsterdã, procuraremos entender como Abraham Kuyper enxergava a natureza e o papel da educação na sociedade moderna da época. É possível que ele defendesse uma universidade comprometida com a liberdade do povo, a independência da ciência e a disseminação da verdade. É isto que veremos confirmar-se ou não no decorrer desta presente pesquisa.

Podemos tomar por certo que se trata de um assunto de grande relevância para o estudo da Teologia Pública, mais propriamente dito, para uma melhor compreensão de como instrumentalizar a educação num contexto brasileiro e latino-americano a partir de uma leitura sociológica alicerçada em uma teologia reformada e sua proposta de filosofia revelacional.⁸

Faremos uma pesquisa exploratória, que será fundamentalmente bibliográfica. Visitaremos algumas das principais obras e artigos científicos que tratam da palestra de Kuyper em questão e suas conjecturas. Passaremos por uma breve biografia de Kuyper, analisaremos o seu conceito de soberania das esferas e, finalmente, nos dedicaremos à sua palestra de inauguração da *Vrije* e a significância da educação nesse contexto.

⁵ PRICE, Timothy Shaun. Abraham Kuyper and Herman Bavinck on the Subject of Education as seen in Two Public Adresses. [2011]. **The Bavinck Review**. Disponível em: https://bavinckinstitute.org/wp-content/uploads/2011/05/TBR2_Price.pdf. p. 59. Acesso em: 13 jul. 2021.

⁶ REICHOW, Josué K. **Reformai a vossa mente: a filosofia cristã de Herman Dooyeweerd**. Brasília: Monergismo, 2019. p. 54.

⁷ KUYPER, Abraham. Sphere Sovereignty. [1880]. **The Gospel Coalition**. Disponível em: https://media.thegospelcoalition.org/wp-content/uploads/2017/06/24130543/SphereSovereignty_English.pdf. p. 2. Acesso em: 13 jul. 2021.

⁸ Por “filosofia revelacional” nos referimos à ideia da revelação de Deus em sua forma e conteúdo proposta por Herman Bavinck. Para um aprofundamento deste conceito, ver BAVINCK, Herman. **The Philosophy of Revelation**. Ontário, CA: ALEV Books, 2011. E-book. Segundo Eglinton e Monteiro no prefácio à edição brasileira, “assim como, perante a revelação, a religião deve apresentar-se como a resposta ética pessoal apropriada, de igual modo, Bavinck acreditava, um aspecto específico de quem somos – a nossa razão – exige que uma filosofia também se apresente perante tão grande e abrangente revelação”.

1. A VIDA E A OBRA DE ABRAHAM KUYPER

Abraham Kuyper era natural de Maassluis, na Holanda. Nasceu dia 29 de outubro de 1837, filho do casal Rev. Jan Hendrik [sic]⁹ e Henriëtte Huber Kuyper. Seus estudos iniciais se deram em sua cidade natal, bem como em Middelburg, local onde seu pai foi chamado em 1849. É sabido que seus professores o enxergavam como um menino lento no entendimento, o que parece ter mudado com o passar dos anos, especialmente quando, com apenas doze anos de idade, já estava apto para ingressar no Ginásio em Middelburg.¹⁰

Alguns anos mais tarde, continuou seus estudos na Universidade de Leyden, onde graduou-se com honra. Nesta mesma instituição, em 1863, obteve seu Doutorado em Teologia Sacra, iniciando seu ministério pastoral na cidade de Beesd logo no ano seguinte. Ali, convivendo com paroquianos rurais e modestos, percebeu que tinham uma cosmovisão mais coerente que a sua e um conhecimento bíblico maior que o seu. Em suas palavras, “não havia apenas conhecimento da Bíblia, mas também conhecimento de uma bem ordenada cosmovisão [...]”.¹¹

Após uma série de fatores, Kuyper decidiu abandonar a teologia liberal aprendida em Leyden. Heslam chama nossa atenção ao testemunho do jovem pastor: “[...] as Santas Escrituras não somente nos fazem encontrar a justificação pela fé, mas também mostram o fundamento de toda vida humana, as santas ordenanças que devem governar toda a existência humana na sociedade e no Estado”.¹² Segundo Santos, ele

[...] acabou sendo alvo de verdadeira admiração e amor por parte de seus paroquianos. Prova disso é que eles começaram a interceder sinceramente diante de Deus pelo seu jovem pastor, de forma individual e coletiva, para que ele fosse inteiramente convertido a Cristo.¹³

Para uma visão cronológica de algumas de suas principais atividades a partir desta fase da sua vida, podemos elencar o seguinte: em 1871, assumiu como editor o jornal de viés cristão *De Heraut*; em 1872, assumiu como editor chefe o jornal e órgão oficial do partido antirrevolucionário *De Standaard*; em 1874, tornou-se membro da Casa Baixa do Parlamento; em 1879, auxiliou na fundação do partido político antirrevolucionário; em 1880, auxiliou na fundação da Universidade Livre de Amsterdã; em 1898, proferiu as conhecidas *Palestras Stone* no Seminário Teológico de Princeton; e em 1901, foi eleito primeiro ministro da Holanda.¹⁴

Este multifacetado pensador cristão da modernidade, faleceu em 8 de novembro de 1920. Em idade avançada, aos 82 anos [sic]¹⁵, ainda traçava planos para outra obra, intitulada *O Messias*.¹⁶ Santos, descrevendo a opinião de Heslam sobre Kuyper, afirma que “suas ideias dominaram a vida política e religiosa da Holanda por aproximadamente meio século e continuam até hoje a inspirar uma escola internacional de pensamento”.¹⁷

Wolterstorff destaca que “Kuyper foi um holandês da virada do século cuja criatividade veio a

⁹ O nome correto do pai de Abraham Kuyper era Jan Fredrik Kuyper, e não Jan Hendrik Kuyper. Veja BRUIJN, Jan de. **Abraham Kuyper: a pictorial biography**. Grand Rapids; Cambridge: Eerdmans, 2014. E-book. p. 116.

¹⁰ KUYPER, Abraham. **Calvinismo**. [s.l.]: Lebooks, [s.d.] E-book. p. 36.

¹¹ HESLAM, Peter S. **Creating a Christian Worldview: Abraham Kuyper's Lectures on Calvinism**. Grand Rapids: Eerdmans, 1998. E-book. p. 361.

¹² HESLAM, 1998, p. 14.

¹³ SANTOS, Nilson Moutinho dos. Abraham Kuyper: um modelo de transformação integral. In: LEITE, Cardoso Antônio; CARVALHO, Guilherme Vilela Ribeiro de; CUNHA, Maurício José da (orgs.). **Cosmovisão cristã e transformação: espiritualidade, razão e ordem social**. Viçosa: Ultimato, 2006, p. 86-87.

¹⁴ SANTOS, 2006, p. 88.

¹⁵ Cf. as datas de nascimento e de falecimento, nota-se que sua morte se deu aos 83 anos de idade, e não aos 82, como diz a obra *Calvinismo*. Veja BRUIJN, Jan de. **Abraham Kuyper: a pictorial biography**. Grand Rapids; Cambridge: Eerdmans, 2014, p. 3361.

¹⁶ KUYPER, [s.d.], p. 64.

¹⁷ HESLAM, 1998 *apud* SANTOS, 2006, p. 89.

se expressar em muitas áreas – igreja, política, academia, jornalismo.”¹⁸ Sobre isso, Moreira esclarece que “[...] sua carreira se confunde com momentos significativos de um recorte histórico de sua nação e sua história se amalgama com o desenvolvimento do pensamento reformado de sua igreja local nacional [...]”.¹⁹ Fica evidente o dinamismo, a vivacidade e o empenho com que Kuyper desenvolvia suas responsabilidades e buscava atingir seus objetivos.

A mais pura verdade é que este teólogo e estadista holandês acabou tornando-se uma referência tanto na esfera intelectual quanto em assuntos práticos e políticos de sua época. Com uma teologia fortemente embasada no calvinismo e ênfase na soberania de Deus sobre todos os aspectos da realidade, Kuyper definiu como meta final de sua vida renovar a vida social da igreja e nação holandesas. Isso conquistou, criando a Universidade Livre de Amsterdã, publicando jornais com perspectiva reformada, formando o primeiro partido político moderno da Holanda e tornando-se primeiro-ministro daquele país por um período de cinco anos.²⁰

Para Jurity, “Kuyper foi o principal expoente do movimento de renovação religiosa e social ocorrido na Holanda do século XIX, e que ficou conhecido como neocalvinismo holandês”.²¹ Larson nos diz que Kuyper “forneceu um corpo coerente de pensamento político neocalvinista baseado no fundamento da doutrina bíblica”.²² Também, que a partir das Sagradas Escrituras, ele desenvolveu princípios fundamentais para a instrumentalização política e governamental, como, por exemplo: a autoridade de Deus sobre as nações; a condição decaída da natureza humana e a necessidade de governo e limites à autoridade política; e o valor da liberdade.²³

Carvalho entende que Kuyper foi “provavelmente o primeiro reformador pós-iluminista do cristianismo protestante”.²⁴ Ele enfatiza que o fato de Kuyper ter refundado o calvinismo, invocando conceitos reformados e articulando estes a um contexto moderno, obviamente com sensibilidade ao significado da Revolução Francesa, do Iluminismo e da crítica romântica ao Iluminismo, afasta o mesmo da tendência da época de promover uma síntese do humanismo secular com a fé cristã.²⁵

Goheen e Bartholomew concordam com Carvalho no que diz respeito à essa espécie de atualização do calvinismo ao explicarem que Kuyper

[...] tinha a profunda convicção de que o calvinismo (a tradição de pensamento protestante que teve origem em João Calvino, reformador do século 16) estava relacionado com a vida em sua totalidade. Em 1898, Kuyper fez uso de suas *Stone Lectures* [Palestras Stone], promovidas pela Universidade de Princeton, nos Estados Unidos, para expressá-lo como uma cosmovisão.²⁶

Este homem, segundo os editores de sua obra *Calvinismo*, que durante sua vida dedicou-se à reconstrução das estruturas sociais de sua terra, desenvolveu sua visão de mundo e práxis cultural na “cidade dos homens” a partir da mencionada herança calvinista, tornando quase impossível olharmos para a história e não percebermos que:

¹⁸ WOLTERSTORFF, Nicholas. The Grace That Shaped My Life. **Epistle of Dude**. Disponível em: <https://epistleofdude.files.wordpress.com/2017/11/grace-that-shaped-my-life.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2021.

¹⁹ MOREIRA, Thiago. **Abraham Kuyper e as bases para uma teologia pública: a soberania divina e o desenvolvimento humano nas esferas da existência**. Brasília: Monergismo, 2020, p. 107.

²⁰ KUYPER, [s.d.], p. 9.

²¹ JURITY, Maria Angélica de F. Abraham Kuyper, o neocalvinismo holandês do século XIX e a contemporaneidade: apontamentos para a compreensão de um modelo reformado de teologia pública. **Reflexus**. Disponível em: <https://revista.fuv.edu.br/index.php/reflexus/article/view/2616>. p. 171. Acesso em: 17 ago. 2022.

²² LARSON, Mark J. **Abraham Kuyper, Conservatism, and Church and State**. E-book. Wipf and Stock Publishers, 2015, p. 40.

²³ LARSON, 2015, p. 40.

²⁴ CARVALHO, Guilherme V. R. de. A missão integral na encruzilhada: reconsiderando a tensão no pensamento teológico de Lausanne. In: RAMOS, Leonardo; CAMARGO, Marcel; AMORIM, Rodolfo (orgs.). **Fé Cristã e Cultura Contemporânea: cosmovisão cristã, igreja local e transformação integral**. Viçosa: Ultimato, 2009, p. 53.

²⁵ CARVALHO, 2009, p. 53.

²⁶ GOHEEN, Michael W.; BARTHOLOMEW, Craig G. **Introdução à cosmovisão cristã: vivendo na intersecção entre a visão bíblica e a contemporânea**. São Paulo: Vida Nova, 2016, p. 40.

Durante todos estes anos sua obra foi multiforme a um grau estarrecedor. Como tem sido dito: “Nenhum departamento do conhecimento humano era estranho a ele”. E quer o tomemos como estudante, pastor ou pregador; como linguista, teólogo ou professor universitário; como líder de partido, organizador ou estadista; como filósofo, cientista, publicitário, crítico ou filantropo - há sempre “algo incompreensível nos poderosos labores deste lutador incansável; sempre algo tão incompreensível quanto o gênio sempre é.” Mesmo aqueles que discordaram dele, e foram muitos, o honraram como “um oponente de dez cabeças e umas cem mãos.” Aqueles que compartilharam sua visão e seus ideais o apreciaram e o amaram “como um dom de Deus para nossa época.”²⁷

2. O CONCEITO DE “SOBERANIA DAS ESFERAS”²⁸

Conforme Fontes, a expressão “soberania das esferas” foi utilizada por Kuyper para, “desafiando o absolutismo do estado moderno, afirmar o entendimento de que a soberania de Deus se manifesta socialmente no estabelecimento de um campo de atuação e de limites para as diversas instituições”.²⁹ Engana-se quem pensa que ele introduz seu pensamento acerca da “soberania das esferas” apenas em 1898, por ocasião das *Stone Lectures*, na Universidade de Princeton. Moreira ressalta que

[...] uma exposição mais bem definida e embasada da soberania das esferas – *Souvereiniteit in Eigen Kring* –, pela qual Kuyper pugna pela autonomia das múltiplas esferas sociais e da existência humana, se faz presente em seu discurso de abertura da Universidade Livre de Amsterdã (1880), quando enfatizava a autonomia da esfera científica em face, notadamente, do controle político ou eclesial.³⁰

Logo no início de seu discurso, Kuyper argumenta:

Que é soberania? Vocês não concordam comigo quando a descrevo como: a autoridade que tem o direito e o dever de exercer poder para sujeitar à sua vontade toda resistência e para punir tal resistência? E esse sentido nacional inafastável não causa em você a convicção de que a soberania original e absoluta não pode repousar sobre qualquer criatura, mas deve coincidir com a majestade de Deus? Se você crê nele como o Arquitecto e Criador, como aquele que estabelece e determina todas as coisas, então sua alma deve também proclamar o Deus Trino como o único e absoluto Soberano. Contanto que – é importante enfatizar –, se reconheça que esse exaltado Soberano delegou e delega a sua autoridade a seres humanos; de modo que, na terra, não se pode ver o próprio Deus em coisas visíveis, mas essa autoridade soberana é sempre exercida por meio de um ofício exercido por *homens*. E nessa atribuição da soberania de Deus a um ofício exercido pelo homem emerge extremamente importante questão: como se dá essa delegação da autoridade? Será essa soberania divina todo-abrangente delegada por inteiro a um único homem, ou será que um soberano terreno possui o poder de exigir obediência apenas num círculo limitado; um círculo tangente a outros círculos em que outro é soberano? [...] ‘Na medida do factível’, pois a soberania de Deus sobre as coisas do alto está além do alcance dos homens; sua soberania sobre a natureza está além do poder dos homens; sua soberania sobre o destino está além da disposição dos homens. Todavia, nas demais coisas, sim, sem a ‘soberania das esferas’, o governo do estado é ilimitado para dispor de pessoas, sua vida, seus direitos, sua consciência e até sua fé.³¹

Na compreensão de Kuyper, a soberania do Deus Trino sobre todo o cosmos, em todas as

²⁷ KUYPER, [s.d.], p. 64.

²⁸ É importante dizer que usamos o termo “soberania das esferas” enfatizando o aspecto plural que a realidade social impõe aos seres humanos; tanto em termos de ontologia, do que seria configurado existencialmente o propósito de cada esfera, quanto em termos sociológicos, de uma relação social orgânica. Ainda que o processo de individualização atual seja a força motora da sociedade, privilegiando uma perspectiva egocêntrica do mundo (vide KUIPER, R. **Capital moral**: o poder de conexão da sociedade. Brasília: Monergismo, 2019, p. 39-43.), a interpretação da realidade a partir de uma organização em esferas salvaguarda tanto o indivíduo quanto a própria sociedade dos ditames da idolatria do Eu. Por outro lado, as mudanças externas ao indivíduo decorrentes da tecnologia, economia e globalização nos mostram que as esferas continuam presentes, ainda que as dinâmicas internas a elas esbocem diferentes configurações. Fugimos, portanto, de um anacronismo conceitual.

²⁹ FONTES, Filipe Costa. Missão Integral ou Neocalvinismo: em busca de uma visão mais ampla da missão da igreja. **Fides Reformata**. Disponível em: <https://cpaj.mackenzie.br/wp-content/uploads/2020/08/4-Missao-Integral-ou-Neocalvinismo-Em-busca-de-uma-visao-mais-ampla-da-missao-da-Igreja-Filipe-Fontes.pdf>. p. 70. Acesso em: 15 ago. 2022.

³⁰ MOREIRA, 2020, p. 1894.

³¹ KUYPER, 1880, p. 3.

suas esferas e reinos, visíveis e invisíveis, irradia-se na humanidade por meio de uma tríplice soberania derivada: “1. A Soberania no Estado; 2. A Soberania na Sociedade; e 3. A Soberania na Igreja”.³² É possível identificar o esforço insistente de Kuyper em promover a liberdade de pensamento e a pluralidade religiosa contra qualquer poder do Estado ou ainda de uma esfera sobre outra esfera. Ele e seus seguidores, que militavam contra o Modernismo, entendiam que a soberania não podia ser fundamentada em nenhuma das teorias de contrato social, fosse ela “hobbesiana, lockiana ou rousseauiana”.³³

Kuyper entende, quando o assunto é a autoridade social orgânica, que a genialidade humana é um poder soberano apto para formar escolas, produzir arte, exercer controle sobre o estado de espírito e influenciar a condição humana. A tal soberania da genialidade é um dom que os seres humanos só podem ter por meio da graça de Deus.³⁴ Desta forma, “a universidade exerce domínio científico; a academia das belas-arts possui o poder da arte; o grêmio exerce um domínio técnico; o sindicato governa sobre o trabalho [...]”. Ele entende que toda a vida em sociedade “forma uma esfera de existência que nasce das próprias necessidades da vida, e que por isso deve ser autônoma”.³⁵

Portanto, a soberania evidencia-se nas diversas ramificações: “1. Na esfera social, pela superioridade pessoal. 2. Na esfera corporativa das universidades, grêmios, associações etc. 3. Na esfera doméstica da família e da vida matrimonial. 4. Na autonomia pública”.³⁶ O Estado não pode ir além da sua própria esfera de atuação, impondo suas leis, e sim, deve reverenciar a lei inata da vida que rege cada esfera. Nas palavras de Mouw:

De uma perspectiva calvinista, entendemos, então, que a família, as empresas, a ciência, a arte etc. são todas esferas sociais que não devem sua existência ao Estado e que não derivam sua lei de vida da superioridade do Estado, mas que obedecem a uma autoridade superior interna à sua área; uma autoridade que governa [internamente a elas], pela graça de Deus, tal como o Estado o faz [internamente à sua própria esfera].³⁷

Essa compreensão geral, ainda que embrionária, do pensamento de Abraham Kuyper sobre a relação da soberania de Deus com a soberania das esferas, torna-se essencial para a análise de sua conceituação argumentativa a respeito da educação na ocasião da inauguração da Universidade Livre de Amsterdã, visto que foram os temas abordados imediatamente antes do reformador moderno esclarecer algumas de suas crenças científico-pedagógicas.

Foi no clímax dessa palestra que Kuyper proferiu a famosa sentença: “Não há um centímetro quadrado em todo o domínio de nossa existência humana sobre o qual Cristo, soberano sobre tudo, não diga: ‘É meu!’”³⁸, fechando com maestria sua prédica e explicitando “que todas as coisas pertencem a Deus [...]”, não existindo “área nessa vida a qual Ele não possa reivindicar poder e governo”.³⁹ Naugle afirma que esta contribuição tem como fonte a “poderosa visão espiritual extraída da teologia dos reformadores protestantes (principalmente Calvino) que se centrou na soberania do Deus bíblico sobre todos os aspectos da realidade, vida, pensamento e cultura”.⁴⁰

³² KUYPER, [s.d.], p. 1436.

³³ REICHOW, Josué K. **A filosofia reformada de Herman Dooyeweerd e suas condições de recepção no contexto brasileiro.** Dissertação de Mestrado. São Leopoldo: Faculdades EST, 2014. p. 48.

³⁴ KUYPER, [s.d.], p. 1754.

³⁵ KUYPER, [s.d.], p. 1765.

³⁶ KUYPER, [s.d.], p. 1776.

³⁷ MOUW, Richard J. **Abraham Kuyper: a short and personal introduction.** Grand Rapids: Eerdmans, 2011, p. 90.

³⁸ KUYPER, 1880, p. 26.

³⁹ LIMA, Daniel Barros de. **Cosmovisão cristã: a transformação da mente cristã na contemporaneidade. Protestantismo em Revista.** Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/nepp/article/view/2390>. p. 50. Acesso em: 15 ago. 2022.

⁴⁰ NAUGLE, David. O Senhorio de Cristo sobre a totalidade da vida: uma introdução ao pensamento de Abraham Kuyper. In: TAVARES, Fabrício; SABINO, Felipe. **Em toda a extensão do cosmos.** Brasília: Monergismo, 2017. p. 99.

3. A NATUREZA E O PAPEL DA EDUCAÇÃO

Dia 20 de outubro de 1880, outono na região dos Países Baixos, foi a data que marcou o início das atividades desta universidade que está às vésperas de completar cento e cinquenta anos de existência. A Universidade Livre de Amsterdã, pode-se dizer assim, teve a honra de ter como fundador, como já citado anteriormente, Abraham Kuyper (1837-1920), “um *homo universale*, um verdadeiro gênio em questões intelectuais e práticas. Notável jornalista, educador e teólogo dotado de vigor mosaico [...]”, segundo Naugle.⁴¹

Price recorda que “Kuyper aproveitou esta oportunidade para explicar porquê a soberania das esferas é tão importante para sua compreensão do que a Universidade Livre deveria ser”.⁴² O reformador asseverou:

Vocês agora esperam que eu lhes diga o que esta escola por nós introduzida espera realizar na vida da Holanda; porquê ela brande a bandeira da liberdade na ponta de sua lança; e porquê ela examina tão atentamente o livro da religião reformada. Permitam-me encadear a resposta a essas três questões por meio de um único conceito, o de ‘soberania das esferas’, apontando essa soberania das esferas como a insígnia da nossa instituição em sua significância *nacional*, em seu propósito *científico* e em seu caráter *reformado*.⁴³

O que nos interessa para fins desta pesquisa, visto que ela se ocupa da compreensão kuyperiana acerca da educação, é o exame da seção dois de sua tríade proposta acima, a saber, seu propósito científico⁴⁴, em holandês, *baar wetenschappelijke bedoelen*. Inclusive, esse sistema *esfera-educação-ciência* é um tema que Herman Bavinck também desenvolve em suas *Stone Lectures* em Princeton (1908), dez anos após as de Kuyper. Seu viés, no entanto, versa “não principalmente sobre educação, mas sim sobre sua compreensão da revelação”.⁴⁵

A primeira colocação, propriamente dita, que Kuyper faz acerca da educação, é que ela é uma *dádiva divina para que as nações se mantenham livres*. Ele afirma que “entre os meios de defesa que Deus concedeu para que os povos mais esclarecidos mantivessem suas liberdades, também encontramos a ciência ou o conhecimento”.⁴⁶ Sua argumentação prossegue, e ele não hesita em lançar mão de exemplos canônicos e históricos:

Entre os intérpretes do Espírito Santo, o homem de Tarso se destacou por sua destreza científica; Lutero extraiu a liberdade da Reforma não do meditativo João, nem do prático Tiago, mas do baú do tesouro paulino. Estou ciente de que o conhecimento também pode trair a liberdade e, de fato, a traiu mais de uma vez, mas isso foi *apesar de*, e não *por causa de* sua missão sagrada. Em sua forma real, Deus o enviou a nós como um anjo de luz. Afinal, não é a falta de *plena consciência* que rouba o lunático, o idiota e o bêbado de seu aspecto humano? E chegar a uma consciência plena, não apenas do ser, mas também daquilo que existe além do ser, não é isso a essência da ciência? A reflexão de Deus acerca dos Seus pensamentos *por nós, sobre nós e em nós*? A consciência de vida não apenas de um indivíduo, mas da humanidade em todas as eras! Ser capaz de contemplar o que ela é e, então, resumir em nosso entendimento aquilo que é refletido na nossa consciência é o arranjo gracioso de Deus para nossa existência humana. Possuir sabedoria é um traço divino no nosso ser. De fato, o poder da sabedoria e da ciência se estende tanto que as coisas normalmente não seguem seu rumo de acordo com a realidade, mas sim como o homem imagina essa realidade. Quem dirá que ideias não são importantes? Essas ideias moldam a opinião pública; essas opiniões formam o senso de justiça; e, de acordo com esse sentido, o rio da vida espiritual é derretido ou congelado.⁴⁷

⁴¹ NAUGLE, 2017, p. 99.

⁴² PRICE, 2011, p. 60.

⁴³ KUYPER, 1880, p. 2.

⁴⁴ Timothy Shaun Price, em seu artigo ‘Abraham Kuyper and Herman Bavinck on the Subject of Education as seen in Two Public Addresses’ opta pela expressão “acadêmico”, do inglês *scholarly*.

⁴⁵ PRICE, 2011, p. 65.

⁴⁶ KUYPER, 1880, p. 14.

⁴⁷ KUYPER, 1880, p. 14.

Pode parecer meio exagerada a metáfora de Kuyper sobre a “destreza científica” do apóstolo Paulo ter sido a porta pela qual a Reforma surgiu, porém, seu ponto de vista de que a educação pode servir de luz para conceder liberdade do cativeiro não é menos profundo. Para ele, a clareza do pensamento é o meio pelo qual a verdade pode ser encontrada em cada esfera.⁴⁸ Em suas palavras, “aquele que espera que seus princípios exerçam influência não pode continuar a boiar numa atmosfera de sentimento; [...] apenas detém a atenção do público se também obteve poder no mundo do pensamento [...]”.⁴⁹

Heslam, comentando sobre o tratamento que Kuyper dá, mais de uma década após a inauguração da *Vrije*, ao tema dos decretos de Deus para o impulso científico da humanidade no jornal *De Herant*, afirma:

[Ele argumentou que] toda a ordem criada era ‘uma cortina visível atrás da qual resplandecem as obras exaltadas do pensamento divino’. Os seres humanos, feitos à imagem de Deus, receberam a capacidade e o mandato de reconhecer esses pensamentos, entendê-los, pensar sobre eles e integrá-los em um sistema unificado. Ao fazê-lo, estavam pensando os pensamentos de Deus diante dele, e o resultado dessa atividade é o desenvolvimento da ciência.⁵⁰

A segunda colocação feita por Kuyper sobre educação, em seu discurso na inauguração da *Vrije*, foi que ela *deveria permanecer independente, soberana em sua própria esfera sem se degenerar sob a tutela da Igreja ou do Estado*. Ele afirma que “a ciência também cria sua própria esfera de vida, na qual a verdade é soberana e, sob nenhuma circunstância, a violação dessa lei vital pode ser tolerada. Fazer isso não apenas desonraria a ciência, mas também seria um pecado diante de Deus”.⁵¹ Ele desenvolve o pensamento ao afirmar:

Nós devemos, então, insistir que a Igreja de Jesus Cristo jamais force sua supremacia sobre a ciência. Sob o risco de sofrer nas mãos da ciência, a igreja deve instar a que a ciência não se torne escrava, mas mantenha a soberania que lhe é devida na sua própria esfera e viva pela graça de Deus. [...] Não inteiramente, mas aproximadamente, o mesmo pode ser dito do Estado. Não inteiramente, porque também na esfera científica, quando tal ciência assume a forma visível de um organismo vivo nas escolas, o Estado permanece o planejador absoluto a quem foi dado o poder de definir a esfera que lhe é devida. Mas até esse poder estatal, antes de ultrapassar suas fronteiras e entrar na esfera da ciência, prestará deferência, desatará as correias das sandálias e deixará de lado uma soberania que não seria decorosa nesse terreno.⁵²

Moreira sublinha que “se a doutrina da soberania das esferas defendia a multifacetada ordem criada de Deus com esferas sociais autônomas, a Universidade [...] intencionava mostrar [...] a liberdade da ciência em face do controle político e eclesiástico”.⁵³ Kroef explica que, para Kuyper, uma das consequências da Revolução Francesa havia sido “a crescente invasão de um estado irreligioso sobre toda atividade social [...], especialmente no que diz respeito à educação” e, por isso, ele atuava politicamente com vistas à uma reforma educacional que garantisse a liberdade de escolas privadas confessionais “desde que mantivessem os mesmos padrões educacionais aos quais as escolas públicas estatais aderiram e operavam”.⁵⁴

Nichols amplia, informando que Kuyper

[...] sustentava que, para que a universidade cumprisse seu papel de buscar a verdade por meio de procedimentos científicos, ela deveria ser uma corporação livre de qualquer pressão ou supervisão. Assim, o estado pode estabelecer padrões acadêmicos para uma universidade, mas, além disso, não deve interferir. A universidade deve ser livre para

⁴⁸ PRICE, 2011, p. 62.

⁴⁹ KUYPER, 1880, p. 15.

⁵⁰ HESLAM, 1998, p. 1874.

⁵¹ KUYPER, 1880, p. 11.

⁵² KUYPER, 1880, p. 11-12.

⁵³ MOREIRA, 2020, p. 1909.

⁵⁴ KROEF, Justus M. van der. Abraham Kuyper and the Rise of Neo-Calvinism in the Netherlands. **Cambridge University Press**. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/journals/church-history/article/abs/abraham-kuyper-and-the-rise-of-neocalvinism-in-the-netherlands/1A17B3768494CBB1BA29FF1DC376ADE3>. p. 329-330. Acesso em: 18 ago. 2022.

formular seu próprio currículo, livre para contratar seus próprios professores e para governar sua própria vida interna. Além disso, para preservar a integridade de uma universidade cristã, deve haver liberdade da igreja. Este último nem mesmo deve exercer pressão sobre o corpo docente de teologia da universidade, já que tem a responsabilidade da pesquisa pura em teologia. Para ser livre para a verdade, a universidade deve estar livre das pressões da igreja e do estado. Isso significa liberdade na pesquisa, liberdade no ensino, liberdade para publicação e liberdade para os alunos aprenderem.⁵⁵

Price destaca que essa autonomia educacional não tem uma finalidade autocentrada, pelo contrário, intenciona a verdade que redunde em louvor a Deus:

O estudo acadêmico é vital para o conceito de soberania da esfera, pois cria uma esfera na qual a verdade reina suprema. Embora a esfera acadêmica seja separada da esfera da igreja, isto não leva a uma busca da verdade simplesmente por seu próprio bem. A busca do conhecimento e do alcance da sabedoria deve terminar na ‘adoração do único Deus sábio’. Assim, a erudição deve, em última instância, levar de volta a Deus que é soberano sobre todas as esferas da vida.⁵⁶

Por fim, a terceira colocação de Kuyper sobre educação nesta data comemorativa é que *ela deve ser “conhecimento que se manifesta em vida e cria sua própria imagem nessa vida”*.⁵⁷ Na construção de Kuyper, o Estado não derrama conhecimento na universidade, mas a universidade dissemina o conhecimento para outras esferas da vida. Pelo fato de uma instituição como a Universidade Livre de Amsterdã existir sob as leis do Estado, ele acreditava que os cristãos deveriam aproveitar essa oportunidade para apoiar o florescimento de estudos acadêmicos em todos os campos do conhecimento⁵⁸:

Além disso, compelir os judeus e os católicos romanos a contribuírem para o sustento de uma faculdade teológica, que de fato é e deve ser protestante, pareceria inadequado a um senso de justiça. E se a lei do país, como ouvimos mais cedo, inclui na esfera da justiça nossa instituição livre e sem fardos, não há, então uma profecia gloriosa para a ciência e a vida em uma universidade apoiada pelas pessoas? De fato, eis aqui um grupo que há menos de trinta anos recebeu a alcunha de obscurantista e que, agora, está exaurindo sua força em favor da causa do conhecimento! O menos estimado do segmento ‘não pensante’ da nação, correndo do arado e da loja para arrecadar fundos para uma universidade. Em outros lugares, há um zelo para que o progresso venha de cima para baixo; a ciência deve ser trazida às pessoas. Mas, não é algo superior, um grupo de pessoas dispostas a reduzir seus prazeres para que a ciência floresça? Acaso há uma solução mais prática para o problema de combinar ciência e vida? Não é essencial a cientistas que dependem de fundos fornecidos pelo povo crescerem juntos com o povo e mostrarem repulsa a toda abstração? E, ademais, o ato de dar não é em si mesmo um poder? Não é a habilidade de ceder dinheiro uma capacidade moral? E quem, então, pesará devidamente o capital moral que enriquecerá nosso povo através desta custosa instituição? Reclamações foram feitas acerca da falta de caráter, mas o que pode ser mais útil para a formação do caráter do que tal livre iniciativa da parte de cidadãos vigilantes? E, se em outros lugares a engrenagem universitária se move pelo constrangedor poder dos beneficiários e pela prontidão dos pagadores, não seremos invejosos; pois, se no nosso caso é a luta pela vida, é precisamente nessa luta que o poder da devoção gloriosa é gerado. No dinheiro confiado a nós há outro e maior valor do que o valor intrínseco do metal; oração, amor e suor aderem ao ouro que adentra nossos cofres.⁵⁹

Segundo Bratt, Abraham Kuyper entendia que “a Universidade Livre de Amsterdã deveria dar subsídio a uma cosmovisão robusta em oposição àquela da hegemonia materialista que assolava a Europa”,

uma cosmovisão que faria do fiel remanescente reformado um ator coletivo de igual força

⁵⁵ NICHOLS, Anthony H. Abraham Kuyper: a summons to Christian vision in Education. [1973]. **International Journal in Christianity and Education**. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/002196577301600202>. p. 93. Acesso em: 18 dez. 2021.

⁵⁶ PRICE, 2011, p. 62.

⁵⁷ KUYPER, 1880, p. 12.

⁵⁸ PRICE, 2011, p. 62-63.

⁵⁹ KUYPER, 1880, p. 12-13.

- e talvez um dia superior em fascinação – em relação às forças animadas pelo naturalismo secular. Ao mesmo tempo, os acadêmicos da universidade estariam conduzindo pesquisas avançadas sobre problemas urgentes da vida moderna, necessários para articular políticas alternativas de um ponto de vista cristão.⁶⁰

Ferreira, no artigo *Abraham Kuyper: “a minha glória não darei a outrem”*, concorda com Bratt e ressalta a importância que Kuyper dava a uma visão de mundo cristã que levasse em conta não apenas a teologia, mas, também, todas as outras áreas do saber, promovendo, desta forma, a disseminação de “conhecimento que se manifesta em vida” a partir dos estudos acadêmicos da Universidade Livre de Amsterdã. Nas palavras de Ferreira,

[Kuyper] afirmou ainda que o cristão ‘não pensa por um só momento em se limitar à teologia e à contemplação, deixando as outras ciências como personagens inferiores, nas mãos dos não-crentes’, pelo contrário, ‘considerando isso como seu tema para conhecer Deus em todos os seus trabalhos, está consciente de ter sido chamado para penetrar com toda a energia do seu intelecto nas questões terrestres, tanto quanto nas questões celestiais’. Seu sermão estava baseado em Isaías 48.11: ‘A minha glória não darei a outrem’, indicando que quando nos omitimos na esfera educacional, deixando que Satanás proclame as suas filosofias abertamente e sem contestação, enquanto passivamente assistimos seus avanços em todas as esferas, estamos fazendo justamente o que Deus expressa não permitir: deixamos que sua glória seja dada a outrem! Esta Universidade foi fundada como o meio principal de promover uma reforma da igreja e da sociedade, alcançando ‘a restauração da verdade e da santidade no lugar do erro e do pecado’. Por acreditar que toda verdade vem de Deus, e que cada centímetro da criação pertence a Cristo, ele não apenas estabeleceu uma escola de teologia, mas uma universidade na qual todo o currículo, todas as artes e ciências eram parte de uma cosmovisão bíblica. Kuyper ensinou ali teologia, homilética, hebraico e literatura.⁶¹

No ensaio *O Fim da Universidade*, o filósofo Roger Scruton argumenta que o ambiente universitário tem falhado em seu propósito ao não sustentar o diálogo aberto, a criticidade e a transmissão de um legado cultural próprio do fazer científico. As alternativas aos problemas encontrados na universidade, diz o autor, não são convincentes: um retorno a uma suposta “alta cultura”, por um lado, ou uma disposição por transcender as comunidades imaginadas, tendo em vista uma universalidade cosmopolita, multicultural, por outro.⁶²

As críticas de Scruton à universidade têm em mente a finalidade para a qual nasceram estes grandes centros de veiculação de conhecimento. Com o movimento contínuo de desconstrução de paradigmas culturais e com a produtividade desenfreada a qual os pesquisadores estão submetidos, o ambiente universitário tem se tornado, aos poucos, hostil ao fazer científico livre.

Interessante observar que aparecem na crítica do filósofo tanto a ideia de escapar de um domínio pernicioso da universidade sobre outras formas de conhecimento, quanto a necessidade urgente de uma educação universitária em outros moldes. Portanto, a aplicabilidade do pensamento kuyperiano encontra grande espaço aqui, seja em ratificar a soberania de cada esfera em sua área de atuação, protegendo cada uma de ingerências absolutistas das demais, seja na proposta de uma universidade livre a partir do princípio da cosmovisão cristã e da graça comum.

O conhecimento, possibilitado diretamente por Deus ao ser humano⁶³, a ciência, que é coletiva e

⁶⁰ BRATT, James D. *Abraham Kuyper: modern Calvinist, Christian democrat*. Grand Rapids; Cambridge: Eerdmans, 2013, p. 2767.

⁶¹ FERREIRA, Franklin. *Abraham Kuyper: “a minha glória não darei a outrem”*. **Thirdmill**. Disponível em: https://www.thirdmill.org/files/portuguese/85455~9_18_01_4-02-11_PM~ABRAHAM_KUYPER.html. Acesso em: 18 dez. 2021.

⁶² SCRUTON, Roger. *O fim da universidade*. **Associação Brasileira de Cristãos na Ciência**. Disponível em: <https://www.cristaosnaciencia.org.br/content/uploads/O-fim-da-universidade-Roger-Scruton-1.pdf>. Acesso em: 15 mai. 2022.

⁶³ Kuyper não negligencia os efeitos do pecado na mente humana, em termos de cognição e interpretação, mas postula que através da graça comum o descrente pode investigar a realidade, ainda que de uma forma obstruída, em termos de origem e propósito. Uma concepção diferente é encontrada em Cornelius Van Til, para o qual o apóstata não pode conhecer o mundo, a menos que se renda a Cristo. As implicações de tal pensamento são grandes em termos de teologia prática. Ver mais: BRAUN JR, Guilherme. **Um método trinitário neocalvinista de apologetica**: reconciliando a apologetica de Van Til com a filosofia reformacional. Brasília: Monergismo, 2019.

“cresceu gradualmente em relevância e estabilidade apenas como o fruto do trabalho de várias pessoas, entre várias nações, no curso de séculos”⁶⁴ e a educação, que Kuyper entende como um braço da ciência, operam na sociedade como expressão do plano divino para a humanidade. No momento em que o cristão entende essa verdade, ele está apto a vencer a suposta dualidade entre o religioso e o secular e é capacitado a entrar em sua realidade cotidiana a partir da missão de Deus. Pedro Dulci, explorando a missão integral a partir de René Padilha, observa que a sobreposição do religioso/secular também é vista como necessária para que o cristão atue no mundo segundo a missão de Deus. A instrumentalização desse agir, no entanto, é distinta para ambas as vertentes teóricas.⁶⁵

O importante a ressaltar para os fins deste artigo é que a filosofia educacional de Abraham Kuyper impulsiona a atuação do cristão no campo científico, tendo a universidade como guardião e propagadora da liberdade do conhecer, sendo este possibilitado por Deus. Ao educar pessoas, ao construir conhecimento, ao fomentar ciência o cristão executa parte de seu propósito na terra, dando glórias a Deus Pai. Sendo esta a finalidade da vida humana, glorificar a Deus, haveria estímulo maior para uma atuação prática na sociedade?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer da presente pesquisa, ficou evidente que a vida, as obras e o legado de Abraham Kuyper são um tesouro incontável às gerações atuais. Levando em consideração sua infância, nada promissora no que tange à educação, jamais imaginaríamos ouvir em 1880 palavras tão perspicazes, propositivas e articuladas com o cotidiano da nação holandesa em sua práxis social numa *polis* moderna.

Santos, na obra *Cosmovisão cristã e transformação: espiritualidade, razão e ordem social*, lançada em 2006 pela editora Ultimato, destaca que

mesmo com toda erudição demonstrada por Kuyper, é possível perceber em sua vida e obra que seu conhecimento teológico descansava sobre pilares sólidos: ‘fé simples como de uma criança, discernimento místico e doçura de alma’.⁶⁶

Seu conceito de soberania das esferas, o qual herdou de Groen van Prinsterer (1801-1876)⁶⁷ e desenvolveu ao longo de sua carreira, foi fundamental para toda a sua construção científico-pedagógica proferida no segundo ponto de sua palestra. A partir de lentes reformadas aferidas na tradição calvinista, Kuyper atuou fundamentalmente no terceiro pilar dos mandatos criacionais⁶⁸, isto é, no campo do mandato cultural. Bratt destaca que Kuyper “acreditava que a criação em toda a sua extensão era um presente de Deus [...] e que a redenção de Cristo se estendeu até os confins dessa criação”.⁶⁹

Em seu discurso na inauguração da Universidade Livre de Amsterdã, ele defendeu com magistral oratória e capacidade argumentativa um sistema educacional que se enxergasse como dádiva divina para a permanente liberdade das nações. Outras duas chaves educacionais encontradas em seu vocabulário são a independência da esfera científica e a disseminação da verdade encontrada pela ciência para todas as áreas do saber e da vida humana.

Strauss afirma que a “reforma genuína do pensamento humano significa uma ‘metanóia’ radical, ‘reviravolta’ do coração humano: o coração que, renascendo em Cristo, redirecionaria a vida de uma

⁶⁴ KUYPER, Abraham. **Sabedoria e prodígios**: graça comum na ciência e na arte. Tradução de Fabrício Tavares de Moraes. Brasília: Monergismo, 2018, p. 44.

⁶⁵ DULCI, Pedro Lucas. Conectando a igreja e a academia através da Ortodoxia Integral. 2º Curso Faraday-Kuyper de Ciência, Tecnologia e Religião. [2015]. **Academia**. Disponível em: https://www.academia.edu/22618859/Conectando_a_Igreja_e_a_Academia_atraves_da_Ortodoxia_Integral_2_Curso_Faraday_Kuyper_de_Ciencia_Tecnologia_e_Religião. Acesso em: 15 mai. 2022.

⁶⁶ SANTOS, 2006, p. 88.

⁶⁷ Para um aprofundamento no assunto, sugerimos a *Introdução* (p. 14) da obra ‘Estado e Soberania’, de Herman Dooyeweerd, impressa em português pela editora Vida Nova em 2014.

⁶⁸ Para um maior aprofundamento no conceito de “mandato criacional”, ver GRONINGEN, Gerard van. **Criação e consumação**: o reino, a aliança e o mediador. São Paulo: Cultura Cristã, 2002.

⁶⁹ BRATT, 2013, p. 93.

pessoa em sua totalidade para a obediência a Deus”. Ele se vale de uma imagem usada por Kuyper para afirmar que esta ênfase no governo de Cristo sobre toda a vida nos concede um ponto de partida para pensarmos acerca da erudição cristã e do ideal de uma universidade cristã:

A escolástica confinou a ‘luz da Escritura’ dentro das paredes do instituto da igreja; a escolástica reformada, de acordo com Kuyper, abriu as ‘janelas’, permitindo que a ‘lâmpada da religião cristã’ iluminasse a vida humana fora da igreja; uma atitude verdadeiramente reformadora e, portanto, radicalmente cristã deve penetrar na luz da Palavra de Deus que, por meio do Espírito vivificante de Deus, ilumina a raiz da existência humana renovada pela obra redentora de Cristo, de modo que o cristão possa florescer em todas as esferas da vida. Vida ativa em servir e honrar a Deus, quer você coma ou beba.⁷⁰

Em termos de Teologia Prática, pensando em uma melhor compreensão de como instrumentalizar a educação num contexto brasileiro e latino-americano, podemos apreender de Kuyper o seu esmero e genialidade ao aproximar-se da cultura com categorias cristãs formuladas a partir de uma filosofia revelacional que forneçam sentido e aplicações nacionais, além, é claro, da sua paixão pela família, pela igreja e pelo país. Em suas próprias palavras:

Um desejo tem sido a paixão predominante de minha vida. Uma grande motivação tem agido como uma espora sobre minha mente e alma. E antes que seja tarde, devo procurar cumprir este sagrado dever que é posto sobre mim, pois o fôlego de vida pode me faltar. O dever é este: Que apesar de toda a oposição terrena, as santas ordenanças de Deus serão estabelecidas novamente no lar, na escola e no Estado para o bem do povo; para esculpir, por assim dizer, na consciência da nação as ordenanças do Senhor, para que a Bíblia e a Criação deem testemunho, até a nação novamente render homenagens a Deus.⁷¹

REFERÊNCIAS

BISHOP, Steve; KOK, John H. **On Kuyper**: a collection of readings on the life, work and legacy of Abraham Kuyper. Dordt College Press, 2013.

BRATT, James D. **Abraham Kuyper**: modern Calvinist, Christian democrat. Grand Rapids; Cambridge: Eerdmans, 2013. E-book.

DULCI, Pedro Lucas. Conectando a igreja e a academia através da Ortodoxia Integral. 2º Curso Faraday-Kuyper de Ciência, Tecnologia e Religião. [2015]. **Academia**. Disponível em: https://www.academia.edu/22618859/Conectando_a_Igreja_e_a_Academia_atraves_da_Ortodoxia_Integral_2_Curso_Faraday_Kuyper_de_Ciencia_Tecnologia_e_Religião. Acesso em: 15 mai. 2022.

FERREIRA, Franklin. Abraham Kuyper: “a minha glória não darei a outrem”. **Thirdmill**. Disponível em: https://www.thirdmill.org/files/portuguese/85455~9_18_01_4-02-11_PM~ABRAHAM_KUYPER.html. Acesso em: 18 dez. 2021.

GOHEEN, Michael W; BARTHOLOMEW, Craig G. **Introdução à cosmovisão cristã**: vivendo na intersecção entre a visão bíblica e a contemporânea. São Paulo: Vida Nova, 2016.

HESLAM, Peter S. **Creating a Christian Worldview**: Abraham Kuyper’s Lectures on Calvinism. Grand Rapids: Eerdmans, 1998. E-book.

JURITY, Maria Angélica de F. Abraham Kuyper, o neocalvinismo holandês do século XIX e a contemporaneidade: apontamentos para a compreensão de um modelo reformado de teologia pública. **Reflexus**. Disponível em: <https://revista.fuv.edu.br/index.php/reflexus/article/view/2616>. Acesso em: 17 ago. 2022.

KROEF, Justus M. van der. Abraham Kuyper and the Rise of Neo-Calvinism in the Netherlands. **Cambridge University Press**. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/journals/church-history/article/abs/>

⁷⁰ STRAUSS, Daniël F. M. The Viability of Kuyper’s Idea of Christian Scholarship. In: BISHOP, Steve; KOK, John H. **On Kuyper**: a collection of readings on the life, work and legacy of Abraham Kuyper. Dordt College Press, 2013. p. 167.

⁷¹ KUYPER, [s.d.], p. 74.

abraham-kuyper-and-the-rise-of-neocalvinism-in-the-netherlands/1A17B3768494CBB1BA29FF1DC376A-DE3. Acesso em: 18 ago. 2022.

KUYPER, Abraham. **Calvinismo**. [s.l.]: Lebooks, [s.d.]. E-book.

KUYPER, Abraham. **Sabedoria e prodígios**: graça comum na ciência e na arte. Tradução de Fabrício Tavares de Moraes. Brasília: Monergismo, 2018.

KUYPER, Abraham. Sphere Sovereignty. [1880]. **The Gospel Coalition**. Disponível em: https://media.thegospelcoalition.org/wp-content/uploads/2017/06/24130543/SphereSovereignty_English.pdf. Acesso em: 13 jul. 2021.

LARSON, Mark J. **Abraham Kuyper, Conservatism, and Church and State**. Wipf and Stock Publishers, 2015. E-book.

LEITE, Cardoso Antônio; CARVALHO, Guilherme Vilela Ribeiro de; CUNHA, Maurício José da (orgs.). **Cosmovisão cristã e transformação**: espiritualidade, razão e ordem social. Viçosa: Ultimato, 2006.

MOREIRA, Thiago. **Abraham Kuyper e as bases para uma teologia pública**: a soberania divina e o desenvolvimento humano nas esferas da existência. Brasília: Monergismo, 2020. E-book.

MOUW, Richard J. **Abraham Kuyper**: a short and personal introduction. Grand Rapids: Eerdmans, 2011. E-book.

NICHOLS, Anthony H. Abraham Kuyper: a summons to Christian vision in Education. [1973]. **International Journal in Christianity and Education**. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/002196577301600202>. Acesso em: 18 dez. 2021.

PRICE, Timothy Shaun. Abraham Kuyper and Herman Bavinck on the Subject of Education as seen in Two Public Addresses. [2011]. **Bavinck Institute**. Disponível em: https://bavinckinstitute.org/wp-content/uploads/2011/05/TBR2_Price.pdf. Acesso em: 13 jul. 2021.

RAMOS, Leonardo; CAMARGO, Marcel; AMORIM, Rodolfo (orgs.). **Fé Cristã e Cultura Contemporânea**: cosmovisão cristã, igreja local e transformação integral. Viçosa: Ultimato, 2009.

REICHOW, Josué K. **A filosofia reformada de Herman Dooyeweerd e suas condições de recepção no contexto brasileiro**. Dissertação de Mestrado. São Leopoldo: Faculdades EST, 2014.

REICHOW, Josué. **Reformai a vossa mente**: a filosofia cristã de Herman Dooyeweerd. Brasília: Monergismo, 2019.

SCRUTON, Roger. O fim da universidade. **Associação Brasileira de Cristãos na Ciência**. Disponível em: <https://www.cristaosnaciencia.org.br/content/uploads/O-fim-da-universidade-Roger-Scruton-1.pdf>. Acesso em: 15 mai. 2022.

TAVARES, Fabrício; SABINO, Felipe. **Em toda a extensão do cosmos**. Brasília: Monergismo, 2017.

WOLTERSTORFF, Nicholas. The Grace That Shaped My Life. **Epistle of Dude**. Disponível em: <https://epistleofdude.files.wordpress.com/2017/11/grace-that-shaped-my-life.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2021.



A Revista Batista Pioneira está licenciada com
uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações -
4.0 Internacional

A EXPERIÊNCIA DO SOFRIMENTO E DO MAL NO MUNDO NEGA A EXISTÊNCIA DE DEUS?

DOES THE EXPERIENCE OF SUFFERING AND EVIL IN THE WORLD DENY THE EXISTENCE OF GOD?

Me. Marcelo Santiago de Morais Afonso¹

RESUMO

O texto trata do problema do mal em relação à existência de Deus. A questão principal é se a existência e experiência do sofrimento e do mal torna logicamente impossível a existência de Deus. A hipótese levantada é que não há incompatibilidade lógica necessária entre a existência do sofrimento e do mal e a existência de Deus. Para verificar-se a hipótese, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, cotejando a questão através de um meio que transita do geral para o particular. Expõe-se uma síntese do pensamento de Agostinho, que propõe que o mal é a privação de uma perfeição que a substância deveria ter, não uma realidade positiva. Ademais, apresenta-se uma síntese do princípio lógico da não contradição e a perspectiva apologética do problema, que questiona como aceitar a existência de um Deus todo-poderoso e amoroso que permite o mal e o sofrimento no mundo. Após os devidos questionamentos, conclui-se que não há contradição lógica na existência do mal e a existência de Deus, bem como que as premissas que apontam a suposta existência de contradição não são necessariamente verdadeiras. Ademais, conclui-se que Deus permite a existência do mal para permitir o (necessário) livre-arbítrio humano e que o mal também serve como um meio para o crescimento moral e espiritual.

Palavras-chave: Problema do mal. Apologética. Lógica.

ABSTRACT

The text deals with the problem of evil in relation to the existence of God.

¹ Mestre em Direito pela Gottfried Wilhelm Leibniz Universität Hannover, Université de Rouen e Universidade de Lisboa. Pós-graduado em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná e Mestrando em Teologia pela Carolina University. E-mail: marcelo.santiago@outlook.com

The main question is whether the existence and experience of suffering and evil makes the existence of God logically impossible. The hypothesis raised is that there is no necessary logical incompatibility between the existence of suffering and evil and the existence of God. In order to verify the hypothesis, a bibliographical research was carried out, comparing the question through a means that transits from the general to the particular. A synthesis of Augustine's thought is presented, which proposes that evil is the deprivation of a perfection that the substance should have, not a positive reality. Furthermore, a synthesis of the logical principle of non-contradiction and the apologetic perspective of the problem is presented, which questions how to accept the existence of an all-powerful and loving God who allows evil and suffering in the world. After due questioning, it is concluded that there is no logical contradiction in the existence of evil and the existence of God, as well as that the premises that point to the supposed existence of contradiction are not necessarily true. Furthermore, it is concluded that God allows the existence of evil to allow the (necessary) human free will and that evil also serves as a means for moral and spiritual growth.

Keywords: Problem of evil. Apologetics. Logic.

INTRODUÇÃO

Neste artigo não pretendemos resolver o problema do mal, mas apenas investigar uma possível resposta ao problema lógico da coexistência de Deus, do sofrimento e do mal no mundo criado por esse Deus todo-poderoso e amoroso. Nosso questionamento é justamente o título atribuído ao artigo, que delimita nossa investigação: a experiência do sofrimento e do mal torna logicamente impossível a existência de Deus?

Desta forma, iniciamos o trabalho apresentando uma apertada síntese do problema do mal, sem a intenção de aprofundamento nas questões da filosofia agostiniana, mas como um caminho necessário à delimitação do que pretendemos tratar de forma lógica e apologetica.

Demonstramos, assim, que mesmo que se compreenda o problema do mal definindo o mal como a ausência do bem, resolvendo assim uma questão ontológica, tal qual apresentado por Agostinho, podemos acreditar na existência de um Deus bom que criou todas as coisas e, mesmo assim, nesta realidade criada por Deus haver espaço para a ausência do bem (para o mal), para o sofrimento?

É apresentada uma síntese do princípio da não contradição onde, de forma simples, se demonstra que algo não pode ser e não-ser ao mesmo tempo. Aplicando ao caso, uma assertiva não pode ser verdadeira e falsa ao mesmo tempo e sob as mesmas condições.

Cientes da impossibilidade lógica das contradições, tratamos das premissas implícitas do problema ora pesquisado, concluindo que as premissas não são necessariamente verdadeiras e, por isso, não causam a conclusão de que há impossibilidade lógica entre a existência do sofrimento e do mal e a existência de Deus.

1. O PROBLEMA DO MAL E A EXISTÊNCIA DE DEUS: UMA DELIMITAÇÃO

Em sua forma mais conhecida, o problema do mal foi bem exposto por Agostinho e, resumidamente, trata da seguinte questão: se Deus é o criador de tudo o que existe, como se explica o mal? Assim, o problema inicialmente se apresenta a partir da premissa de que o mal possui uma existência e, se existe, foi criado por Deus, mas como poderia ter sido criado por um Deus que é bom?

Durante algum tempo Agostinho adotou uma solução para o problema que atribuía o mal a um

princípio mau. Ele nota, contudo, que se trata de uma solução maniqueísta e abandona este pensamento. Mais tarde, com o auxílio do neoplatonismo (apesar de não adotar totalmente as teses neoplatônicas), este posicionamento é superado.²

O entendimento de Agostinho sobre o bem o mal tem por base a descrição do livro de Gênesis no qual afirma-se que Deus viu que tudo que fora criado por Ele era bom. Este fato influenciou agostinho a refutar qualquer percepção dualista (maniqueísta) da realidade das coisas.³

Agostinho então baseia-se em parte do pensamento de Plotino, que afirmava que o mal é ausência, falta do bem, entretanto Plotino identificava essa ausência do bem com a matéria. Agostinho aceita a primeira parte do pensamento de Plotino, mas rechaça a segunda, isso porque ele não identificava o mal (ausência de bem) com a matéria, pois a matéria também foi criada por Deus e tal pensamento, segundo Agostinho, leva à conclusão de que Deus seria o autor do mal. O bispo de Hipona então passa a compreender que o mal é a privação de uma perfeição que a substância deveria ter, assim, não se trata de uma realidade positiva, mas da privação da realidade.⁴ Ou seja, o mal, ao menos na questão ontológica, é a privação do que é bom, é a ausência de bem e, assim, Deus não pode ser a sua causa.

A solução do problema, nesta perspectiva ontológica, está resolvida para Agostinho, de forma que o mal não possui uma existência e resta demonstrado que a premissa do problema estaria errada. Urge-nos ressaltar que não concordamos completamente com a solução do mal ser a mera ausência de bem, mas este não é o tema de nossa investigação. Entretanto, o entendimento do mal como ausência de bem não explica a presença do mal (ou ausência do bem) e sofrimento no mundo numa perspectiva da experiência humana.

Na realidade da experiência, o mal é experimentado, vivido, e o sofrimento é real. Dando um giro para uma perspectiva apologética, a questão se coloca de outra forma: mesmo compreendendo alguma explicação sobre o problema ontológico do mal, como aceitar que existe um Deus todo-poderoso, todo-amoroso, que detém o domínio sobre todas as coisas e, mesmo assim, permite tanta dor e sofrimento no mundo? Diante do cenário de aparente falta de controle, de maldade exacerbada, de catástrofes naturais, é possível acreditar na existência desse Deus? Ou seja, ainda que se concorde com a conclusão de que o mal é a ausência do bem, como aceitar-se a realidade de que pode haver espaços, ações, situações, em um mundo criado por um Deus bom, onde não há qualquer bondade, onde impera ausência do bem? Essa aparente contradição torna logicamente impossível existência de Deus?

William Lane Craig apresenta a realidade do problema demonstrando uma série de eventos cruéis causados pelos homens: guerras, torturas, assassinatos, vilas incendiadas, mulheres violentadas. Na verdade, bastaria ligarmos a televisão no horário do noticiário, ou lermos livros de história e nos depararemos com injustas manifestações do mal causadas pelos seres humanos. Entendemos que este mal oriundo das ações humanas talvez seja menos complexo (apesar de ainda muito complexo) de se explicar.⁵

O mal moral poderia ser explicado pelo mau uso do livre-arbítrio. É um mal causado pelo ser humano ao exercer as escolhas que determinam suas ações, esta, inclusive, é uma tese que permeia o pensamento de Inwagen ao tratar do problema do mal. O autor argumenta que o livre arbítrio humano é uma das principais fontes do mal no mundo, já que permite que os seres humanos escolham fazer o mal em vez do bem.⁶

² MONDIN, Battista. **Curso de Filosofia**. São Paulo: Paulus, 1981, Vol. 1, p. 156.

³ MATTOS, José Roberto Abreu. **O problema do mal no livre-arbítrio de Santo Agostinho**. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013, p. 121.

⁴ MONDIN, 1981, p. 156.

⁵ CRAIG, William L. **Apologética para questões difíceis da vida**. São Paulo: Vida Nova, 2010, p. 81-83.

⁶ INWAGEN, Peter van. **O problema do mal: as conferências Gifford proferidas na Universidade de St. Andrews em 2003**. Brasília: Universidade de Brasília, 2018.

Geisler, de igual forma, destaca que o mal pode ser o resultado do livre-arbítrio humano, pela escolha livre dos seres humanos de fazer o mal. Ele argumenta que o mau uso da liberdade concedida por Deus permitiu a experiência do mal. Para o autor, a liberdade em si não é má, mas com ela vem a possibilidade do mal, e as criaturas livres são responsáveis por torná-lo real.⁷ Nesse sentido, Deus é responsável por permitir que o mal seja possível, mas não é responsável por sua existência real. Geisler afirma:

Deus é bom, e criou criaturas boas com uma qualidade boa chamada livre-arbítrio. Infelizmente, elas usaram esse poder bom para trazer o mal ao universo ao se rebelar contra o Criador. Então o mal surgiu do bem, não direta, mas indiretamente, pelo mau uso do poder bom chamado liberdade. A liberdade em si não é má. É bom ser livre. Mas com a liberdade vem a possibilidade do mal. Então Deus é responsável por tornar o mal possível, mas as criaturas livres são responsáveis por torná-lo real.⁸

Mas é Craig quem avança na questão e levanta o problema do sofrimento causado por fenômenos naturais. O cerne da questão é: como conciliar a existência do sofrimento causado por fenômenos naturais e a existência de Deus?⁹

Certamente há ações do homem, no exercício do seu livre arbítrio, que refletem na natureza e a natureza, ao sofrer os danos causados pelo homem, ocasiona situações que podem gerar dor e sofrimento, doenças, para a humanidade. Veja por exemplo o aquecimento global há décadas anunciado. Se a poluição, a emissão de gases nocivos, não for diminuída a níveis aceitáveis, a natureza sofrerá um dano que resultará em consequências “naturais” nocivas para a humanidade tais como doenças de pele, enchentes, doenças respiratórias, morte de animais, destruição de grande parte da agricultura e muito mais.

Mas como explicar a crença teísta cristã e os males naturais que não estão entrelaçados com os males humanos? Terremotos, tsunamis, câncer, epidemias, enchentes, erupções vulcânicas?

Aqui está mais uma vez o nosso problema. A questão ora tratada não é sobre a criação ou origem do mal, tampouco se busca uma explicação da causa do mal, mas, diante da experiência do mal, que é real, da dor e sofrimento que a todos atingem por ações humanas ou da natureza, é logicamente possível a crença na existência de um Deus bom, justo, poderoso, amoroso? A experiência do sofrimento e do mal no mundo nega a existência de Deus? O recorte do nosso problema, portanto, está no campo lógico e apolético.

2. UMA BREVE COMPREENSÃO DA LÓGICA DA NÃO CONTRADIÇÃO APLICADA AO PROBLEMA

Para avançarmos no problema precisamos entender um ponto chave, que é o princípio da não contradição no campo da lógica. A lógica da não contradição é um dos princípios fundamentais da filosofia, que afirma que uma proposição não pode ser verdadeira e falsa ao mesmo tempo e sob as mesmas condições. Em outras palavras, duas proposições que são mutuamente contraditórias não podem ser ambas verdadeiras ao mesmo tempo.¹⁰ Desta forma, uma maçã não pode ser verde e não ser verde ao mesmo tempo, uma mulher não pode estar grávida e não estar grávida ao mesmo tempo, um círculo não pode ser quadrado.

Podemos concluir que a não contradição é uma premissa da verdade. Não que a mera ausência de contradição já testifique a verdade, mas que a presença da contradição, a nosso ver, afasta a possibilidade de verdade da proposição.

Ou seja, não posso afirmar que as proposições p1 e p2 são simultaneamente verdadeiras se p1

⁷ GEISLER, Norman L. *Enciclopédia de apologética*: resposta aos críticos da fé cristã. São Paulo: Vida, 2002, p. 534.

⁸ GEISLER, 2002, p. 534.

⁹ CRAIG, 2010, p. 84.

¹⁰ MONDIN, 1981, vol. 1, p. 88-94.

implica na falsidade de p2 e/ou se p2 implica na falsidade de p1. Ora, se p1 implica na falsidade de p2, então p1 e p2 são mutuamente excludentes. Por outro lado, se p2 implica na falsidade de p1, então p2 e p1 também são mutuamente excludentes. Portanto, é impossível que p1 e p2 sejam verdadeiras simultaneamente, pois isso implicaria em uma contradição.

Destarte, para que haja uma resposta positiva ao nosso problema, para que se conclua que a experiência do sofrimento e do mal torna logicamente impossível a crença na existência de Deus, deve existir uma contradição entre as premissas de que o Deus bom e todo poderoso existe e o mal existe, de forma que essas premissas sejam mutuamente excludentes, ou seja, que a existência de Deus deve, necessariamente, tornar a existência do mal impossível e/ou que a existência do mal e do sofrimento torna necessariamente impossível a existência de um Deus todo poderoso e bom.

3. A INCONSISTÊNCIA LÓGICA DA ARGUMENTAÇÃO SOBRE A IMPOSSIBILIDADE DA EXISTÊNCIA SIMULTÂNEA DE DEUS E O MAL

Muitos que negam o teísmo cristão utilizam o argumento de que é logicamente impossível para ambos, Deus e o mal, existirem. O fato é que a fé cristã não nega a existência do mal, pelo contrário, encara o mal como uma realidade. Ao mesmo tempo, apresenta Deus como amor (1Jo 4.8), como um ser bondoso (Sl 136), dentre outros nobres atributos.

Temos, portanto, duas afirmações: “um Deus todo poderoso, todo bondoso, amoroso, criador de todas as coisas existe” e “o mal existe”. Haveria incompatibilidade lógica entre essas afirmações? A princípio não, a não ser, como esclarece William Lane Craig que entendamos o que parece estar implícito na questão:

À primeira vista essas afirmações não são inconsistentes. Não há uma contradição explícita sobre elas. Mas, se um ateu quer dizer que há alguma contradição implícita entre elas, ele deve presumir algumas premissas implícitas que serviriam para apresentar a contradição e torná-la explícita. No entanto quais são essas premissas?

Parece haver duas: (1) Se Deus é todo poderoso, então ele pode criar qualquer mundo que ele escolhe; (2) se Deus é todo bondoso, então ele preferiria um mundo sem o mal e não um mundo com o mal.¹¹

Acreditamos que Craig expõe corretamente as questões implícitas das afirmações, mas precisamos descer mais uma camada e analisar se realmente as premissas são verdadeiras e se tornam logicamente inconsistente a crença em Deus.

Em primeiro lugar, não é necessariamente verdadeiro, consistente, que “se Deus é todo poderoso, então ele pode criar qualquer mundo que ele escolhe”. Tanto Craig¹² quanto diversos outros apologetas cristãos, tal qual Plantinga¹³, defendem que a lógica é uma ferramenta essencial para entender o mundo, entender Deus e que Deus é o próprio fundamento da lógica.

Assim, lecionam que embora Deus tenha a capacidade de criar e governar o universo, sua capacidade é limitada pela própria lógica. Por exemplo, Deus não pode criar um objeto que seja simultaneamente quadrado e circular, pois isso seria logicamente impossível. Da mesma forma, Deus não pode criar uma pedra tão pesada que ele próprio não possa levantar, pois isso seria uma contradição lógica.

Desta forma, não é necessariamente verdadeiro que “Deus pode criar qualquer mundo que Ele escolhe”. Apenas por exemplo, Deus não pode criar um mundo onde as pessoas são obrigadas a tomar determinadas escolhas livremente. Ou há a liberdade para a escolha ou há a obrigação. A ideia

¹¹ CRAIG, 2010, p. 88.

¹² CRAIG, 2010.

¹³ PLANTINGA, Alvin. **Conhecimento e crença cristã**. Brasília: Academia Monergista, 2016.

de obrigar alguém a fazer algo é incompatível com a ideia de liberdade de escolha. Se as pessoas são obrigadas a tomar certas escolhas, isso implica que não são realmente livres para escolher e, portanto, não podem exercer a liberdade.

Aqui, a segunda premissa já perde a validade, vez que depende da veracidade da primeira na estrutura da argumentação apresentada. Contudo, ainda que se afirme de forma isolada a segunda premissa, ou seja, ainda que se afirme apenas que “se Deus é todo bondoso, então ele preferiria um mundo sem o mal e não um mundo com o mal”, também não poderíamos concluir que esta afirmação seja necessariamente verdadeira.

Para que esta premissa seja necessariamente verdadeira deveria existir o conseqüente lógico de que Deus não preferiria o mundo que existe, pois neste mundo há o mal. Assim, ou a premissa é falsa ou Deus não existe ou, se existe, não criou o mundo. Contudo, esta afirmação não possui, por si só, o condão de afastar a realidade das outras afirmações.

Aqui não entraremos nos argumentos da existência de Deus, vez que não é o tema principal de nosso artigo, mas, de forma breve, a mera compreensão do argumento cosmológico da existência de Deus afasta a possibilidade de veracidade da afirmação que se opõe à existência de Deus. Ora, se tudo no universo tem uma causa, o universo tem uma causa. O universo não poderia ter surgido do nada, mas precisou de uma causa para sua existência, pois o nada não pode vir a ser algo. Há a necessidade de um ser eterno, criador, onipotente, para causar a existência primeira de todas as coisas, logo, Deus existe. Assim, é impossível o mundo existir (e ele existe) e Deus não existir, pois Deus criou o mundo. Deus criou o mundo como ele é, como nele vivemos, assim, Deus preferiu este mundo no qual o mal existe.

Além disso, conforme Plantinga, a existência do mal não é incompatível com a existência de um Deus onipotente e amoroso. Ele afirma que Deus permite a existência do mal para permitir o (necessário) livre-arbítrio humano e que o mal também serve como um meio para o crescimento moral e espiritual. Além disso, Plantinga afirma que o mal pode ser visto como um meio para a criação de um mundo mais rico e diversificado.¹⁴

Ou seja, a bondade e onipotência de Deus não exigem que ele prefira um mundo sem o mal em detrimento de um mundo com o mal. Deus pode ter um plano maior que envolve a existência do mal, mesmo que isso não possa ser plenamente compreendido pelos seres humanos, mas não há contradição lógica no fato do Deus todo onipotente e todo benevolente existir e o mal existir.

Importante também notar como Luiz Sayão compreende a permissão da existência do mal, dada por Deus, a partir do livro de Habacuque. Segundo Sayão, o livro de Habacuque oferece uma resposta que não tenta justificar o mal ou explicá-lo de forma completa, mas oferece um caminho para lidar com o mal que é baseado na confiança em Deus e na esperança de que Ele agirá para corrigir as coisas. Ou seja, mais uma vez podemos ter a percepção de que Deus pode permitir o mal para que do mal surja um bem maior.¹⁵

Isso pode explicar a existência do mal natural. Ainda que seja impossível compreender completamente determinadas situações que nada têm a ver com a ação humana, podemos acreditar que há um propósito divino maior que o próprio sofrimento em cada situação, que gerará frutos de aperfeiçoamento para os seres humanos que experienciam o sofrimento causado pelo mal.

Por fim, restringindo-nos ao tema proposto, não se pode negar que há inconsistência lógica na argumentação sobre a impossibilidade simultânea da existência de Deus e o mal que a defesa da coexistência ao se analisar de forma conjunta ou isolada as proposições implícitas desta argumentação.

¹⁴ PLANTINGA, 2016, p. 205-218.

¹⁵ SAYÃO, Luiz. **O problema do mal no Antigo Testamento: o caso de Habacuque**. São Paulo: Hagnos, 2012.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O argumento de que é logicamente impossível para Deus e o mal coexistirem não é necessariamente verdadeiro. Embora a fé cristã apresente Deus como amoroso e bondoso, ela não nega a existência do mal, e isso não significa que haja uma contradição lógica na crença em Deus.

O argumento de que Deus pode criar qualquer mundo que ele escolhe é limitado pela própria lógica, e há coisas que são logicamente impossíveis, como criar um objeto que seja simultaneamente quadrado e circular. Além disso, a existência do mal pode ser vista como um meio para o crescimento moral e espiritual, permitindo o livre-arbítrio humano e criando um mundo mais diversificado.

Portanto, a existência de Deus todo onipotente e todo benevolente e o mal não são logicamente inconsistentes, e a fé cristã não nega a realidade do mal. O plano de Deus pode incluir a existência do mal, mesmo que isso não possa ser plenamente compreendido pelos seres humanos.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA SAGRADA. Nova versão internacional. São Paulo: Sociedade Bíblica Internacional, 2000.

CRAIG, William L. **Apologética para questões difíceis da vida.** São Paulo: Vida Nova, 2010.

GEISLER, Norman L. **Enciclopédia de apologética:** resposta aos críticos da fé cristã. São Paulo: Vida, 2002.

INWAGEN, Peter van. **O problema do mal:** as conferências Gifford proferidas na Universidade de St. Andrews em 2003. Brasília: Universidade de Brasília, 2018.

MATTOS, José Roberto Abreu. **O problema do mal no livre-arbítrio de Santo Agostinho.** 2013. 146 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013.

MONDIN, Battista. **Curso de Filosofia.** São Paulo: Paulus, 1981. Vol. 1.

PLANTINGA, Alvin. **Conhecimento e crença cristã.** Brasília: Academia Monergista, 2016.

SAYÃO, Luiz. **O problema do mal no Antigo Testamento:** o caso de Habacuque. São Paulo: Hagnos, 2012.



*A Revista Batista Pioneira está licenciada com
uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações -
4.0 Internacional*

A FAMÍLIA DE JESUS EM MARCOS 3.31-35

THE FAMILY OF JESUS IN MARK 3.31-35

Esp. Marcos B. M. Luz¹

Dr. Claiton André Kunz²

RESUMO

O presente artigo analisa hermeneuticamente a perícopre de Marcos 3.31-35. Isto é feito a partir da constatação da existência de sua inserção em um esquema sanduíche (**A-B-A'**) em Marcos 3.20-35, do qual a perícopre em questão forma a parte **A'** do esquema. Breves considerações são traçadas sobre as partes **A** e **B**, apenas o suficiente para a plena compreensão da parte **A'**, objeto do artigo. A pesquisa foi bibliográfica, o método empregado foi o hermenêutico e o objetivo do artigo é explicativo.

Palavras-chave: Esquema sanduíche. Família de Jesus. Casa. Multidão.

ABSTRACT

This article hermeneutically analyzes the pericope of Mark 3.31-35. This is done from the observation of the existence of its insertion in a sandwich scheme (A-B-A') in Mark 3.20-35, of which the pericope in question forms part A' of the scheme. Brief considerations are outlined on parts A and B, just enough for the full understanding of part A', object of the article. The research was bibliographic, the method used was the hermeneutic and the objective of the article is explanatory.

Keywords: Sandwich scheme. Family of Jesus. House. Crowd.

¹ Mestrando em Teologia pela FABAPAR; pós-graduado *lato sensu* em Segurança e Cidadania pela UCAM e em Ciência da Religião pela FSB RJ; bacharel e licenciado em História pela UERJ, bacharel em Teologia pelo ITF-USF. E-mail: mp-2022-marcos@fabapar.com.br

² Graduado em Teologia e Filosofia, mestrado e doutorado em Teologia pela EST, e doutorando em Teologia pela PUC / PR. Professor da Faculdade Batista Pioneira, das Faculdades Batista do Paraná e da Carolina University / EUA. Orcid: <https://orcid.org/0009-0005-9550-4627>. E-mail: claiton@batistapioneira.edu.br

INTRODUÇÃO

Existe um padrão característico do estilo literário do evangelho de Marcos que pode ser encontrado em vários pontos deste livro bíblico. Trata-se de uma estrutura chamada de “esquema sanduíche”.³ Estes são formados por três partes, na forma **A-B-A'**, nas quais é possível perceber uma continuidade entre **A** e **A'** que é interrompida pela inserção de uma interpolação **B**. Em Marcos 3.20-35 há um exemplo de esquema sanduíche **A-B-A'**, no qual **A** = Mc 3.20-22, **B** = Mc 3.23-30 e **A'** = Mc 3.31-35.⁴ Será aqui analisada pormenorizadamente apenas sua parte **A'** (Mc 3.31-35), mas é necessário o destaque de que esta tem por introdução a breve parte **A**, de apenas dois versículos (Mc 3.20-22). Serão brevemente expostas as partes **A** e **B** e analisada, de fato, a parte **A'**.

PARTE A – MARCOS 3.20-21

O versículo 20 começa indicando uma mudança de cenário e chegada de novos personagens, indicativos de nova perícopé. Nos versículos anteriores, Jesus estava com o grupo dos doze no alto de um monte. Agora, encontra-se no interior de uma casa e, além da companhia dos doze, há também a presença de uma multidão.

No versículo 22 está a informação de que os parentes de Jesus saem de algum lugar não indicado e começam a locomover-se em direção à citada casa, com o objetivo de impedir a continuidade das ações de Jesus. Seus parentes não compreendem nem apoiam seu comportamento e suas atitudes fora do padrão. Preocupam-se com ele e provavelmente temem o fato de que está chamando a atenção das autoridades religiosas judaicas, o que se confirma na parte **B**.

PARTE B – MARCOS 3.22-30

No versículo 22, a fim de desacreditar Jesus junto à multidão, escribas vindos de Jerusalém fazem duas acusações contra ele: de que ele estava possuído por Belzebu e que expulsava demônios pelo poder de Satanás. A partir do versículo 23, Jesus responde parabolicamente as acusações, detendo-se especialmente na segunda, que, de certa forma, engloba e desenvolve a primeira.

A parte **B**, central do esquema sanduíche, é riquíssima em conteúdos teológicos, mas não será aqui objeto de análise. Esta, por sua vez, será o detalhamento hermenêutico da parte **A'**, continuidade direta da parte **A**.

PARTE A' – MARCOS 3.31-35

No versículo 31, retornam para o cenário os parentes de Jesus, em uma clara sequência da parte **A**. Finalmente eles chegam na casa onde Jesus está e, do lado de fora, mandam-no chamar. O evangelho é claro em afirmar que Jesus tinha irmãos (Mc 6.3). O dogma da virgindade perpétua de Maria é tardio e desprovido de fundamento nas Escrituras. Sobre isso, afirma Stein: “Essa doutrina não é encontrada em Marcos nem no restante da Bíblia”.⁵ A Bíblia fala apenas de concepção virginal. Mas apesar dessa ausência de fundamentação bíblica, não só católicos, mas também grandes reformadores como Lutero e Calvino sustentaram a doutrina da perpétua virgindade de Maria: “virgindade perpétua de Maria, um ensino sustentado não apenas pelo catolicismo romano, mas também pela Igreja Ortodoxa Grega, Martinho Lutero e João Calvino”.⁶

Três foram as antigas linhas de argumentação do período patrístico para tentar explicar a presença do termo **irmãos** de Jesus na Bíblia. Helvídeo (séc. IV), argumentou que José e Maria tiveram filhos

³ KUNZ, Claiton André. **Ações parabólicas de Jesus no evangelho de Marcos**. São Paulo: ASTE, 2014, p. 195.

⁴ EDWARDS, James R. **O comentário de Marcos**. Tradução de Helena Aranha. São Paulo: Shedd, 2018, p. 159-160.

⁵ STEIN, Robert H. **Marcos: comentário exegético**. Tradução de Marcio Loureiro Redondo. São Paulo: Vida Nova, 2022, p. 228.

⁶ STEIN, 2022, p. 228.

como um casal normal após o nascimento de Jesus. Estes seriam, portanto, mais novos que Jesus. Epifânio (séc. IV), defendeu que eram meio-irmãos, frutos de um casamento anterior de José, portanto mais velhos que Jesus. Jerônimo (séc. IV-V), disse que as menções a “irmãos e irmãs” nas Escrituras na verdade referem-se a “primos”.⁷

As hipóteses de Helvídeo e de Epifânio são possíveis, mas a de Jerônimo, de base linguística, definitivamente não procede. De fato, em hebraico, não há uma definição terminológica precisa para graus de parentesco como **irmãos** e **primos**, mas o texto bíblico está em grego. Neste idioma há clara distinção entre as palavras que significam **irmãos** e **primos** e, neste caso (Mc 3.31-35), o termo é claramente **irmãos**. O idioma grego possui uma palavra exata, sem ambiguidades, para designar **primos** e não foi esta que Marcos utilizou.⁸

Quando, em Marcos 3.21 (final na parte **A** do esquema sanduíche de Mc 20-35), é dito que seus parentes “saíram para o prender”, fica claro que eles estão em outro lugar que não na casa onde os fatos se desenrolam. O estilo sucinto de Marcos não diz de onde eles saíram, se de outra casa da mesma cidade (muito provavelmente Cafarnaum), se de Nazaré, ou de qualquer outro lugar. Em Marcos 3.31 (começo da parte **A'** do esquema sanduíche), após a interpolação (parte **B**) é dito que eles finalmente chegaram na casa onde os fatos se sucedem. Estão do lado de fora e mandaram chamar Jesus.

Enquanto os parentes de Jesus estão “do lado de fora” da casa (Mc 3.31), dentro da mesma havia muitas pessoas sentadas ao redor de Jesus (Mc 3.32). Surge um dualismo, ou uma polarização, entre a família que está “do lado de fora” e a multidão em torno de Jesus.⁹ Quanto à dicotomia dentro/fora estabelecida, pode-se reconhecer nisso um “simbolismo espacial”¹⁰ dotado de um “significado teológico”.¹¹ “Não se trata simplesmente de um dado topográfico: estar dentro ou estar fora desta casa, implica agora numa separação de profundo significado teológico”.¹² O contraste formado entre os que estão **ao redor dele** e os que estão **do lado de fora** é de natureza simbólica.¹³

Realizando uma síntese entre a correta preferência pela literalidade (sempre que possível, como neste caso), de acordo com o Método Histórico-Gramatical, e a percepção da existência de um conteúdo simbólico, é possível compreender que os parentes estavam **literalmente do lado de fora da casa** e que **teologicamente** “eles não pertenciam ao círculo dos seguidores de Jesus”.¹⁴ A coexistência do sentido literal com um significado simbólico pode ser explicada pela presença de um “metanível” no texto bíblico.¹⁵

Fala-se de “mãe e irmãos”, como sendo os parentes de Jesus, cinco vezes ao longo da perícopa (Mc 3.31,32,33,34,35), sendo uma vez em cada um dos cinco versículos que compõem a mesma.¹⁶ Apenas em uma, das cinco citações de “mãe e irmãos”, pode ser (ou não) acrescentado “e irmãs”, dependendo de qual variante textual se considere. Acredita-se que o mais acertado seja incluir a menção às irmãs, porém com o cuidado de colocá-la entre colchetes, no versículo 32.

São pertinentes algumas observações sobre as possíveis irmãs de Jesus, mencionadas apenas no versículo 32. Champlin defende o uso da variante menor do versículo de Marcos 3.32, que omite a expressão “e irmãs”. Chama a atenção o total anonimato das irmãs de Jesus, em comparação ao fato

⁷ STEIN, 2022, p. 228.

⁸ KUNZ, 2014, p. 132.

⁹ MYERS, Ched. **O Evangelho de São Marcos**. Tradução de Isabel F. L. Ferreira. São Paulo: Paulinas, 2021, p. 212.

¹⁰ SOARES, Sebastião Armando Gameleira; CORREIA JR, João Luiz; OLIVA, José Raimundo. **Evangelho de Marcos**. São Paulo: Fonte, 2013, p. 160.

¹¹ STEIN, 2022, p. 229.

¹² BECK, T. *et al.* **Uma comunidade lê o Evangelho de Marcos**. Brasília: CNBB, 2019, p. 163.

¹³ STEIN, 2022, p. 229.

¹⁴ GUNDRY *in* KUNZ, 2014, p. 133.

¹⁵ KUNZ, 2014, p. 57.

¹⁶ POHL, Adolf. **Evangelho de Marcos: Comentário Esperança**. Tradução de Hans Udo Fuchs. Curitiba: Esperança, 2018, p. 138.

de que seus irmãos são nomeados em outras partes das Escrituras e do próprio evangelho de Marcos.¹⁷ Sobre este anonimato e total ausência de informações sobre as possíveis irmãs de Jesus, diz Monika Ottermann: “Infelizmente este é um dos fenômenos mais comuns provocados pelo androcentrismo ou pela misoginia (todo centrado em homens)”.¹⁸ Quanto ao possível fato das irmãs de Jesus terem acompanhado a busca de sua família para contê-lo: “Do ponto de vista histórico, é extremamente improvável que as irmãs de Jesus se tivessem unido na busca pública, a fim de entrevistá-lo em seu ministério”.¹⁹

É citada cinco vezes a expressão **mãe e irmãos**, mas em nenhum momento é mencionado José, o pai. Uma possibilidade explicativa desta omissão seria de caráter histórico: é possível que José já tivesse morrido, embora não seja possível comprovar este fato.²⁰ Era comum haver grandes diferenças de idade em casamentos arranjados pelos pais em muitas culturas da antiguidade, onde o marido podia ser expressivamente mais velho. Isso explicaria uma suposta morte de José na idade adulta de Jesus, mas também isto é apenas uma suposição de impossível comprovação. A outra possibilidade explicativa para a omissão de José é de caráter teológico: o termo **Pai** pode ter sido reservado exclusivamente para Deus²¹, pois, conforme Mateus 6.9; 23.9, “os seguidores de Jesus têm apenas um Pai, seu Pai celeste”.²² Quanto a esta total ausência de menção a José:

O fato de Jesus não acrescentar ‘pai’ provavelmente indica que José já morreria. Contudo, a ausência de ‘pai’ pode indicar ainda que o papel do pai não pode ser transferido simbolicamente a outros.²³

Ainda quanto a possibilidade de uma explicação simbólica ou teológica para a omissão da figura de José entre a família consanguínea que está do lado de fora, sobre este relato que tem a casa por cenário, diz Pohl: “A verdadeira família de Jesus, ou usando o termo bíblico, sua ‘casa’, é a casa *do Pai*”.²⁴

Quanto à questão da organização espacial é dito, em Marcos 3.32, que os seguidores de Jesus estavam dispostos em círculo ao redor dele. O fato de estarem assentados “aos pés” do Mestre era uma postura normal, naquela época, de discípulos ansiosos por aprender.²⁵ “De fato, as aulas eram naquele tempo ministradas desta forma: o mestre punha-se no centro, de pé, e os alunos sentados em círculo ao redor dele”.²⁶ Realmente, não é necessário muito esforço imaginativo para visualizar assim a prática na qual Paulo foi, segundo Lucas, “*instruído aos pés de Gamaliel*” (At 22.3). Concomitantemente à literalidade histórica desta postura dos discípulos e seguidores “ao redor” de Jesus, talvez também seja possível identificar, em Marcos 3.32, um relevante conteúdo simbólico, ou metanível, de natureza cristocêntrica:

Eles estavam assentados ao redor, à volta dele. Em um círculo, o ponto mais importante não está em sua linha, mas no centro, que determina cada ponto da linha, fazendo com que o círculo exista. Este ponto, no caso (v.34), não é uma coisa, uma missão, um livro ou um ensino, mas o próprio Jesus Cristo.²⁷

Explorando ainda mais este tema da centralidade de Jesus, sobre uma possível disposição espacial das pessoas no cenário do interior da casa, diz Robertson: “As pessoas da multidão se sentaram em

¹⁷ CHAMPLIN, Russell Norman. **O Novo Testamento Interpretado**: versículo por versículo. Tradução de João Marques Bentes. São Paulo: Hagnos, 2014, vol. 1, p. 788.

¹⁸ OTTERMANN, Monika. La familia de Jesús y la familia de Cristo según el Evangelio creado por Marcos, con particular atención en las hermanas. In: **RIBLA – Revista de Interpretación Bíblica Latinoamericana**. n.64. Quito, Ecuador, 2009, p. 80.

¹⁹ CHAMPLIN, 2014, p. 788.

²⁰ KUNZ, 2014, p. 130-131.

²¹ KUNZ, 2014, p. 131.

²² STEIN, 2022, p. 230.

²³ EDWARDS, 2018, p. 169.

²⁴ POHL, 2018, p. 139.

²⁵ POHL, 2018, p. 138.

²⁶ BORTOLINI, José. **O Evangelho de Marcos**: para uma catequese com adultos. São Paulo: Paulus, 2003, p. 82.

²⁷ POHL, 2018, p. 139.

círculos em torno de Jesus, com os discípulos formando um tipo de círculo interno”.²⁸ Existiam quatro grupos envolvidos no conjunto do esquema sanduíche de Marcos 3.20-35, a saber: os doze, a multidão, os parentes e os escribas de Jerusalém.²⁹

Desenvolvendo a linha de raciocínio de Robertson sobre a posição de centralidade ocupada por Jesus, considerando um possível posicionamento, sendo este mais simbólico do que literalmente espacial, e meramente para fins didáticos, é possível propor uma espécie gradação de proximidade e afastamento de Jesus entre tais quatro grupos.³⁰ “É uma clara intenção do texto [...] jogar com o simbolismo espacial”.³¹

Os mais próximos de Jesus nesta estrutura proposta seriam, com certeza, os doze, os mais alinhados (embora ainda não totalmente) com os ideais do Reino. Pouco mais adiante neste mesmo evangelho, num episódio narrado logo no capítulo seguinte, Jesus repreenderá este grupo pela sua fé diminuta. O alinhamento total dos apóstolos com o que Jesus esperava deles desde o início só de deu, de fato, após Pentecostes (At 2). Mesmo assim, dos quatro grupos em questão, eram sem dúvida, os mais próximos de Jesus. O segundo grupo em proximidade, numa escala de gradação concêntrica, seria a multidão. Jesus ainda teria, ao longo seu ministério, alguns desapontamentos com os reais interesses (Jo 6.26) e com o nível de comprometimento de certas multidões (Jo 6.60-66). Apesar de distintos, esses dois grupos, os doze e a multidão, estavam dentro da casa.

Seguindo esta linha de pensamento da existência de uma escala concêntrica de afastamento gradativo em relação a Jesus, o centro, restam seus parentes que vieram prendê-lo (a fim de deter seu ministério, por incompreensão) e os escribas de Jerusalém (que vieram destruí-lo conscientemente, por receio da ameaça à sua posição de superioridade e prestígio religioso).

Não podemos negar que em Marcos 3.20-35 a família de Jesus é mais estreitamente associada aos escribas hostis, que acusam Jesus de ser um servo de Satanás, do que aos seguidores de Jesus. Mas só os escribas são culpados do pecado imperdoável.³²

Embora por motivações diferentes, na prática os parentes de Jesus se aproximaram dos escribas, pois ambos os grupos pretendiam silenciar Jesus. Neste sentido, pode-se dizer que: “Forma-se um paralelo entre os parentes físicos de Jesus e seus inimigos, que o empurraram para a morte, pois dos dois grupos diz-se que estavam ‘fora’ enquanto Jesus estava na casa”.³³

Não há dúvida que, entre os quatro grupos mencionados (os doze, a multidão, os parentes e os escribas), são os doutos de Jerusalém aqueles que ocupam a posição mais distante do Cristo. Foi especificamente para eles, após suas acusações julgadoras proferidas em Marcos 3.22, que Jesus declarou: “aquele que blasfemar contra o Espírito Santo não tem perdão para sempre, visto que é réu de pecado eterno” (Mc 3.29). Posteriormente, os escribas fariam parte da conspiração que resultou na execução cruel de Jesus na cruz (Mc 14.1).

Os familiares consanguíneos de Jesus saíram de algum lugar não especificado com a intenção de prender e deter Jesus, conforme narrado na parte **A** do esquema sanduíche (Mc 3.20-21). A tentativa da família em detê-lo revela sua incredulidade.³⁴ Então, neste ponto encontra-se inserida a interpolação (parte **B** do esquema), onde se desenrola toda a controvérsia com os escribas, suas acusações e a resposta parabólica de Jesus (Mc 3.22-30). Os parentes voltam à cena agora, na parte **A'** do esquema (Mc 3.31-35). Voltam à cena e finalmente chegam ao cenário da casa, onde Jesus está reunido com

²⁸ ROBERTSON, A. T. *Comentário Mateus e Marcos: à luz do Novo Testamento Grego*. Tradução de Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 379.

²⁹ KUNZ, 2014, p. 122.

³⁰ ROBERTSON, 2017, p. 379.

³¹ SOARES; CORREIA JR; OLIVA, 2013, p. 160.

³² STEIN, 2022, p. 231.

³³ POHL, 2018, p. 138.

³⁴ STEIN, 2022, p. 229.

os doze e com grande multidão a sua volta. Eles chegam, mas não entram. Ficam do lado de fora e mandam chamá-lo. O verbo **mandar**, ao invés de **pedir** para o chamar, já denota um pouco o tom a que vieram.

A multidão se acha prazerosamente sentada a seu redor, porque é de casa. Os ‘seus’, porém, permanecem do ‘lado de fora’ (v.31). É de lá de fora que o procuram. Não conseguem penetrar na sua intimidade, nem decifrar o enigma de sua pessoa. Parecem, antes, estabelecer comunhão com os seus adversários, pois sua mente está muito próxima da deles. Não estão em condições de acolher a revelação do ‘segredo’ do Reino, já que ‘aos de fora tudo é dito em parábolas (enigma) (4,11).³⁵

Há duas interessantes ironias nesta questão a serem notadas: a primeira é que os parentes estão do lado de fora da casa, enquanto a multidão está dentro, e “isto é irônico uma vez que as casas em geral têm membros da família em seu interior e as multidões do lado de fora”.³⁶ A segunda ironia consiste no fato de que aqueles que haviam dito anteriormente que Jesus estava “fora de si” (Mc 3.21), agora são revelados como os que realmente estão “do lado de fora”.³⁷ Mas qual será, exatamente, o desfecho da situação dos parentes de Jesus neste contexto? Nos versículos seguintes encontra-se a forte declaração de Jesus que, com sua mensagem profunda, conclui todo o esquema sanduíche.

No momento em que sua mãe e seus irmãos, do lado de fora da casa, mandaram-no chamar, Jesus soube aproveitar o momento e transformar a interrupção em oportunidade de ensino. A interrupção foi a ponte para uma importante declaração e um ato dramático de ensino: uma ação parabólica.³⁸ “Jesus aproveita a ocasião para afirmar que a verdadeira união com ele não se faz pela comunidade de sangue ou raça, mas pelo comum interesse pelo bem da humanidade”.³⁹

Quando soube que sua mãe e seus irmãos estavam do lado de fora o chamando, Jesus responde com a uma **pergunta retórica**: “Quem é minha mãe e meus irmãos?” (Mc 3.33). Pode-se pensar que Jesus tenha sido muito rude com sua mãe.⁴⁰ Mas não se trata de um insulto à sua família.⁴¹ “Neste ponto precisamos salientar que o propósito de Jesus não é menosprezar seus familiares”.⁴² Deve-se considerar que, certa forma, a atitude de Maria e dos irmãos de Jesus também pode ser considerada rude: mandaram chamar aquele que consideravam estar **fora de si**. Posicionaram-se assim, “do lado de fora” da casa, aproximando-se da atitude de blasfêmia dos escribas vindos de Jerusalém.⁴³

Em seguida à pergunta “*Quem é minha mãe e meus irmãos?*” (Mc 3.33), Jesus realiza um gesto que pode ser compreendido como uma ação (ato, gesto) simbólica, um ensino não verbal, uma transformação corporal da mensagem, enfim: uma ação parabólica. Jesus olha em volta de si. Encara aqueles que estão ao seu redor, ansiosos por ouvir seus ensinamentos e segui-lo como Mestre. Sem palavras, Jesus já respondeu a **pergunta retórica** por ele mesmo lançada. Aqueles a quem dirige seu olhar são a resposta (silenciosa): são estes a sua verdadeira família. Independente de sangue: uma família unida por um mesmo propósito. Mesmo assim, talvez para deixar ainda mais claro o teor da resposta aos menos sensíveis à percepção simbólica, Jesus complementa o gesto simbólico com uma **sentença declarativa**. Disse Jesus para aqueles a quem dirigia o olhar: “*Eis minha mãe e meus irmãos. Portanto, qualquer que fizer a vontade de Deus, esse é meu irmão, irmã e mãe*” (Mc 3.34-35). Pohl diz que esse olhar foi um marcante gesto simbólico.⁴⁴ Também sobre tal olhar, seguido da sentença proferida imediatamente após, diz Edwards:

³⁵ SOARES; CORREIA JR; OLIVA, 2013, p. 160.

³⁶ EDWARDS, 2022, p. 168.

³⁷ KUNZ, 2014, p. 133.

³⁸ KUNZ, 2014, p. 134.

³⁹ MATEOS, Juan; CAMACHO, Fernando. **Marcos**: texto e comentário. São Paulo: Paulus, 1998, p. 125.

⁴⁰ KUNZ, 2014, p. 134.

⁴¹ EDWARDS, 2018, p. 168.

⁴² KUNZ, 2014, p. 139.

⁴³ KUNZ, 2014, p. 134.

⁴⁴ POHL, 2018, p. 139.

“Jesus, ao fazer isso, redefine a família”.⁴⁵ Esta redefinição não era algo simples, pois “o parentesco era o eixo central do mundo social na antiguidade”.⁴⁶

O teor simbólico presente nesta perícopa é inegável e profundo, sem questionar sua literalidade. Diversos autores expressaram essa percepção de diferentes maneiras, dizendo haver nesta perícopa: um “gesto simbólico marcante”, um “simbolismo da narrativa”, uma “ilustração concreta”.⁴⁷ Coexistem e se fundem literalidade e simbolismo. O conteúdo simbólico da ação parabólica existe em metaníveis de sentidos, que aprofundam seu sentido literal sem questioná-lo ou feri-lo.

A identificação da presença de uma ação parabólica no texto de Marcos 3.30-35 pode ser feita através da constatação de algumas características mapeadas por Kunz, como por exemplo: a presença de **narrativa e diálogo**; predominância da terceira pessoa na narrativa e de interação entre primeira e segunda pessoas no diálogo; presença de **pergunta retórica** e/ou **sentença narrativa** (neste caso específico aparecem ambas); alguns aspectos semânticos como presença de verbos que denotam movimento na parte narrativa e frequência da conjunção grega “*kai*”; e, finalmente a característica mais relevante das ações parabólicas: a presença de metaníveis simbólicos que transcendem o nível literal.⁴⁸

A expressão família de Jesus, atribuída aos seus seguidores, à igreja, pode entender-se em vários níveis; o evangelista rejeita explicitamente três: a família carnal (Mc 3.20-21; 31-35), a religiosa (2.22-30) e a geográfica, seus conterrâneos (6.1-6). Frente a essas três, estabelece a quarta: seus discípulos.⁴⁹

A **sentença declarativa** final da perícopa de Marcos 3.30-35 não só conclui a própria perícopa, mas também todo o esquema sanduíche de Marcos 3.20-35, no qual ela está inserida. De tal sentença (que está contida na ação parabólica), farto conteúdo teológico pode ser extraído, conteúdo este que pode ser compreendido como a mensagem em si da referida ação. É pertinente realizar uma breve exposição de alguns comentários sobre tão rica mensagem:

João Crisóstomo (347- 407), erudito cristão oriental de expressividade no final do século IV e início do V, bispo de Constantinopla, comentou sobre esta perícopa que convém honrar mais os que são parentes pela fé que os parentes de sangue. O monge inglês Beda (673-735), do reino da Nortúmbria, comentou no século VIII que, nesta passagem, Jesus demonstrou preferir a obra espiritual ao parentesco da carne. Ambos os comentários foram registrados por Tomás de Aquino no século XIII.⁵⁰ Comentários extremamente contemporâneos seguem semelhante linha de raciocínio:

Jesus colocou a obediência à vontade de Deus acima dos laços familiares. O que importa não é ser membro de uma família humana específica, mas pertencer à família de Deus. [...] Isso não significa um preconceito contra a família, mas é uma questão de prioridades pessoais. É preciso buscar primeiro o Reino de Deus (Mt 6.33).⁵¹

É importante destacar que “Jesus amplia o escopo de sua família espiritual a fim de incluir seus discípulos, e não para excluir sua mãe ou seus parentes biológicos”.⁵²

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Maria esteve aos pés da cruz e os irmãos de Jesus vieram a desempenhar importantes papéis de liderança na primeira igreja de Jerusalém, especialmente Tiago. Mas essa posterior adesão só é atestada em outros momentos das Sagradas Escrituras. Analisando exclusivamente Marcos 3.20-35, percebe-se

⁴⁵ EDWARDS, 2018, p. 168.

⁴⁶ MYERS, 2021, p. 212.

⁴⁷ KUNZ, 2014, p. 136.

⁴⁸ KUNZ, 2014, p. 136-137.

⁴⁹ CALLE, Francisco de La. **A Teologia de Marcos**. Tradução de José Raimundo Vidigal. São Paulo: Paulinas, 1978, p. 66.

⁵⁰ AQUINO, Tomás. **Catena Aurea**. Tradução de Fabio Florence. Campinas: Ecclesiae, 2019, p. 82.

⁵¹ STEIN, 2022, p. 231.

⁵² HAHN, Scott; MITCH, Curtis. **O evangelho de São Marcos**: cadernos de estudo bíblico. Tradução de Thomaz Perroni. Campinas: Ecclesiae, 2014, p. 39.

que dos quatro grupos em torno de Jesus (os doze, a multidão, os parentes e os escribas), o único grupo que pode apresentar alguma indefinição sobre sua posição em relação a Jesus, é o grupo dos parentes. Apóstolos e seguidores já estão, literal e simbolicamente, **dentro da casa**. As autoridades religiosas, definitivamente estão **do lado de fora**. Mas e os familiares de Jesus? Por quanto tempo ficarão **do lado de fora da festa**, assim como o irmão mais velho na Parábola do Filho Pródigo (Lc 15.11-32)?

Considerando o significado simbólico (ou metanível) da casa onde está Jesus com seus discípulos e seguidores em Marcos 3.20-35, algumas analogias talvez sejam possíveis entre a localização dos parentes de Jesus, textualmente **do lado de fora** (Mc 3.31) e o posicionamento do irmão mais velho no final de Lucas 15.11-32, especialmente sua a localização em relação ao banquete (do lado de fora), conforme é claro em Lucas 15.28. “Quem é o irmão mais velho da narrativa? Com certeza ele representava os fariseus”.⁵³ O filho mais velho da parábola retrata fariseus e escribas.⁵⁴

Na Parábola do Filho Pródigo, o filho mais velho, do lado de fora, simbolizava a religiosidade judaica. Será que a família (origem) de Jesus, igualmente do lado de fora, também não pode estar representando, como um metanível, a religiosidade judaica? Neste sentido, Jesus ao revelar que sua verdadeira é constituída por outros laços mais importantes que os de sangue, não tem por objetivo deixar seus parentes de fora, mas espera que eles também entrem na comunhão (verdadeira festa) que acontece **do lado de dentro**.

Para Jesus, os vínculos da carne já se dissolveram, perderam sua importância decisiva. Agora, só um vínculo importa: fazer a vontade de Deus. É essa a porta de entrada em sua nova Casa. [...] tudo o mais fica relativizado: família, propriedades, pátria, estado, até mesmo a própria vida. No Judaísmo, ‘fazer a vontade de Deus’ é acolher a Torá [...] Agora, opera-se uma mudança: trata-se de estar “em redor” de Jesus. Ele é o novo eixo da comunidade, a nova ‘lei’ da vida.⁵⁵

No esquema sanduíche de Marcos 3.20-35, o anúncio de Jesus de seus novos critérios definidores de família (parte **A'** - Mc 3.31-33) vêm imediatamente após um seríssimo embate com as autoridades religiosas judaicas vindas de Jerusalém (parte **B** – Mc 2.22-30), onde Jesus recebeu sérias acusações por um lado, mas também explicou que aqueles religiosos não teriam perdão para sempre. Há, em certo nível, um rompimento com a religiosidade de sua origem judaica. Sobre um outro evangelho, pode-se dizer que Mateus apresenta Jesus como um novo Moisés.⁵⁶ É possível perceber tanto elementos de continuidade quanto de ruptura. Os cinco grandes discursos do evangelho de Mateus, em seus capítulos 5-7; 10; 13; 18; 24-25, representam uma nova Torá, pois na simbologia numérica judaica, o número cinco representa Torá, que possui cinco livros. Da mesma forma, no interior do Sermão do Monte, também representando uma relação com a Torá, há cinco repetições da expressão: “Ouvintes o que foi dito pelos antigos (...) Eu porém vos digo...” (Mt 5.21-22; 27-28; 33-34; 38-39; 43-44).

Considerando a semelhança do posicionamento “do lado de fora” do irmão mais velho de Lucas 15.28 e dos parentes de Jesus em Marcos 3.31; e considerando também que o personagem do irmão mais velho tem como metanível simbólico os aspectos do judaísmo com os quais Jesus teve algumas tensões ao longo de seu ministério; é possível que os parentes de Jesus (sua origem de sangue), os que estão “do lado de fora” em Marcos 2.22, tenham também como um possível valor simbólico, ou metanível, os aspectos do judaísmo (enquanto origem de Jesus), que este pretende transformar ou romper.

Pesa expressivamente a favor da hipótese supramencionada, a repetição da expressão “mãe e irmãos” (ou equivalentes) cinco vezes na parte **A'** do esquema sanduíche, ou seja, Marcos 3.31-35. Com

⁵³ LOCKYER, Herbert. **Todas as parábolas da Bíblia**. São Paulo: Vida, 2007, p. 334.

⁵⁴ KUNZ, 2022, p. 120.

⁵⁵ SOARES; CORREIRA JR; OLIVA, 2013, p. 161.

⁵⁶ VALENCIA, Juan Sebastián Hernández. Las Sesiones Discursivas em Mateo: Estudio de su estructura y padrones literarios. In: **Revista Bíblica**. Medellín: Universidad Pontificia Bolivariana, v.82, n.1-2, 2020, p. 81.

certeza, o evangelista poderia ter escrito diferente. Tal repetição muito provavelmente foi proposital e com um objetivo bem específico. No texto bíblico, há de se atentar para as repetições de palavras.⁵⁷ “Na maioria das civilizações e religiões, os números são portadores de símbolos”.⁵⁸

Existe na Bíblia a presença de uma simbologia numérica e nesta, o número cinco representa a Torá.⁵⁹ Assim como “Sião” tem usos poéticos que vão muito além do que simplesmente o acidente geográfico, o cinco que simboliza a Torá também pode vir a ter metaníveis simbólicos. Algumas parábolas têm suas explicações logo a seguir, outras não. Ao longo do evangelho de Marcos há uma série de simbolismos numéricos, mas são como as parábolas que não vêm acompanhadas de explicações. Por exemplo: em Marcos 8.14-21 há uma riqueza de conteúdo simbólico numérico. Mas sobre estes, não dispomos de nenhuma explicação de Jesus. São como enigmas a serem decifrados, sobre os quais, provocativamente, o Mestre deixou registrado apenas: “Tendo olhos, não vedes?” (Mc 8.18a).

Algumas aplicações podem ser extraídas da mensagem de Marcos 3.31-35: Segundo Champlin, Jesus não desejava negar ou diminuir as relações humanas familiares, mas indiretamente esse texto ilustra a lição de que um homem deve deixar sua família e seguir seu próprio caminho, como Abraão (Gn 12.1).⁶⁰ Neste sentido: “Uma família deve ser o porto de onde o navio parte, para velejar os mares e não uma doca onde se amarram e lançam raízes”.⁶¹

Ainda no campo das possíveis aplicações, a pergunta retórica, o olhar ao redor e a sentença declarativa de Jesus em Marcos 3.31-35 fizeram seus ouvintes voltarem-se para dentro de si mesmos e se perguntarem, sob o novo critério apresentado, o quão próximos ou distantes de Jesus cada um se encontrava. Provavelmente, os parentes de Jesus julgavam-se próximos a ele, mas na verdade revelou-se que não estavam. Pode acontecer hoje, que pessoas que se consideram próximas de Jesus (talvez pela assiduidade na Igreja), na verdade não estejam. Assim como aqueles ouvintes originais de Jesus, naquela casa há dois mil anos atrás, também hoje, esta perícopes nos lembra que “aqueles que pressupõem que estão próximos a Jesus devem pensar de novo”.⁶²

REFERÊNCIAS

AQUINO, Tomás. **Catena Aurea**. Tradução de Fabio Florence. Campinas: Ecclesiae, 2019.

BECK, T. *et al.* **Uma comunidade lê o Evangelho de Marcos**. Brasília: CNBB, 2019.

BECKER, Udo. **Dicionário de símbolos**. Tradução de Edwino Royer. São Paulo: Paulus, 1999.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Tradução de João Ferreira de Almeida. 2.ed. Revista e Atualizada. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

BORTOLINI, José. **O Evangelho de Marcos: para uma catequese com adultos**. São Paulo: Paulus, 2003.

CALLE, Francisco de La. **A Teologia de Marcos**. Tradução de José Raimundo Vidigal. São Paulo: Paulinas, 1978.

CHAMPLIN, Russell Norman. **O Novo Testamento Interpretado: versículo por versículo**. Tradução de João Marques Bentes. São Paulo: Hagnos, 2014. Vol. 1.

EDWARDS, James R. **O comentário de Marcos**. Tradução de Helena Aranha. São Paulo: Shedd, 2018.

⁵⁷ SILVA, Cássio Murilo Dias da. **Metodologia de Exegese Bíblica**: versão 2.0. São Paulo: Paulinas, 2022, p. 259.

⁵⁸ BECKER, Udo. **Dicionário de símbolos**. Tradução de Edwino Royer. São Paulo: Paulus, 1999, p. 200.

⁵⁹ VITORIO, Jademir. **Mateus: o evangelho eclesial**. São Paulo: Loyola, 2017, p. 12,26.

⁶⁰ CHAMPLIN, 2014, vol. 1, p. 789.

⁶¹ LUCCOCK citado por CHAMPLIN, 2014, vol. 1, p. 789.

⁶² EDWARDS, 2018, p. 168.

- HAHN, Scott; MITCH, Curtis. **O evangelho de São Marcos**: cadernos de estudo bíblico. Tradução de Thomaz Perroni. Campinas: Ecclesiae, 2014.
- KUNZ, Claiton André. **Ações parabólicas de Jesus no evangelho de Marcos**. São Paulo: ASTE, 2014.
- LOCKYER, Herbert. **Todas as parábolas da Bíblia**. São Paulo: Vida, 2007.
- MATEOS, Juan; CAMACHO, Fernando. **Marcos**: texto e comentário. São Paulo: Paulus, 1998.
- MYERS, Ched. **O Evangelho de São Marcos**. Tradução de Isabel F. L. Ferreira. São Paulo: Paulinas, 2021.
- OTTERMANN, Monika. La familia de Jesús y la familia de Cristo según el Evangelio creado por Marcos, con particular atención en las hermanas. In: **RIBLA – Revista de Interpretación Bíblica Latinoamericana**. n.64. Quito, Ecuador, 2009, p.72-87.
- POHL, Adolf. **Evangelho de Marcos**: Comentário Esperança. Tradução de Hans Udo Fuchs. Curitiba: Esperança, 2018.
- ROBERTSON, A. T. **Comentário Mateus e Marcos**: à luz do Novo Testamento Grego. Tradução de Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 2017.
- SILVA, Cássio Murilo Dias da. **Metodologia de Exegese Bíblica**: versão 2.0. São Paulo: Paulinas, 2022.
- SOARES, Sebastião Armando Gameleira; CORREIA JR, João Luiz; OLIVA, José Raimundo. **Evangelho de Marcos**. São Paulo: Fonte, 2013.
- STEIN, Robert H. **Marcos**: comentário exegético. Tradução de Marcio Loureiro Redondo. São Paulo: Vida Nova, 2022.
- VALENCIA, Juan Sebastián Hernández. Las Sesiones Discursivas em Mateo: Estudio de su estructura y padrones literários. In: **Revista Bíblica**. Medellín: Universidad Pontificia Bolivariana, v.82, n.1-2, 2020, p.79-98.
- VITORIO, Jademir. **Mateus**: o evangelho eclesial. São Paulo: Loyola, 2017.



*A Revista Batista Pioneira está licenciada com
uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações -
4.0 Internacional*

A MULHER DE JÓ E SUA SABEDORIA NÃO RECONHECIDA

The Job's wife and your unrecognized wisdom

Me. Edmar dos Santos Pedrosa¹
Dr^a Marivete Zanoni Kunz²

RESUMO

Precisa ser sábio para falar de sabedoria. O livro de Jó, como parte da literatura bíblica sapiencial, é repleto de diálogos de sabedoria. Ocorre entre Deus e Satanás, entre quatro amigos e Jó, mas também, em menor escala, entre Jó e sua mulher. Apesar de ser o menor diálogo do livro e um dos menores das Escrituras, pois se resume a uma curta sentença, é repleto de sabedoria, ou falta dela, conforme visão de alguns estudiosos. A mulher de Jó foi muito injustiçada ao longo da história, não pela oração proferida, mas pelo verbo usado, conforme traduções bíblicas ao construir sua fala: amaldiçoa. Certamente não é sinal de sabedoria, mesmo na época patriarcal, mandar alguém amaldiçoar a Deus. Mas será que ela de fato o aconselhou desta forma, com tremenda falta de sabedoria? Os intérpretes e tradutores, em sua grande maioria, concordam com esta concepção. Isso mostra que é necessário lançar um pouco de luz sobre o tema olhando por outra ótica – o contexto imediato. Embora a mulher não desempenhasse um papel reconhecido em Israel no campo da sabedoria, certamente desempenhava no cuidado do lar e na educação dos filhos, principalmente em se tratando da mulher daquele homem cheio de bens, funcionários, riquezas e sabedoria. Deus tirou praticamente tudo de Jó, mas deixou-lhe a esposa e por quê? Para que ela o auxiliasse a suportar todo o sofrimento que

¹ Graduado em Ciências Policiais e de Segurança Pública pela Academia de Polícia Militar do Barro Branco, Bacharel em Direito pela Universidade Salesiana de Campinas, Graduado em Teologia pela Faculdade Teológica Batista de Campinas e Mestre em Teologia pela FABAPAR (Faculdades Batista do Paraná). E-mail: es.pedrosa@hotmail.com

² Graduada em Teologia e Pedagogia. Mestrado e Doutorado em Teologia pela EST/São Leopoldo-RS. Pós-doutorado pela PUC/ Curitiba-PR. Professora do curso de Mestrado Profissional em Teologia das Faculdades Batista do Paraná (Curitiba/PR) e professora de Teologia na Faculdade Batista Pioneira (Ijuí/RS). Coordenadora da revista Ensaios Teológicos. Professora da Faculdade Batista Pioneira e das Faculdades Batista do Paraná. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6833-5753>. E-mail: marivete@batistapioneira.edu.br

viria em razão dos ataques de Satanás. Jó não sucumbiu e um dos suportes foi justamente sua sábia, que esposa esteve ao seu lado do começo ao fim, tendo seu papel reconhecido por ele e por Deus na conclusão da obra literária. Sozinho ele não aguentaria!

Palavras-Chave: Mulher de Jó. Sabedoria. Justiça. Família. Jó.

ABSTRACT

Need to be wise to speak of wisdom. The book of Job, as part of the wisdom biblical literature, is full of wisdom dialogues. Occurs between God and Satan, four friends and Job, and also to a lesser extent, between Job and his wife. Despite being the smallest of the book dialogue and one of the smallest of the scriptures, it comes down to a short sentence, is full of wisdom, or lack thereof. Job's wife was very wronged throughout history, not by prayer uttered, but the verb used to build his speech: curses. It is a sign of wisdom, even in patriarchal times, have someone curse God. But is that she advised with tremendous lack of wisdom? Interpreters and translators are virtually unanimous in agreeing with this statement. This shows that it is necessary to shed some light on the subject looking for another perspective - the immediate context. Although women do not play a role recognized in Israel in the field of wisdom, certainly played in the nursing home and the education of children, especially in the case of the woman of the man full of goods, employees, wealth and wisdom. God took virtually all of Job, but left his wife for the help to bear all the suffering that would come because of the attacks of Satan. Job did not succumb precisely why his wise wife was at his side from beginning to end, with a recognized role for him and God at the conclusion of the literary work. Alone he could not stand!

Keywords: Job's Wife. Wisdom. Justice. Family. Job.

INTRODUÇÃO

Precisa ser sábio para falar de sabedoria. O livro de Jó, como parte da literatura bíblica sapiencial, é repleto de diálogos de sabedoria. Tais diálogos seriam os que ocorrem entre Deus e Satanás, os quatro amigos e Jó, e também, em menor escala, entre Jó e sua mulher. Apesar de ser o menor diálogo do livro e um dos menores das Escrituras, pois se resume a uma curta sentença, a conversa entre Jó e sua mulher é repleta de sabedoria, ou falta dela. A mulher de Jó foi, e em algumas situações ainda tem sido, muito injustiçada ao longo da história, não pela oração proferida, mas pelo verbo utilizado nas traduções bíblicas, ao construir sua fala, a saber: *amaldiçoa*.

Não era sinal de sabedoria, mesmo na época patriarcal, mandar alguém amaldiçoar a Deus. Entretanto, vem a questão: será que ela de fato o aconselhou com tremenda falta de sabedoria para amaldiçoar a Deus? Os intérpretes e tradutores são praticamente no geral concordam com esta concepção, por considerarem o termo que no geral as traduções bíblicas apresentam, ou seja, *'amaldiçoa'*. Isso mostra que é necessário lançar um pouco de luz sobre o tema, olhando sob outra ótica – o contexto imediato. Apesar da praticamente unanimidade quanto à condenação da atitude da até então inominada esposa de Jó, alguns fatores devem ser levados em consideração para que se possa ao menos tentar lançar luz sobre o episódio fatídico que a condena e então restabelecer a justiça quanto àquela mulher.

Embora haja uma visão quase geral de que a mulher não desempenhasse um papel reconhecido em Israel no campo da sabedoria, pelo menos não nos moldes da sociedade atual, certamente ela desempenhava um papel importante no cuidado do lar e na educação dos filhos, principalmente em

se tratando da mulher daquele homem cheio de bens, funcionários, riquezas e sabedoria. Deus tirou praticamente tudo de Jó, mas deixou-lhe a esposa, então surge o questionamento: Por que? Para que ela o auxiliasse a suportar todo o sofrimento que viria em razão dos ataques de Satanás. Jó não sucumbiu e um dos suportes foi justamente sua sábia, que esposa esteve ao seu lado do começo ao fim, tendo seu papel reconhecido por ele e por Deus na conclusão da obra literária. Sozinho ele não aguentaria! Ainda que o texto do livro de Jó tenha sido produzido em contexto patriarcal, no qual a concepção que se tem é que a mulher não tem espaço para falar ou agir, a mulher de Jó dirige-lhe a palavra num momento de grande dor (de ambos).

O texto sagrado registra somente uma fala desta mulher, seguida de uma dura repreensão de seu marido. Nesse aspecto, é preciso lembrar-se que Jó é um livro que mostra a conversa entre sábios em forma de linguagem poética. Conversar faz parte da sabedoria. “A troca de experiências é fonte da sabedoria e gera o diálogo quando verbalizada. Sem dúvida, o diálogo entre sábios enriquece os interlocutores”.³ Jó e sua esposa, como se verá, sairão bem enriquecidos depois desta conversa conjugal.

Embora a literatura seja poética, o diálogo inicial descrito nos dois primeiros capítulos está em forma de narrativa, da mesma maneira que o final surpreendente do livro. É justamente nesta parte inicial da narrativa que aparece a curta conversa de Jó com sua esposa; na verdade, dela para com ele, já que é ela quem toma a iniciativa de quebrar o silêncio do sofrimento de ambos. Esta conversa da mulher com Jó também não poderia significar um diálogo entre sábios, como o restante do livro vai mostrar? Ou será que ela só agiu de forma impensada, emotiva e com muita falta de fé?

Para que as considerações contidas no presente artigo sejam verdadeiras, deve-se partir de um pressuposto fundamental. No único e curto diálogo ocorrido entre marido e mulher, entre Jó e sua esposa, se ela o aconselhou a amaldiçoar a Deus, ficou clara a sua falta de fé e de sabedoria no manejo das palavras. Por outro lado, se ela disse a seu marido para abençoar a Deus e depois morrer, aí tudo faz uma profunda diferença, pois tornaria (e é bem) possível que ela também fosse uma mulher sábia, entre os demais sábios que participavam daquele diálogo e então é possível perguntar-se sobre a mulher de Jó e o que indicaria sua sabedoria não reconhecida. Abaixo segue algumas possibilidades de reflexão.

1. JÓ E SUA MULHER: PERDAS IRREPARÁVEIS

O nome Jó, a partir do texto hebraico, significa ‘ser hostilizado’, o que bem condiz com a história deste personagem, ou seja, foi isso que aconteceu com o protagonista no diálogo que é descrito no texto. O texto de Jó 1.1 identifica-o como oriundo de um local chamado Uz, e não de um local fictício e também o identifica como um homem íntegro, reto e que temia a Deus. Além disso, como um patriarca muito rico, que chefiava sua família e ainda desempenhava o papel de sacerdote.

Jó foi um homem que de fato perdeu muita coisa. Na verdade, ele perdeu tudo, absolutamente tudo que possuía.⁴ Ele foi degradado em vários aspectos, ou seja, material, social, físico e emocional. Não passa despercebido que Jó não era solteiro nem muito menos vivia sozinho. Ele era casado, até então com uma boa esposa, pois teve dez filhos com ela, possuiu muitos bens e em nenhum momento sua integridade como dona de casa, ou em outro papel e função, foi questionada.

Se Jó perdeu tudo, ela também perdeu. Se Jó sofreu pelas perdas que teve, ela também sofreu. Cada um a seu modo, mas ambos sofreram absurdamente por aquilo que perderam, afinal de contas esta é a ideia do livro. Considerando que todos os homens e mulheres conhecem a experiência do sofrimento, o livro tem um apelo universal nesse aspecto.⁵ Jó perdeu tudo, menos a esposa, que continuou ao seu lado. Percebe-se que Jó não suportava mais a vida que estava levando, e que esta mulher também não aguentava mais viver do jeito que estava: pobre, sem filhos e ainda mais com uma agravante: ela estava

³ LINDEZ, 1999, p. 35.

⁴ COELHO FILHO, 2011, p. 25.

⁵ DILLARD, 2006, p. 189.

vendo seu marido sofrer e definhando a cada dia.⁶

Parece que o fundamento da vida da esposa de Jó era a piedade e a prosperidade do marido. Naturalmente, as tristezas dela eram extremas. A primeira coisa que Jó perdeu foram seus animais. Uns foram roubados e outros mortos por fogo que caiu do céu. Assim, Jó perdeu simplesmente todos os milhares de animais que possuía. Ele não pode fazer nada sobre isso, ficou passivo diante das trágicas notícias recebidas. É bem provável que sua esposa estava ao seu lado, ouvindo as mesmas coisas que ele ouviu e vendo as reações de seu marido. Logo depois, sem dar tempo de tomar um fôlego – é o que evidenciam os versículos 15, 16, 17 e 18 do capítulo 1 – veio a notícia da perda de todos os filhos de uma única vez. A única coisa que Jó pôde fazer foi cair de joelhos e adorar a Deus, orando. Onde estava sua esposa quando as notícias chegaram? Imagina-se que estava ao seu lado, sofrendo com ele, afinal de contas os filhos também eram dela. Jó aceitou a perda passivamente, não pôde fazer nada e ela viu aquela reação. Jó não lutou contra nada disso, pois o poder era de Deus e ele reconheceu prontamente isso, embora Jó também seja descrito por alguns autores⁷ como um homem queixoso ou reclamão. Para alguns, ele é um personagem que se queixa de suas dores e sofrimentos na parte escrita em forma poética. Por isso, ele também é considerado o protótipo do homem rebelde, mas a verdade é que ele se entregou à soberania de Deus. Quanto as reações da esposa de Jó, em relação as perdas, não há registro no texto bíblico, mas sem dúvidas, ela sofreu ao lado de seu marido e, talvez na sua dor, diante de tais notícias permaneceu em silêncio.

2. A TRÁGICA DOENÇA DE JÓ E A COMPANHIA DE SUA ESPOSA

Na escala filogenética, o ser humano é o único animal que se sabe mortal. A consciência da morte faz parte das conquistas constitutivas dos seres humanos. Já não é mais uma questão de instinto, e sim a aurora do pensamento humano, que se traduz por uma espécie de revolta contra a morte. A consciência da morte e o horror que ela provoca são marcas da humanidade.⁸

Conforme evidenciado no ponto anterior, o que ainda restava para Jó era a saúde e ele também a perdeu. O inimigo feriu Jó com feridas da sola dos pés até o alto da cabeça – é o que está descrito no capítulo 2, do livro que leva seu nome Jó. Que quadro terrível devia ser aquele. Devia coçar e doer muito. Ele usava cinzas como alento e se raspava com caco. Se as feridas estavam espalhadas por todo o seu corpo, certamente suas costas estavam repletas de feridas. Quem as limpava, já que fisicamente era impossível a Jó alcançar aquelas partes de seu corpo? Certamente era quem estava ao seu lado. Então surge a pergunta: Quem ficou ao seu lado? A única pessoa que o registro do texto evidencia que ficou ao seu lado foi a sua esposa. Sempre é bom lembrar que Jó não sofria somente com feridas, mas com vermes cobrindo seu corpo que estavam o consumindo vivo. Por isso, ele precisava dos cuidados de alguém íntimo ao seu lado.

O que evidencia que a esposa estaria ao seu lado? No capítulo 19, Jó mesmo vai declarar como se sentia quanto ao seu hálito afirmando que: “O meu hálito é intolerável para a minha mulher”.⁹ Esta afirmação só faz sentido, se ela estivesse junto a ele, sentindo os odores putrefatos que vinham não só de suas feridas, como também de sua boca. O homem apresentava um quadro de um verdadeiro morto vivo. Era pele e osso, estava cheio de muitas feridas, além de estar emocionalmente acabado. Diante desse quadro dramático, vê-se que só faltava uma coisa para Jó, ou seja, morrer.

Em 1966, alguns pesquisadores médicos identificaram uma nova doença, que de nova não tinha nada, pois era bem antiga. Deram-lhe o nome de *hiperimmunoglobulinemia E*, ou simplesmente *Síndrome de Jó*, pelos sintomas correspondentes no caso do patriarca bíblico. Até hoje esta doença não tem cura!

⁶ Disponível em http://www.montesiao.pro.br/estudos/mulher/mulheresdabiblia_esposajo.html. Acesso em 21 mar. 2015.

⁷ LINDEZ, 2011, p. 140-142.

⁸ MORIN, 1997, p. 23.

⁹ **BÍBLIA Sagrada**: ARA, Jó 19.

A síndrome de Jó é uma rara condição de imunodeficiência, sem etiologia definida, caracterizada por infecções de repetição do trato respiratório superior e inferior e da pele associadas a níveis elevados de *imunoglobulina E*, *eosinofilia* e alterações faciais peculiares.¹⁰

Uma pessoa nestas condições certamente não é alguém que promova uma imagem vistosa de se ver, pois parece um morto vivo. Não deve produzir bons odores para se sentir, pois as feridas na carne necrosam e vermes passam a consumi-la, mesmo com seu hospedeiro ainda vivo.¹¹ Um indivíduo nessas condições não é capaz de produzir sons e falas agradáveis, mas tão somente choros, resmungos e gemidos intermináveis. Várias passagens do livro vão mostrar os lamentos de Jó, inclusive evidenciando que ele ficou irreconhecível, muito magro, com dores terríveis, coberto por feridas, não conseguia dormir, sofria com a febre e pesadelos, tinha mau hálito, tinha crises de depressão e choro e sentia os olhos embaçados (Cap.19 e 30).

Por outro lado, bem pertinho de Jó certamente estava sua esposa. Ela sequer tinha outra opção, afinal de contas para onde iria? De quem ela cuidaria? Só lhe restava seu moribundo marido, que estava dependente integralmente dos cuidados de terceiros, no caso, dela mesma.

Embora estivesse sofrendo com as perdas, alguém precisava estar firme e de pé para, pelo menos, cuidar daquele homem. A única opção era ela mesma. Ao longo da história, mulheres têm provado tirar esta força de seu interior e cuidar de entes queridos que necessitam de cuidados especiais. É uma bela capacidade feminina.

Nota-se que ela não sofreu nenhuma forma de violência contra si, no aspecto físico, mas experimentou as perdas e viveu o sofrimento físico e emocional de seu marido. A mulher de Jó deve ter deixado de lado seu intenso sofrimento emocional e reunido forças para cuidar de seu marido. Esta força interior das mulheres, em momentos de calamidade e sofrimento, é até hoje um mistério para a ciência explicar.

Mesmo acometido daquela terrível doença, Jó não morria. Isso contrariava todas as expectativas. Era muito sofrimento, para ser suportado por ele e por aqueles que presenciavam aquelas cenas de horror. Sua mulher ainda se mantinha de pé. Ela devia ser o ponto de equilíbrio do lar, de forma que, se ela caísse, tudo cairia com ela. Ela não poderia se dar ao “luxo” de cair naquele transtorno, e supostamente não caiu, caso contrário o texto faria uma referência a isso como mais uma das perdas atribuídas a Jó. Interessante que Deus deu permissão a Satanás para tocar em tudo de Jó, menos na vida dele e o inimigo, intrigantemente, não tocou na sua mulher. O texto não explica por que, mas para alguns era pelo fato de sua mulher não prestar, não ser uma bênção para Jó, assim seria interessante mantê-la viva ao seu lado.¹²

A cena visível da doença de Jó era horrível e ele, aparentemente, já estava morto. Falta-lhe apenas fechar os olhos e se entregar. Seu estado físico demonstrava isso para quem quisesse ver. Seus amigos, ao virem visitá-lo e depararem com aquela cena surreal, digna de filmes de terror em que aparecem figuras de zumbis, simplesmente não o reconhecem e, num ato de desespero pelo amigo, choram alto para todo mundo ouvir. A propósito, quem poderia segurar o choro diante daquela imagem? Depois jogam cinzas sobre si e rasgam suas vestes em ato de humilhação. Era o terror da morte aparente do amigo.

A cena se completa com eles sentando ao lado do moribundo Jó, sem pronunciarem nenhuma palavra durante sete dias e sete noites, pois viram que sua dor era muito grande.¹³ Tudo indicava que Jó já estava morto, só faltava fechar os olhos, parar a respiração e então eles providenciariam o sepultamento digno que ele merecia.

¹⁰ REIS; HOLANDA, 2004.

¹¹ **BÍBLIA Sagrada:** ARA, Jó 7 e 14.

¹² MESQUITA, 1979, p. 25-26.

¹³ **BÍBLIA Sagrada:** ARA, Jó 2.

Mas Jó, ao contrário do que fez ao saber da perda de seus animais e funcionários, e da morte de seus filhos, agora ele sai e luta firmemente pela vida. Jó insiste em viver reconhecendo que sua vida estava nas mãos de Deus. Isso ninguém conseguia entender. Era só se entregar e pôr um ponto final naquela dor de corpo e alma que sentia. Ao seu lado, tem alguém vendo a tudo aquilo. Um silêncio congelante passa a vigorar entre quatro antigos amigos, homens sábios, por uma semana inteira.

A única coisa que restou a Jó foi sua mulher, sua querida esposa, que com ele sofria. Talvez essa foi a única razão por ele lutar tanto por se manter vivo. Nada mais o prendia a este mundo. Não tinha mais nada, emocionalmente falando, a que se apegar. Se ele morresse, o que seria dela? Uma mulher viúva, sem filhos e sem patrimônio, certamente não teria um fim muito atraente. Jó sabia disso e possivelmente apegava-se à vida por ela, mesmo todo mundo esperando sua morte evidente e certa. Só lhe faltava isso.

Mas esta mulher chega aos ouvidos de seu esposo, e talvez tenha proferido algo semelhante a isso: Querido, abençoa a Deus e morre. Como quem diz: eu te libero de teu compromisso e cuidado para comigo, pode ir ao encontro de Deus. Mas ela não sabia que seu ato de amor condenava a si própria a um destino terrível e cruel. Isso Jó não poderia suportar, principalmente porque ela era a única coisa a que ele se apegava.

Talvez de fato tenha dito para amaldiçoar a Deus e morrer, afinal de contas, na teologia de Jó, o mal era considerado fruto de algum pecado.¹⁴ E isso não tiraria a sabedoria dela. Precisava de muita sabedoria para chegar neste ponto a que ela deve ter chegado. Liberar psicologicamente o marido para morrer, ou convencê-lo a se entregar, pelo menos na ótica dela. Morre Jó, eu ficarei bem! Mas ela não ficaria bem. Jó sabia disso e diz a ela que estava falando como uma doida, como uma pessoa tola que não sabe as consequências daquilo que está falando. Jó era um homem sábio, afinal de contas, o registro do capítulo 1, versículo 1 evidencia que era um homem responsável, temente a Deus.

Morrer não é nem nunca foi fácil. Algumas noções escapam à ciência: beleza, compaixão, dor, e por que não a morte? As teorias científicas quase nada podem esclarecer a respeito delas. Jó estava praticamente numa UTI a céu aberto. Ali, ele precisa de cuidados humanos e de medicamentos, ainda que precários e adaptados.

Na prática médica, além de objetos concretos, como os medicamentos, há de se pensar no medicinal, que é tudo aquilo que serve para consolar os infortúnios da existência: atos, ações, remédios que fazem cessar males ou mesmo diminuir um sofrimento, levando-se sempre em conta as épocas e culturas. O medicinal evoca uma função, a de cuidar, e está presente tanto em quem trata como em quem é tratado.¹⁵

Jó pensava estar tratando de sua mulher, mantendo-se vivo. Ela pensava estar cuidando de Jó, liberando-o para morrer. Ambos enfrentavam o duro processo da morte, que aparentava ser inevitável, mas de maneiras diferentes. Jó não queria morrer; mesmo consciente desta realidade, ele afirma que não queria ter nascido, mas nunca que queria morrer.

Proteger sua esposa era um ato digno a ser feito por qualquer homem daquele período histórico, como ainda é nos dias de hoje. Agindo assim, Jó demonstrava mais uma vez sua profunda sabedoria e integridade para com Deus e para com as pessoas a sua volta. Era um homem justo e reto, desviava-se do mal e exatamente por isso ela o questiona: *ainda mantém sua integridade (2.9a)?* Diante dessa situação, o registro evidencia expressões que revelam o amor e dor presentes no coração tanto do próprio Jó como de sua esposa. Mas, o que envolve toda a fala da mulher da Jó? Este é o destaque do ponto que segue.

¹⁴ GUSSO, 2102, p. 38.

¹⁵ OLIVEIRA, Eliane Caldas do Nascimento. Psicóloga Clínica. Chefe da Subseção de Psicologia do Hospital Central do Exército. Mestre em Psicologia e Práticas Socioculturais - IP/UERJ. Especialista em Psicologia Médica. Membro da SPAG-ERio. In *Psicol. Cienc. Prof.* Vol.22, nº 2, Brasília, June 2002. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932002000200005>. Acesso em 20 mar. 2015.

3. UMA BIOGRAFIA DA MULHER DE JÓ E A SUA FALA EM JÓ 2.9

É importante considerar que o autor do livro de Jó apresenta um diálogo entre sábios. Neste sentido, dever-se-ia, ao menos perguntar: A mulher de Jó pode ser incluída como uma participante deste diálogo? Embora sua fala esteja redigida em forma prosa e envolva o que é chamado de moldura do livro é preciso reavaliar e, sim, considerar que ela faça parte de um enredo ligado aquilo que envolve a realidade dos sábios, no contexto apresentado neste relato bíblico. O famoso diálogo entre Jó e sua esposa está registrado nas Escrituras sagradas, em Jó 2.9, sendo traduzido da seguinte forma: *Então, sua mulher lhe disse: Ainda reténs a tua sinceridade? Amaldiçoa a Deus e morre.* O texto foi produzido originalmente em língua hebraica¹⁶ da forma como segue abaixo¹⁷:

וַתֹּאמֶר לוֹ אִשְׁתּוֹ עַדָּהּ מִחַיִּיק בְּתַמְתְּךָ בְּרַךְ אֱלֹהִים וּמָת¹⁸

Pelo comentário da esposa de Jó, que aparece no texto citado acima, sem dúvida alguma, a mulher de Jó tornou-se uma das mulheres mais detestadas de toda a Bíblia. A palavra que merece análise neste texto é *bārak*, que em hebraico é escrita da seguinte forma: בָּרַךְ¹⁹. Este verbo aparece na Bíblia por mais de 300 vezes e em todas elas sempre significou abençoar e não amaldiçoar.

Por esta simples análise, poderia ser inferido que, na verdade, em Jó, a mulher dele precisamente não diz amaldiçoa e morre, mas abençoa e morre. Todavia, este argumento requer bem mais fundamentações do que simplesmente esta inferência, já que de fato o vocábulo *bārak* também propicia o significado amaldiçoar.²⁰ O contexto pode ajudar a responder esta questão. O verso seguinte, em que consta a repreensão de Jó, chamando-a de doida, na qual interrompeu sua primeira e derradeira fala, pode ter sido um dos motivos dos intérpretes optarem por ‘amaldiçoa’ ao invés de ‘abençoa’. A questão é que, se eles estavam errados, cometeram uma enorme injustiça contra aquela mulher, injustiça que perdura até hoje.

Se Jó a repreendeu de fato, como tudo indica, tinha um bom motivo para isso, e aparentemente não era pejorativo. Interessante que, no capítulo anterior, quando Satanás coloca em dúvida a fidelidade de Jó, ele argumenta com Deus que ele era rico, saudável e possuidor de uma bela família, somente porque, segundo o acusador, Deus o cobre com bênçãos (*bārak*).²¹ Se for observado, a partir do hebraico, o termo que aparece no texto é *bārak*, ou seja, é a mesma palavra interpretada em sentido oposto quanto à fala da mulher de Jó.

Além disso, é preciso considerar que todos que se relacionam com os fatos narrados do terceiro capítulo em diante de Jó, inclusive o próprio personagem que empresta seu nome ao título do livro, serão repreendidos por Deus pela sua falta de sabedoria, mesmo eles achando que a tinham de sobra. Todos os personagens serão repreendidos, com exceção de dois. Estes dois não receberão a reprovação de Deus, exatamente porque é provável que, quanto a eles, não faltou sabedoria, como se imagina, antes, porém, sobrou.

Um deles é o quarto amigo de Jó e o mais novo dentre eles, Eliú, uma vez que este foi quem

¹⁶ **BÍBLIA Sagrada:** ARA, Jó 2.

¹⁷ Todas as transliterações e termos em hebraico seguem o seguinte material: HARRIS, R. L.; ARCHER JR, G. L.; WALTKE, B. K. **Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento.** São Paulo: Vida Nova, 1998, com exceção das que forem indicadas.

¹⁸ ANTIGO Testamento Poliglota, 2003, p. 1150.

¹⁹ No hebraico a mulher de Jó disse “*bārak ‘Elohím*”. *bārak* significa “abençoar, bendizer, louvar” (Dicionário Hebraico-Português e Aramaico-Português, da Editora Sinodal e Vozes, 1997, p. 33). Entretanto, John N. Oswalt traz a informação de que o termo também significa amaldiçoar (HARRIS; ARCHER JR; WALTKE, 1998, p. 220).

²⁰ A explicação mais provável é a de que os copistas judeus tenham trocado a palavra original para que o nome de Deus (‘Elōhím) não ficasse ao lado da palavra maldição (*qālal*). Assim, ao invés da forma original e mais antiga do texto, “*qālal ‘elohím vāmút*” (amaldiçoa teu Deus e morre), surge a forma “*bārak ‘elohím vāmút*” (abençoa teu Deus e morre). Os tradutores, percebendo essa adulteração intencional, retornaram ao que seria a forma original do texto. (MENDONÇA, Jones. Disponível em <http://numinosumteologia.blogspot.com.br/2010/06/o-estranho-caso-de-jo-29-bencao-barak.html>. Acesso em 23 mar. 2015).

²¹ **BÍBLIA Sagrada:** ARA, Jó 1.

deu o melhor diagnóstico e a melhor resposta ao sofrimento de Jó.²² O outro personagem, quem mais poderia ser? Ela mesma – a mulher de Jó. Na narrativa de Jó, existem seis pessoas envolvidas na trama. Jó e os três amigos iniciais, embora sábios, erram em suas falas e são repreendidos no final. No final dos debates humanos, por duas vezes Jó precisou reconhecer que era homem, calar-se e ouvir a voz de Deus.²³ Seus amigos, Elifaz, Bildade e Zofar, no derradeiro capítulo do livro, são perdoados somente depois da intercessão de Jó. Mas Eliú e a mulher de Jó, que também interagiram com ele na trama, não recebem qualquer repreensão.

A informação no capítulo final do livro de Jó, quando se observa no escrito que ele novamente recebeu as bênçãos, pode indicar que sua esposa poderia ser uma mulher virtuosa, nos mesmos moldes citados em outra literatura sapiencial – o livro de Provérbios no capítulo 31. Se assim o for, ela era a mulher mais valiosa do que as finas joias. O autor do texto mostra que seus filhos, no total de dez, eram abençoados por seu pai e sempre viviam juntos festejando. Isso aparenta que foram bem-criados e educados, tanto que amavam ficar juntos. Jó era um homem de muitas posses e certamente vivia ocupado, administrando seu extenso patrimônio. O autor do texto de Jó, capítulo 29, mostra que Jó não somente vivia ocupado, administrando seus bens, como ele mesmo testemunha, mas que ele também era visto por todos como um homem feliz, tanto que as pessoas vinham até ele para se aconselhar. Seus filhos não lhe deviam dar qualquer problema ou desgosto, mas, ainda assim, ele os santificava nas madrugadas, pela simples suposição de que talvez eles, em meio à celebração das festas e movidos de muita alegria, possam ter pecado contra Deus. Mas quem educou aqueles sete meninos e três meninas para serem assim, bons filhos?

Não se pode esquecer de Jó, mas certamente ela, sua sábia mulher, esteve ao seu lado, auxiliando nessa tarefa, pois, como dito acima, as mulheres também eram responsáveis por essa tarefa. Além disso, Jó não devia ter muito tempo para isso.

Ela também cuidou de seu esposo, durante todo o período de agudo sofrimento. É o que mostra o autor do escrito no relato do capítulo 2 do livro de Jó. Ela passou seu luto ao lado do marido, e quando a doença lhe acometeu, ela abriu mão de seu sofrimento particular para viver o dele. Cuidou dele como uma boa enfermeira. Ficou ao seu lado como uma boa psicóloga. Suportou suas dificuldades físicas e psicológicas como verdadeira esposa, constituída por Deus para ser uma ajudadora, como alguém que de fato estivesse ao lado dele.

Quando ela sentiu que estava impotente para ajudá-lo mais a minorar todo aquele sofrimento, ela não entrega os pontos, antes vem até ele e o aconselha a reconhecer que Deus estava querendo tirar-lhe a vida, bastando àquele homem entregar-se. Ela não discutiu com seu marido quando foi por ele repreendida, pois sabia que aquilo que ele dizia era verdade e, diante daquele argumento de que tudo pertence a Deus, ela se calou e não mais tocou no assunto. Se lhe faltasse sabedoria, certamente discutiria o assunto, tentando impor seu ponto de vista, mas não o fez.

Assim como o livro começa na forma literária de narrativa, da mesma forma assim também termina. Se começa com tragédia, termina com glória. Deus advertiu àqueles que deixaram a sabedoria divina de lado e se pronunciaram humanamente, corrigindo a cada um, depois de tratar com Jó nos quatro capítulos anteriores. Sua mulher só aparece no início e no fim do livro, mas não nos discursos poéticos no interior da obra. Nem precisaria, já que seu diálogo faz parte da moldura em prosa do livro em que no centro está o tema de Jó piedoso e Justo.²⁴

Mas a sabedoria da mulher de Jó não foi rejeitada. Sequer foi repreendida por Deus. No último capítulo do livro, fica demonstrado que os repreendidos são citados um a um pelos seus nomes, os omitidos, não foram repreendidos. Se Deus não repreendeu, possivelmente é porque Ele aprovou sua

²² COELHO FILHO, 2011, p. 35-36.

²³ **BÍBLIA Sagrada:** ARA, Jó 38 e 40.

²⁴ RENDTORFF, 2009, p. 351.

atuação, ou seja, Deus pode ter reconhecido sua sabedoria

Eliú não aparece na repreensão, pois ele foi de fato um sábio com fé. Todavia, a mulher de Jó aparece no último trecho do último capítulo do livro, e aparece de forma brilhante, pois além de não ser repreendida, é destacado que a ela foi concedido bençãos, pois teve mais filhos. Jó recebe tudo que perdeu em dobro. Quase tudo! Ele se recuperou, voltou a dormir com sua amada esposa, teve outros dez filhos com ela. Filhos com ela e não com outra mulher, uma vez que Jó não tinha um harém.²⁵ Filhos são insubstituíveis; talvez por isso, bastava ter outros dez para reanimar o coração daquela família lutadora e sofredora. Os dez que morreram estavam morando com Deus, não precisa mais de luto. Agora eles tinham outros dez para criar e educar, mas vendo Deus face a face e não mais por ouvir dizer.

O detalhe fundamental e maravilhoso, que não pode passar despercebido e que corrige toda injustiça contra esta mulher, vem em seguida. O escritor do livro, devidamente inspirado por Deus, cita os sete filhos (homens) genericamente, mas nomeia as três filhas uma a uma, conforme o relato em Jó 42.14. Isso não era a prática mais comum em Israel – citar nomes das mulheres, principalmente no período patriarcal. Mas agora os nomes das três meninas são mencionados. Não foi simplesmente citado seus nomes, mas afirmado que elas eram lindas, mais belas que qualquer outra mulher em toda a terra. A quem elas puxaram? Não se pode ignorar a sábia mãe que possuíam. Outro hábito incomum em Israel acontece aqui, ou seja, Jó lhes dá herança entre seus irmãos, reconhecendo o valor da mulher exatamente no mesmo patamar dos homens.

Assim, fica claro que Jó estava reconhecendo a esposa maravilhosa e sábia que Deus lhe deu, e fazendo de tudo para que suas três filhas fossem iguais a sua mãe. Deus, ao inspirar este texto, está corrigindo uma injustiça que sempre recaiu sobre esta mulher, e mostrando o quão valorosa ela era. Se ela de fato o aconselhou o marido a amaldiçoar Deus, talvez a repreensão sábia do marido, logo no teor da conversa, tenha servido para que ela se arrependesse de sua fala, já que ela não aparece mais no texto e não reagia a correção, permanecendo em silêncio.

A história desta mulher está atrelada à de seu marido, mas isto não a ofusca, antes, a enaltece. Jó foi um homem de caráter, conforme diz o refrão da bela canção intitulada Coração de Jó: “Jó não blasfemou no dia em que tudo virou cinzas. Eu preciso ser assim, Senhor, me ensina. Toca Senhor, no meu caráter, me dá o coração de Jó. Que não blasfema, que te adora mesmo se tudo virar pó. Toca Senhor, no meu caráter, me dá o coração de Jó, em meio ao tudo, em meio ao nada. Quero te adorar, Senhor, Tu és meu melhor”.²⁶

Em grande parte, Jó só foi assim porque tinha alguém precioso do seu lado. Mulher virtuosa, quem a achará? Jó achou! Seu papel foi mostrar a ele que o mundo foi feito por Deus, é a propriedade de Deus e é bom.²⁷

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta discussão só foi possível porque as versões em português estão praticamente iguais quanto à tradução da palavra *bārak*. É provável que estejam corretas quanto a isso, no entanto, e se não estiverem? Na versão Almeida Revista e Atualizada, a palavra traduzida é “Blasfema a Deus” as demais é “Amaldiçoa”. Também na versão em inglês a palavra “*curse*” tem o mesmo significado de amaldiçoar.

Seja como for, uma mulher da estatura da esposa de Jó não pronunciaria uma maldição contra Deus sem que ficasse impune, mesmo que estivesse sob influência de um estado de estresse pós-traumático, até porque, se assim o fosse, ela não teria condições de cuidar nem de si mesma, e muito menos de seu marido, seria mais uma enferma na cena. Quando Jó fala em não rejeitar a desgraça que

²⁵ MESQUITA, 1979, p. 22.

²⁶ Disponível em <http://letras.mus.br/anderson-freire/1789600/>. Acesso em 22 mar. 2015.

²⁷ ANDERSEN, 1984, p. 62-63.

vem de Deus, no momento que a repreendeu, possivelmente esteja consciente, como sábio que era, de que as doenças, assim como as perdas que tivera, estavam sob a soberania de Deus, que, da mesma forma como dá algo a uma pessoa, também o retira, segundo Sua vontade. Ele não poderia entregar-se a morte, até porque se Deus quisesse matá-lo, ou já teria feito, ou faria a qualquer momento num estalar de dedos.

Desta forma, poderia ser entendido, no texto hebraico original, que a mulher de Jó de fato aconselhou seu marido a abençoar a Deus, reconhecendo que Ele queria tirar-lhe a vida como última providência, mais do que interpretar que ela, num ato de fragilidade emocional e loucura, disse ao seu marido para amaldiçoar a Deus e morrer. A resposta para esta dúvida foi achada no contexto que envolve todo o sofrimento de Jó, a partir de suas perdas até a conclusão maravilhosa do livro, quando Deus o cobriu de bênçãos depois da sua profunda provação. Mas, ainda que “amaldiçoar” seja a tradução correta de sua afirmação, isso não tira o mérito da sabedoria mostrada por esta mulher no decorrer do livro, pois o contexto da obra e o reconhecimento final por ela recebido de Jó e de Deus deixam bem claro que foi uma esposa sábia e que aceitou a repreensão com submissão.

A história de Jó e de sua mulher deixam bem claras algumas verdades espirituais. A primeira é que coisas ruins acontecem com as pessoas boas, sem uma explicação óbvia. Outra verdade demonstrada no texto é que vale a pena ser fiel a Deus, mesmo diante da dor e do sofrimento. Uma terceira verdade é que, quando as pessoas se calam, Deus responde para elas e para aqueles que estão a sua volta de forma justa. Por fim, a verdade mais importante é que Deus sempre será justo e perfeito em tudo que fizer. A esposa de Jó o ajudou no seu sofrimento, pelo menos a suportar sua perda, auxiliar na sua procura e participar da sua descoberta de que o mundo sempre foi a obra de Deus, e por ser assim, ele é não só bom, como também maravilhoso. Pode haver muita sabedoria nas poucas palavras da mulher de Jó.

REFERÊNCIAS

ANTIGO Testamento Poliglota: hebraico, grego, português, inglês. São Paulo: Vida Nova e Sociedade Bíblica do Brasil, 2003

ANDERSEN, Francis I. **Jó:** introdução e comentário. São Paulo: Mundo Cristão, 1984.

BÍBLIA Sagrada. Versão Revista e Atualizada de João Ferreira de Almeida. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil.

COELHO FILHO, Isaltino Gomes; GIORDANO, Caio Júlio César. **Os livros poéticos (II).** Rio de Janeiro: JUERP, 2011.

DICIONÁRIO Hebraico-Português e Aramaico-Português. 8.ed. São Leopoldo / Petrópolis: Sinodal / Vozes, 1997.

Disponível em http://www.montesiao.pro.br/estudos/mulher/mulheresdabiblia_esposajo. Html. Acesso em 21 mar. 2015.

Disponível em <http://letras.mus.br/anderson-freire/1789600/>. Acesso em 22 mar. 2015.

DILLARD, Raymond B. **Introdução ao Antigo Testamento.** São Paulo: Vida Nova, 2006.

GUSSO, Antônio Renato. **Os livros poéticos e sapienciais:** introdução fundamental e auxílios para a interpretação. Curitiba: A.D.Santos, 2012.

HARRIS, R. L.; ARCHER Jr, G. L.; WALTKE, B. K. **Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento.** São Paulo: Vida Nova, 1998.

KARSSSEN, Gien. **Seu nome é mulher.** Queluz Portugal: Centro de Publicações Cristãs, 1974.

LÍNDEZ, José Vílchez. **Sabedoria e sábios em Israel**. Tradução de José Benedito Alves. 2.ed. São Paulo: Loyola, 1999.

MENDONÇA, Jones. Disponível em <http://numinosumteologia.blogspot.com.br/2010/06/o-estranho-caso-de-jo-29-bencao-barak.html>. Acesso em 23 mar. 2015.

MESQUITA, Antônio Neves de. **Estudo no livro de Jó**: uma interpretação do sofrimento humano. 2.ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1979.

MORIN, E. **O homem e a morte**. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

OLIVEIRA, Eliane Caldas do Nascimento. In: *Psicol. Cienc. Prof.* vol.22, nº 2, Brasília, June 2002. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932002000200005>. Acesso em 20 mar. 2015.

RENDTORFF, Rolf. **Antigo Testamento**: uma introdução. Santo André: Academia Cristã, 2009.



*A Revista Batista Pioneira está licenciada com
uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações -
4.0 Internacional*

CHARLES SPURGEON Y SUS TRES CONCEPCIONES DOCTRINAL ESENCIALES: CRISTO, LA SOBERANÍA DIVINA Y LAS SAGRADAS ESCRITURAS

*CHARLES SPURGEON AND HIS THREE ESSENTIAL DOCTRINAL
CONCEPTIONS: CHRIST, THE DIVINE SOVEREIGNTY, AND THE HOLY
SCRIPTURES*

Dr. Juan C. de la Cruz¹

RESUMEN

Este artículo biográfico breve sobre Charles Spurgeon en esencia demuestra que tal príncipe de la predicación enfatizó tres doctrinas como pilares de su púlpito, a saber: Cristo, las Escrituras y la soberanía divina absoluta; con un corolario, es decir, su doctrina y práctica de la oración. Y que en cuanto a su praxis, el colosal predicador fue un bautista confeso, ortodoxo y de ética puritana, además que evangélico en su procura y método. Tales distintivos fueron esencialmente los responsables de la utilidad inusitada de tal santo ministro de Cristo.

Palabras-claves: Cristo. Predicar. Evangelio. Doctrina. Escritura. Biblia. Gracia. Oración. Bautista.

ABSTRACT

This short biographical article on Charles Spurgeon essentially demonstrates that such a 'prince' of preaching emphasized three doctrines as pillars of his pulpit, namely Christ, the Scriptures, and absolute divine with a corollary, that is, his doctrine and practice on prayer. And that as for his praxis, the colossal preacher was a confessed Baptist, Orthodox and of Puritan ethics, as well as Evangelical in

¹ Juan C. de la Cruz (IQ / UASD, MS / UASD, BA/STEBD, ThM / SBS, MA / SEBTS, PhD pelo SBS). Pastor principal en la Iglesia Bautista Nueva Jerusalén, Bonaio, Republica Dominicana (@ibnjrd). Director del *Southern Baptist School for Biblical Studies*, en República Dominicana (www.sbs-edu.org). E-mail: jcanabel@gmail.com

his pursuit and method. Such insignia were essentially responsible for the unusual utility of such a holy minister of Christ.

Keywords: Christ. To preach. Gospel. Doctrine. Scripture. Bible. Grace. Prayer. Baptist.

INTRODUÇÃO

Charles H. Spurgeon fue un pastor bautista inglés, conocido principalmente como predicador durante 41 años, desde los 16 hasta su muerte a los 57 años. Según sabemos, nació el 19 de junio de 1834, en el pueblito de Kelvedon, del condado de Essex, Inglaterra (durante la época victoriana). Inició su ministerio de predicación a los 16 años. Después de ser uno de los jóvenes predicadores itinerantes de la capilla bautista de St. Andrew, en Cambridge (donde antes habían pastoreado el famoso predicador bautista Robert Hall), al mismo tiempo que el Sr. Spurgeon ejercía como maestro en una escuela en Cambridge.

Spurgeon había crecido en una familia de ministros. Nació en Kelvedon (dinde permaneció hasta que tuvo año y medio de edad); luego fue a casa de sus abuelos² en Stambourne, Woodland, Inglaterra; y regresó a casa de sus padres en Kelvedon cuando tuvo 7 años. John, su padre, fue también pastor en la Iglesia Congregacional de aquella localidad durante varias décadas. James Spurgeon, hermano de Charles, fue pastor bautista también, de hecho, pastoreó como asociado junto a Charles en el Tabernáculo, mientras Oastoreaba otra iglesia bautista en Londres.

Por su parte, Sussie y Charles tuvieron dos hijos mellizos, Charles Jr. y Thomas, y ambos fueron pastores bautistas. Charles Jr., fue pastor luego en el tabernáculo, habiendo servido antes como misionero y pastor en Nueva Zelandia (donde construyó una réplica del Tabernáculo), y Thomas, además de pastor, fue administrador del complejo de orfanato que había erigido su padre en vida.

Durante sus 41 años de ministerio pastoral, los primeros dos años de Charles fueron de pastor en Waterbeach, una comunidad rural en las afueras de Cambridge. Y el resto de sus días fue pastor en New Park Street Chapel (luego Tabernáculo Metropolitano de Londres). En su ministerio, Charles predicó a multitudes por toda Gran Bretaña y por algunos países del continente (Holanda, Francia e Italia), a multitudes hasta de 20,000 personas; en su iglesia casi de manera ininterrumpida, hubo una asistencia hasta de 15.000 (especialmente cuando alquilaron (temporalmente) el Surrey Garden Music Hall de Londres). En su iglesia, durante su ministerio, fueron bautizados 14,000 personas. Y dirigió 66 ministerios de diversas índoles y dimensiones, incluyendo construcciones (el Tabernáculo, un complejo de orfanato de dimensiones colosales, el Colegio para pastores, etc.). Escribió y/o editó 200 libros; y publicó más de 3,000 sermones que fueron a su vez traducidos de inmediato y publicados en otros 25 idiomas simultáneamente. Sobre todo, Spurgeon fue esencialmente un predicador.

A Charles H. Spurgeon se lo ha denominado: “El príncipe de los predicadores”, y creo que con sobradas razones. Se dice de él que por sobre el obvio avivamiento en el Tabernáculo, ha sido el pastor más leído de toda la historia (superando los 300 millones de lectores). Yo lo he denominado: “Un hombre ordinario con resultados extraordinarios”.³

A continuación, en este artículo, analizaremos de forma breve los aspectos principales de la teología de Spurgeon, concentrándonos en su teología sobre las ‘Sagradas Escrituras’.

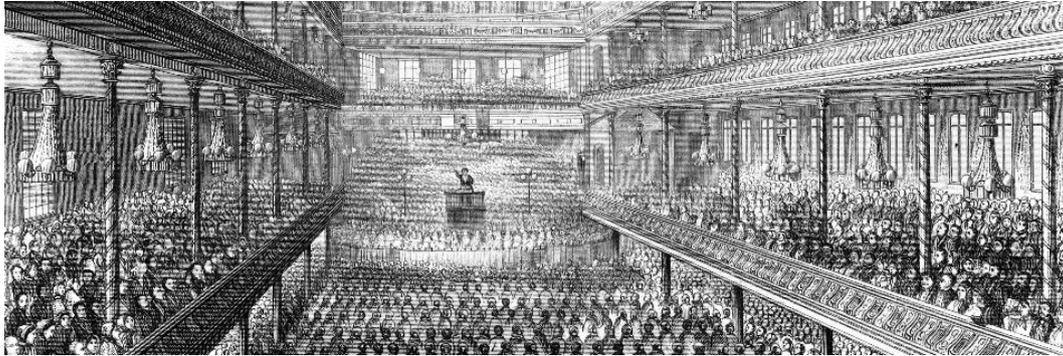
Lewis A. Drummond introdujo un trabajo biográfico suyo sobre Spurgeon así:

DURANTE EL MINISTERIO DE CHARLES HADDON SPURGEON en la Iglesia Bautista *New Park Street* de Londres, catorce mil (14,000) miembros se unieron a la congregación, haciendo de esta la iglesia protestante más grande del mundo. Se

² James Spurgeon, el abuelo de Charles Spurgeon, fue pastor de la Iglesia Congregacional de Stambourne hasta su muerte -Charles predicó en el servicio del 50 aniversario del pastorado de su abuelito allí.

³ DE LA CRUZ, Juan C. **Biografía de Charles H. Spurgeon**. Barcelona: CLIE, 2021.

han vendido más de trescientos millones de ejemplares de sus sermones y libros. Probablemente sea el ministro más leído de todos los tiempos. En cualquier caso, todavía hay más libros impresos de Spurgeon que de otros autores en inglés. Incluso está siendo reimpresso en un estilo inglés actualizado. No solo fue un gran predicador y pastor; fue un notable pensador y escritor.⁴



En cuanto a sus convicciones, Charles Spurgeon fue **bautista** en su eclesiología, **puritano** en su ética y **evangélico** bíblico -de sobrada ortodoxia- en su teología. O sea, se bautizó por convicción a seguidas de su encuentro con Cristo a los 15 años. Conoció a Cristo el 6 de enero de 1850 en una capilla metodista de Colchester, y el 3 de mayo de ese mismo año fue bautizado por inmersión -por decisión voluntaria- por el Sr. Cantlow (un pastor bautista) en el río Lark de Ishleham, condado de Fen. Aunque sus padres y abuelos eran, como dijimos, congregacionalistas, ellos le dieron libertad para que viviera según sus convicciones. Charles se hizo así miembro de la iglesia bautista de la calle St. Andrew en Cambridge, donde casi de inmediato enseñaba. La misma Susannah (su esposa) era anglicana, pero se convirtió poco antes de conocer a Spurgeon y se bautizó bajo el ministerio de este antes de que se casaran. Y su compromiso con predicar a Cristo y solo predicar ese tema fue notorio, eso lo definió como evangélico.

La teología de Spurgeon era Cristo-céntrica. El tema de la predicación de Charles fue siempre y solamente Cristo. Si diez veces predicaba a la semana (como habitual), diez veces exponía a Cristo. Sale a relucir la ocasión en la que el médico de Spurgeon visitó la iglesia en la misma semana que éste había ido a la oficina de su doctor. Al cerciorarse Charles de la presencia de su médico en el templo, y puesto que le había predicado a Cristo en su oficina unos días antes, le dijo algo más o menos así: “Mi querido doctor, no piense que no sepa yo hablar de otro tema, es que Cristo es el único tema de mi predicación”.

Sobre esto, Spurgeon fue un hombre de oración, que creía en la oración e incentivaba la oración en la iglesia. El atribuía su éxito ministerial, cuando era preguntado, a la oración de los santos por él. Creyó tanto en la oración a parte de las horas diarias al oficio y la oración incesante, dedicaba algunos días solo al oficio de orar. Se retiraba al bosque o al jardín con frecuencia casi semanal a ello, especialmente en sus miércoles “libres”. Se dice que había unas 300 mujeres orando en cada culto en el sótano construido a propósito debajo de la plataforma del púlpito del Tabernáculo, mientras Spurgeon (y/o cualquier invitado) predicaba. Spurgeon literalmente creyó que la oración es una capacidad dada por Dios mediante la cual se le arrebatan a Dios de Su almacén sus bendiciones y voluntades. ¡La oración marcó su vida y ministerio! Llegó a decir que en su vida (y creía que así debía ser en todo ministro al menos) no pasaba un cuarto de hora sin hablar con Dios, independientemente de lo que estuviera haciendo.

Entonces, hubo tres asuntos en los que Spurgeon hizo extremo énfasis en sus sermones y escritos, y, por tanto, es su teología, a saber:

- (1) Fue un bautista confeso de convicción y práctica, lo que marcó su eclesiología.

⁴ GEORGE, T.; DOCKERY, D. S. (edits.). **Teólogos de la Tradición Bautista**. Nashville: Broadman & Holman, 2001. Version Digital.

(2) Fue puritano en su ética.

(3) Y fue ortodoxo, a la vez que evangélico en su teología y activismo.

Mi profesor de Historia de los bautistas, el Dr. N. Finn, hizo notar:

La teología de Spurgeon fue muy ortodoxa, muy influenciada por Calvino, y, por tanto, por Agustín. Spurgeon fue un admirador de los puritanos, y tuvo bastante influencia de Kiffin, Bunyan, Keah, Gill, Whitefield y otros. Para que veamos su apego a las doctrinas particularistas, Spurgeon republicó La Segunda Confesión Bautista de Fe de Londres de 1689; rechazó las tendencias *híper calvinistas* del Dr. John Gill (quien había pastoreado New Park Street Chapel); y se alineaba con el *fullerianismo*. Ofrecía el Evangelio a todos, razón por la que los estrictos cerrados creían que Spurgeon era *arminiano*. Pero lo cierto es que *era un calvinista*, lo cual molestaba a los arrianos. **Estaba comprometido con los principios bautistas.**⁵

Spurgeon fue un *admirador* de los escritos de los puritanos. *Decía que la época de los puritanos había sido la edad de oro de la teología inglesa.*⁶ Cuando de apreciación se trató, los escritos de los puritanos fueron para él joyas preciosas (tanto que tenía unos mil volúmenes de literatura antigua en su estantería, la mayoría libros de puritanos). En 1872 dijo al respecto:

Declaro en el día de hoy que cuando tomamos un volumen de teología puritana hallamos en una sola página más pensamiento y más erudición, más Escritura y más enseñanza verdadera, que en folios enteros producto de la efusión del pensamiento moderno.⁷

Estimó que era una locura obviar la riqueza teológica y el legado de los santos del pasado, como algunos querían pregonar. En uno de sus sermones, localizado en el volumen XXV de sus *Sermones del Púlpito del Tabernáculo*, encontramos la siguiente opinión del famoso predicador sobre este particular:

No queremos leer nada sino el libro mismo, ni tampoco aceptamos luz alguna, excepto la que entre por la grieta de nuestro propio tejado. No queremos ver a la luz de la vela de otros; antes, preferimos permanecer en la oscuridad. Hermanos, no caigamos en semejante locura.⁸

Por otra parte, Spurgeon fue **un acérrimo anti-católico** y atacaba el ritualismo y la liturgia muerta de las iglesias de la época. **Atacó con fuerzas el liberalismo evangélico de su época**, que aparte de estar sucumbiendo al socinianismo, muchos hasta estaban acordando con el Darwinismo.

Veamos entonces los distintivos teológicos de Charles Spurgeon en el desarrollo de este artículo.

1. CRISTO CUAL EL DON DE DIOS PARA LOS PECADORES ERA EL TEMA DE SPURGEON

Spurgeon se propuso nunca predicar si su tema no sería Cristo crucificado como el único bálsamo de Dios a la miseria espiritual del hombre. Este era el hecho que amplificaba la realidad de la gracia en la mente de Charles. Su libro “Solamente por gracia” recoge unos cuantos sermones donde él muestra su incesante asombro y maravilla por la obra de Cristo en la cruz en favor suyo y de los pecadores. Escribió:

Jesucristo vino al mundo para salvar a los pecadores. Esto es cosa sorprendente; cosa maravillosa especialmente para los que disfrutaban de ella. Sé que para mí, hasta el día de hoy, ésta es la maravilla más grande que he conocido, a saber, que me justificase a mí.⁹

⁵ El Dr. Nathan Finn es historiador, teólogo, profesor y predicador. Fue profesor de Teología Histórica y Formación Espiritual en el *Southwestern Baptist Theological Seminary (SEBTS)*. Es profesor del programa de PhD en el *SEBTS*. Sirvió como decano de la facultad de teología y misiones de *Union University*. Ahora es Decano de la Facultad Universitaria de *North Greenville (Baptist) University, SC*. (Consúltelo en su página: <http://www.nathanfinn.com/>)

⁶ MURRAY, Iain. **Spurgeon, Un Príncipe Olvidado**. 2.ed. Santiago: El Estandarte de la Verdad, 1984, p. 33.

⁷ MURRAY, 1984, p. 34.

⁸ SPURGEON, 2011, p. 630

⁹ SPURGEON, Charles H. **Solamente por Gracia**. Grand Rapids: Portavoz, 2019, p. 4.

A Spurgeon le impresionaba el hecho de que la gracia se manifiesta en la salvación de los pecadores. Este era su continuo asombro. En una ocasión ilustró su punto así:

En cierta ocasión predicó un evangelista sobre el texto: «Ahora, ya también el hacha está puesta a la raíz de los árboles» (Lucas 3.9), y lo hizo de modo que le dijo uno de los oyentes: «Nos trató usted como si fuéramos criminales. Ese sermón debiera usted haberlo predicado en el presidio de la ciudad y no aquí». No, no, contestó el evangelista: «En el presidio no hablaría sobre este texto, sino sobre este: «Palabra fiel y digna de ser recibida por todos; que Cristo Jesús vino al mundo para salvar a los pecadores» (1 Timoteo 1.15). ¡Correctamente! La Ley es para los que se rodean de la justicia propia para derribar su orgullo; el Evangelio, es para los perdidos para remover su desesperación.¹⁰

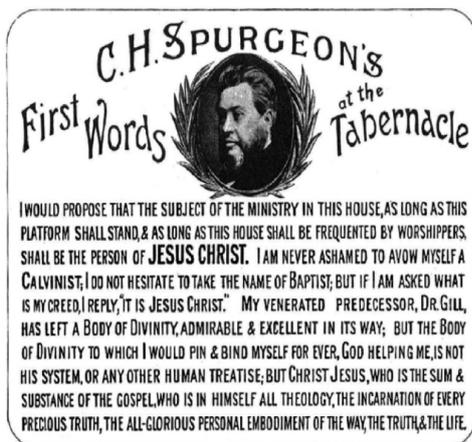
Y siguió disertando el Príncipe:

¿Cómo se explica la venida del Salvador, su muerte en la cruz y el Evangelio del perdón sin admitir de una vez que el hombre es un ser culpable y digno de condenación? El pecador es la razón de la existencia del Evangelio.¹¹

Spurgeon nunca dejó de estar absorto de la razón de la obra de Cristo en la cruz, a saber, salvar pecadores. En sus conferencias a los estudiantes del Colegio, disertó sobre el particular:

Muchos son los aspectos bajo los cuales hemos de considerar a nuestro divino Señor, pero yo he de darle siempre la mayor prominencia a su carácter salvador *de Cristo, nuestro sacrificio, el que lleva nuestros pecados...* Tratar de predicar a Cristo sin la cruz, es negarlo con un beso. Yo observo que algunas personas dicen creer en la expiación, pero no nos quieren decir lo que entienden por ella.¹²

En la dedicación del Tabernáculo, esto fue lo que Spurgeon escribió:



PROPONDRÉ QUE EL TEMA DEL MINISTERIO DE ESTA CASA, POR EL TIEMPO QUE ESTA PLATAFORMA PERMANEZCA, Y POR EL TIEMPO QUE ESTA CASA SEA FRECUENTADA POR ADORADORES, SEA **LA PERSONA DE JESUCRISTO**. NO ME AVERGÜENZO DE DENOMINARME **CALVINISTA**, TAMPOCO VACILO EN TOMAR EL NOMBRE **BAUTISTA**; PERO SI SE ME CUESTIONA SOBRE CUAL ES MI CREDO, RESPONDO, **“ES JESUCRISTO”**. MI VENERADO PREDECESOR, DR. GILL, DEJÓ UN ‘CUERPO DE DIVINIDAD’ ADMIRABLE Y EXCELENTE EN SU PROCURA; PERO EL CUERPO DE DOCTRINA

AL CUAL YO ME ADHIERO Y ME AMARRO PARA MÍ MISMO POR SIEMPRE, DIOS AYUDÁNDOME, NO ES SU SISTEMA, NI NINGÚN OTRO TRATADO HUMANO; SINO **JESUCRISTO, QUIEN ES LA SUMA Y SUSTANCIA DEL EVANGELIO, QUIEN ES EN SÍ MISMO TODA LA TEOLOGÍA, LA ENCARNACIÓN DE TODA PRECIOSA VERDAD, LA SIEMPRE GLORIOSA Y PERSONAL ENCARNACIÓN DE AQUEL QUE ES EL CAMINO, LA VERDAD Y VIDA.**

En otro orden, en uno de sus sermones, explicando el texto de Romanos 8.33 sobre el hecho de que *“Dios es el que justifica al impío”*, escribiendo:

Deseo aclarar bien lo glorioso de este caso. Ya que nadie sino Dios pensaría en justificar al impío, y nadie sino Él lo podría hacer, ¿no ves como Dios, bien lo puede hacer? Fíjate en como el apóstol extiende el reto: *“¿Quién acusará a los escogidos de*

¹⁰ SPURGEON, 2019, p. 5.

¹¹ SPURGEON, 2019, p. 6.

¹² RODRÍGUEZ, Alfredo S. *Biografía de Spurgeon*. Barcelona: CLIE, 1987 (Versión Digital).

Dios? Dios es el que justifica" (Romanos 8.33). Habiendo Dios justificado a una persona, está bien hecho, rectamente hecho, justamente hecho, y para siempre perfectamente hecho. El otro día leí un impreso lleno de veneno contra el Evangelio y los que lo predicaban. Decía que creemos en una teoría por la cual nos imaginamos que el pecado se puede alejar de los hombres. No creemos nosotros en teorías; proclamamos un hecho. El hecho más glorioso debajo del cielo es este, que Cristo por su preciosa sangre real y positivamente aleja el pecado, y que Dios, por amor de Cristo, tratando a los hombres en términos de misericordia divina, perdona a los culpables y los justifica, no según algo que vea en ellos o prevé que habrá en ellos, sino según la riqueza de la misericordia que habita en su propio corazón. Esto es lo que hemos predicado, lo que predicaremos en tanto que vivamos. "*Dios es el que justifica*", el que justifica a los impíos. Él no se avergüenza de hacerlo, ni nosotros de predicarlo.¹³

Es evidente por todos lados el apego de Spurgeon a *las doctrinas de la gracia* y su confianza absoluta en la obra de Cristo en el calvario en favor de los pecadores. La cita anterior es una muestra de tal apego del príncipe a la gratuita, aunque no barata, sino 'la gracia divina'.

Hizo una cristalina diferencia entre la fe y la gracia que se engendran en el Evangelio por el Espíritu al escribir:

Acuérdate bien de esto, para que no caigas en el error fijándote demasiado en la fe que es el conducto de la salvación, podrías olvidarte de la gracia que es la fuente y origen aun de la fe misma. *La fe es obra de la gracia de Dios en nosotros*. Nadie puede decir que Jesús es Cristo, el Ungido, sino por el Espíritu Santo. "*Ninguno puede venir a mí*", dice Jesús, "*si el Padre que me envió, no le trajere*" (Juan 6.44). Así es que esa fe que acude a Cristo es resultado de la obra divina.¹⁴

También supo decir: "La fe que rehúsa obedecer al Salvador es mera ostentación y nunca salvará a nadie".

La confianza de Spurgeon estaba depositada totalmente en Jesús. Escribió: "Cuando estamos en una batalla, debemos esperar calamidades... Puedo soportar cualquier cosa por Jesús mientras sus brazos eternos están debajo de mí". También dijo: "Jesús es un confidente que nunca puede traicionarnos, un amigo que nunca nos rechazará".

Cristo, Solo Cristo, el Don incalculable e inmerecido de Dios para los pecadores fue el tema sobre el cual Spurgeon predicó y ancló todo su ministerio.

2. EL INCESANTE ÉNFASIS DE SPURGEON EN LA DOCTRINA DE LA SOBERANÍA DIVINA

Spurgeon predicó esta doctrina decenas de veces en vida. Para Spurgeon, era impropio predicar sin presentar a Cristo, igual que era impropio dejar a las almas desprovistas de sus limitaciones e incapacidades, a la luz de la gloriosa y consoladora doctrina de la Soberanía de Dios. O sea, era netamente calvinista; pero con un matiz marcado de fullermanismo y wesleyanismo (al menos en su método). No que fuera arminiano, sería una inconsistencia ser calvinista y arminiano a la vez, sino que rehusaba quedarse en la torre de marfil de la arista filosófica de la teología y aterrizzaba a lo práctico y ministerial. Es lo mismo que decir que era "Evangélico". El éxito del ministerio de Spurgeon está indefectiblemente en alguna medida ligado a su confianza en la soberanía de Dios que le otorgó una habilidad impresionante de presentar el Evangelio de Jesucristo en el más vívido esplendor que lengua humana pueda comunicar jamás. Spurgeon fue un poeta elegante en su retórica, prácticamente inimitable. En Spurgeon convergieron la sublime gracia de un extraordinario predicador del Evangelio, y los dotes de un administrador y visionario muy por encima de la media. Reconocía sus incapacidades y su miseria que le impedían creer que podía lograr que pasara aún la cosa más minúscula posible sin que Dios lo ordenare. Creyó incluso que tanto el querer como el hacer, e incluso la eficacia o la ineficacia de

¹³ SPURGEON, 2019, p. 9.

¹⁴ SPURGEON, 2019, p. 18.

un hombre, dígase, por ejemplo, un ministro del Evangelio, es el fruto de la administración soberana de Dios. Predicó un sermón titulado “La Soberanía de Dios”, en el que expuso que la soberanía de Dios en sus dones se puede observar en cinco tipos, a saber: *temporales, salvadores, honoríficos, útiles y consoladores*. Concluyó diciendo:

Muchas veces he hecho mal censura a otros hermanos pastores por no tener más fruto... pero he llegado a comprender que hay otros cuya efectividad no guarda relación con su gran celo y constancia. Por tanto, me retracto de mis censuras para afirmar que *el don de la utilidad* es otra manifestación de Dios. No reside en el hombre tal facultad, sino en Dios.¹⁵

En otras palabras, que la comprensión de Spurgeon del alcance de la soberanía de Dios no se limitaba a la administración de la salvación o al plano soteriológico, sino que también a los asuntos más cotidianos posibles, incluyendo, como refleja el párrafo anterior, el don de la utilidad, que es a lo que Pablo llamaba: “Dios es el que produce en nosotros *tanto el querer como el hacer* por su buena voluntad” (Fil 2.13). Dios no sólo crea y salva, Dios inclina a cuanto quiere el corazón de los hombres. El mismo Dios tiene *todos los cabellos contados* de cualquier persona. Él no se permite que una simple avecilla caiga al suelo sin su consejo, ni dejará que un monarca humano se salga con la suya. Ese era el Dios en el que se amparaba Charles Spurgeon, un Dios sentado en un trono alto y sublime, rodeado de absoluta majestad e infinito poder.

Spurgeon creyó y predicó que la Doctrina de la Soberanía de Dios es la que engendra mayor consuelo al pueblo de Dios, a la vez que es la más odiada por los hombres de todas las doctrinas. Escribió:

Los hombres consentirán en hallar a Dios en su taller creando los mundos y haciendo las estrellas y hasta... Le tolerarán mantener firme la tierra y sostener sus pilares, o iluminar las lámparas del cielo, o gobernar el inquieto océano; pero cuando Dios sube a su trono, sus criaturas rechinarán sus dientes.¹⁶

Si Cristo era el consorte de Spurgeon, la doctrina de la Soberanía de Dios era la directriz de su confianza.

3. LA DOCTRINA DE LA SUFICIENCIA DE LAS ESCRITURAS

Para Spurgeon, el concepto que se tenga de la Biblia marca la gran diferencia entre el libre pensamiento (como él muchas veces denominó el liberalismo) y la religión verdadera o la verdadera ortodoxia. Charles Spurgeon transmitía las enseñanzas de la Confesión de Fe de Londres de forma intacta, la cual establece la doctrina sobre las Sagradas Escrituras a igual consideración que Westminster. Predicó varios sermones, e incluso escribió varios tratados y libros sobre este particular.

Para Spurgeon **la Biblia** era precisamente eso, la misma Palabra de Dios para romper el corazón y llevar a cabo el alma ante el trono de Dios, llevándolos así a un conocimiento del Señor Jesucristo. Sobre esta base construyó Spurgeon toda su teología y ministerio. (Lewis A. Drumond).¹⁷

Aunque se consideraba un calvinista incondicional, Spurgeon afirmó: “No creo nada simplemente porque [Juan] Calvino lo enseñó, sino porque he encontrado su enseñanza en la Palabra de Dios”. Además, declaró:

El calvinismo no surgió de Calvino; creemos que surgió del gran fundador de toda verdad. Quizás Calvino lo derivó principalmente de los escritos de Agustín. Agustín obtuvo sus puntos de vista, sin duda, a través del Espíritu de Dios, del estudio diligente de los escritos de Pablo, y Pablo los recibió del Espíritu Santo, de Jesucristo.¹⁸

Aunque estuvo de acuerdo, en general, con Calvino y otros teólogos reformados, las creencias

¹⁵ SPURGEON, Charles H. **No Hay Otro Evangelio**. 2.ed. Santiago: El Estandarte de la Verdad, 1997, p. 137, 138.

¹⁶ SPURGEON, 1997, p. 127.

¹⁷ LAWSON, Steven J. **The Gospel Focus of Charles Spurgeon**. Crawfordsville: Reformation Truth Publishing, 2012, p. 19.

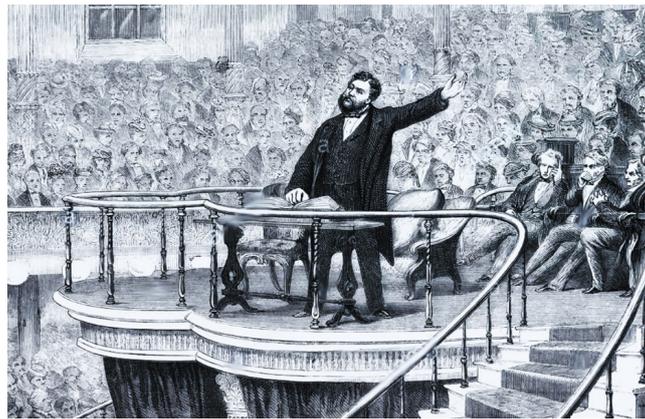
¹⁸ LAWSON, 2012, p. 19-20.

de Spurgeon se basaron exclusivamente en lo que él vio claramente enseñado en las Escrituras. Él era, por así decirlo, la encarnación del principio “*Sola Scriptura*”.

LA RESOLUCIÓN DE SPURGEON SOBRE LAS ESCRITURAS

Sobre esto no encontré mejor dilucidación que la que nos provee el Dr. Steven Lawson en su biografía de Spurgeon. Así se expresó: “Spurgeon, al expresar su única lealtad a la Biblia, renunció a cualquier confianza en las tradiciones de los hombres o en las autoridades de la iglesia *per se*. Sostuvo que:

El Espíritu Santo reveló gran parte de la preciosa verdad y el precepto santo de los apóstoles, y a Su enseñanza les haríamos caso, pero cuando los hombres citan la autoridad de los padres, concilios y obispos, damos lugar a la sujeción, no, no por una hora. Pueden citar a Ireneo o Cipriano, Agustín o Crisóstomo; pueden recordarnos los dogmas de Lutero o Calvino; pueden encontrar autoridad en Simeon, Wesley o Gill; escucharemos las opiniones de estos grandes hombres con el respeto que merecen como hombres, pero habiendo hecho eso, negamos que tengamos algo que ver con estos hombres como autoridades en la iglesia de Dios, porque allí nada tiene autoridad, sino: “*Así dice el Señor de los ejércitos*”. Si nos traes el consentimiento concurrente de toda tradición, si citas precedentes venerables con quince, dieciséis o diecisiete siglos de antigüedad, quemaremos el conjunto con tanta madera sin valor, a menos que pongas el dedo sobre el pasaje de la Santa Escritura que justifica el asunto.¹⁹



Lawson, en su biografía, continúa demostrando los afectos de Charles por las Escrituras, tanto como sus determinaciones, así:

Spurgeon testificó: “Las palabras de las Escrituras me llevan en alto o me abalanzan, me rompen en pedazos o me construyen. Las palabras de Dios tienen más poder sobre mí que lo que los dedos de David tuvieron sobre las cuerdas de su arpa”.

Afirmó: “Preferiría decir cinco palabras de este libro que las cincuenta mil palabras de los filósofos. Si queremos avivamientos, debemos reavivar nuestra reverencia por la Palabra de Dios. Si queremos conversiones, debemos poner más palabras de la Palabra de Dios en nuestros sermones”.²⁰

Spurgeon se mofaba de los postulados de los filósofos y hacía sátiras en sus pláticas sobre la inferioridad de la razón humana. Instaba a una humilde sumisión al texto sagrado de las Escrituras para tener verdadero conocimiento de Dios y de las cosas.

En uno de sus sermones precisamente titulado “La Biblia”,²¹ basado en Oseas 8.12, que dice: “*Le escribí las grandezas de mi ley, Y fueron tenidas por cosa extraña*”, terminó su introducción así:

¹⁹ LAWSON, 2012, p. 20.

²⁰ LAWSON, 2012, p. 21.

²¹ **Sermón (No. 15)** predicado la noche del domingo 18 de marzo de 1855; en el *Exeter Hall*, Strand, Londres (como parte del púlpito de la Capilla New Park Street). *Tomado de:* <http://www.spurgeon.com.mx/sermon15.html>

Hoy tengo que decir tres cosas acerca de la Biblia, y las tres se encuentran en mi texto. Primero, Su autor: “Le escribí”; segundo, sus temas: Las grandezas de la ley de Dios; y tercero, su tratamiento generalizado: fueron tenidas por la mayoría de los hombres por cosa extraña.

Luego de su introducción, en su primer punto, procede así su discurso:

1. “¿Quién es el autor de la Biblia?”

El texto nos dice que el autor de la Biblia es Dios. “*Le escribí las grandezas de mi ley*”. Aquí está mi Biblia, ¿quién la escribió? La abro y observo que se compone de una serie de tratados. Los primeros cinco libros fueron escritos por un hombre llamado Moisés. Paso las páginas y veo que hay otros escritores tales como David y Salomón. Aquí leo a Miqueas, luego a Amós, luego a Oseas. Prosigo hacia adelante y llego a las luminosas páginas del Nuevo Testamento, y veo a Mateo, Marcos, Lucas y Juan; Pablo, Pedro, Santiago y otros; pero cuando cierro el libro me pregunto: ¿Quién es su autor? ¿Pueden estos hombres, en conjunto, atribuirse la paternidad de este libro? ¿Son ellos realmente los autores de este extenso volumen? ¿Se dividen entre todos ellos el honor? Nuestra santa religión responde: ¡no!

Este volumen es la Escritura del Dios viviente: cada letra fue escrita por un dedo Todopoderoso; cada palabra salió de los labios eternos, cada frase fue dictada por el Espíritu Santo. Aunque Moisés fue usado para escribir sus historias con su ardiente pluma, Dios guio esa pluma. Puede ser que David tocara su arpa haciendo que dulces y melodiosos salmos brotasen de sus dedos, pero Dios movía Sus manos sobre las cuerdas vivas de su arpa de oro. Puede ser que Salomón entonara Cantares de amor, o pronunciara palabras de sabiduría consumada, pero Dios dirigió sus labios, e hizo elocuente al Predicador. Si sigo al atronador Nahum cuando sus caballos aran las aguas, o a Habacuc cuando ve las tiendas de Cusán en aflicción; si leo a Malaquías, cuando la tierra está ardiendo como un horno; si paso a la plácida página de Juan, que nos habla del amor, o a los severos y fogosos capítulos de Pedro, que habla del fuego que devora a los enemigos de Dios; o a Judas, que lanza anatemas contra los adversarios de Dios; en todas partes veo que es Dios quien habla.

Es la voz de Dios, no del hombre; las palabras son las palabras de Dios, las palabras del Eterno, del Invisible, del Todopoderoso, del Jehová de esta tierra. Esta Biblia es la Biblia de Dios; y cuando la veo, me parece oír una voz que surge de ella, diciendo: “Soy el Libro de Dios; hombre, léeme. Soy la Escritura de Dios: abre mis hojas, porque fueron escritas por Dios; léelas, porque Él es mi autor, y Lo podrás ver visible y manifiesto en todas partes”. “*Le escribí las grandezas de mi ley*”...

Soy un ministro cristiano, y ustedes son cristianos, o profesan serlo; y ningún ministro cristiano necesita sacar a luz argumentos de los paganos para rebatirlos...

Primero, mis amigos, examinen este volumen y *admiren su autoridad*. Este no es un libro común. No contiene los dichos de los sabios de Grecia, ni los discursos de los filósofos de la antigüedad. Si estas palabras hubieran sido escritas por el hombre, podríamos rechazarlas; pero, ¡oh!, déjenme expresar un pensamiento solemne: **que este libro es la Letra de Dios, que estas son Sus palabras...**

Entonces, puesto que Dios la escribió, notemos su *veracidad*...

¡Oh, Biblia!, no se puede decir de ningún otro libro que sea perfecto y puro; pero nosotros **podemos declarar de ti que toda la sabiduría se encuentra encerrada en ti, y no hay ninguna partícula de insensatez**. Eres, oh Biblia, el juez que pone fin a toda discusión allí donde la inteligencia y la razón fracasan. **Este libro no tiene mancha de error; sino que es puro, sin mezclas, la verdad perfecta**. ¿Por qué? **Porque Dios lo escribió**. ¡Ah! Acusen a Dios de error, si quieren; díganle que Su libro no es lo que debería ser...

Podemos ver a Dios en las estrellas; su nombre está escrito con letras de oro en el rostro de la noche; pueden descubrir Su gloria en las olas del océano, sí, y en los árboles del campo. Pero es mejor leer en dos libros que en uno. Le encontrarán aquí más claramente revelado, porque Él mismo ha escrito este libro y nos ha dado la clave para entenderlo, si ustedes tienen al Espíritu Santo. Amados hermanos, **demostramos gracias a Dios por esta Biblia. Amémosla y considerémosla más preciosa que el oro más fino**.

Y luego de presentar sus tres puntos, concluye así el príncipe de la predicación dicho sermón

(sobre “La Biblia”):

Podemos decir de la Biblia que:
¡Es el escaparate del consejo revelado!
En donde la felicidad y el dolor están colocados de tal manera
Que todo hombre sabe qué le corresponderá
Si interpreta todo correctamente.

Es el índice de la eternidad
No podrá dejar de recibir la eterna felicidad
Quien se guíe por este mapa,
Ni puede equivocarse quien hable por él.

Es el libro de Dios. Quiero decir
El Dios de los libros, y pido que el que mire
Con enojo esa expresión, como demasiado aventurada,
Ahogue sus pensamientos en silencio, hasta encontrar otra.

O sea, la postura de Charles sobre las sagradas Escrituras fue siempre apegada a la más estricta ortodoxia cristiana. Para Spurgeon, como pudiste observar, la Biblia es totalmente la Palabra infalible e inerrante de Dios al hombre, donde todas sus letras y palabras proceden de Dios; sí, las plumas ardientes de los escritores sagrados las plasmaron en físico (con ciertas excepciones, como los 10 mandamientos), pero se trata de la infalible e inerrante palabra perfecta y verdadera de Dios.

4. UN COROLARIO EN LA VIDA DE SPURGEON

A los tres puntos anteriores se debe añadir **un corolario** pragmático en el que Spurgeon no se hacía callar, me refiero a **su apego a la oración**. Spurgeon no sólo dedicaba sustancioso tiempo diario a la oración, también instaba a ello a su feligresía, incluso de forma gráfica, como se puede rastrear en los acalorados y asistidos servicios constantes de oración en la capilla *New Park Street*. De hecho, creía tanto en la oración, como hicimos notar antes, que cuando construyeron el Tabernáculo Metropolitano, mandó hacer una bóveda debajo del púlpito para que mientras se predicaba en ese púlpito, hubiera varias decenas de hermanas orando por la predicación debajo de la plataforma de predicación. Así lo registra Boyer:

Cuando le preguntaban a Spurgeon sobre el poder de su predicación, el *Príncipe de rodillas* señalaba para el entresuelo que quedaba debajo del Salón del Tabernáculo y decía: ‘En la sala que está allí abajo hay 300 creyentes que saben orar. Todas las veces que yo predico, ellos se reúnen allí para sustentarme las manos, orando y suplicando ininterrumpidamente. En la sala que está debajo de nuestros pies es donde se encuentra la explicación del misterio de esas bendiciones’.²²

Eso ilustra muy bien la premura, urgencia y postura de Charles sobre la oración y la necesidad de esta. Charles entendía que sobre las rodillas se reconciliaban tanto la incapacidad humana y su deber con la gloriosa doctrina de la soberanía divina.

CONCLUSIÓN

Charles habiendo vivido enfermo desde su juventud temprana, especialmente de la gota reumática, condición de la que también padecía su abuelo paterno, y habiendo luchado con la depresión profunda, finalmente enfermó tan gravemente que ya no pudo escribir más a partir del 6 de enero del año de su muerte. Había leído fragmentos de sus sermones impresos a un cierto número de huéspedes en su habitación del hotel en Mentón (donde solía ir a descansar y respirar aire puro, además de consultar

²² BOYER, Orlando. **Biografía de Grandes Cristianos**. Miami: Vida, 1983, p. 80.

a los médicos). El 10 y el 17 de enero de 1892, fueron las últimas dos ocasiones en que habló “en público”. Falleció en Mentón, al Sur de Francia, el 31 de enero de 1957.

Londres se puso de luto a la muerte de aquel magnífico embajador del Reino de Cristo.

El 8 de febrero de 1892 Londres honró a un hombre sin un título e incluso sin un grado académico. La procesión fúnebre, de más de tres kilómetros de distancia... Los periódicos reportaron que más de 100,000 personas participaron en el servicio memorial, y prácticamente todo Londres suspendió sus actividades en respeto a tal ocasión.²³

Una cripta muy bien diseñada albergó el ataúd del predicador, y mostraba un retrato esculpido del Príncipe de los predicadores y una Biblia abierta.



En la lápida de la tumba de Charles H. Spurgeon en Norwood se lee:

“Aquí yace el cuerpo de Charles Haddon Spurgeon esperando la aparición de su Señor y Salvador Jesucristo”.²⁴

Gloria a Dios por la vida, obra y ministerio de tan exaltado siervo suyo, hermano nuestro, que supo poner en muy alto estandarte el evangelio de Jesucristo, la soberanía divina, las Escrituras Sagradas y el poder de Dios legado a los santos en el oficio de la oración.

REFERENCIAS

BOYER, Orlando. **Biografía de Grandes Cristianos**. Miami: Vida, 1983.

CHRISTIAN Classics: “**Six books by Charles Spurgeon in a single collection, with active table of contents** [Annotated]”, de Charles Spurgeon. Disponible en: <http://a.co/2AWIRXN>.

CRISWELL, W. A. **El Pastor y su Ministerio**. CBP, 1998.

DE LA CRUZ, Juan C. **Biografía de Charles H. Spurgeon**. Barcelona: CLIE, 2021.

GEORGE, T.; DOCKERY, D. S. (eds.). **Teólogos de la Tradición Bautista**. Nashville: Broadman & Holman, 2001.

LAWSON, Steven J. **The Gospel Focus of Charles Spurgeon**. Crawfordsville: Reformation Truth Publishing,

²³ Article Blast from the Past: Lessons from the Life of Charles Spurgeon ~ Ephesians 4:11-16. By Phil Layton (Men's Conference Message at GCBC: www.goldcountrybaptist.org)

²⁴ La foto arriba es de la tumba de Spurgeon en Norwood. Tomada de: https://media.thegospelcoalition.org/static-blogs/trevin-wax/files/2017/08/DSC_4287e.jpg

2012.

MACARTHUR, John. **Avergonzados del Evangelio**. Grand Rapids: PortaVoz, 2001.

MURRAY, Iain. **Spurgeon, Un Príncipe Olvidado**. 2.ed. Santiago: El Estandarte de la Verdad, 1984.

NORTHROP, Henry Davenport. **Life and Work of Spurgeon**. Disponible en: <https://www.whatsaiththescrpture.com/Voice/Life.and.Works.of.Spurgeon/Life.and.Works.1.html>

PIPER, John. **Charles Spurgeon, Preaching Through Adversity**. Minneapolis: Desiring God, 2015.

PIPER, John. **A Camaraderie of Confidence**. Desiring God Ministries. Wheaton: Crossway, 2016.

RODRÍGUEZ, Alfredo S. **Biografía de Spurgeon**. Barcelona: CLIE, 1987.

SPURGEON, Charles H. **Discurso a Mis Estudiantes**. 5.ed. CBP, 1980.

SPURGEON, Charles H. **Discurso a Mis Estudiantes**. 6.ed. Santo Domingo: CBP, 1985.

SPURGEON, Charles H. **No Hay Otro Evangelio**. 2.ed. Santiago: El Estandarte de la Verdad, 1997.

SPURGEON, Charles H. **El Tesoro de David**. Miami: Vida, 2020.

SPURGEON, Charles H. **Solamente por Gracia**. Grand Rapids: Portavoz, 2019.

SPURGEON, Charles H. **Un Ministerio Ideal**. El Pastor: su persona y su mensaje. 10.ed. Santiago: El Estandarte de la Verdad, 2000.

SPURGEON, Susannah. **Carlos Haddon Spurgeon Autobiography, Diary, Letters, and Records**. S.l.: Legare Street, 2021. Vol. I, II y III.



*A Revista Batista Pioneira está licenciada com
uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações -
4.0 Internacional*

NORMAS PARA PUBLICAÇÃO

Serão aceitos, para avaliação pela comissão editorial/consultiva, artigos científicos, resenhas de literatura, relatos de casos, comunicações breves, e outros artigos que estejam relacionados aos objetivos de divulgação da Revista. O material é encaminhado aos consultores e revisores, que decidirão sobre a conveniência da publicação, de forma integral ou parcial, encaminhando ao autor sugestões e possíveis correções. Os artigos serão analisados no sistema Blind Review (avaliação cega), sendo necessária para a publicação a aprovação de pelo menos dois pareceristas.

Os artigos deverão ser enviados em formato de arquivo digital para o e-mail revista@batistapioneira.edu.br

DIGITAÇÃO

O texto deverá ser digitado com o uso do editor de texto “Microsoft Word for Windows”, em formato A4 (21,0 x 29,7), com margem esquerda de 2,5 cm e margens direita, superior e inferior de 2,0 cm, fonte “Times New Roman”. No caso de uso de fonte especiais, especialmente das línguas originais, deve-se informar a fonte utilizada e enviá-la juntamente com o artigo.

RESUMO / ABSTRACT

O resumo e sua tradução para o inglês, o abstract, não podem ultrapassar 250 palavras, com informações que permitam uma adequada caracterização do artigo como um todo. No caso de artigos científicos, o resumo deve informar o objetivo, a metodologia aplicada e os resultados principais. Deverão ser apresentadas de 3 a 5 palavras-chave (keywords) logo após ao Resumo e Abstract.

TEXTO PRINCIPAL

O título do artigo deverá ser escrito em negrito, letras maiúsculas, centralizado, fonte tamanho 16. Os subtítulos deverão ser alinhados à esquerda (sem recuo), negrito e fonte tamanho 12. O texto padrão também deve ser em fonte tamanho 12, com espaçamento simples entrelinhas. Citações deverão ser digitadas em fonte tamanho 11, com recuo da margem esquerda de 4,0 cm, e notas de rodapé digitadas em fonte tamanho 10. No decorrer do texto, as referências deverão ser feitas em nota de rodapé, sendo que a primeira ocorrência deverá ser completa e as subsequentes deverão obedecer ao padrão “AUTOR, data, página”.

Recomenda-se que os artigos contenham de 30 a 50 mil caracteres (incluídos os títulos, notas e espaços). As abreviaturas utilizadas devem obedecer às convenções universais e, quando for o caso, abreviaturas não convencionais poderão ser usadas, seguidas de sua forma em extenso, entre parêntesis, na sua primeira citação.

REFERÊNCIAS

A lista de referências efetivamente utilizadas no artigo deverá ser apresentada ao final, em ordem alfabética por sobrenome de autores, de acordo com a Norma ABNT/NBR-6023 da Associação Brasileira de Normas Técnicas. Obras anônimas tem sua entrada a partir do título do artigo ou pela entidade responsável por sua publicação. A referência deve ser alinhada à esquerda, sem recuo para a sua segunda linha.

RESENHAS

Resenhas deverão ser de obras literárias recentes (máximo 3 anos de publicação) e devem conter no máximo duas páginas em A4, fonte Times New Roman, tamanho 12. Devem conter título criativo, referência completa da obra, síntese dos temas abordados e crítica da obra ao final da mesma.